



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**



MARIA DALVA FONTENELE CERQUEIRA

**DISCIPLINA, APURO E ELEGÂNCIA: a cultura escolar no curso ginasial do Ginásio
São Luiz Gonzaga (1939-1971)**

**TERESINA
2021**

MARIA DALVA FONTENELE CERQUEIRA

**DISCIPLINA, APURO E ELEGÂNCIA: a cultura escolar no curso ginasial do Ginásio
São Luiz Gonzaga (1939-1971)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Centro de Ciências da Educação (CCE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação. **Área de concentração:** História da Educação. **Orientador:** Prof. Dr. Antonio de Pádua Carvalho Lopes

**TERESINA
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Processos Técnicos

C416d Cerqueira, Maria Dalva Fontenele.
Disciplina, apuro e elegância : a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga (1939-1971) / Maria Dalva Fontenele Cerqueira. -- 2021.
283 f. : il.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2021.
“Orientador: Prof. Dr. Antonio de Pádua Carvalho Lopes.”

1. Educação – Piauí – História. 2. Cultura escolar. 3. Instituição educativa. 4. Memória coletiva. 5. Ginásio São Luiz Gonzaga – Parnaíba (PI). I. Lopes, Antonio de Pádua Carvalho. II. Título.

CDD 370.981 22

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - CRB3/1282

MARIA DALVA FONTENELE CERQUEIRA

**DISCIPLINA, APURO E ELEGÂNCIA: a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio
São Luiz Gonzaga (1939-1971)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEEd da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na linha de pesquisa: História da Educação, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 26 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA



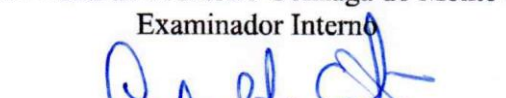
Prof. Dr. Antonio de Pádua Carvalho Lopes
Presidente/Orientador (UFPI)



Prof.^a Dra. Eliana de Sousa Alencar Marques (UFPI)
Examinadora Interna



Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monte (UFPI)
Examinador Interno



Prof. Dr. César Augusto Castro (UFMA)
Examinador Externo



Prof. Dr. Norberto Dallabrida

Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

Concluir esta tese é a realização de um sonho! Confesso que não foi fácil chegar até aqui, especialmente a partir de março de 2020, quando meu pai, Aldi da Silva Cerqueira, veio a óbito. Somado a esse trágico acontecimento, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia da Covid-19, um vírus sobre o qual pouco se sabia até aquele momento. Uma das únicas certezas era o fato de que não havia remédios para conter a infecção por ele provocada.

A partir de então, sentimentos como o temor de ser infectada, a angústia com as constantes notícias veiculadas sobre pessoas contaminadas, os óbitos de colegas de trabalho, de parentes distantes e de pessoas conhecidas, e a preocupação com a segurança da família. Tudo isso somado ao isolamento social adotado como forma de evitar o contágio e a proliferação do novo coronavírus, que até o momento ceifou a vida de mais de meio milhão de brasileiros e dificultou a conclusão da pesquisa. Por tudo isso, é com o coração cheio de agradecimentos e com o rosto coberto por lágrimas, que escrevo essas linhas recheadas de gratidão por inúmeras pessoas que foram fundamentais na realização deste sonho.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Antonio de Pádua Carvalho Lopes, que mesmo sem me conhecer, aceitou me orientar. Obrigada, professor, pelas orientações, direcionamentos nas leituras, sugestões de acervos documentais e eventos científicos, pelas disciplinas ofertadas, pela postura ética na orientação deste trabalho.

Agradeço a presença e a leitura atenta e cuidadosa dos professores: Dr. Norberto Dallabrida (UDESC), Dra. Samara Mendes Araújo Silva (UFPR), Dr. César Augusto Castro (UFMA), Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monte (UFPI) e Dra. Eliana de Sousa Alencar Marques (UFPI), que constituíram a banca de qualificação e de defesa.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, especialmente: Dra. Ana Valéria Fortes Lustosa, Dra. Antônio Dalva de Carvalho França, Dr. Francis Musa Boakari, Dr. José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho, Dr. Luís Carlos Sales, Dra. Maria da Glória Carvalho Moura e Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad, pelas disciplinas ofertadas e pelos saberes compartilhados. Estendo meus agradecimentos ao pessoal da Secretaria do PPGEd, na pessoa da Lalyne Bezerra, a quem agradeço pelas informações e orientações prestadas com ética, compromisso e responsabilidade.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí, em especial aos professores Francisco de Assis Sousa Nascimento e Pedro Vilarinho Castelo Branco, pelos conhecimentos adquiridos em suas respectivas disciplinas, pelos livros emprestados e pelos saberes compartilhados.

Obrigada ao Núcleo de Estudos em Educação, Sociedade e Cultura (NESC), pelos momentos de troca de experiências e de construção de conhecimentos durante os encontros.

Obrigada à Samara Lacerda, à Djane Brito e ao Higo Meneses, por poder contar com a amizade, o carinho e a solidariedade de vocês, sempre e em todos os momentos. Agradeço imensamente ter tido a oportunidade de ter conhecido e convivido com pessoas especiais como vocês.

Aos amigos da 11ª Turma do Doutorado em Educação da UFPI, pela boa convivência e pelos aprendizados durante nossos encontros no PPGEd, especialmente ao José Marcelo, com quem compartilhei momentos de aprendizado nas disciplinas cursadas. Obrigada pela parceria no grupo de apresentação de seminário.

Agradeço aos egressos do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga que colaboraram com esta pesquisa: Maria Iracema Aragão, Francisco de Assis Almeida Brasil, João Alves de Brito, Gervásio Pires de Castro Neto, José Hamilton Furtado Castello Branco, Edimar Pereira Fontenele, Diderot dos Santos Mavignier, Noé Fortes de Souza Pires, Renato de Castro Santos Júnior, Maria Celia Vasconcelos Ponte, Lilian Maria de Almeida Castro e José Claudio Ramos de Sousa. Aos ex-funcionários: a professora Maria Christina de Moares Souza Oliveira e o Secretário Antônio Freitas de Araújo. Obrigada pela forma carinhosa com a qual me receberam e por compartilharem suas memórias escolares, seus acervos fotográficos, documentos, cadernos e livros, possibilitando a realização da pesquisa.

Sou grata a Benjamim Santos, Lúcia Machado, Marcelo Correia, Fonseca Neto, padre Jurandir, Reginaldo Júnior, Fernando Nascimento, Luciane Lima, Antônio Machado, Paulo Fontenele, João Henrique, Thamyres Aragão e Soraya Fontenele pelas informações, fotografias, jornais, revistas, livros, documentos escolares compartilhados e usados como fontes nesta pesquisa.

Agradeço à Marta Rovai pelo carinho e amizade, pelas sugestões de leituras, pelo convite para publicação de artigos, pelos livros enviados. Obrigada pela generosidade, atenção e pelo carinho.

Agradeço ao Pedro Wagner pelas inúmeras conversas, risadas, livros e jornais compartilhados.

Sou grata aos padres Marcelino Elias de Macedo e Evandro Alves da Silva, pela permissão para pesquisar no arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano de Parnaíba-PI.

Minha gratidão aos funcionários da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano de Parnaíba-PI, anjos na minha vida, pela forma bondosa e carinhosa com que sempre me receberam. Menciono, ainda, a generosidade da ajuda na localização de documentos, atividade de abertura de caixas e deslocamento em escadas, o que possibilitou o meu acesso à instituição mesmo em finais de semana, colaborando imensamente à realização desta pesquisa. Muito obrigada!

Também sou grata aos funcionários do Arquivo Público do Piauí pela recepção e dedicação em atender aos pedidos de jornais, revistas e documentos necessários para a realização da pesquisa.

Obrigada ao meu filho, Otavio Augusto, e ao meu esposo, Francisco Antonio Machado Araujo, a quem carinhosamente chamo de “Chiquinho”, pela presença constante, carinho, amor e compreensão.

Agradeço à minha família em nome da minha sogra, Socorro Machado, que não mede esforços para nos ajudar em todos os momentos da vida.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa de estudos.

Enfim, a todos e a todas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho. Muito obrigada!

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. **DISCIPLINA, APURO E ELEGÂNCIA:** a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga (1939-1971). Tese (Doutorado em Educação) 283 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, 2021.

RESUMO

DISCIPLINA, APURO E ELEGÂNCIA: a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga (1939-1971)

Maria Dalva Fontenele Cerqueira

Esta tese consiste em um estudo sobre a cultura escolar produzida no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga, instituição educativa confessional católica masculina, localizada na cidade de Parnaíba-PI. Analisam-se aqui a fundação, a organização e o funcionamento da escola no período compreendido entre 1939, quando a instituição recebeu autorização preliminar para implantar o curso ginásial, até 1971, com a implementação da Lei n.º 5. 692/71. O recorte espacial é a cidade de Parnaíba-PI. Tem como objetivo geral investigar como estava constituída a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga entre 1939 e 1971. Os objetivos específicos são: i) compreender o processo de fundação e de constituição do Ginásio São Luiz Gonzaga em escola de ensino secundário confessional católica masculina; ii) conhecer a organização e o funcionamento do curso ginásial nos regimes de internato, semi-internato e externato masculino e iii) perscrutar memórias de egressos sobre a cultura escolar vivenciada no período investigado. Trata-se de uma pesquisa situada no âmbito da História da Educação que intenta responder, dentre outras, à questão: “Como estava constituída a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga no período compreendido entre 1939 e 1971?”. Na investigação, foram utilizadas fontes hemerográficas, autobiografias, revistas, almanaques, fotografias, livros de memorialistas, documentos do escriturário escolar, documentos de cartório e eclesiásticos, objetos da escola e fontes orais produzidas a partir da história oral. A metodologia de pesquisa adotada é do tipo qualitativa, utilizada na produção das narrativas orais a partir da realização de entrevistas temáticas com funcionários, egressos e professores do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga. As fontes foram analisadas pela perspectiva teórica e metodológica da Nova História Cultural, com as contribuições de: Alberti (2013), Magalhães (2004), Frago (2007), Julia (2001), Halbwachs (2003), Bosi (2004), Ricœur (2018), Pollak (1992), Portelli (1996), Foucault (2011) e outros. Do estudo realizado, dentre as conclusões alcançadas, constatamos que a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga entre 1939 e 1971, constituiu-se a partir do entrelaçamento de práticas, regras, normas, ritos, símbolos, tradições cívicas e católicas instituídas e institucionalizadas no cotidiano, permitindo, para além da formação intelectual, religiosa e moral característica das instituições confessionais, que a juventude masculina parnaibana vivenciasse uma cultura escolar cívico católica pautada nas transformações em voga na sociedade brasileira.

Palavras-chave: História da Educação. Cultura escolar. Instituição educativa. Memória coletiva. Ginásio São Luiz Gonzaga.

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. **DISCIPLINE, NEATNESS AND ELEGANCE:** the school culture in São Luiz Gonzaga Gymnasium course (1939-1971). Thesis (Doctorate in Education). 283f. Graduate Program in Education at the Center for Educational Sciences at the Federal University of Piauí. Teresina-PI, 2021.

ABSTRACT

DISCIPLINE, NEATNESS AND ELEGANCE: the school culture in São Luiz Gonzaga Gymnasium course (1939-1971)

Maria Dalva Fontenele Cerqueira

This thesis consists of a study about the school culture produced in São Luiz Gonzaga gymnasium course, a catholic confessional educational institution located in Parnaíba-PI. The school foundation, organization and operation in the period between 1939 was analyzed when the institution received preliminary authorization to implement the gymnasium course, until 1971, with the implementation of the law number 5.692/71. The spacial frame is the city of Parnaíba-PI. The main goal is to investigate how the school culture in São Luiz Gonzaga course was organized between 1939 and 1971. The specific aims are: i) to understand São Luiz Gonzaga gymnasium foundation and constitution as a male catholic confessional secondary school; ii) to get to know the organization and operation of the gymnasium school in men's boarding, semi boarding and day school regimes and iii) to peer graduates memories about the school culture experience in the investigated period. It's a research which lies in History of Education and it intends to answer, among others, the question: "How was the school culture in São Luiz Gonzaga gymnasium course constituted between 1939 and 1971?". In the investigation hemerographic sources, autobiographies, newspapers, magazines, almanacs, photographs, books from memorialists, school registry files, registry and clergymen files, objects from the school and oral sources produced by means of oral history, qualitative methodology researches, used in oral narratives production through the conduction of themed interviews with employees, graduates and teachers of São Luiz Gonzaga gymnasium course. The sources were analyzed through new cultural history theory and methodology perspective, with the contributions of Alberti (2013), Magalhães (2004), Frago (2007), Julia (2001), Halbwachs (1990), Bosi (2004), Ricœur (2018), Pollak (1992), Portelli (1996), Foucault (2011), among others. On the study carried out, among the conclusions reached, it was found out that the school culture in São Luiz Gonzaga gymnasium between 1939 and 1971, consolidated through mixed practices, rules, norms, rites, symbols civic and catholic traditions instituted and institutionalized on daily routines, making sure, beyond intellectual formation, religious and moral characteristics of confessional institutions, that the male youth in parnaíba could experience a civic catholic school culture based on transformations in vogue in Brazilian society.

Keywords: History of Education. School Culture. School Institution. Collective Memory. São Luiz Gonzaga Gymnasium

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. **DISCIPLINE, SITUATION CRITIQUE ET ÉLÉGANCE**: la culture scolaire au collège du Ginásio São Luiz Gonzaga (1939-1971). Thèse (Doctorat en éducation) 283 f. Programme d'études supérieures en éducation, Centre des sciences de l'éducation, Université fédérale du Piauí, Teresina-PI, 2021.

RÉSUMÉ

DISCIPLINE, SITUATION CRITIQUE ET ÉLÉGANCE: la culture scolaire au collège du Ginásio São Luiz Gonzaga (1939-1971)

Maria Dalva Fontenele Cerqueira

Cette thèse consiste dans une étude sur la culture scolaire produite au collège du Ginásio São Luiz Gonzaga, établissement d'enseignement confessionnel catholique situé dans la ville de Parnaíba-PI. Dans cette recherche s'est analysée la fondation, l'organisation et le fonctionnement de l'école dans la période comprise entre 1939, lorsque l'institution a reçu l'autorisation préliminaire pour implanter le collège, jusqu'en 1971, avec l'accomplissement de la Loi n° 5. 692/71. La découpe spatiale est la ville de Parnaíba-PI. Elle a comme objectif général étudier comment était constituée la culture scolaire dans le collège du Ginásio São Luiz Gonzaga entre 1939 et 1971. Les objectifs spécifiques sont : i) comprendre le processus de fondation et de constitution du Ginásio São Luiz Gonzaga dans une école d'enseignement secondaire confessionnelle catholique masculine; ii) connaître l'organisation et le fonctionnement du collège dans les régimes d'internat, semi-internat et externat masculin et iii) scruter mémoires de diplômés sur la culture scolaire vécue dans la période étudiée. Il s'agit d'une recherche située dans le cadre de l'Histoire de l'Éducation et elle tente répondre, entre autres, à la question: « Comment a-t-elle été constituée la culture scolaire dans le collège du Ginásio São Luiz Gonzaga dans la période comprise entre 1939 et 1971 ? ». Dans l'enquête ont été utilisées des sources hémérogaphiques, autobiographies, journaux, revues, almanachs, photographies, livres de mémorialistes, documents du **secrétaire d'administration scolaire**, documents de notaire et ecclésiastiques, objets de l'école et sources orales produites à partir de l'histoire orale, méthodologie de recherche du type qualitative, utilisée dans la production de récits oraux à partir de la réalisation d'entretiens thématiques avec des employés, des diplômés et des enseignants du collège du Ginásio São Luiz Gonzaga. Les sources ont été analysées du point de vue théorique et méthodologique de la Nouvelle Histoire Culturelle, avec des contributions de: Alberti (2013), Magalhães (2004), Frago (2007), Julia (2001), Halbwachs (1990), Bosi (2004), Ricoeur (2018), Pollak (1992), Portelli (1996), Foucault (2011), et autres. De l'étude réalisée, parmi les conclusions atteintes, nous avons constaté que la culture scolaire du collège du Ginásio São Luiz Gonzaga entre 1939 et 1971, s'était constituée à partir de l'entrelacement de pratiques, règles, normes, rites, symboles, traditions civiques et catholiques instituées et institutionnalisées dans le quotidien, permettant, au-delà de la formation intellectuelle, religieuse et morale caractéristique des institutions confessionnelles, que la jeunesse masculine du Parnaíba a vécu une culture scolaire civique catholique basée dans les transformations en vogue dans la société brésilienne.

Mots-clés: Histoire de l'Éducation. Culture scolaire. Établissement d'enseignement. Mémoire collective. Ginásio São Luiz Gonzaga.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Diretoria do Ginásio S. Luiz Gonzaga (1943)	62
Figura 2: Centro Católico de Parnaíba (década de 1930).....	85
Figura 3: Sede do Instituto São Luiz de Gonzaga	86
Figura 4: Instituto São Luiz de Gonzaga (1939)	87
Figura 5: Vista aérea de Parnaíba-PI (1968)	91
Figura 6: Fachada principal do edifício do Ginásio S. Luiz Gonzaga (década de 1940)	93
Figura 7: Corredor interno (década de 1940)	94
Figura 8: Sala de aula (década de 1940).....	96
Figura 9: Pátio interno e campo de futebol (década de 1940).....	97
Figura 10: Escada para o 2ª andar (década de 1940).....	98
Figura 11: Auditório (década de 1940).....	99
Figura 12: Fachada do edifício do internato do Ginásio S. Luiz Gonzaga (década de 1940)	100
Figura 13: Planta da construção do Ginásio S. Luiz Gonzaga (década de 1940).....	103
Figura 14 - Certificado de Aprovação no Exame de Admissão (1959).....	117
Figura 15 - Boletim de resultados finais (1961).....	119
Figura 16 - Festa de aprovação no exame admissão do Ginásio S. Luiz Gonzaga (1969).....	120
Figura 17 - Propaganda sobre o Ginásio S. Luiz Gonzaga.....	125
Figura 18 – Livro Viagem através do Brasil	132
Figura 19 - Ficha Individual do Ano Letivo de 1957	134
Figura 20 - Prova da Disciplina de Português (1963)	135
Figura 21 - Ficha individual do ano letivo (1962).....	137
Figura 22 - Quadro de formatura - Curso Ginásial (1968).....	139
Figura 23 - Caderno Controlado de Português (22/03/1960)	143
Figura 24 - Correspondência (1969).....	148
Figura 25 - Comissão de Aplicação de Bolsas F.N.E.M (1959)	152
Figura 26 - Ata da reunião de professores do Ginásio São Luiz Gonzaga (1959)	153
Figura 27 - Ofício sobre cancelamento de bolsas de estudos (1959)	154
Figura 28 - Carta de um pai enviada ao diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga (1958)	155
Figura 29 - Alunos fardados (1964)	164
Figura 30 - Dormitório (década de 1940).....	167
Figura 31 - Refeitório do Ginásio São Luiz Gonzaga (década de 1940).....	168
Figura 32 - Auditório (década de 1940)	170
Figura 33 - Caderneta Escolar	173
Figura 34 - Ficha de Acompanhamento e Médias Mensais (1964).....	174
Figura 35 - Alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga.....	177
Figura 36 - Concludentes da primeira turma do curso ginásial (1942)	178
Figura 37 - Cédula eleitoral (1970)	193
Figura 38 - A Diretoria do Grêmio no quadro de Formatura do Curso Ginásial (1963-1966)	194
Figura 39 - Cerimônia de Posse da Diretoria do Grêmio Cívico Literário Tiradentes (1967)	196

Figura 40 - Diretoria do Grêmio Cívico Literário Tiradentes (1943).....	198
Figura 41 - Diretoria do Grêmio Cívico Literário Tiradentes – gestão 1969.....	199
Figura 42 - Comemoração Dia do Tiradentes (21/04/1964)	200
Figura 43 - Convite - Festa das Mães do Ginásio São Luiz Gonzaga (década de 1970)	202
Figura 44 - Capa da revista Argos de 1943	204
Figura 45 - Egressos do Ginásio S. Luiz Gonzaga.....	210
Figura 46 - Jornal Poder Jovem (1969)	213
Figura 47 - Apresentação da orquestra de salão na festa de formatura (1942)	216
Figura 48 - Orquestra de salão (1943).....	218
Figura 49 - Orquestra de Salão (1943)	219
Figura 50 - Banda de música/orquestra de fanfarra (1947).....	220
Figura 51 - Comemoração Dia da Bandeira (1969)	224
Figura 52 - Missa de Formatura (1950).....	225
Figura 53 - Convite de formatura (01/12/1950)	229
Figura 54 - Festa de formatura no Ginásio São Luiz Gonzaga (1950).....	231
Figura 55 - Convite Formatura (1951)	232
Figura 56 - Escultura de Formatura da 1ª turma do curso ginasial (1942).....	234
Figura 57 - Escultura de formatura (1943)	236
Figura 58 - Placa de formatura dos ginasianos (1963)	239
Figura 59 – Flâmula do concludentes de 1967	240
Figura 60 - Desfile Sete de Setembro (1938)	242
Figura 61 - Semana da Pátria (1940).....	244
Figura 62 - Sete de Setembro (1947).....	246
Figura 63 - Organização Sete de Setembro (1967).....	249
Figura 64 - Desfile Sete de Setembro (década de 1960)	250
Figura 65 - Correspondência	251
Figura 66 - Convite Dia da Parnaíba (1968).....	252
Figura 67 - Aula de Ginástica (década de 1940)	254
Figura 68 - Turma de Futebol de Salão (23/08/1963)	257
Figura 69 - Ofício (1970)	258
Figura 70 - Informativo dos III Jogos Colegiais (02/06/1970).....	259
Figura 71 - Ofício (1970)	262
Figura 72 - Ofício (1970)	263
Figura 73 - Ofício (1970)	264
Figura 74 - Comunicado (1970)	265
Figura 75 - Jogos Colegiais (1970)	266
Figura 76 - Convite Tarde esportiva (05/09/1970).....	267

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Número de matrículas no curso ginásial do GSLG (1939-1943).....	49
Tabela 2 - Matrículas no curso ginásial feminino (1957-1959)	72
Tabela 3 - Instituições de Ensino Secundário de Parnaíba (1968)	83
Tabela 4 - Número de matrículas no Curso Ginásial Feminino (1957-1959)	122
Tabela 5 - Número de matrículas no Curso Ginásial Masculino (1957-1959).....	122
Tabela 6 - Relação de alunos matriculados (1939-1957)	141
Tabela 7 - Anuidade cobrada pelo Ginásio São Luiz Gonzaga. Fevereiro de 1959.....	147
Tabela 8 - Valores recebidos pelo GSLG da Prefeitura Municipal de Parnaíba (1959)	151
Tabela 9 - Relação de alunos bolsistas do Ginásio São Luiz Gonzaga (Década de 1960).....	156
Tabela 10 - Número de alunos matriculados no Curso Ginásial (1939-1945).....	181
Tabela 11 - Local de residência dos alunos matriculados no Curso Ginásial	181
Quadro 1 - Diretoria da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga (1943-1946)	53
Quadro 2 - 3ª Diretoria da Sociedade Anônima GLSG (1950/1952).....	58
Quadro 3 - Relação de professores do curso ginásial (década de 1940)	123
Quadro 4- Professores do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga (1958-1966)	126
Quadro 5 - Subvenções recebidas pelas instituições de ensino secundário de Parnaíba.....	150
Quadro 6 - Professores homenageados pelos concludentes do curso ginásial de 1942	179
Quadro 7 - Diretoria do Grêmio Cívico Literário Tiradentes (1943).....	197
Quadro 8 - Lista de autores da Argos de 1943	207
Quadro 9 - Egressos que colaboraram com a Argos (1947).....	211
Quadro 10 - Concludentes que colaboraram com Argos (1947)	212
Quadro 11 - Diretoria do Centro Estudantil Parnaibano (1959-1960)	223

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CADES – Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário

CEP – Centro Estudantil Parnaibano

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

OMS – Organização Mundial de Saúde

PPGE^d – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPGHB – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil

SUNAB – Superintendência Nacional de Abastecimento

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA: uma escola católica para juventude masculina ...	29
2.1 Alicerce do futuro: fundação do Ginásio São Luiz Gonzaga	29
2.2 A “modernidade” e os princípios católicos em Parnaíba-PI.....	39
2.3 A criação da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga.....	49
2.4 Os diretores do Ginásio São Luiz Gonzaga.....	60
2.5 Mansão da esperança: o edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga.....	83
3 CURSO GINASIAL: ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO	110
3.1 O ingresso no Curso Ginasial	110
3.2 “Um integro sacerdote do ensino”: a constituição do corpo docente	123
3.3 A manutenção financeira e as bolsas de estudo.....	144
3.4 “A boa ordem da casa”: o regramento disciplinar	158
3.5 “Soldados dos livros”: a elite escolar do curso ginasial	176
4 MOLDANDO CONDUTAS: PRÁTICAS, RITOS E TRADIÇÕES NO CURSO GINASIAL	189
4.1 O Grêmio Literário e a Imprensa Escolar.....	189
4.2 As festas cívicas e escolares	214
4.3 As atividades esportivas	253
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	268
REFERÊNCIAS	271

1 INTRODUÇÃO

O Ginásio São Luiz Gonzaga¹, instituição educativa confessional católica masculina, fundado em Parnaíba no ano 1937 com o nome de Instituto São Luiz Gonzaga recebeu, em 1939, autorização preliminar para ofertar o curso secundário fundamental², que conferia o grau de Bacharel em Ciências e Letras a seus educandos, seguindo a tradição intelectual do bacharelismo notabilizada na sociedade brasileira. Ao longo dos anos, o ensino secundário passou por mudanças³ promovidas por reformas na educação, inicialmente com a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942, e depois com a criação da Lei de Diretrizes da Educação (1961) e da reforma promovida pela Lei n.º 5.692, de 1971.

Assim, ao longo do período compreendido entre 1939 e 1971, a organização e o funcionamento do Ginásio São Luiz Gonzaga precisaram se adaptar às leis e às reformas da educação brasileira. Além disso, é importante observar que esse período é marcado pela implantação de duas ditaduras no Brasil: o Estado Novo (1937-1945) e Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

Além das mudanças promovidas pelas reformas educacionais referidas, ocorreram modificações em nível interno na instituição pesquisada, a saber: a partir de 1943 a escola passou a ser administrada juridicamente como Sociedade Anônima constituída por comerciantes, políticos e autoridades locais, que por meio de sua diretoria decidia sobre as formas de administração da escola, inclusive quando de sua venda para a Diocese de Parnaíba.

O Ginásio São Luiz Gonzaga atuou na formação intelectual da juventude masculina parnaibana e de cidades próximas, como Cocal, Luís Correia, Buriti dos Lopes, Piracuruca, Piripiri, entre outras, além de estados como Ceará e Maranhão. Muitos jovens ingressaram no internato do Ginásio São Luiz Gonzaga para os estudos primários e ali permaneceram até concluir o curso ginasial. Por mais de três décadas, o Ginásio São Luiz Gonzaga, mediante a oferta do curso ginasial, diferentes gerações⁴ de parnaibanos vivenciaram sua cultura escolar.

¹ Fundado com o nome de Instituto São Luiz Gonzaga, em 1942 passou a ser chamado de Ginásio São Luiz Gonzaga e atualmente se chama Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano, dirigida pelo Monsenhor Marcelino Elias de Macedo e pelo padre Evandro Alves da Silva.

² Com a promulgação da Lei Orgânica de Ensino Secundário (1942), esse curso passou a ser chamado curso ginasial.

³ Cf. SOUSA, Rosa Fátima de. História da organização do trabalho escolar e do currículo no séc. XX: (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

⁴ Sobre a noção de geração Cf. SIRINELLI, Jean-François. A geração. (org.). AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. In: **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 131-138.

Aspectos como a rígida disciplina, os ritos escolares, a participação em festas cívicas e católicas vivenciadas pela juventude⁵ masculina, deixaram marcas que reverberam nas memórias escolares dos egressos, e que na cidade são ressaltados por escritores e cronistas locais.

Considerando a atuação do Ginásio São Luiz Gonzaga na formação intelectual, social e cultural dos piauienses como instituição educativa confessional católica que ofertou o curso ginásial nos regimes de internato, de semi-internato e de externato ao público masculino, em funcionamento na cidade de Parnaíba-PI, bem como as marcas que repercutem na sociedade parnaibana sobre sua atuação na formação da juventude masculina, a tese que se delineia é a de que, no período compreendido entre 1939 e 1971, a cultura escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga foi composta por elementos como práticas, saberes, ritos, símbolos cívicos e católicos, sendo, portanto, caracterizada como uma cultura cívico católica.

O interesse pela temática surgiu em 2005, quando atuei como professora na referida instituição e passei a observar vestígios da cultura escolar, como a exposição de esculturas e quadros de formaturas das turmas do curso ginásial no *hall* de entrada, ouvir relatos sobre as práticas educativas adotadas durante o período de oferta do curso ginásial. Ademais, a preservação do nome “Ginásio São Luiz Gonzaga”, gravado na frente do edifício escolar, de estrados em algumas salas de aula e da exuberante construção arquitetônica no edifício escolar construído na década de 1940 despertaram o interesse em investigar sobre a cultura escolar no curso ginásial masculino.

A cultura escolar das instituições de ensino secundário é um tema que tem ganhado relevância nas pesquisas⁶ realizadas no campo da História da Educação. Entretanto, no Piauí, conforme verificação nos repositórios dos programas de pós-graduação nas áreas de Educação e de História, a temática requer a ampliação das discussões, especialmente quando se trata de

⁵ O termo “juventude” é aqui entendido tal como proposto por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, para quem “a juventude é uma construção social e cultural. Desse ponto de vista, a juventude se caracteriza por seu marcado caráter de limite. Com efeito, ela se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder” (LEVI; SCHMITT, 1996, p. 8).

⁶ SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. **A educação das meninas em Pelotas**: a cultura escolar produzida no Internato Confessional Católico do Colégio São José (1910- 1967). 208f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012; SOUSA, Débia Suênia da Silva. **Colégio Nossa Senhora de Lourdes**: culturas escolares em Cajazeiras – PB. 196f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018; BENCOSTA, Marcus Levy Albino. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007; SCHWARTZ, Cleonara Maria; VIDAL, Diana Gonçalves. (org.). **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória, ES: EDUFES, 2010; FONSECA, Thais Nívia Lima de; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008; CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. **Coisas Velhas**: um percurso investigativo sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

instituições educativas confessionais católicas masculinas, o que configura originalidade da pesquisa.

A partir da definição da cultura escolar no curso ginasial como objeto de estudo, a pesquisa foi realizada com a finalidade de responder ao seguinte problema: Quais os elementos que constituíram a cultura escolar do curso ginasial do Ginásio São Luiz Gonzaga no período compreendido entre 1939 e 1971? A partir dessa problemática, surgiram outras indagações: i) O que motivou a fundação de uma escola católica dedicada exclusivamente ao público masculino no final da década de 1930, na cidade de Parnaíba-PI? ii) Como foi o processo de constituição do ensino secundário no Ginásio São Luiz Gonzaga? iii) Como estava constituído o projeto educativo do Ginásio São Luiz Gonzaga? iv) Quais as narrativas construídas pelos egressos sobre a cultura escolar no curso ginasial?

Para responder aos questionamentos propostos, a pesquisa apresenta como objetivo geral investigar a cultura escolar no curso ginasial do Ginásio São Luiz Gonzaga, no período compreendido entre os anos de 1939 a 1971. Para compreender o processo de sua constituição histórica, objetivamos: (1) compreender o processo de fundação e de constituição do Ginásio São Luiz Gonzaga como instituição escolar católica de ensino secundário; (2) conhecer a organização e o funcionamento do curso ginasial; e (3) perscrutar as memórias dos egressos sobre a cultura escolar do curso ginasial no período investigado.

Na realização da operação historiográfica, entendemos que o historiador elabora como vai narrar a trama que vai estudar e significar. Sobre as escolhas no ofício do historiador, Paul Veyne (2008, p. 43-44) assevera que “é impossível descrever uma totalidade, e toda descrição é seletiva; o historiador nunca faz o levantamento do mapa factual, ele pode, no máximo, multiplicar as linhas que o atravessam”. Nesse sentido, as balizas temporais adotadas na pesquisa têm como recorte inicial o ano de 1939, quando a instituição em referência recebeu autorização preliminar para ofertar o ensino secundário, ocasião em que se concretizou também a inserção do Ginásio São Luiz Gonzaga no contexto dos estabelecimentos de ensino secundário do país que ofertavam o curso ginasial. Essa condição findou em 1971, com a instituição da reforma n.º 5.692/71, que reuniu o primário e o primeiro ciclo do ensino médio (curso ginasial) no curso de 1º grau (com duração de oito anos) e transformou o segundo ciclo (curso colegial) no ensino de 2º grau (com duração de três anos). Teve fim a exigência do exame de admissão para o ingresso no ensino secundário, além de a década de 1970 significar o início do período em que a instituição adotou a coeducação.

As balizas temporais aqui estabelecidas são maleáveis em virtude de serem pensadas de acordo com a periodização que leva em consideração os elementos constitutivos da cultura

escolar vivenciada no curso ginasial. É nesse recorte que se inserem propostas de invenção de tradições⁷ na educação brasileira, como a criação de órgãos governamentais, reformas educacionais, instituição de decretos, leis, normas e regras, contribuindo para a configuração do sistema educacional⁸ brasileiro, especialmente do ensino secundário, o que também justifica a elasticidade do recorte temporal. A pesquisa compreende como recorte espacial a cidade de Parnaíba-PI, localizada no norte do Piauí, onde está situado o Ginásio.

Esta tese apresenta a cultura escolar como objeto historiográfico⁹ e intenciona lançar luz sobre elementos presentes no cotidiano escolar de uma instituição educativa confessional católica masculina, contribuindo para o avanço nas pesquisas sobre a atuação das escolas confessionais na História da Educação no Piauí.

Levando em consideração o objeto em estudo, são importantes as contribuições teóricas de Viñao Frago (2007, p. 87), que define cultura escolar como:

Um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, modelos, rituais, inércias, hábitos e práticas (formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentadas ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras do jogo não interditas e repartidas pelos seus actores, no seio das instituições educativas. Tradições, regularidades e regras de jogo que se transmitem de geração em geração e que proporcionam estratégias: a) para a integração em tais instituições e interação nas mesmas; b) para levar a cabo, sobretudo na aula, as tarefas quotidianas que se esperam de cada um e fazer frente às exigências e limitações que tais tarefas implicam ou comportam e c) para sobreviver as sucessivas reformas, reinterpretando-as adaptando-as ao seu contexto e às suas necessidades. (VIÑAO FRAGO, 2007, p. 87).

Durante o período em que o Ginásio São Luiz Gonzaga ofertou o curso ginasial, a instituição precisou se adaptar às várias reformas instituídas no sistema educacional brasileiro, tendo como ponto de partida a Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-Lei n.º 4.244),

⁷ Termo usado por Eric Hobsbawm (2015), para quem “o termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – as vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez” (HOBSBAWM, 2015, p. 1).

⁸ “Para os sistemas educativos nacionais implicam a existência de uma rede ou conjunto de instituições educativas de educação formal: a) diferenciados por níveis ou ciclos diferenciados entre si, b) geridas, supervisionadas ou controladas por agências e agentes públicos, c) financiadas, pelo menos em parte, por alguma ou algumas das administrações públicas, d) a cargo de professores formados, selecionados ou supervisionados pelos ditos agentes e pagos, na totalidade ou em parte, com fundos públicos; e e) que facultam certificados ou credenciais reguladas, em termos do seu valor formal e de sua expedição, pelos poderes públicos.” (VIÑAO FRAGO, 2007, p. 17).

⁹ Cf. JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001. MAGALHÃES, Justino. **Da Cadeira ao Banco: Escola e Modernização** (Séculos XVII-XX). Lisboa. Universidade de Lisboa/Instituto de Educação, 2010.

instituída em 1942, antes da formação da primeira turma de bacharéis. Viñao Frago (2007), ao refletir os sistemas educativos, culturas escolares e reformas, aponta traços e elementos que os constituem como um conjunto formado pelos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar. As práticas educativas, os aspectos organizativos e institucionais e a cultura material constituem-se como os elementos mais visíveis da cultura da escola, em que “todo este conjunto de cenários e práticas ritualizadas se revestem de um caráter cerimonial” (VIÑAO FRAGO, 2007, p. 88-89). O autor, ao refletir sobre as múltiplas culturas que permeiam o sistema educativo, assinala que “pode ser útil para entender essa mescla de continuidades e mudanças, de tradições, e inovações, que são as instituições educativas, e oferece um marco explicativo para analisar”, compreender a dinâmica interna, as mudanças e permanências, o papel dos sujeitos (VIÑAO FRAGO, 2007, p.83).

Outro pesquisador, cujas contribuições para o entendimento da cultura escolar são relevantes, é Dominique Julia (2001), para quem a cultura escolar se constitui como um “conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas” (JULIA, 2001, p. 10).

A discussão realizada por esses dois autores tem despertado interesse de outros pesquisadores da História da Educação, como Justinho Magalhães, para quem a possibilidade de “compreender e explicar a natureza, a substância, o funcionamento, a representação e a apropriação da cultura escolar são, em última instância, apresentar a construção historiográfica do objecto educacional” (MAGALHÃES, 2010, p. 65). Investigar a cultura escolar implica compreensão e explicação da história da instituição, integrando-a em um contexto mais amplo, em que se considerem os aspectos econômicos, políticos, geográficos e históricos, percebendo as zonas de influência, permitindo ao pesquisador “identificar, um sentido mais amplo, modos de pensar e agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades” (JULIA, 2001, p.10).

Para a compreensão da cultura escolar, faz-se necessária uma reflexão sobre a instituição educativa e a sociedade na qual está inserida, levando-se em consideração a perspectiva defendida por Julia (2001), para quem o estudo sobre a cultura escolar pressupõe uma “análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou popular” (JULIA, 2001, p. 10). Com o fim de compreendermos as mudanças e as permanências na cultura escolar produzida no curso ginasial do Ginásio São Luiz Gonzaga, realizamos um entrecruzamento entre a instituição escolar e a sociedade, dado o entendimento

das formas como a instituição escolar se relacionava com a sociedade e com as demais instituições de ensino secundário da cidade.

Outro aspecto fundamental a ser tratado nesta pesquisa é o papel da memória para a compreensão das experiências vivenciadas por alunos e professores na cultura escolar do curso ginásial. A percepção da memória individual e da memória coletiva como construções pode ser entendida a partir dos relatos orais (DELGADO, 2010, p.16) de ex-alunos que frequentaram a escola. Sobre a memória, adotamos como referência a abordagem de Michael Pollak (1992), segundo o qual “a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas, Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social”. Nesse sentido, a memória deve ser entendida como “um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”, dadas pelo posicionamento de quem as lembra no presente (POLLAK, 1992, p. 201).

Para Halbwachs (2003), a memória é entendida como formadora de certa identidade, sentimento de pertencimento a uma comunidade. Nessa perspectiva, cada pessoa entrevistada revela algum tipo de trajetória em comum com a escola e com a cultura ali construída no cotidiano. Nos termos do autor, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2003, p.30). Assim, as memórias do grupo formado pelos egressos, pelos funcionários administrativos e pelos professores do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga contemplaram não apenas os espaços, mas as personagens e os acontecimentos vivenciados no cotidiano escolar e, sobretudo, como eles são lembrados na imaginação e no tempo presente.

A fonte oral, central neste trabalho, comporta uma discussão específica e importante, que merece ser esclarecida e desenvolvida aqui. Ela é produzida por meio da História Oral, “um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 2013, p. 24). A escolha da história oral na realização desta pesquisa se deve ao fato de esse procedimento permitir “o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos. [...] História de comunidades, como as de bairros, as de imigrantes, as camponesas etc., podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogias; histórias de instituições, tanto políticas quanto privadas; registro de tradições culturais” (ALBERTI, 2011, p. 166).

As entrevistas temáticas foram realizadas com sujeitos que vivenciaram a cultura escolar, pois “versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido (ALBERTI, 2011, p. 175). Para a sua execução, demos aos entrevistados a opção de escolha do dia e do local para a realização das entrevistas, para as quais elaboramos um roteiro, cuja função “é auxiliar o entrevistador, no momento da entrevista, a localizar, no tempo, e a situar, com relação ao tema investigado, os assuntos tratados pelo entrevistado. [...] O roteiro não é um questionário, e sim uma orientação aberta e flexível” (ALBERTI, 2011, p. 177).

Como o objeto de estudo desta pesquisa é a cultura escolar no curso ginásial, as narrativas orais dos sujeitos contribuem para entender as experiências que vivenciaram como alunos da escola. Suas trajetórias de vida escolar são importantes e têm como fim compreendermos, por meio de suas memórias individuais e coletivas, os comportamentos, os valores, as práticas de ensino e de convivência na escola. Como qualquer outro documento histórico, as narrativas orais devem ser analisadas a começar da enunciação dos sujeitos no tempo e no espaço histórico.

A pandemia da Covid-19, declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a partir de março de 2019, provocou dificuldades e desafios no trabalho com a história oral. Tratava-se de um novo coronavírus, sobre o qual pouco se sabia. Uma das únicas certezas era a de que não havia remédios para combater a infecção por ele provocada. Assim, a OMS indicava a adoção do isolamento social e de medidas de higiene como formas de evitar o contato com pessoas infectadas e, conseqüentemente, a propagação do vírus, que acenava para a população idosa como o grupo mais frágil e mais suscetível a sofrer com a doença. A partir de então, governantes do mundo todo passaram a emitir decretos informando à população sobre os serviços considerados essenciais que deveriam continuar em funcionamento. Com isso, no Piauí, locais de pesquisas como arquivos públicos e privados, bibliotecas e instituições escolares foram fechados, dificultando a realização de inúmeras pesquisas em andamento, como a nossa. Além da consulta documental, as pesquisas realizadas com uso de metodologias que adotam a prática de entrevistas com grupos específicos, como idosos, foram profundamente afetadas.

Dessa forma, a partir de março de 2020, buscamos maneiras para continuar realizando a investigação com a história oral, adotando novas práticas na forma de entrevistas, como o uso da entrevista *on-line*, uma alternativa para os pesquisadores que, por meio de diferentes plataformas de comunicação para conversas e chamadas em tempo real, realizaram as entrevistas a distância, mantendo premissas, como: “compromisso com a criação e preservação de novas fontes, a atenção e o respeito ao entrevistado, a garantia de pluralidade de pontos de

vista na pesquisa, a compreensão das implicações das circunstâncias de produção sobre a fonte, e assim por diante” (SANTHIAGO; MAGALHAES, 2020, p. 15).

Para Paul Ricœur (2018, p. 131), “a sala de aula da escola é, nesse aspecto, um lugar privilegiado de deslocamentos de pontos de vista da memória. De modo geral, todo grupo atribui lugares. É desses que se guarda ou se forma memória”. É do lugar social do Ginásio São Luiz Gonzaga que os egressos recompõem uma memória escolar sobre a cultura escolar. Cumpre notar que entendemos por memória escolar o conjunto de lembranças individuais e coletivas evocadas e narradas pelos egressos sobre as experiências vivenciadas na formação intelectual recebida no curso ginasial. O trabalho é realizado levando em consideração o pensamento de Fernando Catroga (2009, p. 12, grifo do autor), para quem “as recordações radicam na subjetividade embora cada *eu* só ganhe consciência de si em comunicação com os outros, pelo que a evocação do que lhe é próprio tem ínsitas as condições que a socializam”.

Sobre o uso da história oral na constituição das memórias, Verena Alberti (2011, p. 170) assinala que sua importância se deve, dentre outros fatores, ao “fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu”. No entanto, Alberti alerta para os procedimentos e usos das entrevistas, para a qual “esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas, pois é preciso ter claro que a entrevista não é um “retrato” do passado” (ALBERTI, 2011, p. 170).

Um aspecto importante no trabalho com história oral é o da subjetividade que perpassa o trabalho com as narrativas. Portelli (1996, p. 3-4), ao se reportar para a subjetividade presente nesse tipo de fonte, assinala que “nossa tarefa não é, pois a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la”. E acrescenta: “se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais.” (PORTELLI, 1996, p. 4).

As entrevistas com o grupo foram realizadas seguindo as orientações de Bosi (2003), que sugere que o pesquisador tenha o máximo de informações sobre o assunto em pauta para formular questões que estimulem a memória do narrador. A autora sugere uma consulta às publicações que informem sobre o período investigado, como “jornais, revistas, músicas, livros, imagens, anedotas, enfim tudo o que terá feito o narrador vibrar na época que desejamos estudar” (BOSI, 2003, p. 59).

Atendendo às orientações do Comitê de Ética em Pesquisa¹⁰ (CEP) da Universidade Federal do Piauí, antes da realização das entrevistas, o grupo foi esclarecido a respeito do projeto e dos procedimentos de pesquisa. Após esse esclarecimento, foram combinados datas e locais para as entrevistas, realizadas com consentimento dos participantes. Depois de realizada a transposição da narrativa oral para o texto escrito, as entrevistas foram devolvidas aos entrevistados para conferência e autorização oficial, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Nessa etapa do trabalho, os entrevistados tiveram liberdade para sugerir inclusões, exclusões e/ou modificações nas entrevistas. É importante destacar que todos foram consultados e optaram por publicizar sua identidade. Além de autorizar a divulgação de suas memórias escolares, estimulados pela participação na pesquisa, cederam documentos escolares como: diplomas, certificados, cadernos, ficha de acompanhamento de notas, jornais, fotografias e convites de formatura guardados como recordação dos “tempos do ginásio”, os quais utilizamos como fontes na pesquisa.

Quanto à escolha dos entrevistados, Verena Alberti (2013) alerta que “não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragem, e, sim, a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência” (ALBERTI, 2013, p. 40). No processo de construção das fontes orais, foram realizadas entrevistas temáticas com o grupo composto por 14 entrevistados, assim distribuídos: 12 egressos do curso ginásial, 01 funcionário da administração escolar e 01 professora. Em decorrência da pandemia da Covid-19, foram adotados dois modelos de entrevistas: a forma presencial e a distância. As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2018 e 2020, sendo que 13 aconteceram de forma presencial, nas cidades de Parnaíba-PI, Teresina-PI e Belém-PA, e somente uma delas por meio da plataforma *Google Meet*.

A escolha dos entrevistados teve como critério a vivência da cultura escolar do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga no período compreendido entre 1939 e 1971. O primeiro contato foi estabelecido com Claudio Ramos¹¹, por meio do grupo *Parnaíba das Antigas*¹². Depois da publicação de uma fotografia da fachada do Ginásio São Luiz Gonzaga no grupo em

¹⁰ Comitê de Ética em Pesquisa. Número do Parecer: 3.070.218 e CAAE: 02855818.5.0000.5214.

¹¹ José Cláudio Ramos de Sousa nasceu em 12 de dezembro de 1946, em Buriti-Maranhão. Filho de José Pereira de Sousa e Alzira Ramos de Sousa, foi aprovado no exame admissão para a 1ª série do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga realizado entre 9 e 12 de dezembro de 1959. Matriculado como aluno externo em março de 1960, concluiu o curso ginásial em 1964.

¹² Grupo privado no *Facebook* criado em 21 de setembro de 2012, administrado por Helder Fontenele com finalidade compartilhar histórias e memórias sobre a cidade, por meio da publicação de fotografias de lugares, acontecimentos e espaços da cidade de Parnaíba-PI.

referência, seus membros, principalmente os egressos do curso ginásial, manifestaram-se fazendo comentários sobre a instituição, sendo Claudio Ramos um deles. Em seu comentário, este ex-aluno fez um relato citando nomes de colegas de turma e de professores e, após a leitura das informações que ele prestou, entrei em contato com Claudio Ramos por meio do serviço de mensagens *Messenger*. Depois da apresentação e da explicação do projeto para o qual foi convidado a participar na condição de egresso, Claudio Ramos, que mora em Belo Horizonte-MG, além de compartilhar suas memórias escolares, em entrevista realizada em 11 de dezembro de 2020 (de forma *on-line* por meio da plataforma *Google Meet*), compartilhou também objetos escolares que guarda como recordações do curso ginásial, indicou colegas para serem entrevistados.

O mesmo procedimento foi adotado com Gervásio Neto¹³, que reside no Rio de Janeiro e anualmente visita seus familiares em Parnaíba. Durante a visita realizada em 2018, Gervásio Neto compartilhou conosco suas memórias no pátio do Colégio Diocesano, local escolhido por ele para a realização da entrevista. Além das memórias escolares, o entrevistado cedeu alguns objetos escolares que guardou como recordação do curso ginásial. Colaboradores da pesquisa como o senhor Edimar Pereira Fontenele¹⁴ (atualmente residindo em Belém-PA, cidade onde aconteceu a entrevista) e o senhor Renato de Castro Santos Junior¹⁵ (entrevista realizada em sua residência na cidade de Parnaíba), foram contactados por meio da rede social *Facebook*.

Também participou da pesquisa Francisco de Assis Almeida Brasil¹⁶, cuja entrevista foi realizada em sua residência, em Teresina-PI; José Hamilton Furtado Castello Branco¹⁷, Noé Fortes de Souza Pires¹⁸, João Alves de Brito¹⁹, Maria Celia Vasconcelos Ponte, Maria Iracema

¹³ Gervásio Pires de Castro Neto nasceu em 14 de dezembro de 1950. Filho de Francisco José Pires de Castro e Maria Antônia Melo de Castro, realizou o curso ginásial como aluno externo entre os anos de 1962 e 1965.

¹⁴ Nasceu em Luís Correia em 04 de fevereiro de 1935. Filho de Henrique Pereira Fontenele e Vicentina Fontenele. Ingressou como aluno interno no Ginásio São Luiz Gonzaga para cursar o ensino primário. Cursou o ginásio na condição de aluno externo entre os anos de 1950 e 1953. Bacharel em Direito e aposentado.

¹⁵ Nasceu em Parnaíba em 18 de março de 1949. Filho de Renato de Castro Santos e Zilda Veras Santos. Cursou o ginásio entre 1961 e 1964. Autor do livro: ZPEs (Zonas de Processamento de Exportação) de Shannon a Parnahyba. Parnaíba: Sieart, 2013. Aposentado como professor da Universidade Federal do Piauí.

¹⁶ Nasceu em Parnaíba em 18 de fevereiro de 1929. Filho de Milton Ramos de Almeida e Rosa Leão Ramos de Almeida. Foi aluno externo do então Instituto São Luiz de Gonzaga entre os anos de 1940 e 1942.

¹⁷ Nasceu em Parnaíba em 18 de maio de 1949. Filho de Epaminondas Castello Branco e Albertina Furtado Castello Branco. Realizou o Curso Ginásial entre os anos de 1962 e 1965 como aluno semi-interno e externo no Ginásio São Luiz Gonzaga. Formado em Engenheiro Agrônomo, foi prefeito de Parnaíba de 1993 a 1996 e de 2005 a 2012, e Deputado Estadual de 2015 a 2018.

¹⁸ Nasceu em 08 de setembro de 1940. Filho de Genésio de Sousa Pires e Alzira Fortes Pires. Iniciou os estudos como aluno interno do Ginásio São Luiz Gonzaga em 1953 no curso primário, realizou o exame de admissão em dezembro de 1956, sendo aprovado para cursar o ginásio. Professor aposentado.

¹⁹ Nasceu em Cocal, em 08 de março de 1929, filho de Joaquim Viera de Brito e Filomena Machado de Brito. Realizou o curso ginásial no Instituto/Ginásio São Luiz Gonzaga entre 1943 e 1946. Aposentado.

Aragão²⁰, Lilian Maria de Almeida Castro²¹, todos moradores de Parnaíba-PI que escolheram suas residências como local da entrevista. Fez parte do grupo de egressos o historiador Diderot dos Santos Mavignier²², que escolheu o pátio do Colégio Diocesano para narrar sua trajetória escolar no curso ginásial. A professora aposentada Maria Christina de Moraes Souza Oliveira e o secretário escolar aposentado Antônio Freitas de Araújo²³ também compõem o grupo de entrevistados. Além das memórias escolares, o grupo compartilhou documentos que fazem parte de seus arquivos privados, a exemplo de jornais, fotografias, cadernos e boletins escolares que foram usados como fontes nesta pesquisa.

Nessa abordagem, o principal benefício foi, então, a capacidade de conhecer o outro apoiado na compreensão do significado e na interpretação das relações interpessoais estabelecida no grupo. O conhecimento produzido resultou da construção negociada do conhecimento junto com o grupo constituído por egressos, ex-professores e funcionários da escola, que selecionaram, refletiram e significaram suas histórias, a partir do diálogo sobre suas experiências vividas na cultura escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, uma vez que a “motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar” (PORTELLI, 1996, p. 61).

A pesquisa foi realizada por meio de dois procedimentos: primeiramente uma *operação de caça*, seguida de uma *operação de técnica*, que se consistiu no “gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira [...] mudando ao mesmo tempo seu lugar e seu estatuto” (CERTEAU, 2015, p. 69). A partir dessa *distribuição cultural*, reunimos documentos e objetos encontrados em arquivos públicos e privados, estabelecidos como fontes. Certeau (2015, p. 72) defende que “o estabelecimento das fontes, solicita, também, hoje, um gesto fundador, representado, como ontem, pela combinação de um lugar, de um aparelho e de técnicas”, e a partir de suas prescrições, foram adotados procedimentos metodológicos entrecruzando a fonte oral com as fontes documentais.

²⁰ Nasceu em Ubatuba-CE em 30 de setembro de 1939. Filha de Rufino Fontenele Aragão e Justina Fontenele Aragão. Realizou o Curso Ginásial entre 1957 e 1960. Atualmente é professora aposentada.

²¹ Nasceu em Parnaíba, em 29 de dezembro de 1940. Filha de Raimundo Nonato Vaz Pinto e Lúcia Maria de Almeida Pinto. Matriculou-se na terceira série do Curso Ginásial no Ginásio São Luiz Gonzaga em 1957, concluindo o curso em 1958. Atualmente é aposentada como bancária.

²² Nasceu em Parnaíba em 09 de dezembro de 1955. Filho de Paulo de Sousa Mavignier e Neusália Lima dos Santos Mavignier. Foi aluno externo no Curso Ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga. Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí. Autor de vários livros, dentre eles: *Conhecendo História & Geografia do Piauí* (2007), *A Maçonaria e a História da Independência no Piauí* (2015).

²³ Nasceu no Município de Viçosa do Ceará, em 14 de fevereiro de 1937. Filho de Teresa Maria de Jesus. Admitido em 1957, no Ginásio São Luiz Gonzaga, na função de copeiro do internato. Com o fim do internato, passou para a função de Porteiro, e depois, Secretário Escolar, com registro nº 9626 no MEC.

Na realização desta investigação, história oral e pesquisa documental caminham juntas, uma auxiliando a outra, numa relação classificada por Delgado (2010) como “bidirecional e complementar”, uma fornecendo simultaneamente subsídios e informações à outra, “tornando o processo de construção de fontes orais extremamente desafiante e rico” (DELGADO, 2010, p. 25). No que diz respeito à pesquisa documental, André Cellard (2010) assegura a exigência de “um esforço firme e inventivo, quanto ao reconhecimento dos depósitos de arquivos ou das fontes potenciais de informação, e isto não apenas em função do objeto de pesquisa, mas também em função do questionamento” (CELLARD, 2010, p. 298). Nessa perspectiva, a pesquisa documental desta tese foi realizada entre os anos de 2018 e 2019, nas cidades de Teresina-PI – Núcleo de Pesquisa em Memória (NUPEM), Arquivo Público do Estado do Piauí (APPI) – e de Parnaíba-PI – Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba, Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga - Colégio Diocesano de Parnaíba e Cartório Almendra. Além de acervos das plataformas digitais “Mundos do Trabalho – Piauí” e “Memória do Jornalismo Piauiense”, e na página do *Facebook* “Parnaíba das Antigas”, administrada pelo fotógrafo parnaibano Helder Fontenele. Arquivos privados constituídos de livros de memórias familiares, fotografias das famílias de Ozias de Moraes Correia, José Rodrigues e Silva e Benjamim Santos também foram importantes como fontes históricas.

Além dos documentos mencionadas, o *blog* “Riquezas de Vida²⁴”, do egresso James Kelso Clark Nunes, também foi usado como fonte na realização da pesquisa. Sobre o uso de *Blogs* como fonte histórica com a finalidade de compreender fenômenos contemporâneos da memória, da narrativa e das temporalidades, assumimos o posicionamento de Cristine Silva (2015), para quem:

Textos escritos em primeira pessoa veiculados em *blogs* e *sites* pessoais convertem-se em fontes documentais imprescindíveis para se pensar as relações estabelecidas entre passado, presente e futuro, posto que evidenciam as dimensões subjetivas das vinculações entre determinados sujeitos com acontecimentos passados e de como esses acontecimentos são selecionados, reelaborados e produzidos como memória. (SILVA, 2015, p. 14).

Além da introdução que apresenta o objeto de pesquisa, sua localização no tempo e no espaço, suas questões, bem como a construção das fontes e os aportes teóricos e metodológicos, o trabalho está dividido em três capítulos mais as considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado **Ginásio São Luiz Gonzaga: uma escola católica para juventude masculina**,

²⁴ Cf. <https://riquezasdevidaweb.blogspot.com/2019/05/90-anos-1-vida-estudo-e-lazer-postagem.html> Acesso: em 08/08/2020.

apresentamos Ozias de Moraes Correia, sua relação com a Igreja Católica presidindo associações católicas na cidade de Parnaíba-PI e sua ação de fundar uma escola católica para a juventude masculina. A construção do edifício escolar, a distribuição dos espaços e o lugar da instituição no bairro e na cidade, as formas de administração e de organização também foram abordadas no capítulo.

No segundo capítulo, intitulado **Curso Ginasial: organização e funcionamento**, discutimos as formas de ingresso e permanência no curso ginasial; as regras e as normas que regiam o ensino secundário e o curso ginasial, os critérios adotados pela escola na seleção dos alunos, a composição de seu corpo docente e as práticas escolares dos professores no curso ginasial.

O terceiro e último capítulo, **Moldando condutas: práticas, ritos e tradições no curso ginasial**, analisamos as práticas presentes na instituição, como: o grêmio literário e a imprensa escolar; a realização de ritos escolares, como colação de grau, e a participação dos alunos nas comemorações cívicas e religiosas da cidade. Finalizamos com as atividades esportivas realizadas na escola e a participação dos alunos nas celebrações cívicas da cidade, como os jogos escolares e os torneios comemorativos em alusão ao Sete de Setembro e ao Dia da Parnaíba.

2 GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA: uma escola católica para juventude masculina

O presente capítulo tem como objetivo analisar o processo de fundação, constituição e dinâmica do Ginásio São Luiz Gonzaga. Iniciamos a análise investigando as relações entre Ozias de Moraes Correia e a igreja católica, em Parnaíba, com a finalidade de conhecer suas motivações para fundar uma escola católica masculina na cidade. Uma vez realizada essa discussão, buscamos conhecer os diferentes espaços ocupados pela escola, desde a fundação até a construção do edifício escolar, na década de 1940, a composição da diretoria escolar, as estratégias usadas na construção da imagem de uma escola preocupada com a formação intelectual da juventude masculina da cidade, oferecendo uma educação baseada nos preceitos da moral cristã, seguindo regras de higiene e da moderna pedagogia. Apresentamos a constituição da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga criada na década de 1940 para administrar o Ginásio São Luiz Gonzaga e os diretores que se alternaram à frente da direção da escola no período pesquisado.

2.1 Alicerce do futuro: fundação do Ginásio São Luiz Gonzaga

Em meio às ações pastorais de Dom Joaquim Antônio Almeida (1906-1911), primeiro Bispo da Diocese do Piauí²⁵, em 1907 foram instaladas duas escolas católicas em Parnaíba-PI: o Colégio Nossa Senhora das Graças, dedicado ao público feminino²⁶, e o Colégio Dom Joaquim²⁷, ao masculino. No entanto, naquele momento, apenas o colégio feminino se consolidou. O colégio masculino foi desativado após três anos de funcionamento (LOPES, 2016), fato que desagradava a igreja católica e as associações de leigos parnaibanos, cujos sócios defendiam escolas católicas masculinas “como o lugar para formar elites condutoras das transformações sociais” (LOPES, 2005, p. 64).

²⁵ Criada em 20 de fevereiro de 1901, no papado de Leão XIII, pela bula *Supremum Catholicam Ecclesiam* publicada em 06 de janeiro de 1903. Teve como primeiro Bispo, Dom Joaquim Antônio Almeida, chegou ao Piauí em 1906. Para maiores informações Cf. DE SOUSA NETO, M. (1). EM NOME DA FÉ; EM NOME DOS BENS: A CRIAÇÃO DA DIOCESE DO PIAUÍ (1822-1903). *Revista Brasileira De História Das Religiões*, 4(10). <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v4i10.30389> acesso em: 20/07/2021.

²⁶ SILVA, Samara Mendes Araújo. **Educar crianças e jovens à luz da fé e cultura: as instituições escolares confessionais católicas na sociedade piauienses (1906-1973)** 358f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

²⁷ CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. Colégio Dom Joaquim: a Igreja Católica e a educação escolar em Parnaíba na primeira década do século XX. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. (org.). **História, Catolicismo e Educação**. Teresina: EDUFPI, 2019, p. 183-204.

A ausência de escola católica masculina em Parnaíba foi suprida no final da década de 1930, quando Ozias de Moraes Correia,²⁸ com o apoio da ação pastoral de Dom Severino Vieira de Melo²⁹ (1924-1944), terceiro Bispo da Diocese do Piauí, fundou o Instituto São Luiz Gonzaga (1937), escola que, na década de 1940, passou a se chamar Ginásio São Luiz Gonzaga e atualmente se chama Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano de Parnaíba.

Além de sua atuação na área educacional, Ozias Correia participou ativamente da fundação e presidiu associações de leigos, como o Centro Católico de Parnaíba que, segundo o editorial do *Almanaque da Parnaíba* (1929), foi fundado em 17 de julho de 1922. Após a leitura e aprovação de Dom Severino, em 15 de agosto de 1924, os Estatutos da associação masculina de leigos foram registrados pelo então presidente Ozias Correia, no Cartório Almendra, em Parnaíba, no livro de registros de pessoas jurídicas. O documento apresentou a associação da seguinte forma:

Art. 1º. Fica fundada na cidade de Parnaíba uma associação para instrução, estudo e distrações dos católicos de qualquer condição, nacionais e estrangeiros, em número indeterminado, a qual se chamará Centro Católico de Parnaíba e se colocará sob o patrocínio do Sagrado Coração de Jesus. Art. 2 – o Centro Católico de Parnaíba tem por fim: a) tornar conhecidas as verdades da religião Católica, Apostólica, Romana; b) fornecer aos membros os meios de estudar estas verdades religiosas; c) promover por todos os meios ao seu alcance uma intensa ação social católica. Art. 3 Para consecução de seus fins o Centro Católico de Parnaíba empregará os seguintes meios: a) promover conferências; b) manter uma biblioteca e um órgão oficial independente; c) promover aos sócios diversões lícitas. (ESTATUTOS...Centro Católico de Parnaíba, 1924, p. 1)³⁰.

A direção da associação de leigos foi composta por sete membros: presidente, vice-presidente, orador, 1º e 2º secretário, tesoureiro e bibliotecário. Para fazer parte da diretoria, o sócio tinha que ser “católico praticante”, condição que deveria ser provada mediante a apresentação de um atestado fornecido pelo Assistente Eclesiástico, cargo ocupado pelo padre Roberto Lopes Ribeiro³¹. O Assistente Eclesiástico era o responsável por dirigir a associação

²⁸ Ozias de Moraes Correia nasceu em Parnaíba, no dia 11 de março de 1893, filho do casal Jozias Benedito de Moraes Correia e Joana Rita de Moraes. Faleceu em 02 de abril de 1986.

²⁹ “atuou por três décadas a frente da igreja católica local e exerceu suas ações pastorais no Estado desde de 1924, só saindo em 1955, por ocasião de seu falecimento. Esse clérigo foi um dos responsáveis por consolidar o processo de romanização da Igreja no Piauí além de ter se esforçado para implantar, na diocese piauiense, uma prática pastoral coadunada com a organização eclesial nacional, numa fase vivida pela Igreja Católica denominada de Neocristandade” (PEREIRA, 2008, p. 29).

³⁰ A escrita foi adaptada conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor a partir de 2016.

³¹ Nasceu em 07 de abril de 1891, na cidade de Piracuruca-PI. [...] Realizou seus estudos em Teresina, ordenando-se em 20 de janeiro de 1915. [...] Monsenhor Roberto Lopes foi também grande no campo educacional. Foi um dos fundadores do Círculo Operário São José e Presidente de Honra de sua Diretoria primitiva até seus últimos dias de vida. Anexo funciona a Escola Monsenhor Roberto Lopes, mantendo os curso dos fundadores do Círculo

dentro da “ortodoxia católica; cuidar do bem estar espiritual dos sócios; aplicar as penalidades de expulsão ou suspensão aos sócios que praticassem atos contrários aos bons costumes e à moral e que pertencessem a seitas ou sociedade condenadas pela Igreja” (ESTATUTOS, 1924, p. 4). Para acompanhar as ações dos sócios, existia uma Comissão de Sindicância com as seguintes competências: “verificar a idoneidade das pessoas propostas para sócios, de acordo com as exigências dos estatutos; dar parecer a Diretoria sobre as propostas apresentadas; inquirir, discretamente, do comportamento dos sócios, comunicando por escrito à Diretoria os casos passíveis de advertência ou penalidade” (ESTATUTOS, 1924, p. 3).

No Piauí, a preocupação da igreja com ações e práticas dos católicos pode ser observada a partir da carta pastoral intitulada “A Vontade de Deus”, publicada por Dom Severino³², em 1924. No documento, o líder expôs suas preocupações com “comportamento religioso dos católicos, pois a maioria se dizia adepta a religião, contudo não seguiam as normas da instituição eclesiástica, de modo que, o bispo fazia um apelo para que os católicos se santificassem” (PEREIRA, 2008, p. 30). Para Luciane Pereira (2008, p. 32), “as associações católicas tinham pelo menos uma dupla função: modelar o comportamento de seus associados e difundir entre os fiéis a prática de um catolicismo sacramental”.

O editorial do *Almanaque da Parnaíba* (1929) fez uma descrição sobre a associação de leigos na cidade:

Acha-se instalado nessa cidade, desde seu fundamento a 17 de julho de 1922, o Centro Católico de Parnaíba. Esta importante sociedade foi fundada por iniciativa do Srs. Armenio Salgado e Carlos Bacellar a fim de trazer os seus

Operário São José e Presidente de Honra de sua Diretoria primitiva até seus últimos dias de vida; anexo funciona a Escola Monsenhor Roberto Lopes, mantendo os curso infantil alfabetização, ensino fundamental e médio, modelar estabelecimento de ensino; Um dos fundadores do Ginásio Parnaibano hoje Colégio Estadual Lima Rebelo; Professor de Latim por vários anos do Colégio “Nossa Senhora das Graças”; Foi jornalista ativo e vibrante. Criou e dirigiu “O Sino”, jornal de orientação católica, “A Ação” Órgão do Círculo Operário São José; colaborador assíduo do Almanaque da Parnaíba e entre outros jornais que aqui circulavam: “A Tribuna”, “Folha do Litoral”, “O Norte do Piauí”. Em 1940 – Bodas de Pratas Sacerdotais – o dignificante título de Monsenhor Camareiro Secreto do Sumo Pontífice Pio XII – como prêmio de seu trabalho e como honra aos seus méritos. O título honorífico de Cidadão parnaibano, consoante Lei Municipal nº 389, de 11 de abril de 1966, pelo muito realizado nesta cidade; e, como é natural, sua alegria foi imensa e ficou feliz por ter trabalhado imensamente para o progresso e desenvolvimento religioso, cultural e material de Parnaíba, cidade que o acolheu como filho durante sessenta e cinco anos. Este santo padre faleceu na manhã de 15 de outubro de 1980, em um leito da Santa Casa de Misericórdia”. (MOREIRA, 2011, p. 48-49).

infantil alfabetização, ensino fundamental e médio, modelar estabelecimento de ensino; Um dos fundadores do Ginásio Parnaibano hoje Colégio Estadual Lima Rebelo; Professor de Latim por vários anos do Colégio “Nossa Senhora das Graças”; Foi jornalista ativo e vibrante. Criou e dirigiu “O Sino”, jornal de orientação católica, “A Ação” Órgão do Círculo Operário São

³² Dom Severino Vieira de Melo, nasceu no Sítio Pau Santo em Pernambuco em 05 de junho de 1980. Se ordenou sacerdote em 4 de janeiro de 1903, no Seminário de Olinda. Foi sagrado bispo da Diocese do Piauí em 25 de novembro de 1923 e assumiu a Diocese em 23 de fevereiro de 1924. Foi o terceiro bispo da Diocese do Piauí (1924-1944). Primeiro bispo da Diocese de Teresina (1944-1952). Primeiro Arcebispo Metropolitano de Teresina (1953-1955).

associados em completa harmonia com os destinos cristãos. [...]. Não obstante estarmos no interior, já é do conhecimento geral, que a organização de um conjunto de homens católicos, não é só para benefícios de seus associados como também para desviar do mal caminho aqueles que deixam se levar pelos vícios que até hoje só tem acarretado prejuízos para a nossa geração.

Nesta associação que só se fala em nome de Deus, não se trata de prejudicar o seu próximo e nem de rivalidades pessoais, sendo, deste modo de utilidade pública, porquanto tem à sua frente pessoa de bem, assim, como assistente eclesiástico o Revmo. Vigário padre Roberto Lopes que até hoje tem trazido a paz e alegria para este Centro” (ALMANACH DA PARNAHYBA, 1929, p. 21).

Até meados da década de 1940, o clero parnaibano estava sob a jurisdição eclesiástica da Diocese do Piauí, contou com presença atuante do padre Roberto Lopes Ribeiro, pároco da igreja matriz de Nossa Senhora das Graças que, juntamente com os sócios do Centro Católico de Parnaíba, apoiou Ozias Correia na fundação do colégio católico masculino, permitindo seu funcionamento na sede da associação.

Segundo Roseli Boschilia (2002), a educação da juventude foi uma preocupação que acompanhou a ação política da igreja católica desde o século XIX, sobretudo a partir do papado de Leão XIII (1878-1903) que, entre outras ações, incentivou “os católicos a frequentar a comunhão, praticar o culto aos santos, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e à virgem Maria. Além disso, procurou atuar na divulgação do catecismo, na expansão missionária e na instalação de seminários e colégios para atender a juventude” (BOSCHILIA, 2002, p. 21).

Em consonância com as ações de seus antecessores, em relação à educação da juventude, Pio XI (1922-1939) publicou, em 1929, a carta encíclica *Divini Illius Magistri*, intitulada “Acerca da Educação Cristã e da Juventude”. Nesse documento, o papa retomou questões abordadas por Leão XIII, como a defesa da supremacia da Igreja no espaço educacional e a oferta da educação cristã como uma obra social, cuja responsabilidade cabia à família, ao Estado (sociedades naturais) e à Igreja (sociedade sobrenatural). Ao se posicionar sobre a carta encíclica *Divini Illius Magistri*, Boschilia (2002) defende que “a Igreja passou a investir numa política de disseminação de colégios católicos em todo o mundo, procurando, a um só tempo, legitimar seu domínio no plano educacional e minimizar as consequências trazidas pelos avanços do mundo moderno”. (BOSCHILIA, 2002, p. 25).

Nesse contexto, a atuação da igreja católica no Piauí foi marcada pelas ações do bispo Dom Severino Vieira de Melo. Ao analisar suas ações, Luciana Pereira (2008) assinala que o comportamento e a santificação dos católicos estavam no centro das preocupações de Dom Severino, cujo atuação teve como marca relevante de seu bispado a construção da Neocristandade ou *Restauração católica* no Piauí, e explica que o movimento católico “tinha

como meta principal consolidar a presença da igreja católica no espaço público como base contribuinte para a formação da nacionalidade brasileira” (PEREIRA, 2008, p. 24). Por meio de suas ações pastorais, na década de 1940, realizou uma reconfiguração diocesana que resultou no desmembramento da Diocese do Piauí, criando as dioceses de Parnaíba e Oeiras, incentivando a criação de associações pias e da Ação Católica. Essas ações tinham a intenção de fortalecer o protagonismo da igreja católica no Piauí, retomando o ideário de autoridade do Papa Leão XIII. Pereira (2008, p. 38) avalia que “esta reconfiguração diocesana diminuiu, em tese, a responsabilidade de Dom Severino com relação à igreja católica no Piauí, além de lhe dar um maior controle sobre sua circunscrição eclesiástica, que era Teresina.”

Carvalho Jr. (2011), ao descrever as ações de Dom Severino Viera, destaca que “sua primeira preocupação foi a reabertura das casas de instrução da Diocese. O Colégio foi reaberto em 1925, no prédio que já lhe destinara seu antecessor e onde hoje se encontra. Em 1927 foi a vez do Seminário [...]” (CARVALHO JR. 2011, p. 138). As instituições educacionais mencionadas por Carvalho Jr. se localizavam em Teresina, capital e sede do bispado. No entanto, essa preocupação se estendeu a outras cidades do estado do Piauí, como Parnaíba, cuja paróquia esteve sob administração eclesiástica da Diocese do Piauí até 1944, quando foi criada a Diocese de Parnaíba.

Assim, a fundação do Instituto São Luiz Gonzaga, em Parnaíba em 1937, estava em consonância com as ações episcopais de Dom Severino Vieira, que naquele momento tinha como preocupação o comportamento e a santificação dos católicos, o avanço do protestantismo, do comunismo e do espiritismo (PEREIRA, 2008), além de um envolvimento com a política, orientando os católicos sobre os candidatos que deveriam votar nas eleições que aconteceram na década de 1930 e 1940.

É importante ressaltar que, além da atuação na área educacional, Ozias Correia atuou na política, em nível local e estadual, defendendo causas consonantes com a igreja católica, especialmente as educacionais. Na década de 1930, com apoio da Liga Eleitoral Católica, foi eleito deputado estadual. No entanto, com o golpe de 1937 e a dissolução dos partidos políticos no Brasil, ato que deu início a um dos períodos ditatoriais “mais repressivos e eficazes da história do Brasil” (PANDOLFI, 2012, p. 15), ele perdeu o mandato parlamentar.

A Liga Eleitoral Católica, associação católica criada no Rio de Janeiro, em 1932, pelo Cardeal Dom Sebastião Leme, fazia parte do conjunto de medidas integrantes da Ação Católica, movimento que, dentre outros, tinha como objetivo lutar pelo retorno do ensino religioso católico nas escolas públicas de ensino primário e secundário (HORTA, 1994). A entidade tomou posições na política nacional, especialmente nas eleições de 1934, apoiando candidatos

que defendessem os projetos da igreja católica, especialmente na área da educação, como a defesa do retorno do ensino religioso nas escolas públicas brasileiras, abolido com a Proclamação da República, no final do século XIX. Aproveitando-se do fato de que o catolicismo era, naquele período, a prática religiosa da maioria dos brasileiros, Dom Sebastião Leme, por meio de Centro Dom Vidal, criado em 1922, resolveu reunir os católicos em associações fundadas em todo o país, com o objetivo de garantir que o catolicismo voltasse a ter um lugar de destaque dentro do estado brasileiro por meio da Constituição Federal de 1932 (HORTA, 1994).

Iniciado no Rio de Janeiro, rapidamente o movimento católico em apoio aos candidatos católicos ganhou apoio nos demais estados brasileiros, chegando ao Piauí, em 28 de novembro de 1932, por ação de Dom Severino que lançou a *Circular nº 28*, contendo o plano de organização da Liga Eleitoral Católica, no Piauí. A respeito disso, vejamos:

Como está expressamente manifestado, não se quer a organização de um partido político e nem mesmo se pensa nisto; tem-se apenas em vista o que é melhor, promover o alistamento do maior número possível de eleitores católicos e orientá-los na aplicação dos seus votos, para que não concorram sob a influência de interesses menos nobres, para a eleição de quem pelos seus sentimentos anti-religiosos e anti-patrióticos, vá, no desempenho das funções que lhes forem confiadas, tornar-se nocivos a Religião e a Pátria. A todo brasileiro compete empenhar-se no bem estar real da nação, pela escolha dos mais dignos para os mandatos sociais, [...] e o eleitor católico, a qualquer partido que pertença, deve ser acima de tudo, católico e tal não lhe é lícito contribuir com seu voto, para a escolha de um inimigo da Religião, que no exercício do cargo virás, por certo, hostilizá-la. (MELO, 28 de nov. 1932).

Na Circular, o Dom Severino esclarecia as finalidades da criação da associação católica no Piauí, entre as quais estavam o alistamento do maior número possível de eleitores para que pudessem votar nos candidatos comprometidos com as causas defendidas pela igreja católica. No Piauí, a Liga Eleitoral Católica foi ativa durante todo o processo eleitoral e empreendeu uma campanha para que os católicos participassem da eleição. Ao se reportar para esse contexto piauiense, Mary Angélica Tourinho (2015, p. 134) assinala que “A Ação Católica contava com ativistas em Parnaíba, ligados a instituições religiosas e educacionais que se mobilizavam em favor dos princípios defendidos pela Igreja Católica”. Ozias Correia foi um desses ativistas em Parnaíba, juntamente com o grupo de católicos que faziam parte das associações de leigos ligadas à igreja católica no período estudado.

A Liga Eleitoral passou a divulgar, nos jornais, os locais dos postos de alistamento para os católicos, como podemos ver pela publicação do *Diário Oficial* de 26 de abril de 1934:

Da secretaria da LIGA ELEITORAL CATÓLICA pedem-nos tornemos público que se acha funcionando provisoriamente á rua Eliseu Martins, 5, o seu POSTO DE ALISTAMENTO ELEITORAL, o qual funcionará diariamente das 8 às 11 horas.

Todos os católicos encontrarão ali, todos os esclarecimentos e facilidade para promoverem o seu alistamento.

Teresina, 24 - abril-1934. (DIARIO OFICIAL, 26 de abr. de 1934, p. 1).

A manutenção e a divulgação dos locais dos postos de alistamento foi uma das estratégias da Liga Eleitoral Católica para garantir que os católicos realizassem o alistamento e, assim, pudessem votar nos candidatos apoiados e indicados pela associação católica no estado. Cumpre notar que os membros da Liga Eleitoral Católica não se apresentavam como um partido político. Em nota publicada no *Diário Oficial*, de 13 de agosto de 1934, esclareciam o que foi considerado o “verdadeiro espírito” da Liga Eleitoral Católica:

Estamos próximos a novas eleições de importância para cada Estado, porque teremos de escolher os elaboradores de suas constituições; indispensável é que os eleitores católicos estejam bem a par de suas responsabilidades para agir com segurança e acerto.

Não é menos indispensável fazer cessarem os vãos temores e escrúpulos que seriam louváveis se não se firmassem em uma má compreensão dos deveres políticos partidários, dos deveres cristãos e do que pretende a Liga Eleitoral Católica.

Sempre coerente com sua organização, continua esta com não partido político. Conformar expressão do nome que escolheu, poder-se-ia dizer: - a união dos católicos sob o ponto de vista político, para defesa dos direitos da Religião, que são os direitos de Deus, perante a administração do país.

Colocando-se acima dos partidos, não lhe fica bem fazer com estes aliança ou parceria.

Ciosos como são os partidos, do próprio valor político, pretenderia dele dispor como elemento subsidiário para o bom êxito de seus projetos, e auxílio seguro para vitória certa contra os adversários.

Tendo em vista a defesa dos direitos de Deus e da Igreja e a maior grandeza da Pátria, inseparáveis entre si, dispondo de maiores elementos em valia e número, seria trair-se a si mesma, pôr-se a serviço das forças menores e de aspirações por vezes não tão nobres.

Para melhor conservar essa posição não entra em competições de mando, nem busca por iniciativa própria os cargos eletivos; não apresenta candidatos; estuda os predicados dos candidatos dos partidos ou avulsos e orienta os eleitores católicos na distribuição de seus votos, dizendo-lhes em quem podem votar sem ferir a consciência. (DIÁRIO OFICIAL, 13 ago. 1934, p. 1).

A nota reflete as inquietações de Dom Severino com a criação da nova Constituição para o Piauí. Por isso, a preocupação com a eleição de 1934, pois os candidatos eleitos seriam aqueles que iriam elaborar a nova Constituição. Cientes da importância do papel do Legislativo nesse processo, eles se empenharam em mobilizar os católicos a votarem em candidatos comprometidos com o que a igreja católica considerava como “os direitos de Deus, da Igreja” para a “grandeza da Pátria”, independente do partido político do candidato.

Após os registros das candidaturas no Tribunal Regional Eleitoral, a Liga Eleitoral Católica, por meio de uma nota publicada no *Diário Oficial*, esclarecia aos piauienses sua posição em relação ao apoio dado aos candidatos do Partido Nacional Socialista, acompanhado da lista com seus nomes, para quem a Liga Eleitoral pedia o voto aos católicos:

A Liga Eleitoral Católica, neste Estado, seguindo as instruções da Junta Central, de Abril de 1934, confirmadas pelas de 6 de junho do corrente ano, em perfeito entendimento com o Partido Nacional Socialista do Piauí, apresenta e recomenda aos seus eleitores e a todos os católicos a chapa infra dos candidatos a serem sufragados na eleição do dia 14 do corrente mês.

Por esse entendimento e essa recomendação, nada perde a Liga de sua posição que deve ser acima de todos os partidos, porque foram atenciosamente tomadas em consideração todas as sugestões; não perde sua condição de independência; porque com apresentação de alguns nomes, nenhum compromisso partidário tomou, e não se devia de sua finalidade que é a defesa dos direitos da Igreja, porque todos os candidatos como católicos, se propõem e comprometem a defender com eficácia esses direitos.

Tal ato não equivale absolutamente a sua negação de que entre os outros que também se candidatam haja católicos fieis sinceros e distintos que bem desejaria ela recomendar, mas apenas o Partido Socialista se dignou a ouvi-la na organização de sua chapa e não é dado a apresentar nomes em número superior aos cargos, por estas razões, pois, com pesar, deixa de fazê-lo. (LIGA ELEITORAL ...*Diário Oficial*, 8 de out. 1934, p. 5).

Entre os candidatos que disputavam as vagas na Assembleia Legislativa no Piauí, estavam os parnaibanos: José Narciso da Rocha Filho, Acrísio Furtado e Ozias de Moraes Correia, ambos do Partido Nacional Socialista do Piauí. O fato de ter seu nome entre os candidatos indicados pela Liga Eleitoral Católica mostra o compromisso em defender os ideais da igreja católica firmado por eles, no Piauí. Pelo envolvimento nas eleições de 1934, Alcides Nascimento assinala que “no Piauí, [...] A Liga Eleitoral Católica também se transforma em partido político, embora não com a mesma força que a cearense” (NASCIMENTO, 1994, p. 106).

Foi em meio a esse movimento da igreja católica, com apoio da Diocese do Piauí que Ozias Correia fundou o Ginásio São Luiz Gonzaga. Como deputado estadual, membro e presidente de associações de leigos e da tradicional família católica Moraes Correia, ligados a empresas de importação e exportação em Parnaíba, também recebeu apoio da elite comercial, política e intelectual da qual fazia parte.

Pelas práticas nas áreas da política, religião, educação e economia, a escritora parnaibana Aldenora Moreira (2011), incluiu Ozias Correia entre as “personalidades atuantes da história de Parnaíba”, e o apresenta como pioneiro na cidade:

O primeiro cidadão a possuir automóvel;

Rádio amador – contou, firmemente com sua cooperação; montou uma estação e assim se comunicava com o resto do país [...]
 Chegando em Parnaíba a Ordem Terceira de Franciscanos, Ozias recebeu o hábito das mãos do Frei Heliodoro, tornando-se Terceiro Franciscano.
 Tornou-se membro da sociedade de São Vicente de Paula, amparo aos pobres; Construiu por conta própria uma vila – “Vila Fernando” para amparo aos idosos, e mantinha a distribuição, oferta da firma Moraes & Cia., cestas básicas e, aos domingos, voluntários a visitavam;
 Foi presidente do Conselho Central Diocesano, em todo o Brasil; [...].
 (MOREIRA, 2011, p. 78).

Ozias Correia tem sua biografia vinculada à causa religiosa. Quando criança, foi enviado junto com seu irmão Jozias de Moraes Correia para completar os estudos na Europa. Criado e educado no seio de uma família católica, ao retornar para Parnaíba, envolveu-se de forma direta com as ações da igreja católica em meio ao movimento da Neocristandade. Fundou e presidiu associações de leigos, preocupando-se com a educação escolar da juventude masculina, como expressou João Paulo dos Reis Veloso, em sua autobiografia:

Um parêntese para explicar por que havia um colégio tão bom numa cidade como Parnaíba. Um dos irmãos da família Moraes, o sr. Ozias, no final dos anos 1930, achou que Parnaíba precisava de um colégio muito bom para seus filhos e contratou professores do Ceará, vários deles ex-seminaristas como esse professor José Rodrigues. Assim, surgiu o Instituto, depois Ginásio São Luiz, realmente de boa qualidade. Se pensarmos nas principais matérias, matemática e português, vemos que era um bom colégio, mesmo comparado com os melhores de hoje do Rio de Janeiro. (D'ARAUJO; CASTRO, 2004, p. 24).

Para a fundação da escola católica masculina, Ozias Correia recorreu aos amigos no Ceará, a fim de conseguir professores com o perfil desejado por ele, para atuarem em seu corpo docente. Por esse motivo, foi do Ceará que vieram os primeiros professores que, juntamente com membros do clero parnaibano, atuaram no Instituto São Luiz Gonzaga nas primeiras décadas de funcionamento.

Em seus registros autobiográficos, considerados importantes fontes para a compreensão dos processos escolares (LOPES, 2006), José Nelson de Carvalho Pires³³, egresso da segunda turma do curso ginasial que, no final da década de 1940, ingressou no corpo docente da Instituição, permanecendo até a década de 1960, ressalta o que considerou “nomes importantes na história de Parnaíba e respectivas datas comemorativas” (PIRES, 2005, p. 35). Entre eles consta o nome de Ozias Correia. Vejamos:

³³ De acordo com o livro de Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, José Nelson de Carvalho Pires nasceu em Barras-PI, em 13 de maio de 1924, filho de Nelson Pires Alves e Adalgiza de Carvalho Pires Alves. Foi admitido no Ginásio São Luiz Gonzaga em 1º de março de 1946, na função de professor, onde trabalhou até a década de 1960.

Até o fim do ano de 1936, em Parnaíba, existiam apenas dois colégios com autorização do ministério da educação para ensinar e preparar alunos que desejavam fazer o curso “Ginasial”, e eram colégios destinados a quem tinha condição de pagar mensalmente, GINÁSIO PARNAIBANO e o GINÁSIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS.

Em 1937, Ozias de Moraes Correia, membro de tradicional família católica, solicitou autorização para criação de um colégio denominado INSTITUTO SÃO LUIZ GONZAGA, e passou a funcionar no Centro Católico [...] vi nascer e acompanhei os primeiros passos do Instituto São Luiz Gonzaga, atual COLÉGIO DIOCESANO. (PIRES, 2005, p. 75).

Em sua narrativa, Pires (2005) apresenta as instituições de ensino secundário em Parnaíba, as quais, em 1936, ofertavam o curso ginásial e ressalta a ação de Ozias Correia ao fundar a escola que inicialmente se chamou Instituto São Luiz Gonzaga e, a partir de 1939, passou a figurar entre as escolas de ensino secundário.

A atuação de Ozias Correia no campo educacional também foi ressaltada pelos organizadores do *Livro do Centenário de Parnaíba* (1945), que dedicou o capítulo VIII à Saúde, à Educação e ao Ensino no município. No que diz respeito aos aspectos históricos³⁴ da educação em Parnaíba, os dados foram divididos em: ensino primário municipal, ensino primário estadual e ensino secundário. Entre as escolas de ensino secundário existentes em Parnaíba, no ano de 1945, estava o Ginásio São Luiz Gonzaga:

Fundado em março de 1937 sob os auspícios do Sr. Ozias de Moraes Correia, que jamais mediu sacrifícios para bem servir sua terra, o “Ginásio São Luiz Gonzaga” é uma das múltiplas realizações que tem levado a todos os recantos do Brasil o glorioso nome de Parnaíba.

Obedecendo rigorosamente a um plano *pedagógico-religioso* que serviu de alicerce a sua instalação, tornou-se, logo, um *viveiro de inteligências juvenis*, e centro de renovação educacional no Piauí, razão por que conquistou, prontamente, o apoio e a admiração das *distintas famílias parnaibanas*. (CORREIA; LIMA, 1945, p. 164 – grifos nossos).

No livro *Joaquim Custódio e um ensaio sobre a Educação em Parnaíba* (2004), Sólina Santos (2004) faz referência à fundação do Ginásio São Luiz Gonzaga e destaca o plano pedagógico-religioso desenvolvido pela instituição.

Transcorria o ano de 1937. Estava se realizando em Parnaíba (Piauí) um movimento de caráter educacional que tencionava criar uma escola particular obedecendo a um plano *pedagógico-religioso*, a fim de cobrir a escassez do ensino local.

³⁴ No prefácio do livro do Centenário da Parnaíba (1945), os organizadores deixam claro aos leitores que, para a organização do livro foi expedida “uma circular a todas as associações, educandários, repartições públicas, etc., etc., existentes na cidade. De conformidade com os dados recebidos é que se escreveram as páginas do livro. Assim, pois, posso afirmar que as notícias históricas estão absolutamente certas” (CORREIA; LIMA, 1945, p. 16).

Existia, nessa época, o Centro Católico de Parnaíba, sociedade surgida em 17 de julho de 1922, por iniciativa de Armênio Salgado e Carlos Bacelar, [...]. Em 1937, presidia essa associação Ozias de Moraes Correia que, conhecendo a precária situação do ensino local, criou uma escola primária dando-lhe o nome de Instituto São Luiz Gonzaga. (SANTOS, 2004, p. 21 – grifo nosso).

Nas obras mencionadas, os autores são parnaibanos e contemporâneos de Ozias de Correia, conheceram-no e conviveram com ele. Benedito dos Santos Lima, editor do *Almanaque da Parnaíba*³⁵ e cujos filhos frequentaram o Ginásio São Luiz Gonzaga, destaca a importância da fundação da escola e seu plano educacional, classificado como pedagógico-religioso.

Pelas atividades realizadas na área educacional em Parnaíba, Ozias Correia foi homenageado com nome de uma rua no bairro Reis Veloso, de uma escola da Rede Estadual de Ensino do Piauí. Foi homenageado pela Prefeitura Municipal de Parnaíba com Decreto nº 604 de 21 de agosto de 2007, com a medalha do Mérito Municipal “*in memoriam*”, pelo Governador do Estado do Piauí que, pelo Decreto nº 10.632 de 14 de agosto de 2000, concedeu-lhe o título de Grão-Mestre da Ordem Estadual da Renascença do Piauí no grau de Comendador (*Post Mortem*). Pelas ações realizadas na Igreja Católica, recebeu em 12 de novembro de 1964, o título de Comendador da Santa Sé, da Ordem de São Silvestre Papa, título dado aos católicos que se destacaram no exercício de suas práticas religiosas.

2.2 A “modernidade” e os princípios católicos em Parnaíba-PI

Na primeira metade do século XX, a cidade de Parnaíba vivia sob o signo do “progresso”. A partir do contato com países como França, Inglaterra, entre outros, proporcionados pelas relações comerciais, a cidade, que passou a ser o principal empório comercial do estado, recebeu influência estrangeira com a incorporação de novos hábitos e costumes, considerados “modernos”. Assim, nas primeiras décadas do século XX, os parnaibanos passaram a conviver com a chegada da luz elétrica, práticas esportivas como o futebol, sociabilidades como o cinema e o clube social. O espaço urbano foi modificado com a construção da ferrovia, a chegada dos primeiros automóveis e bicicletas, entre outras novidades, (REGO, 2013) que passaram a fazer parte do cotidiano, num período caracterizado como *belle époque* parnaibana. (SILVA, 2012).

³⁵ Cf. SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de. **Almanack da Parnahyba**: desejo de modernidade sob o véu da barbárie em Parnaíba – Piauí (1924- 1941). 201 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia, 2018.

Entre os elementos apontados como modernos que passaram a fazer parte das sociabilidades de Parnaíba, destacamos o cinema. De acordo com Teresinha Queiroz (2008),

Os reclames e as notícias sobre o cinema nas primeiras décadas do século XX associavam-no ao mundo moderno, como forma de lazer respeitante à toda “sociedade universal” [...] Era também focalizado enquanto diversão do futuro e, em interface com a religião, era visto como invento diabólico, responsável pela crise social e econômica das famílias, pelas levas de suicídio e crimes no período e por outros comportamentos mórbidos e espetaculares. (QUEIROZ, 2008, p. 52-53).

Para a igreja católica, o cinema representava uma ameaça para a sociedade e, portanto, alertava seus fiéis sobre os perigos desse “invento diabólico” e as influências exercidas sobre a juventude. Ao discutir as práticas discursivas eclesiais da igreja adotadas no Piauí e suas prescrições para manter o ordenamento social dentro dos princípios católicos, Luciana Pereira (2008) afirma que o cinema estava entre uma das preocupações da igreja católica. Em suas palavras,

As preocupações da Santa Sé com os efeitos do cinema no comportamento dos fiéis se intensificaram, no início da década de 1930, em que Pio XI, com a publicação da Encíclica *Vigilanti Cura*, apontava que o cinema era um dos veículos de comunicação de relevante alcance social, por ser um tipo de divertimento popular e por ser acessível também aos analfabetos, devido a sua mensagem através das imagens, o que dota o cinema de um poder de abstração e entendimento maior do que a leitura e a música. (PEREIRA, 2008, p. 208).

Na década de 1930, quando o Papa Pio XI lançou a encíclica *Vigilanti Cura*, a Diocese do Piauí era governada por Dom Severino (1924-1944), apontado por Pereira (2008) como responsável pelo movimento de restauração católica³⁶ no Piauí. Na época, a igreja de Nossa Senhora das Graças de Parnaíba tinha como pároco o padre Roberto Lopes Ribeiro que, com apoio da sociedade parnaibana, colocava em prática as ações empreendidas por Dom Severino Vieira, dentre as quais citamos a fundação do jornal católico *O Sino*. Em Parnaíba, o jornal católico era dirigido pelo padre Roberto Lopes e apresentado como “órgão da paróquia de Parnaíba – com aprovação eclesial”. Com circulação dominical, era possível acompanhar ações empreendidas por associação de leigos locais, como: Centro Católico de Parnaíba, Congregação Mariana dos Moços de Parnaíba, Congregação Mariana de São Luiz de Gonzaga,

³⁶ Para saber mais sobre o movimento de restauração católica no Piauí Cf. PEREIRA, Luciana de Lima. **A Igreja Católica em “tempo mundanos”**: a luta pela construção de uma neocrisandade em Teresina (1948-1960). 242 f. Dissertação (mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

Associação da Infância Levítica, Círculo Proletário São José, Pia União das Filhas de Maria, Associação do Coração de Maria, Sociedade de São Vicente de Paulo.

Na década de 1940, além do diretor, o jornal tinha o cargo de gerente, exercido pelo padre Áurea José R. de Oliveira. Com o slogan “jornal de orientação católica”, orientava a sociedade parnaibana sobre o comportamento, a educação dos filhos e a escolha dos candidatos a serem votados pelos católicos, livros a serem lidos, entre outras recomendações.

Em consonância com as orientações do bispado, é possível perceber reações do clero parnaibano frente às inovações chegadas em Parnaíba, em especial o cinema e as mudanças provocadas nas relações sociais, pelo “conjunto de lembranças” construídas por meio da produção escrita na forma de autobiografias, pela qual os autores enquadram³⁷ suas memórias, livros de crônicas abordando relatos sobre as formas de relacionamento entre os parnaibanos e as novidades modernas.

Cabe destacar os registros de Renato Castelo Branco³⁸ na obra *Tomei um Ita no Norte: memórias*, na qual narra acontecimentos sobre Parnaíba na década de 20; Goethe Pires de Lima Rebelo, em sua autobiografia intitulada *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba Antiga*, na qual registrou suas vivências e experiências na década de 1930. Sobre a construção da memória, Ecléa Bosi afirmou que “o conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado” (BOSI, 2003, p. 54).

Em suas reminiscências, Renato Castelo Branco narra que, quando já estava morando no Rio de Janeiro e assistiu ao filme *Bye Bye Brazil*, de Cacá Diegues, recordou-se do seu tio Borges:

No filme *Bye Bye Brazil* de Cacá Diegues, Joifre Soares interpreta, numa cena muito breve, a figura de um proprietário de cinema ambulante. Não pude deixar de pensar em tio Borges, Antonio Borges Machado, marido da minha tia Yayá, e seu cinema ambulante, instalado num caminhão, que percorria as cidades do interior do Piauí, na década de 1920.

³⁷ O conceito utilizado aqui foi formulado por Michel Pollak, segundo o qual o trabalho de enquadramento de memória consiste na apropriação e no recorte desta por determinados grupos ou sujeitos, com o objetivo de lhe imprimir um determinado sentido; ato de violência simbólica que visa moldar a memória sobrepondo-lhe imagens determinadas e carregando-lhe de uma significação pretendida, através de silenciamentos manipulados. Cf.: POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 1, p. 3-15, 1989.

³⁸ O literato piauiense Renato Pires Castelo Branco nasceu em Parnaíba, em 12 de setembro de 1914 e faleceu em São Paulo em 1995. Filho de Francisco Ferreira Castelo Branco e Ormindia Pires de Lima Rebelo. Realizou o curso Ginásial no Ginásio Parnaibano. Em 1933, mudou-se para Rio de Janeiro, onde estudou na Faculdade Nacional de Direito. Cf: BORGES, João Carlos de Freitas. **A construção d'Acivilização do couro: Renato Castelo Branco e o Piauí em tempos de Estado Novo**. 178f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

O cinema do tio Borges, ao contrário do *Bye Bye Brazil*, não tinha a concorrência da televisão. Era absoluto, único, precursor. Nos vilarejos onde chegava era um acontecimento, uma abertura para o mundo, uma visão de terras distantes, de mulheres inatingíveis, de bandidos, de heróis, de vida. Onde chegava tio Borges e armava sua tela no meio da praça pública, tornava-se desde logo o grande fato, a grande atração, o acontecimento social, cultural, mundano.

Às vezes surgiam problemas com os padres, com as beatas, com as famílias mais conservadoras, se algum filme mais ousado mostrava uma Teda Bara ou Glória Swanson mais sobre o sensual. (CASTELO BRANCO, 1981, p. 54).

Conforme a narrativa de Castelo Branco (1981), na década de 1920, os filmes eram exibidos nas praças públicas das pequenas cidades e os padres, preocupados com as influências exercidas pelo cinema sobre o comportamento da sociedade, em especial a juventude, reagiam de forma contrária as exibições classificadas por ele como “mais ousadas”.

Goethe Pires de Lima Rebelo [198-], outro parnaibano que se recorda da forma como a igreja católica, tendo como representante o padre Roberto Lopes, comportou-se diante das novidades advindas da modernidade e ofereceu resistência, mesmo que passageira, à implantação da luz elétrica na Igreja de Nossa Senhora das Graças:

Naquele tempo, a rede elétrica recém implantada pelo Cel. José Narciso da Rocha Filho, Digno Intendente Municipal, como se chamava então o Prefeito – ainda não conquistara a aprovação total dos munícipes, porque alguns eternos “do contra”, que existem em todas as épocas e em todos os lugares, achavam absurdo uma inovação tão perigosa, inventada por um maníaco americano chamado Thomas A. Edson; e não queriam desativá-los e gastar mais dinheiro com uma instalação elétrica nova.

A nossa querida Igreja de Nossa Senhora das Graças, atual Catedral do Bispado de Parnaíba, estava “com um pé” em cada opinião.

Primeiro porque a mentalidade conservadora que o jovem padre Roberto Lopes “ganhara” no Seminário, não lhe favorecia aceitar afoitamente qualquer “modernice”.

Segundo porque a instalação do gasômetro e as luminárias de bico de gás de carbureto, custaram muito sacrifício físico e financeiro às fieis devotas da paróquia. Para tanto, abarrotaram as barraquinhas das inúmeras quermesses que promoveram num “rosário” interminável de novenas, com bolo de fubá, alfenim, rebuçado de gengibre, tijolo de laranja, rolete de cana, castanha de caju embrulhada em calada de açúcar refinado, e muitas outras guloseimas típicas da terra. Só em pensar ter que repetir tudo isso, tirava o sono do nosso querido Padre Roberto. (REBELO, [198-], p. 85).

Além das tradicionais missas de domingo e o passeio na Praça da Graça, os parnaibanos passaram a frequentar o Cine Teatro Éden. No cinema, assistiram à exibição de filmes, espetáculos teatrais, lutas de boxe, dentre outras atividades culturais. Para Josenias Silva (2012, p. 39), “o cinema firmou-se no cotidiano das cidades como uma expressão da vida

moderna, pois além de fazer frente ao teatro, ele se tornou um elemento chave para a divulgação da moda, de um novo repertório gestual, de falas e comportamentos”.

Nas primeiras décadas de século XX, os parnaibanos passaram a conviver com esse elemento da modernidade, espaço de diversão e meio de comunicação, entretenimento e lazer. Eles passaram a frequentar suas salas, especialmente nos finais de semana. Diante do grande número de adeptos, o cinema passou a ser alvo de controle, não apenas do Estado, mas também de setores como a igreja católica que, em Parnaíba, desenvolveu ações como a fundação do Centro Católico que, visando à vigilância de seu uso, na defesa de princípios e preservação de valores morais, fundou o Cinema Apolo, localizado na Praça da Graça, sob a censura do padre local (TOURINHO, 2015).

Em suas reminiscências, Maria Helena Correia Maia atribui a fundação do cinema católico em Parnaíba a Ozias Correia:

Em Parnaíba só existia um cinema e Ozias constrói outro, onde todas as fitas são criteriosamente analisadas, pois Ozias só permitia que passassem filmes que não atentassem contra os bons costumes. Nessa época, os filmes eram mudos, tendo apenas as legendas. Então, ele conseguiu que sua prima, Maria do Rosário, uma pianista maravilhosa acompanhasse o filme fazendo o fundo musical. (MAIA, [s.d], p. 33-34).

Nas reminiscências de Goethe Pires de Lima Rebelo [198-], na década de 1930, a cidade dispunha de três cinemas: o Cine Teatro Éden, o Apolo, e o Cinema Palace. Sobre o cinema Apolo, o cronista relata: “pertencia a Paróquia que, por inspiração partidária, mudou-lhe o nome mais adequadamente para Cine Teatro Pio XI [...]” (REBELO [198-], p. 59). A troca de nome do cinema católico parnaibano é reveladora em relação à tomada de consciência do poder exercido por esse meio de comunicação sobre o comportamento das pessoas. Apolo é o nome de um deus da mitologia greco-romana e a Igreja não achou conveniente manter o nome de um deus grego para um cinema católico, mudando para o nome do Papa Pio XI.

Ao longo de seu registro memorialístico sobre os cinemas parnaibanos, Rebelo [198-] avalia que o cinema católico, “começou muito bem, apresentando ótimos filmes de comédia fina. Foi o primeiro a inaugurar o cinema falado em Parnaíba, no ano de 1932, com o filme “Fantasias de 1980”, musical cômico tendo como figura central o famoso EL BRENDEL”. (REBELO [198-], p.59). Além do filme *Fantasia de 1980*, Rebelo [198-], aponta outras películas apresentadas nas salas do Cine Teatro Pio XI, “outros filmes notáveis, seguiram-se o vertiginoso desenvolvimento da indústria de Hollywood: - Zigfried Follies, musical maravilhoso biografando a vida do famoso empresário teatral, Zigfried; - Cabana do pai Tomás,

drama retratando a brutalidade da escravidão do Centro-Sul dos E.E.U.U” (REBELO, [198-], p. 59).

As ações de controle e censura praticadas pelo padre Roberto Lopes Ribeiro, durante as projeções dos filmes, foram apontadas por Rebelo [198-] como responsáveis por afastar o público do Cine Teatro Pio XI. Segundo ele,

O Pio XI aos poucos foi perdendo sua boa clientela, devido à caturrice do bom e ingênuo Padre Roberto Lopes que, imaginando proceder certo, colocava-se no salão de projeção e punha a mão aberta sobre o feixe de luz (projetos das imagens), em cenas que tivessem beijos. Filmes com cenas um pouco mais avançadas eram, de pronto, rejeitados como imorais. Não teve vida muito longa. (REBELO, [198-], p. 59).

A censura realizada pelo padre Roberto Lopes reflete o posicionamento da igreja católica frente às novidades que passaram a fazer parte do cotidiano dos parnaibanos. Para Pereira (2008, p. 208), “a igreja apresentava os filmes, o cinema como um instrumento de cultura moderno, que poderia ser usado para o “bem” com a propagação de valores católicos, quando também para o “mal” em que se encontravam filmes que influenciavam negativamente a juventude, o grande alvo do mercado cinematográfico”. Assim, os grupos católicos da cidade viam nas novidades do mundo moderno uma ameaça à formação moral dos jovens, grupo que, na visão da igreja, demandava atenção, vigilância e cuidado com os vícios e paixões que o cinema poderia despertar, especialmente na população masculina.

As práticas religiosas do padre Roberto Lopes também tiveram lugar nas reminiscências de Castelo Branco (1981), que intitulou de “As quatro versões de Deus”, o texto em que faz uma descrição sobre as práticas do padre:

Meu irmão Maurício, general do exército, diz com humor de soldado que o padre Roberto foi o último padre verdadeiro do Piauí. Os outros eram padres CPOR. Creio que ele quer com isso estabelecer uma equivalência entre os oficiais da reserva, de formação civil e os padres mais liberais e humanos das novas gerações, os filhos de João XXIII.

Padre Roberto era da escola antiga, daquela igreja filha do Velho Testamento, feita de trovões, raios e punições. Tinha o fanatismo de Savonarola e não a piedade de Poverello de Assisi. Seus sermões eram ameaças do Satanás, inferno e sofrimento. Via o mundo através das lentes do pecado e do mal. Enfurecia-se ante os olhares amorosos dos jovens casais. E brandia as fúrias de sua religião intolerante, ameaçando céus e terras. (CASTELO BRANCO, 1981, p. 94)

Renato Castelo Branco e Goethe Pires de Lima Rebelo, “testemunhas oculares” de acontecimentos ocorridos na cidade nas primeiras décadas do século XX, relatam reações contrárias e favoráveis aos elementos da modernização em voga na cidade, especialmente por

parte igreja católica, que não via com bons olhos as mudanças nos costumes, nas maneiras de ser e viver em sociedade e orientava a conduta por meio do periódico católico sobre o que era apontado pela igreja como riscos e perigos como o do álcool, considerado como um “veneno que deve ser evitado por todos, pois é o mais terrível inimigo da felicidade e da prosperidade de um povo” (O PERIGO...*O Sino*, 21 de set. 1945, p.3) e tudo que pudesse comprometer a moral, a religiosidades e a sociedade.

Assim, procuravam conviver com as novidades, preservando valores que lhes eram caros, entre eles a religiosidade, principalmente para as crianças, cobrando das famílias o envio dos filhos ao catecismo e a participação na associação Infância levítica com o seguinte questionamento: “A senhora inscreveu seu filhinho na INFANCIA LEVITICA? Inscreva-o antes que ele vire o miolo no vespéral, escola perniciososa que seu filhinho não devia frequentar” (A SENHORA ... *O sino*, 5 de set. 1943, p. 2).

Além das preocupações com o comportamento e a santidade dos católicos, o avanço do comunismo estava no centro das preocupações da igreja católica. Em 1945, o jornal católico *O Sino* publicou nota do “Governo Diocesano - Instruções”, assinadas por Dom Severino, dirigindo-se ao clero e os fiéis das dioceses de Teresina, Parnaíba e Oeiras:

Ao Revmo. Clero e fiéis desta Diocese de Teresina, e das Dioceses de Parnaíba e Oeiras, paz e benção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

As forças partidárias do país representadas durante oito anos pela barragem do golpe de Estado que estabeleceu entre nós o regime de governo forte, irrompeu agora com ímpeto, e se vão espalhando aceleradamente pelo campo político nacional. Sob títulos diversos apresentam-se grupos e partidos. Mas infelizmente não se pode dizer, como seria para desejar, que há em todos uma nobre, uma ação para fazer à Pátria maior bem, buscar o seu maior progresso e a sua maior grandeza. Há confusão desorientadora, e delas se aproveitam os pescadores de águas turvas para a propaganda de ideias subversivas contra a fé, porque se dizem sem Deus; contra a sociedade, porque combatem a instituição da Família, e contra a Pátria, porque a pretendem submeter às leis e ao regime de uma nação estrangeira.

Tal é o comunismo com as suas ideias e as suas doutrinas.

Pouco importa que, deixando as táticas antigas, se apresentam agora com ares de indiferença religiosa, afavelmente democráticos e infenso a qualquer violência. É o lobo trajando de cordeiro. [...].

O comunismo é expressamente condenado pela Igreja como intrinsecamente mau: não pode pois o católico ser comunista nem por qualquer forma cooperar com o comunismo. [...]

Em tais circunstâncias, a indiferença seria um crime contra a Fé e contra a Pátria. Situacionistas e oposicionistas de qualquer matriz, somos antes de tudo católicos e brasileiros. A senha – Pela Religião e Pela Pátria – [...] A arma da ocasião é o voto: todos se devem fazer eleitores, ainda aqueles que a lei dispensa, mas não proíbe.

Os candidatos até agora apresentados para a Presidência da República, pelo que deles conhecemos, e pelos seus manifestos já publicados, fazem jus aos

votos dos católicos. O mesmo, porém, não podemos dizer quanto aos demais que pleiteiam cargos administrativos ou representativos, estaduais ou federais, por não serem ainda publicamente conhecidos. Aguardemos a oportunidade para uma orientação segura.

Os Revmos. Párocos e demais Sacerdotes, abstraída toda simpatia política ou partidária, segundo a mente da Igreja e as disposições [...] instruem os fiéis sobre a importância do voto e de sua necessidade no momento, e procurem facilitar quanto possível o alistamento eleitoral. [...]

Teresina, 27 de agosto de 1945

+ Severino – Bispo de Teresina (GOVERNO...*O Sino*, 02 de set. 1945, p. 1)

Dom Severino demonstra preocupação com as eleições de 1945 e alerta para a propagação de ideias subversivas atribuídas ao comunismo, consideradas uma ameaça à fé, à pátria e à família. Reforçou a posição da igreja em relação ao comunismo e justificou o envolvimento da igreja católica nas eleições, conclamando os católicos a votarem em candidatos cujas posições políticas fossem contrárias ao comunismo. As instruções dadas aos padres para que orientassem os fiéis sobre a importância do voto e facilitassem o alistamento eleitoral. Assim, a igreja católica no Piauí tomou suas posições e se envolveu nas eleições com a finalidade de combater o avanço do comunismo na sociedade piauiense.

Além das associações de leigos, a fundação da escola católica masculina, no final da década de 1930, fez parte do movimento católico instaurado no Piauí por Dom Severino. A escola foi apresentada como uma instituição alicerçada numa base educacional de fé católica e na pedagogia moderna, cuja finalidade era oferecer uma educação sadia, instrução perfeita e completa para a juventude parnaibana. A escola fundada por Ozias Correia estava ancorada nos preceitos da igreja católica, com práticas, regras e normas aplicadas por professores, em sua maioria, educados em seminários, com a finalidade preparar os jovens parnaibanos para dar continuidade ao progresso na cidade, espelhando-se em homens, como os sócios do Centro Católico que além de proprietários de firmas comerciais de importação e exportação, faziam parte de associações de leigos, rendiam devoções a santos, que inspiraram o nome da escola, defendiam a família, a fé católica e a pátria.

Assim, o curso ginásial no Ginásio São Luiz Gonzaga estava pautado na oferta de uma educação intelectual, religiosa, moral e patriótica para a juventude parnaibana, considerado por José Nelson Pires (1947, p. 23) “um símbolo de esforço, abnegação e amor à pátria”. Sua fundação foi apresentada pelo *Almanaque da Parnaíba* (1938) como “uma necessidade que se impunha, em nosso meio e realizou-a a boa vontade do Sr. Ozias Correia, representante legista na Assembleia Legislativa Estadual e católico de atitudes nobres e edificantes, que se tem

constituído um grande benfeitor de Parnaíba” (INSTITUTO...*Almanaque da Parnaíba*, 1938, p. 75).

Além da localização e as “atitudes nobres e edificantes” de seu fundador, o editorial informou sobre as condições de funcionamento da escola:

Funciona sob a vigilância e superior direção do jovem professor José Rodrigues e Silva, conta já com regular número de alunos e pode considerar-se uma empresa vitoriosa, tal a simpatia de que vai desfrutando em nosso meio social. Ali vigia-se não só pela instrução, como também, e sobretudo, pela boa educação da criança. Ao que estamos informados, no corrente ano, o “Instituto” terá organizado todo o Curso Primário, inclusive o de admissão, e contará com especializado corpo docente. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1938, p. 75).

Ancorada nos princípios da moral cristã, a escola defendia a oferta da educação religiosa obrigatória para todos os cursos, como um saber importante para moldar a conduta e comportamento de seus alunos:

Art. 27 – O Instituto terá um assistente eclesiástico, que será indicado pelo Sr. Bispo Diocesano ou pelo Vigário da Freguesia.

Art. 28 – O ensino da Religião competirá a esse assistente, que poderá, [...], acercar-se de auxiliares da sua confiança.

Único – Considerando a preeminência da Religião Católica e a salutar influência que os sentimentos cristãos exercem sobre o caráter do indivíduo, conduzindo-o à perfeição, o Instituto não aceitará alunos que se queiram eximir do aprendizado dessa disciplina. [...]

Art. 46 – As aulas de religião serão assistidas por todos os alunos do Instituto, sem distinção de ano ou série.

(ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. de 1939, p. 11).

Tal como nos Estatutos do Centro Católico de Parnaíba, constou nos Estatuto da escola a presença do Assistente Eclesiástico. No caso da escola, o documento determinava que bispo diocesano, à época Dom Severino, faria a indicação do Assistente Eclesiástico e, assim como no Centro Católico o padre Roberto Lopes, foi responsável pelo ensino da religião católica.

A escritora e professora Maria da Penha Fonte (1947), com atuação marcante na educação parnaibana, especialmente nas instituições de ensino secundário, a primeira mulher a compor o corpo docente do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga, defendia que a formação moral se dava a partir da adoção de uma pedagogia católica. Segundo ela,

Nos diversos aspectos da educação, destaca-se a importância da formação da moral. Iniciada, sem dúvida, no recesso bendito do lar – “oficina onde se burilam os santos” -, sob a meiga e edificante orientação materna, ela irá se desenvolver e aperfeiçoar na Escola. Aí então, - “nesse viveiro de paz e amor” -, debaixo da ativa vigilância da mestra, junto ao desenvolvimento intelectual, físico e social, se firma e molda o caráter humano. [...] Deve ser, pois, uma

educação com Cristo para a formação perfeita do homem; educação em que reúna e viva a Divina Unidade de Deus. [...] Somente com a religião pode haver esse equilíbrio, porque só ela será o centro e a alma da educação, a base e o cume da formação moral”. (FONTE, 1947, p. 11).

Fazia parte da formação moral e religiosa presente na cultura escolar cívico católica do curso ginásial formar um cidadão disciplinado, cumpridores de normas e regras dentro e fora do espaço escolar, de forma a imprimir nos discentes uma conduta moral e cristã frente à sociedade, assim como o combate a vícios como o tabagismo, alcoolismo, o jogo dentre outros, presentes na sociedade parnaibana:

Art. 44 – Será expressa e rigorosamente proibido fumar no educandário e suas dependências;

Art. 45 – Para evitar quebras na disciplina e transtorno na boa ordem da casa, não se permitirá saída a alunos antes das horas regulamentares, a não ser em casos extraordinários. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. de 1939, p. 11).

Aliada a formação da moral cristã e ao desenvolvimento do espírito patriótico, a disciplina foi um dos princípios educativos adotados pelo colégio. Os alunos, desde cedo, deveriam aprender a desenvolver autocontrole, a respeitar regras sociais e institucionais, dentre elas a obediência e o cumprimento aos horários de entrada e saída. A disciplina imposta ao cumprimento dos horários se estendia ao cumprimento dos deveres dos alunos em assistir especialmente às aulas de religião, que eram obrigatórias para todos os cursos e todas as idades.

A realização do projeto de formação intelectual aliado à formação religiosa, moral e patriótica, recebeu adesão da sociedade parnaibana e, em 1939, implantou a primeira turma composta por 34 alunos, a saber, 25 residentes em Parnaíba, sete em outras cidades do Piauí e dois pertenciam a outros estados. O curso fundamental correspondente ao curso ginásial era dividido em cinco séries e permaneceu assim até a reforma do ensino secundário de 1942, que instituiu, dentre outros decretos, a Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942), que culminou com mudanças como definição de conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, bem como a duração do curso ginásial que passou a ser constituído por quatro séries.

A quantidade de matrículas nos primeiros anos de implantação do curso secundário mostra que o curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga foi bem recebido na sociedade. O mesmo pode se dizer dos anos seguintes. Nos anos 1940 do século XX, a escola chegou a matricular mais de 70 (setenta) alunos na primeira série ginásial (tabela 1). Vejamos:

Tabela 1 - Número de matrículas no curso ginásial do GSLG (1939-1943)

Ano	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série	5ª Série
1939	34	-	-	-	-
1940	46	39	-	-	-
1941	73	39	32	-	-
1942	71	50	28	16	-
1943	57	53	25	22	-

Fonte: Tabela construída pela pesquisadora a partir de informações contidas: Diário Oficial (1942 e 1943); Mensagem Governamental (1940); Livro de Matrículas GSLG (1939-1959).

Após os primeiros anos de funcionamento, a escola precisou se adaptar às prescrições do Ministério da Educação e Saúde, como a mudança de nome, que passou a ser Ginásio São Luiz Gonzaga. Além disso, a partir de 1942, a instituição não pode expedir o grau de Bacharel em Ciências e Letras, pois “este ficou restrito apenas aos alunos do Colégio Pedro II, dada a criação das faculdades de Ciências e Letras no Brasil e da Universidade de São Paulo – USP” (BARROS, 2012, p. 132), expedindo apenas o certificado de licença do ensino ginásial.

2.3 A criação da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga

A adesão da sociedade parnaibana aliada ao desejo de construir uma sede própria para o Ginásio São Luiz Gonzaga fizeram com que, em 1943, Ozias Correia, juntamente com o então diretor, José Rodrigues e Silva, tomassem a decisão de fundar a Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga inicialmente composta por um grupo de 44 (quarenta e quatro) acionistas com um capital social de Cr\$ 36.500,00 (trinta e seis mil e quinhentos cruzeiros) para administrar a instituição.

A ideia de fundar a Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga para administrar a escola foi bem recebida e contou com apoio de pais dos alunos, autoridades locais, políticos, e donos das principais casas comerciais de Parnaíba. Essas pessoas tinham relações com Ozias Correia que por suas ações no meio religioso, político e econômico de Parnaíba, uma vez que ele gozava de prestígio, respeito e estima junto a seus pares, que, assim, como ele, desejavam a permanência de uma escola de ensino secundário, católica e masculina, considerando que as mulheres eram atendidas pelo Ginásio Nossa Senhora das Graças.

A Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga foi criada durante uma Assembleia Geral de Constituição, realizada na Associação Comercial de Parnaíba, em 28 de setembro de

1943, com a participação dos acionistas. Na ocasião, foram lidos e aprovados por aclamação os documentos de criação da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga, que foram arquivados, em 22 de outubro de 1943 na Junta Comercial de Piauí, em Teresina, e publicados no *Diário Oficial do Piauí*, em 31 de dezembro de 1943.

Entre os documentos aprovados pela Assembleia Geral de constituição da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga, estava o Estatuto formado por oito capítulos, contendo 40 (quarenta) artigos. O primeiro capítulo, intitulado “Denominação, sede, foro, objeto e duração da sociedade”, apresentou a criação e a finalidade da constituição da Sociedade:

Art. 1º - Sob a denominação de GINÁSIO S. LUIZ GONZAGA, S/A. fica constituída, com sede e foro nesta cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, uma Sociedade Anônima que regerá pelos presentes Estatutos e pela legislação Federal em vigor.

Art. 2º - A Sociedade tem por fim manter um estabelecimento de ensino e educação com os cursos primário, de admissão e secundário, sob a fiscalização do Governo Federal.

Parágrafo único – Considerando a preeminência da Religião Católica, e a salutar influência que os sentimentos cristãos exercem sobre o caráter do indivíduo, conduzindo-o a perfeição, o Ginásio não aceita alunos que se queiram eximir do aprendizado desta disciplina.

Art. 3º - o prazo para duração da Sociedade será indeterminado. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 31 de dez. 1943, p. 10).

Assim como o Estatuto do Ginásio São Luiz Gonzaga, o Estatuto da Sociedade Anônima deu garantias de que a religião católica seria predominante na escola, mantendo a aliança, até então existente, entre a escola e a igreja católica em Parnaíba. A manutenção da fé católica na instituição mesmo depois de criada a Sociedade Anônima demonstra que, assim como Ozias Correia, os acionistas também eram defensores da educação católica para a juventude.

Com isso, presidida por Ozias Correia, a Sociedade Anônima passou a ser a mantenedora e escolher as pessoas para ocupar os cargos na instituição, como o cargo de diretor, por exemplo, ocupado por professor José Rodrigues e Silva³⁹, desde sua fundação em 1937.

Conforme o Estatuto, “a Sociedade será administrada por uma Diretoria, composta por três (03) membros, com as categorias respectivamente, de: Diretor - Presidente, Diretor - Secretário, Diretor – Tesoureiro, eleitos designadamente pela Assembleia Geral, em escrutínio secreto” (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 31 de dez. 1943, p. 10). Uma vez eleita, a Diretoria

³⁹ De acordo com o livro de Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, José Rodrigues e Silva nasceu em 12 de dezembro de 1911 em Iguatú (lugar São José) – Ceará. Filho de Bernardo Rodrigues da Silva e Maria Auta da Silva. Foi admitido em 1º de janeiro de 1944 para a função de Diretor Tesoureiro com o horário de trabalho das 7 às 17 horas, com intervalo de 11 as 13 horas para refeição e descanso.

teria um mandato de 03 (três) anos, podendo ser reeleita. As funções da Diretoria foram apresentadas no Artigo 12, além dos atos normais da administração:

- a) – baixar o Regimento Interno;
- b) – contrair obrigações;
- c) – assumir compromissos;
- d) – adquirir, transferir, alienar bens e direitos, ou renunciar aos mesmos;
- e) – autenticar balanços;
- f) – ter sob sua guarda e responsabilidade o acervo social;
- g) – fixar dividendos e estabelecer o fundo de depreciação;
- h) – nomear, suspender ou demitir prepostos e empregados;
- i) – conceder-lhes férias e fixar-lhes vencimentos e gratificações;
- j) – executar as deliberações da Assembleia Geral;
- l) – convocar esta e bem assim o Conselho Fiscal
- m) – apresentar a Assembleia Geral Ordinária o relatório anual das atividades sociais, prestando a mesma as devidas contas;
- n) – praticar todos os atos que, por lei, não sejam privativos da Assembleia Geral. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 31 de dez. 1943, p. 10).

Além das funções gerais da diretoria, nos artigos 14, 15 e 16, o documento especificou as competências individuais de cada cargo que compunha a diretoria. Conforme o Art. 14º era atribuições do Diretor-Presidente:

- a) – representar a Sociedade, ativa e passivamente, em juízo ou fora dele;
- b) – convocar e presidir as reuniões da Diretoria;
- c) – convocar as Assembleias Gerais ordinárias e extraordinárias;
- d) – elaborar e submeter ao Conselho Fiscal, com o concurso dos demais Diretores e antecedência de 30 (trinta) dias, no mínimo, o Relatório a ser apresentado em Assembleia Geral Ordinária;
- e) – em conjunto com o Diretor Tesoureiro, praticar os seguintes atos: - emitir, aceitar, endossar, avaliar e caucionar, conforme o caso, ordens, cheques, conhecimentos de transportes, warrants, letras de câmbio, duplicatas, notas promissórias e quaisquer outros títulos de comércio ou de crédito e bem assim realizar as operações financeiras que não sejam da competência privativa da Assembleia Geral;
- f) – assinar com o Diretor Secretário, a correspondência da Sociedade. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 31 de dez. 1943, p. 10).

O Diretor-Presidente era o representante da Sociedade Anônima, com poderes para convocar e presidir as reuniões da diretoria, para apresentar o relatório contendo a prestação de contas em Assembleia Geral Ordinária, cujo convite era publicado no *Diário Oficial* do Piauí e nos jornais locais, informado dia, local e horário em que iria acontecer a reunião. Além da convocatória dos acionistas para a Assembleia Geral, entre os anos de 1943-1947, a diretoria da Sociedade Anônima, por meio de jornais locais e do *Diário Oficial* tornou público o relatório da prestação de contas.

Art. 15º - Compete especialmente ao Diretor- Secretário as seguintes competências:

- a) – Substituir o Diretor-Presidente nos seus impedimentos;
- b) – abrir, numerar, rubricar e encerrar os livros da Sociedade;
- c) – lavrar as atas das reuniões da Diretoria e das Assembleias Gerais, bem como os demais termos que se fizerem preciso;
- d) – ter a cargo o serviço de registro e transferência das Ações;
- e) – fiscalizar e assinar os pedidos de material de expediente;
- f) – propor a Diretoria as nomeações dos funcionários que julgar necessário para a boa marcha dos serviços da secretaria, com vencimentos fixados pela Diretoria;
- g) – propor e dirigir os serviços de publicidade do educandário;
- h) – assinar a correspondência oficial e particular da Sociedade, com o Diretor-Presidente. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, Teresina, 31 de dez. 1943, p. 10).

Art. 16º - Compete especialmente ao Diretor-Tesoureiro:

- a) – fiscalizar e dirigir os serviços de contabilidade, tendo sob sua guarda os livros relativos a esse serviço;
- b) – arrecadar a receita, tendo sob sua guarda e responsabilidade a numeração em Caixa, valores e títulos da Sociedade;
- c) – proceder aos pagamentos dos compromissos e despesas da Sociedade com o visto do Diretor Presidente;
- d) – indicar para a contabilidade, um Contador de sua confiança, diplomado e legalmente habilitado, o qual será nomeado pela Diretoria, com uma remuneração por ela fixada. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 31 de dez. 1943, p. 10).

Para cuidar da contabilidade da diretoria da Sociedade, foi contratado o guarda livros, Antônio Narciso de Oliveira Castro, conforme expresso no documento. O capítulo V, composto por quatro artigos, do Estatuto da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga, tratou “Do Conselho Fiscal”:

Art. 20º - A Sociedade terá um Conselho Fiscal, composto de três membros efetivos e três suplentes, eleitos conjuntos e anualmente pela Assembleia Geral, em escrutínio secreto, com mandato por um ano, podendo ser reeleitos.

Art. 21º - Além das atribuições que lhe competem por lei incube ao Conselho Fiscal;

- a) -comparecer às reuniões da Diretoria, quando por esta convocado;
- b) -emitir, com antecedência, no mínimo, de vinte dias da data fixada para Assembleia Geral Ordinária, parecer sobre os negócios, operações efetuadas, Relatórios e Contas da Diretoria, para estudo e consulta dos Acionistas.

Art. 22º - Aos membros suplentes compete a substituição dos efetivos, obedecida a ordem de colocação por ocasião da eleição.

Art. 23º - As reuniões do Conselho Fiscal constarão de atas que serão lavradas em livro especial. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 31 de dez. 1943, p. 11).

A primeira diretoria da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga (quadro 1), eleita pelo prazo de três anos, por aclamação pela Assembleia Geral no momento da constituição da Sociedade, foi composta pelos seguintes acionistas.

Quadro 1 - Diretoria da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga (1943-1946)

CARGO	OCUPANTE	PROFISSÃO
Diretor-Presidente	Ozias de Moraes Correia	Comerciante/Político
Diretor-Secretário	Joaquim Custódio	Professor
Diretor-Tesoureiro	Pedro de Castro Pereira	Professor
Conselho Fiscal	Celso de Augusto Moura Nunes	Comerciante
	Pedro Machado de Moraes	Comerciante
	José Narciso da Rocha Filho	Comerciante/Político
Suplentes	Corintho Gonçalves Trindade	Comerciante
	Acrísio de Paiva Furtado	Comerciante/Político
	Juvenal Galeno da Silva	Comerciante

Fonte: Diário Oficial, Teresina, 31 de dez. 1943.

O capítulo IV do documento, intitulado “Da direção do Estabelecimento de Ensino e Internato”, por meio do Art. 17º, definiu que “A Direção do Estabelecimento de Ensino, Internato e suas dependências será confiada a um Superintendente, nomeado pela Diretoria e com vencimento fixado por ela”. Assim, a Direção da Sociedade Anônima passaria a escolher por meio de eleição, quem iria ocupar o cargo de Superintendente do Ginásio São Luiz Gonzaga, que enquanto esteve na condição de Instituto São Luiz Gonzaga, correspondia ao cargo de diretor, ocupado entre 1937 a 1943, por José Rodrigues e Silva, a convite de Ozias de Moraes Correia.

Formada a diretoria da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga e aprovados os Estatutos da Sociedade, em Assembleia Geral, Ozias Correia foi eleito para o cargo de diretor-presidente juntamente com os demais membros da diretoria. Para o cargo de Superintendente, convidou o acionista José Rodrigues e Silva. O convite foi realizado no final da reunião dos acionistas. Na ocasião, “pediu a palavra o presidente aclamado, Ozias de Moraes Correia, que disse no seu nome e nos demais Diretores, convidar o Sr. José Rodrigues e Silva para o cargo de Superintendente de que trata o artigo 17º dos estatutos, ao que dito senhor respondeu agradecendo e aceitando” (ESTATUTOS, *Diário Oficial*, 31 de dez. 1943, p. 9).

Na eleição para escolha do superintendente, a assembleia geral deveria observar dois critérios expostos no *Estatuto*, definidos no parágrafo único, no qual se apontava que “Obrigatoriamente o superintendente comparecerá as reuniões da diretoria, dando e recebendo sugestões, sem, entretanto ter direito ao voto nestas reuniões”, além disso, o “Art. 18, que

estabelecia que “o cargo de Superintendente somente poderá ser exercido um dos acionistas fundadores da Sociedade” (ESTATUTOS...*Diário Oficial*, 31 de dez. 1943, p. 11).

O escolhido para a Superintendência do Ginásio São Luiz Gonzaga não precisava, de acordo com o *Estatuto*, ter uma função docente para ocupar o cargo, mas teria que ser um dos acionistas fundadores da Sociedade Anônima, o que, de acordo com a ata publicada no *Diário Oficial*, foram Ozias de Moraes Correia e José Rodrigues e Silva. As competências exigidas para a função de Superintendente do Ginásio São Luiz Gonzaga estavam expressas no artigo 19:

Art. 19º - Compete exclusivamente ao Superintendente:

- a) - cumprir e fazer cumprir as determinações do Regimento Interno baixada pela Diretoria;
- b) - fiscalizar a execução das Leis do Ensino;
- c) - ter sob sua guarda e responsabilidade os imóveis, utensílios, móveis e aparelhos da Sociedade, sendo obrigado a trazê-los relacionados e numerados, anotados em livros especialmente destinados a esse fim, e no melhor estado de conservação possível;
- d) - indicar à Diretoria as nomeações para os cargos que se fizerem necessários e indispensáveis à execução do serviço e manutenção dos objetos sob sua guarda em perfeita ordem;
- e) - preparar as folhas de pagamento dos funcionários, que serão conferidas e visadas pelo Diretor Tesoureiro;
- f) - fiscalizar e superintender todos os serviços internos da sociedade;
- g) - emitir parecer à Diretoria, todas as vezes que esta deseje realizar qualquer empreendimento que se relacione com a parte técnica do Estabelecimento;
- h) - visitar durante o funcionamento das aulas, tantas vezes quantas lhe for possível todas as classes;
- i) - da mesma maneira os refeitórios, dormitórios, pátios de recreio, etc., quando frequentados por alunos;
- J) - ter sob sua guarda e fiscalização os livros de ponto dos professores, e os demais que forem exigidos pela legislação do Ensino, fazendo-os estar sempre anotados e em ordem;
- l) - indicar à Diretoria os funcionários que tem direito a férias, a fim de que estas sejam concedidas, de acordo com a Lei;
- m) - responder assinando com o Diretor Presidente, a todas as consultas técnicas do Governo, tendo a seu cargo a correspondência oficial-técnica;
- n) - assinar todos os projetos de reforma ou construção de instalações a serem apresentadas à Diretoria, para estudos, com os respectivos orçamentos;
- o) - organizar e assinar as informações de ordem técnica que tiverem de figurar nos Relatórios da Diretoria;
- p) - dar à Diretoria os esclarecimentos e explicações que lhe forem pedidos com referência aos serviços a seu cargo;
- q) - propor à Diretoria toda e qualquer providência que julgue necessária ao bom andamento dos serviços a seu cargo;
- r) - organizar e assinar os pedidos de material imprescindíveis aos serviços normais e extraordinários, sujeitando-os com o devido tempo, à apreciação da Diretoria, para que esta providencie;
- s) - indicar à Diretoria, no fim de cada ano, os funcionários que mais se distinguiram no cumprimento de seus deveres, afim de que esta possa aplicar, com justiça, a verba destinada a gratificações;

t) – ser o órgão de ligação entre a Diretoria e o funcionalismo de todo o Estabelecimento. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 31 de dez. 1943, p. 10-11).

Ao longo de ano de 1944, a diretoria da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga realizou várias sessões ordinárias, sendo que a primeira aconteceu em 23 de março de 1944, para tratar de uma mudança na constituição da diretoria, ocasionada pela desistência do professor Pedro de Castro Pereira do cargo de diretor-tesoureiro:

Ata da primeira sessão ordinária da Diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A.

Aos vinte e três de março de mil novecentos e quarenta e quatro, reuniu-se, pela primeira vez, em sessão ordinária, a Diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A, que tomou conhecimento do ofício do prof. Pedro de Castro Pereira, que passo a transcrever:

Parnaíba, 26 de fevereiro de 1944.

Ilmo. Sr.

Presidente do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A.

Não desejando continuar como Tesoureiro dessa Sociedade, solicito-vos a minha eliminação.

Antecipadamente confesso-me agradecido.

Pedro de Castro Pereira. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. LIVRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, Parnaíba, 1944, p. 2).

A saída do professor Pedro de Castro Pereira da diretoria da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga S/A implicou mudanças e a necessidade de uma nova escolha dentre os acionistas para o cargo diretor-tesoureiro. Na reunião, realizada em abril de 1944, para discutir problemas relacionados ao Ginásio, “deliberou-se uma convocação dos acionistas, em assembleia geral, às nove horas do dia 02 de abril, com objetivo de se eleger um dos acionistas ao cargo de Tesoureiro” (LIVRO PARA REGISTRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, 1944, p. 2), ficando constituída uma nova diretoria para a Sociedade Anônima, a saber: diretor-presidente: Ozias de Moraes Correia; diretor-tesoureiro: José Rodrigues e Silva e diretor-secretário: Joaquim Custódio, a partir de 1944.

Após a constituição da nova diretoria, considerando que o valor inicial de Cr\$ 36.500,00 (trinta e seis mil e quinhentos cruzeiros) não foi suficiente para construir o pavilhão dedicado ao Internato, em julho de 1944, a diretoria se reuniu novamente em sessão ordinária. Dessa vez, o motivo era tratar de temas relacionados à construção do prédio para o Ginásio São Luiz Gonzaga, e contou com a participação do Conselho Fiscal, com objetivo de informar sobre as Receitas e Despesas da Sociedade. A ata da reunião foi escrita no “Livro para as Atas”, a conferir:

Convidados à comparecer a reunião da Diretoria do Ginásio São Luiz de Gonzaga S/A, como membros do Conselho Fiscal, que somos, nos foi

apresentada, pelo Sr. Diretor-Presidente para demonstrar que o Saldo Social era insuficiente para fazer face às despesas de conclusão do pavimento central do prédio da Sociedade e emitiu a ideia de se levantar um empréstimo, numa forma local, no valor de Cr. \$20.000,00 (vinte mil cruzeiros) para ocorrer as despesas daquele serviço, com cuja importância o construtor [...] Cipriano Silva, comprometer-se-ia a terminar os serviços do referido pavimento. Julgamos por bem o levantamento desse empréstimo [...] o meio mais viável para a solução do aumento, e assim, o autorizamos, dentro das determinações contidas nos Estatutos.

Parnaíba, 27 de julho de 1944.

Ozias de Moraes Correia – D. Presidente.

Joaquim Custodio – D. Secretário. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA LIVRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, Parnaíba, 1944, p. 3-4).

Assim, com o objetivo de construir o edifício escolar para o Ginásio São Luiz Gonzaga, a Diretoria convocou uma Assembleia Geral com a finalidade de pedir autorização para realizar um empréstimo no valor de no valor de Cr. \$20.000,00 (vinte mil cruzeiros) para concluir as obras.

Mesmo com a realização do empréstimo, o valor não foi suficiente para a conclusão do edifício e a compra do material para o funcionamento da escola, o que fez com que a Diretoria conseguisse aumentar o número de sócios e, conseqüentemente, o capital social, que seria empregado na conclusão da obra. Respeitando as regras do Estatuto da Sociedade Anônima, em novembro de 1944, Ozias Correia divulgou uma nota na imprensa convocando os acionistas para assembleia geral para tratar de mudanças na Sociedade, a conferir:

GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA S/A

Assembleia Geral Ordinária

- Convocação –

AUMENTO DE CAPITAL

Pela presente convidam-se os Srs. Acionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no dia 26 de novembro de 1944, às 9 horas da manhã, na sede social à Avenida Capitão Claro, para tomarem conhecimento do resultado da subscrição do aumento do capital e dos atos e formalidades praticados para a efetividade do mesmo aumento autorizado em Assembleia Geral realizada em 27 de fevereiro de 1944, bem como estudar a reforma de um artigo de seus Estatutos.

Parnaíba, 11 de novembro de 1944.

Ozias de Moraes Correia – Dir.–Pres.

Joaquim Custodio – Dir. –Secr. (GINÁSIO...*Diário Oficial*, 16 de nov. 1944, p. 3).

A assembleia geral para a qual os acionistas foram convocados pela Diretoria da Sociedade Anônima ocorreu em 26 de novembro de 1944, conforme a ata publicada no *Diário Oficial*:

Aos 26 dias do mês de novembro de 1944, reunidos às 9 horas da manhã, na sede social, à Avenida Capitão Claro, s/n, em primeira convocação, acionistas que representavam mais de dois terços do capital social, com direito de voto, como tudo se verificou com suas assinaturas no “Livro de Presença”, às fls. 03 e verso, com as declarações exigidas na lei, o Diretor-Presidente sr. Ozias de Moraes Correia, convidou os membros acionistas, por haver número legal, a elegerem o Presidente da Assembleia. Por aclamação Revmo. Padre Davi Augusto Moreira. [...] Logo em seguida pediu a palavra o Sr. Diretor-Presidente que comunicou a Assembleia ter sido o aumento de capital totalmente subscrito pelos acionistas, e fazia entrega ao Presidente da Assembleia dos documentos relativos ao citado aumento. Congratulava-se com o brilhante resultado da subscrição, fato que vinha, sem dúvida, demonstrar a confiança que os senhores acionistas demonstravam na Sociedade, o que refletia nos seus diretores. O Sr. Presidente determinou a leitura da relação dos subscritores, presentes à mesa, e do depósito da décima parte do aumento em dinheiro do capital social feita no Banco do Brasil. Finda a leitura o Diretor-Tesoureiro propôs a Assembleia Geral considerasse verificado o aumento do capital, propondo, então, a alteração do art. 4º dos estatutos, que, em virtude do aumento do capital terá a seguinte redação “O capital social é de Cr\$ 640.000,00 (seiscentos e quarenta mil cruzeiros), divididas em seiscentos e quarenta ações com valor nominal de Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros) cada. Outrossim propôs ao acréscimo de um parágrafo ao artigo 12, o qual será concedido nos seguintes termos: § N- Indicar um substituto ao Diretor-Tesoureiro da sociedade, nos impedimentos deste. (GINÁSIO ... *Diário Oficial*, 16 de dez. 1944, p. 6).

Dentre as funções da diretoria da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga, estava apresentar a Assembleia Geral Ordinária o relatório anual das atividades sociais, prestando à mesma as devidas contas. Com essa finalidade, reuniu-se em Assembleia Geral a Diretoria da Sociedade Anônima, com os acionistas, para apresentar o relatório das atividades da diretoria, referente ao primeiro ano de seu mandato, concluídas em 30 de dezembro de 1944:

COLEGIO SÃO LUIZ GONZAGA S/A
RELATÓRIO DA DIRETORIA DO GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA S/A,
CORRESPONDENTE AO ANO DE 1945, A SER APRESENTADO EM
ASSEMBLEIA GERAL DOS ACIONISTAS.

Srs. Acionistas:

Encerrando-se a 30 de dezembro p. passado, o nosso primeiro ano comercial e social, cumpre-me, na qualidade de Diretor Presidente do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A e de acordo com o que dispõe os nossos Estatutos, apresentar-lhes o relatório contendo o movimento durante o ano findo, o que faço com o maior prazer, correspondendo assim à confiança e a honra dispensada a minha pessoa e demais colegas da diretoria.

Desejo antes de tudo agradecer aos distintos acionistas a maneira gentil e cavalheiresca com o que atenderam o nosso apelo, subscrevendo ações da novel sociedade, demonstrando assim o carinho que dedicam a tudo que se prende à nossa invicta Parnaíba e seu progresso.

Realmente, Parnaíba se ressentia de um estabelecimento que além de todos os requisitos técnicos exigidos pelo Ministério da Educação, tivesse seu pavilhão para comportar alunos internos, também construído segundo as exigências modernas.

E para a consecução desse fim tivemos que recorrer à boa vontade dos parnaibanos, de já tão conhecida, com a única intenção de dar mais conforto aos nossos escolares proporcionando-lhes assim o estudo mais suave num ambiente mais são. Não fomos levando a isso visando qualquer lucro e o mesmo sentimento notava-se em todas as pessoas que subscreveram ações. (COLEGIO ... *Diário Oficial*, 26 de abr. de 1945, p. 14).

Conforme o Estatuto da Sociedade Anônima, a diretoria era eleita pelo prazo de três anos. Assim, em dezembro de 1946, terminou a mandato da primeira diretoria que, de acordo com a ata presente no Livro de Ações Nominativas, passou a ter como diretor-presidente Joaz Rabelo de Souza e, como diretor-secretário, João Maria Bastos Correia para o próximo triênio.

Joaz Rabelo de Souza substituiu Djalma Cavalcante no cargo de Inspetor Federal de Ensino do Ginásio. Sobre sua nomeação para o cargo de Inspetor Federal, Yeda de Moraes Souza Machado (2010) informa:

Nesse ano, a quatro de abril, meu pai foi designado pelo Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas como Inspetor Federal de Estabelecimentos de Ensino Secundário, na cidade de Parnaíba. Sua nomeação traz a assinatura de Getúlio Vargas e Gustavo Capanema com carimbos do Ministério da Educação e Cultura. Aliás, há alguns anos, fazia esse trabalho sem remuneração, visitando, também, Colégios do interior do Estado, pois havia recebido indicação para ser representante do Ministério da Educação.

No mesmo ano, a 15 de setembro foi designado pelo Ministro da Educação e Cultura para ser Inspetor do Ginásio São Luiz Gonzaga, com registro de nomeação assinada por Abgar Renault, Diretor Geral de Lúcia Magalhães. Posteriormente, recebeu nomeação para inspecionar outros colégios: Ginásio Nossa Senhora das Graças, União Caixeiral, Ginásio Parnaibano e Ginásio Clóvis Salgado. (MACHADO, 2010, p. 56-57).

Em fevereiro de 1950, na Assembleia Geral Ordinária, realizada na sede do Ginásio São Luiz Gonzaga, Ozias Correia foi eleito para seu segundo mandato no cargo de diretor-presidente da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga, para o triênio 1950/1952. Além do cargo de diretor-presidente, na ocasião foram eleitos os demais membros para a composição da nova diretoria da Sociedade, conforme o quadro:

Quadro 2 - 3ª Diretoria da Sociedade Anônima GLSG (1950/1952)

Diretor-Presidente	Ozias de Moraes Correia
Diretor-Secretário	João Paulo dos Reis Veloso
Diretor-Tesoureiro	João Maria Bastos Correia
Conselho Fiscal	Corinto Gonçalves da Trindade
	Durval Rodrigues Bacelar
	Francisco Fontenele de Araújo

Suplentes	Francisco de Assis Santos Correia
	Genésio Pires Rebelo
	Poncion de Queiroz Rodrigues

Fonte: Diário Oficial do Piauí. Teresina, 11 de abril de 1950, p. 2.

Durante o mandato da quarta diretoria, presidida por Ozias Correia, a Sociedade Anônima foi desfeita. A ata produzida durante a realização da Assembleia Geral Extraordinária, realizada em 16 de janeiro de 1955, foi registrada no Cartório Almendra - 10º Ofício de Parnaíba, no livro de Títulos e Documentos B - 19, com o número de ordem 7136, em que foi lavrada a dissolução da Sociedade e transferido o Ginásio São Luiz Gonzaga com seu patrimônio para a Diocese de Parnaíba, conforme o seguinte registro:

Ata da Assembleia Geral Extraordinária do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A, realizada no dia 16 de janeiro de 1955. Aos 16 (dezesseis) dias do mês de Janeiro de 1955 (mil novecentos e cinquenta e cinco), às 10 (dez) horas da manhã, no prédio do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A, teve lugar a reunião da Assembleia Geral Extraordinária, que foi convocada, conforme publicações feitas nos jornais “O Sino”, desta cidade e no “Diário Oficial” deste Estado, que se edita em Teresina, tudo na conformidade do artigo nº 87 letra h e artigo nº 137 letra c do Decreto-Lei nº 2.627 de 26 de setembro de 1940, em cuja reunião presente a maioria dos acionistas, compostas de mais de dois terços do Capital social, sob a presidência do Exmo. Revdm. Sr. D. Felipe Condurú “Pacheco”, representante, digo, Pacheco representando a Diocese de Parnaíba, para esse fim aclamado de acordo com o artigo nº 26 dos nossos Estatutos ficou resolvido a dissolução da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga, em virtude de um período de 11 (onze) anos não haver a mesma preenchido as necessidades previstas nos Estatutos. Em virtude da dissolução que hoje se efetua, resolveram os acionistas presentes à Assembleia, transferir para a Diocese de Parnaíba, o Ginásio São Luiz Gonzaga que continuará com a mesma denominação, com todos seus bens, móveis e imóveis sob a condição da Diocese além de assumir a responsabilidade do Ativo e Passivo da Sociedade, procurar por todos os meios ao seu alcance incentivar e elevar o Ensino Primário e Secundário em nosso meio, criando, logo que lhe seja possível, o Curso Científico, Curso de Filosofia e outros que se tornarem necessário, de acordo com as possibilidades da Diocese e as leis do País [...]. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. ATA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, Parnaíba, 16 de jan. de 1955).

O motivo apontado para a dissolução da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga S/A, foi o fato de não ter “preenchido as necessidades previstas no estatuto”. Sobre essa questão, após a leitura do Estatuto, é possível inferir que estavam se referindo ao capítulo IV, que tratava da direção da instituição educativa Ginásio São Luiz Gonzaga, tendo em vista que, conforme o capítulo, a direção da escola seria exercida por um Superintendente nomeado pela Diretoria da Sociedade Anônima, fato que aconteceu apenas nos primeiros anos que

precederam a criação da Sociedade Anônima. Depois a escola passou a ser arrendada. Inclusive, quando Ozias Correia, na condição de diretor-presidente, convocou a Assembleia Geral Extraordinária, estava finalizando o contrato de arrendamento entre a Sociedade e o professor Joaquim Custódio.

A transferência do Ginásio São Luiz Gonzaga para a Diocese de Parnaíba se deu sob a seguinte condição: “não poderá alienar ou gravar com qualquer ônus os imóveis pertencentes ao Ginásio, sendo-lhes permitido, entretanto, ceder o Ginásio, sob a mesma condição a uma ou congregação de Ensino desta Instituição”. Além disso, a Diocese também “ficou responsável pela conservação corpo docente demais funcionários do ginásio, salvo aqueles que não quiserem continuar ou que a Diocese, seja obrigada a dispensar, de acordo com a lei” (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. ATA da Assembleia Geral Extraordinária, Parnaíba, 16 de jan. de 1955).

2.4 Os diretores do Ginásio São Luiz Gonzaga

Durante a oferta do curso ginasial, entre os anos de 1939 a 1971, professores e padres da Diocese de Parnaíba alternaram-se no cargo de diretores do Ginásio São Luiz Gonzaga. É importante assinalar que os professores José Rodrigues e Silva, Joaquim Custódio e Edgar Linhares Lima tinham em comum o fato de serem cearenses, terem recebido formação intelectual nos seminários cearenses.

Ao planejar a fundação do Instituto São Luiz de Gonzaga, Ozias Correia se deparou com a necessidade de alguém para ocupar o cargo de diretor da escola. O problema foi resolvido com a vinda para Parnaíba, a convite de Ozias Correia, do cearense José Rodrigues e Silva, que, na época, trabalhava no jornal católico *O Nordeste*⁴⁰ em Fortaleza. A forma como os dois se conheceram em Fortaleza foi narrada por José Nelson de Carvalho Pires da seguinte forma:

Em 1936, o Sr. Ozias de Moraes Correia, ilustre empresário parnaibano, sentindo a necessidade de um Colégio na cidade com curso ginasial à altura de atender a juventude parnaibana com orientação cristã e despertar para a cidadania, resolveu ir a Fortaleza, à procura de um bom professor para ajudá-lo no seu objetivo.

Em Fortaleza, visitando o Jornal “O Nordeste”, teve informação do diretor de um jovem inteligente que havia saído do Seminário e era Redator daquele jornal, chamava-se JOSÉ RODRIGUES E SILVA.

Mantido o contato entre o Sr. Ozias Correia e o Professor José Rodrigues, este aceitou o convite e transferiu-se para Parnaíba, onde, junto com outros professores, implantou o GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA, do qual além de

⁴⁰ Sobre o jornal católico *O Nordeste* Cf. PARGA, Francisca Rafaela. “Contra a semente da desordem”: imprensa católica e fascismo (1929-1930). 113f. Dissertação (Mestrado em História em História Social) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2012.

fundador, foi professor, desde sua fundação, 1937, até 1965 [...]. (PIRES, 2005, p.77-78).

Benedito dos Santos Lima, ao divulgar a escola para os piauienses em 1938, elogiou a atuação de José Rodrigues e Silva na direção do Instituto, “que funciona sob a vigilante e superior direção do jovem professor José Rodrigues e Silva, conta já com regular número de alunos e pode considerar-se uma empresa vitoriosa, tal a simpatia que vem desfrutando em nosso meio social” (ALMANAQUE DA PARNAIBA, 1938, p. 75).

A Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga passou a escolher, por meio de eleição, a direção da instituição escolar que, a partir de 1943, passou a ser composta por um superintendente, diretor de disciplina e um diretor-secretário. A composição da direção da escola se assemelhava com a composição da direção da Sociedade Anônima, que era formada por três cargos.

Em dezembro de 1943, José Rodrigues e Silva foi escolhido, por aclamação, na Assembleia Geral para o cargo de Superintendente do Ginásio São Luiz Gonzaga. No ano seguinte, desiste do cargo, ficando no agora como diretor de disciplina. Conforme o registro no Livro de Ações Nominativas do Ginásio São Luiz Gonzaga, mediante a vacância do cargo de superintendente, 29 de março de 1944, foi realizada uma nova escolha para ocupar a Superintendência do Ginásio.

A diretoria da Sociedade Anônima realizou sessão em março de 1944. Na ocasião, foi nomeado um novo Superintendente para o Ginásio, conforme o registro: “em virtude de se ter demitido da Superintendência do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A o prof. José Rodrigues e Silva, foi nessa sessão, nomeado, para o preenchimento do cargo em apreço, o Revdmo. Pe. Davi Augusto Moreira” (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. LIVRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, março de 1944, p. 2).

A diretoria teve a imagem publicada pela revista Argos (figura 1), como “nova diretoria pôs-se a frente do Ginásio São Luiz Gonzaga, um novo leme que espera guia-lo ao porto de seus altos desígnios, sob os *pálios sagrados da Religião e a da pátria*” (ARGOS, 1943, p.77 – grifo nosso). Ao divulgar a diretoria, a escola reafirma seu objetivo de educação pautado no catolicismo e patriotismo presentes em sua cultura escolar e defendidos como importantes na formação dos jovens.

Figura 1 - Diretoria do Ginásio S. Luiz Gonzaga (1943)



Fonte: Revista Argos, 1943.

O padre Davi Augusto Moreira⁴¹, antes de vir para Parnaíba, já tinha experiência em administração de instituição escolar no Ceará, tendo sido “o terceiro diretor do Colégio Diocesano Crato. Respeitado pela sua inteligência privilegiada e apreciável talento para a música, tocava vários instrumentos. Compôs quase todos os hinos das paróquias da Diocese do Crato, atendendo ao pedido de seus vigários” (SANTOS, 2011, p.80). Antes de ocupar a direção do Colégio Diocesano do Crato, em meados da década de 1940, o padre Davi Augusto Moreira, descrito por Aída Santos (2011) “cientista e músico”, compunha o corpo docente da instituição, ministrando as disciplinas “de física, química e matemática” (SANTOS, 2011, p.74).

Além de superintendente do Ginásio São Luiz Gonzaga, padre Davi foi professor em outras instituições de ensino secundário da cidade, como na Escola Técnica de Comércio da União Caixeiral, sendo homenageado como patrono da turma de Contabilistas de 1940, não sendo por tanto exclusivo do Ginásio São Luiz Gonzaga. Após dois anos à frente do cargo de Superintendente, padre Davi ficou doente e precisou afastar-se de cargo, retornando para o

⁴¹ Segundo o Livro de Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, Davi Augusto Moreira nasceu em 19 de janeiro de 1910 em Quixadá-Ceará, faleceu em 12 de agosto de 1972, em Fortaleza. Filho de Augusto Moreira e Raimunda Moreira. Admitido em 1º de janeiro de 1944 na função de Superintendente, com horário de trabalho: das 7 às 17 horas, com intervalo entre 11 às 13 horas para refeição e descanso.

Ceará. A viagem do padre foi notícia no *Sino* (1945), jornal católico de Parnaíba, com um tom de despedida e uma nota de lamento por sua partida:

Padre Davi Augusto Moreira

A interesse de sua saúde, algo combalido em virtude das canseiras de intenso magistério, avinou domingo último para Fortaleza o nosso grande amigo e brilhante colaborador Pe. Davi Augusto Moreira, infatigável Diretor do Ginásio São Luiz de Gonzaga.

O Padre Davi, que é muito estimado pela classe estudantil, deixa lacuna imprescindível no meio eclesiástico e social de Parnaíba que reconhece em S. Revma. as mais belas qualidades de espírito e coração [...]. (O SINO, 4 de nov. de 1945, p. 1).

Com a saída do padre Davi, a direção do Ginásio, até então formada por três membros voltou a ter apenas um diretor, cargo ocupado por José Rodrigues e Silva, pela segunda vez. José Nelson de Carvalho Pires, egresso do Ginásio, ao concluir o curso foi para o Rio de Janeiro, onde se formou em Educação Física. Ao retornar para o Piauí, foi contratado pelo Ginásio para o cargo de diretor de disciplina, fez uma avaliação sobre as mudanças provocadas na administração da escola, a partir do afastamento do padre Davi, do cargo de superintendente.

No ano seguinte o Ginásio São Luiz Gonzaga, já então propriedade de uma sociedade anônima, tem como responsáveis por seu funcionamento 3 dedicados professores, três sadias inteligências moças: o Revdo. Padre Davi Augusto Moreira e os professores José Rodrigues e Silva e José Rebouças Macambira. Por motivos superiores, porém, esta diretoria não chegou à meta planejada. A ausência do prof. José Rebouças, inteligência fina e aprimorada, a retirada, por motivo de saúde, do Revdo. Padre Davi, talentoso professor de matemática e expressão máxima na arte das artes, a música, tudo *correu para o desequilíbrio dos planos preestabelecidos*. (PIRES, 1947, p. 28 – grifos nossos).

Pires (1947) avalia que o afastamento do padre Davi e do professor José Rebouças provocou um desequilíbrio nos planos preestabelecidos para a administração do Ginásio. Indicado novamente pela diretoria da sociedade para o cargo de diretor do Ginásio, José Rodrigues e Silva permaneceu até meados de 1948, quando comunicou, por meio de um ofício, ao presidente da Sociedade Anônima e Inspetor Federal de Ensino do Ginásio São Luiz Gonzaga, Joaz Rabelo de Sousa, a decisão de deixar o cargo, permanecendo na instituição na condição de professor de português.

O outro ponto a ser analisado são as implicações na forma de escolher a direção do Ginásio, tendo em vista que, a partir de 1948, a Sociedade Anônima adotou a prática de arrendamento da instituição. Por esse motivo, o Ginásio passou a ser administrado por seu arrendatário, conforme as decisões tomadas a partir da oitava sessão ordinária da diretoria da

Sociedade Anônima, realizada em 16 de fevereiro de 1948, presidida por Joaz Rabelo de Sousa, diretor-presidente. Vejamos:

Sob a presidência do sr. Joaz Rebelo de Sousa. Aberta a sessão, o sr. Presidente declarou que a havia convocado para que se tomasse conhecimento do seguinte ofício recebido do Diretor do Ginásio São Luiz, sr. José Rodrigues e Silva: “Ilmo. Sr. Joaz Rebelo de Sousa M. D. Presidente do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A. Nesta Cidade. José Rodrigues e Silva, abaixo assinado, diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, desta cidade, vem requer a V. Sia. que se digne de convocar uma reunião da diretoria desta sociedade, na qual se discuta e resolva a situação do educandário, no que se refere a sua direção técnica, pois não convém, nem a mim nem ao ginásio, continuem as coisas como tem vindo até aqui. Pela permanência do tempo e a urgência da solução. Lembraria que a reunião se efetuasse amanhã ou segunda-feira. Nestes termos. P. Deferimento. Parnaíba, 14 de Fevereiro de 1949⁴² [sic]. José Rodrigues e Silva”. Com a palavra, o sr. José Rodrigues explica melhor o seu pensamento, dizendo que não lhe convinha continuar mais como Diretor do Educandário nas atuais condições e como o sr. Presidente declarasse que infelizmente não podia lhe oferecer melhores condições, o sr. José Rodrigues e Silva pediu, então, dispensa do cargo, o que com muito pesar lhe foi concedido. O sr. Presidente informa que em virtude disso iria se entender com o Exmo. e Revmo. Sr. D. Felipe, nosso digníssimo Bispo Diocesano, a fim de ver se conseguia que nos cedesse o Revmo. Padre Antônio Sampaio para dirigir o Ginásio São Luiz Gonzaga. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. LIVRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, Parnaíba, 1948, p. 5-6).

Dom Felipe Benito Condurú Pacheco⁴³ (1946-1959), com quem Joaz Rabelo de Sousa informou que iria se entender, foi o primeiro Bispo da Diocese de Parnaíba. A consulta feita a Dom Felipe resultou no primeiro contrato de arrendamento do Ginásio São Luiz Gonzaga, tendo como locatário o padre Antônio Monteiro Sampaio⁴⁴, conforme o registro:

Ata da nona sessão ordinária da Diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A. Aos vinte dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e oito, presente o sr. [sic] Presidente, Joaz Rabelo de Sousa, realizou-se a nona sessão da Diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A. O sr. [sic] Presidente informou que conforme ficou combinado na sessão passada ele havia procurado o sr. [sic] Bispo Diocesano e que depois de expor-lhe a situação do Ginásio São Luiz Gonzaga ela, digo ele prontificara-se imediatamente a nos ceder o Revmo. Pe. Antônio Sampaio, o qual, ouvindo a respeito, deu seu consentimento, mas com o seguinte contrato de arrendamento: “Clausula

⁴² A data pode ter sido um erro de grafia no momento da escrita da ata, tendo em vista que o ofício foi enviado dia 14 e a sessão aconteceu dia 16 do mesmo mês para discutir o assunto.

⁴³ Nasceu em São Bento na Paraíba em 18 de julho de 1892, faleceu em 1 de outubro de 1972, em São Luís, mas seu corpo está sepultado na Igreja Matriz de Nossa Senhora Mãe da Divina Graça. “Transladado da Sé de Ilhéus, assumiu o governo diocesano da Parnaíba no dia 06 de junho de 1946. Sua administração teve como tônica a obra das Vocações Sacerdotais, de que foi edificante resultado a criação do Seminário Menor de Parnaíba” (CARVALHO JR, 2011, p. 179).

⁴⁴ Segundo o Livro de Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, nasceu em Parnaíba, em 13 de maio de 1916. Filho de Firmino José de Alencar Sampaio e Almerinda Monteiro Sampaio. Foi admitido no Ginásio São Luiz Gonzaga em 1º de março de 1948. Data de saída: 28 de fevereiro de 1950.

Primeira: - o prazo de arrendamento é de 1 (um) ano, a começar de 1º de março de 1948. Decorrido este prazo, considerar-se-á [...] o presente contrato, por igual período de tempo, caso a Diretoria não delibere contrário. Cláusula: o valor do arrendamento fica condicionado ao resultado financeiro anual de arrendamento digo arrendatário, comprometendo-se este a pagar a Sociedade, uma renda mínima de Cr\$12.000,00 (doze mil cruzeiros) anuais [...]. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. LIVRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, Parnaíba, 1948, p. 7).

Além das questões envolvendo o pagamento de arrendamento para a Sociedade, o arrendatário ainda se comprometia manter todos os professores e funcionários, pagando mensalmente seus vencimentos, inclusive em atraso. De acordo com o contrato as dívidas contraídas pela Sociedade Anônima, em função da manutenção do Ginásio São Luiz Gonzaga, não seriam repassadas ao locatário.

Em março de 1949, a diretoria da Sociedade Anônima reuniu-se novamente para deliberar sobre o contrato de arrendamento com o Padre Antônio Sampaio, uma vez a Cláusula Primeira previa sua renovação por mais um ano, segundo desejo da diretoria da Sociedade, que se mostrou de forma favorável a dar continuidade ao contrato de arrendamento, renovado até março de 1950. No mês de outubro de 1949, o padre Antônio Sampaio comunicou ao então presidente da diretoria da Sociedade, Joaz Rabelo de Sousa, sua indisponibilidade em renovar o contrato de arrendamento do Ginásio São Luiz Gonzaga. Diante do comunicado do padre, a diretoria já teria que escolher, dentre os sócios, um novo diretor ou um novo locatário para a instituição.

Após informada da desistência do padre em continuar como arrendatário da instituição, a diretoria da Sociedade realizou uma sessão ordinária para deliberar sobre o fato. No momento da realização da sessão, o professor Joaquim Custódio⁴⁵ apresentou interesse em arrendar a instituição, conforme ata da reunião:

Ata da décima primeira reunião ordinária da Diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A. Aos dez dias do mês de outubro de mil novecentos e quarenta e nove reuniu-se em sessão ordinária a Diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A sob a Presidência do sr. Joaz Rabelo de Sousa. O sr. Presidente comunica que, como o Revmo. Pe. Antônio Sampaio lhe haveria avisado que de forma alguma continuaria com o arrendamento do Ginásio para o próximo ano e assim urgia que fossem tomadas providências imediatas ele entrará em entendimentos com o senhor Professor Joaquim Custódio que propôs arrendar o Ginásio. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. LIVRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, Parnaíba, 1948, p. 8).

⁴⁵ Segundo o Livro de Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, Joaquim Custódio, nasceu em 25 de setembro de 1909 no lugar Barbalha-Ceará. Filho de José Antônio Miguel e Antônio Maria da Conceição. Admitido no Ginásio São Luiz Gonzaga na função de Diretor-Secretário em 1º de janeiro de 1944.

Assim, a decisão da diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga S/A foi continuar arrendando o Ginásio. A reunião que culminou com o contrato de arrendamento para professor Joaquim Custódio foi registrada em ata, em 10 de outubro de 1949, com um contrato em que apresentou cláusulas diferentes daquelas assinadas com o padre Antônio Sampaio.

Contrato: I – o Ginásio “São Luiz Gonzaga S/A” arrenda ao professor Joaquim Custódio, pelo prazo de 5 (cinco) anos, a começar de 1º de março de 1950, até março de 1955, o Ginásio “São Luiz Gonzaga”, de sua propriedade, compreendido os prédios com seus móveis e imóveis. [...] IV – O arrendatário se propõe, enquanto durar sua administração *manter a orientação religiosa* que o [...] educandário se traçou e conserva, desde a fundação [...] VII – O arrendatário, diante da imprescindível necessidade que tem de residir com sua família, no próprio estabelecimento, fara as adaptações precisas, de sua conta, bem como efetuará toda e qualquer modificação nos prédios que concorra para melhor execução da ordem e disciplina da casa, depois de ouvido o locador. [...] IX: O locatário cede ao arrendatário as subvenções e auxílios federais [...] municipais, assim como particulares, concedidos ao Ginásio “São Luiz Gonzaga”, exceto auxílio federal [...] e encaminhado pela Diretoria da Sociedade pelo locador, durante a vigência deste contrato, não poderá levantar o arrendamento, nem despejar o arrendatário, salvo no caso da falta de cumprimento das obrigações. Estabelecidas nas clausulas acima. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. LIVRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, Parnaíba, 1949, p. 8-9).

Dentre os termos do contrato, uma das exigências era de que a escola teria que ser mantida como católica, respeitando a proposta inicial do projeto educativo, seguida desde sua fundação em 1937. Na avaliação de Sólina Santos (2004), a cláusula foi devidamente seguida por Joaquim Custódio mantendo práticas que vinham sendo adotadas na instituição, como:

Em 1949, o professor Custódio assinou um contrato de arrendamento da escola, tornando-se diretor por cinco anos, conseguindo manter o período de apogeu desse educandário. Tratando-se de um colégio católico, o diretor prezava o dia 21 de junho, data dedicada a São Luiz Gonzaga, com comemorações marcando o dia. Era celebrada a *missa na capela* da própria escola. Os alunos preparados recebiam a *primeira comunhão* e ao final era oferecido um lanche de bolos e chocolate quente. (SANTOS, 2004, p. 27-28 – grifos nossos).

Conforme Sólina Santos (2004), o professor Joaquim Custodio cumpriu as condições impostas pelo contrato, especialmente a parte dedicada às práticas católicas, que, segundo ela, não foi uma dificuldade para Joaquim Custódio, tendo em vista a formação religiosa recebida no Seminário Maior de Fortaleza, instituição religiosa em que concluiu “Filosofia e cursou Teologia. Na convivência com padres, professores e colegas seminaristas, o jovem fortaleceu sua personalidade, firmando um caráter íntegro e um tanto metódico nas ações” (SANTOS,

2004, p. 20). Ainda sobre a trajetória escolar e profissional de Joaquim Custódio, Santos (2004) explica:

Joaquim Custódio não chegou a ordenar-se sacerdote, deixando o Seminário em 1936. Logo iniciou no magistério, tornando-se professor no Colégio Castelo Branco. Durante o período de outubro de 1937 trabalhou no jornal *O Nordeste*, periódico de Fortaleza. A convite de um amigo, viajou a Mossoró (Rio Grande do Norte), onde exerceu o cargo de professor no Colégio Diocesano Santa Luzia, durante o período de 1937 a fevereiro de 1938 [...]. Joaquim Custódio recebeu convite de José Rodrigues e Silva para, em conjunto, trabalharem na incipiente escola. Ambos de educação firmada em Seminário, eram amigos e de iguais princípios morais. Assim foi que, em março de 1938, o professor Custódio veio residir em Parnaíba, firmando-se definitivamente no magistério. (SANTOS, 2004, p. 21-22).

O contrato de arrendamento permitia mudanças na organização interna da escola, como tornar a escola mista. Conforme a Cláusula VIII do documento, foi permitido ao arrendatário:

“VIII - considerando o curso primário o elemento primordial para a subsistência do ginásial, o locador permite que o arrendatário torne misto (alunos de ambos os sexos) aquele curso; como também o ginásial, se obtiver resultados satisfatórios no primário. Correrão de conta do arrendatário todas as despesas atinentes a adaptação para educandário misto. [...]” (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. LIVRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, 1949, p. 8)

O arrendamento do Ginásio São Luiz Gonzaga, divulgado pela imprensa local, ressaltou a experiência do professor Joaquim Custódio à frente da direção de escolas no Ceará, Rio Grande do Norte, bem como a transformação do curso primário em misto.

Ginásio S. Luiz Gonzaga

Contrato de arrendamento

O prof. Joaquim Custódio firmou, com a Diretoria do “GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA” S/A, contrato de arrendamento do Ginásio “S. Luiz Gonzaga”.

Um educandário bem aparelhado pedagogicamente, e melhor dirigido é uma obra de inestimável valor social, máxime em uma cidade de elevado nível cultural como Parnaíba.

Por esse motivo e outros de igual importância, o prof. Custódio que é um dos mais zelosos sócios educadores do G.S.L.G e que já tem 16 anos de experiência sobre técnica disciplinar, adquirida no Colégio Castelo Branco (Fortaleza), no Ginásio Diocesano “Santa Luzia” (Mossoró) e no Ginásio “S. Luiz Gonzaga, desde sua fundação”, vai dirigir este conceituado Estabelecimento de ensino do próximo ano em diante.

O curso primário será misto (aceitam-se alunos de ambos os sexos), instalado em pavimento próprio e orientado pela renomada professora Filomena Lima Custódio que há 15 anos vem empregando o melhor de seus esforços na seara educativa.

O Secundário terá, além das matérias do currículo, “corpo dramático”, “grêmio literário”, jornal, “banda de música”, “sociedade esportiva” e etc. A diretoria estabelecerá banca de estudo nas horas não preenchidas, com aula pela manhã e à tarde, a fim de evitar que os educandos desperdicem o precioso tempo (*time is money*) “o tempo é ouro”. (GINÁSIO ... *Aljava*, dez. 1949, p. 4).

Em janeiro de 1950, o Ginásio São Luiz Gonzaga também foi notícia na imprensa parnaibana. Com uma matéria intitulada “O alicerce do futuro”, o editor do jornal *Aljava* começou a apresentação das ações da nova direção da escola, alertando para a importância do curso primário para a formação cultural e intelectual do indivíduo. Segundo ele, “semelhantemente, acontece com o edifício da cultura. Quando mais perfeito se fizer o curso primário, mais sólida será a formação intelectual do indivíduo, bem como a formação moral”. (ALJAVA, 1950, p. 7). O professor Joaquim Custódio manteve as práticas cívicas e católicas a cultura escolar na formação intelectual oferecida desde a fundação do Ginásio São Luiz Gonzaga.

Após dissertar sobre a importância do curso primário, o editorial apresentou o corpo docente composto exclusivamente de mulheres e o professor Joaquim Custódio, como novo diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, e as modificações que seriam realizadas na escola.

Por essas razões que pesam ou que devem pesar na consciência de todo diretor de colégio, foi que os professores Joaquim Custódio e sua esposa Filomena Lima Custódio reestruturaram o curso primário do Ginásio “São Luiz Gonzaga” de acordo com os princípios da pedagogia moderna. [...] Para que haja desenvolvimento integral do educando, o curso primário terá instrução física (ginástica e jogos), artística (grêmio literário para cantos e recitativo, dramas, etc.), religiosa, além de cuidados sobre o ponto de vista moral e intelectual, de par com a vigilância disciplina. (ALJAVA, 1950, p. 7).

O anúncio da reestruturação realizada pelo professor Joaquim Custódio juntamente com sua esposa, professora Filomena Custódio, não se limitaria ao Curso Primário, sendo estendida ao curso ginasial.

O curso ginasial será completo. Para isso, foram contratados professores especializados para as diversas matérias, a fim de que possam merecer a confiança e admiração das distintas famílias parnaibanas e do povo em geral. O corpo de auxiliares de disciplina é integrado por professores que possuem longos anos de experiência sobre técnica disciplinar, adquirida em outros colégios, do interior e das capitais (inclusive no Rio de Janeiro) e em colégios próprios. (ALJAVA, 1950, p. 7).

As informações, como a contratação de professores “especializados”, bem como sua “experiência” e a manutenção dos cuidados com a “disciplina” foram elementos presentes na narrativa usada para apresentar as inovações que a nova direção pretendia adotar na escola.

Durante o período compreendido entre os anos de 1950 a 1954, em que o professor Joaquim Custódio dirigiu o Ginásio São Luiz Gonzaga, passaram a integrar o corpo docente da escola os professores August Bauer (admitido em 2 de março de 1953), Benedito Jonas de Moraes Correia (admitido em 1º de março de 1950), Deolindo Lopes (admitido em 1º de março de 1951), Francisco Gomes de Carvalho (Inspetor de alunos admitido em 1º de março de 1951) e Maria Christina de Moraes Sousa (admitida em 1955).

O fim da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga, em fevereiro de 1955, implicou uma nova fase na história administrativa da instituição e, conseqüentemente, de sua cultura escolar, uma vez que, por meio de compras e doações das ações, a escola passou a pertencer a Diocese de Parnaíba, tornando-se um Ginásio Diocesano. A condição de Ginásio Diocesano permitiu ao Bispo Dom Felipe Benito Condurú Pacheco tomar a iniciativa de procurar uma congregação religiosa para administrar a escola. Não obtendo sucesso, designou os padres diocesanos Raimundo José Vieira (1955), lembrado pelos alunos, dentre outras práticas, por usar uma palmatória, chamada de “Maria Vitória” no cóis da batina, e pelos beliscões e puxões de orelha nos alunos, e Tibúrcio Gonçalves de Paula (1956).

Na condição de Ginásio Diocesano, entre os anos de 1957 e 1960, o Ginásio São Luiz Gonzaga foi dirigido pelo professor Edgar Linhares Lima que, segundo Francisco de Assis Moraes Souza⁴⁶, conhecido no Piauí como Mão Santa, veio de Fortaleza a convite do então prefeito de Parnaíba Alberto Silva, para assumir a direção do Ginásio.

Senador Alberto Silva, V. Ex^a realizou extraordinários governos no Piauí e na cidade de Parnaíba, onde foi prefeito. Obras inúmeras - sobre as quais não vamos dissertar aqui - que o povo do Piauí e do Brasil conhecem. Mas o essencial é invisível aos olhos. Quero crer que V. Ex^a plantou no Piauí a semente do saber na educação.

Mas eu dizia que V. Ex^a balançou Parnaíba, Senador Alberto Silva. Eu sei que V. Ex^a se orgulha do dique, igual ao da Holanda. Protege, o dique. Mas foi V. Ex^a que levou - e nem sabe - um educador, Edgar Linhares, para Parnaíba. Um homem só. [...] Esse Edgar Linhares é do nível de Paulo Freire, da alfabetização, é colega.

Senador Alberto Silva, eu o elogiava, porque modificou a nossa vida: V. Ex^a pegou o colégio, que é hoje Colégio Diocesano, Unidade Escolar São Luiz Gonzaga, e deu bolsa para todos os estudantes pobres. Lutou e possibilitou a vinda daquele educador. E eu estudei com ele, por isso acho que estou aqui. Edgar Linhares modificou a educação. (DISCURSO. Brasília – DF, 07 de nov. 2005).

⁴⁶ Médico, político e escrito. Membro da Academia Parnaibana de Letras – Cadeira nº 10. Nasceu em Parnaíba em 13 de outubro de 1942. Filho de Joaz Rabelo de Souza e Joana de Moraes Souza. Realizou o curso ginasial no Ginásio São Luiz Gonzaga. Deputado Estadual (1979-1983), Prefeito de Parnaíba (1989-1993), Governador do Piauí (1995-2001), Senador da República (2003-2010), Prefeito de Parnaíba (2017 – 2000; 2020 -). Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-de-morais-sousa>

No aniversário de 70 anos de fundação do Ginásio São Luiz Gonzaga, o jornal *Norte do Piauí* publicou uma matéria de autoria de Maria Cristina de Moraes Souza Oliveira (2007), intitulada “Ginásio São Luiz Gonzaga – o antigo Instituto São Luiz Gonzaga 1937 a 2007, 70 anos”, na parte dedicada aos diretores da instituição. A autora fez o seguinte relato:

Dom Paulo Hipólito de Sousa Libório, que sucedeu a Dom Felipe, empreendeu muitos esforços para conseguir uma ordem religiosa para dirigir o Ginásio São Luiz, no que infelizmente não teve êxito.

Sucedendo o professor José Rodrigues e Silva na direção do Ginásio, veio o padre Davi Moreira que, além de sacerdote, era professor, grande musicista, tendo sido o autor do hino do Ginásio. Em seguida, estiveram à frente da direção outros diretores, [...]. Veio de Fortaleza, a convite do prefeito da época, Dr. Alberto Silva, o grande educador cearense, professor Edgar Linhares Lima, que fez inúmeras inovações pedagógicas, inclusive conseguiu ampliar muito a matrícula, tornando-o misto, atendendo, deste modo, alunos do sexo masculino e feminino. Nessa época, em 1957, veio para o Ginásio São Luiz Gonzaga outro educador cearense o professor Alexandre Alves de Oliveira, professor de Matemática, tendo substituído o professor Lafaiete que havia sido transferido para São Luiz (MA). A administração do Dr. Edgar Linhares, além de novas técnicas pedagógicas utilizadas, deu ênfase às relações escola e comunidade. (OLIVEIRA, 2007, p. 8).

Além das ações do bispo na busca de uma ordem religiosa para administrar a escola e as sucessões no cargo de diretor, Oliveira (2007) informa sobre a vinda do professor cearense Alexandre Alves de Oliveira para integrar o corpo docente do curso ginásial e aponta a adoção de novas técnicas pedagógicas na escola durante a gestão do professor Edgar Linhares.

No ano de 1959, pairaram incertezas sobre a permanência do professor Edgar Linhares Lima à frente da direção da escola. Para acabar com os rumores de sua saída da direção escolar, o editor do jornal católico *O Sino* posicionou-se sobre o assunto, publicando uma matéria intitulada “Continuará na direção do Ginásio São Luiz Gonzaga o prof. Edgar Linhares Lima”, seguida da notícia:

Podemos informar, com absoluta segurança, que o prof. Edgar Linhares Lima continuará na direção do Ginásio São Luiz Gonzaga. Está notícia, que era aguardada pelos alunos do tradicional Instituto, ainda de vez que o São Luiz contará também com a assistência espiritual do Revmo. Pe. Joaquim Antunes de Almeida, da Diocese de Sobral, que ora se transfere para nossa terra, onde já é bastante conhecido pela mocidade. Boas-vindas ao Pe. Almeida e parabéns aos alunos do S. Luiz pela permanência do prof. Edgar Linhares. (CONTINUARÁ ... *O Sino*, 15 de fev.1959, p. 4).

Junto com o padre Joaquim Antunes de Almeida, Edgar Linhares Lima permaneceu na direção da escola, cargo que já vinha exercendo desde 1957, quando implantou curso ginásial feminino, funcionando no turno da tarde, sendo uma das ações mais lembradas, inclusive pela

professora e escritora parnaibana, Maria da Penha Fonte Silva⁴⁷. Ao dissertar sobre o período da história do Ginásio e a administração do professor Edgar Linhares, avalia que ele “fez uma boa administração, mas quebrou uma de suas prerrogativas tornou-se misto” (SILVA, 1987, p. 180).

Em sua gênese, o Ginásio São Luiz Gonzaga foi planejado para ser uma escola masculina, de acordo com os princípios defendidos pela igreja católica, que nas primeiras décadas do século XX tinha uma posição contrária à coeducação. De acordo com Jane Almeida (2007), no início do século XX, a coeducação foi severamente combatida pela Igreja Católica, com o argumento de que a união dos sexos na mesma sala de aula representava um risco para aos costumes morais vigentes. No entanto, para a autora, “mesmo aqueles que militavam em favor da escola pública não viam com bons olhos um sistema único de ensino para moças e rapazes” (ALMEIDA, 2007, p. 64). Logo, “posicionar-se contra as classes mistas não tinha origem apenas na orientação religiosa, era também, uma questão de costume e disciplina escolar” (ALMEIDA, 2007, p. 64).

Em 1957, Edgar Linhares implantou o curso ginásial feminino no Ginásio São Luiz Gonzaga. No entanto, a inserção do público feminino no espaço escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga foi realizada ainda na década de 1950, na gestão do professor Joaquim Custódio (1950-1954) que, como já foi apresentado, recebeu permissão para tornar a escola mista, conforme a cláusula VIII do contrato de arrendamento, assinado entre ele e a Diretoria da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga, em 1950. Na época, a inserção do público feminino foi iniciada de forma gradual, pelo curso primário e, conforme os “resultados satisfatórios no primário”, seria realizada no curso ginásial. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. LIVRO DAS AÇÕES NOMINATIVAS, Parnaíba, 1949, p. 8). Conforme o *Livro de Matrículas* do curso ginásial, entre março de 1950 e março de 1956, não houve matrículas de mulheres no curso ginásial. Essa informação aponta que a inserção do público feminino ficou restrita ao curso primário até 1957, quando Edgar Linhares assumiu a direção da instituição e implantou o curso ginásial feminino.

O professor Edgar Linhares Lima veio de Fortaleza, onde tinha atuado como diretor e professor de instituições de ensino secundário, antes de assumir a direção do Ginásio São Luiz Gonzaga. Assim como o professor Joaquim Custódio, o professor Edgar Linhares Lima também recebeu permissão para implantar o curso ginásial feminino, mas com a condição de que

⁴⁷ Segundo o Livro de Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, nasceu em Parnaíba, em 31 de janeiro de 1918. Filha de José Nunes Ferreira Fonte e Maria Augusta Miranda Fonte. Foi admitida como professora no Ginásio São Luiz Gonzaga em 2 de abril de 1945.

houvesse separação entre os turnos, ficando o matutino para o masculino e o vespertino para o feminino, mantendo as posições da igreja católica em relação a educação de homens e mulheres.

A implantação do curso ginásial feminino promoveu mudanças na organização e no funcionamento do Ginásio São Luiz Gonzaga. Justino Magalhães (2018), ao refletir sobre esses aspectos, chama atenção para o fato de que as instituições educativas “são uma totalidade em funcionamento que inclui espaço, ideação, organização, sedimentação. Sofrem mutações, na configuração material e orgânica, no ideário e no modelo pedagógico, no plano sociocultural, no plano temporal” (MAGALHÃES, 2018, p. 49).

Com a implantação do curso ginásial feminino no turno da tarde, a escola não precisou fazer adaptações na estrutura física do edifício para receber as mulheres, pois as mudanças aconteceram no cotidiano da escola. O funcionamento do externato feminino implicou uma nova rotina na vida da instituição, exigindo a presença de mais funcionários e a contratação de professores para atender ao público feminino, que apresentava especificidades em relação ao masculino, uma vez que se tratava da presença feminina no espaço que, até então, era exclusivamente masculino.

A iniciativa do diretor Edgar Linhares Lima de implantar o curso feminino recebeu adesão da sociedade parnaibana, conforme Livro de Matrículas (1957 a 1959) do curso ginásial e livro Ata de resultados finais do curso ginásial (1957-1972). Isso se verifica a seguir:

Tabela 2 - Matrículas no curso ginásial feminino (1957-1959)

Ano	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série	Total
1957	50 alunas	33 alunas	22 alunas	-	105
1958	50 alunas	50 alunas	41 alunas	19 alunas	160
1959	35 alunas	45 alunas	35 alunas	35 alunas	150
1960	35 alunas	41 alunas	30 alunas	32 alunas	138
1961	-	31 alunas	26 alunas	26 alunas	83

Fonte: Tabela produzida pela pesquisadora a partir das informações obtidas no Livro de Matrículas (1957-1959) e na Ata de Resultados Finais (1957-1972).

A quantidade de matrículas no curso ginásial feminino mostra que a cidade recebeu de bom grado a novidade, em seu primeiro ano de funcionamento o curso feminino, recebeu matrículas para as turmas de 1ª, 2ª e 3ª série do curso ginásial. No segundo ano de funcionamento a escola recebeu matrículas para as quatro séries do curso ginásial.

No início do segundo semestre do ano letivo de 1958, Edgar Linhares, por meio da publicação de aviso e portarias, informou regras e normas a serem adotadas na organização

interna da escola, como atividades que vão desde a realização das provas parciais até o trabalho realizado na Secretária Escolar. Para a realização das avaliações, pelo aviso publicado em 31 de julho de 1958, ficou determinado que:

Aviso

- 1- Os alunos que, por qualquer motivo, deixarem de comparecer as provas parciais, deverão apresentar, até o dia 4, atestado médico declarando impossibilidade de comparecimento no dia das provas.
 - 2- Os exames de 2ª chamada se realizarão de 5 a 9 de agosto próximo, impreterivelmente. O não comparecimento a qualquer uma delas importa na atribuição de nota ZERO aos faltoso.
 - 3- Com reinício do segundo semestre desejamos a todos os alunos muito aproveitamento nos estudos e na formação moral e espiritual.
 - 4- Pedimos a cada um o melhor cuidado com a higiene do Ginásio, atestado de educação de nossos educandos.
- Edgar Linhares Lima. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. Aviso, Parnaíba, 31 de jul. 1958.

Além de ter como finalidade informar sobre os procedimentos adotados para quem se encontrasse impossibilitado de comparecer a provas parciais, pede cuidado com a higiene da escola. No início do ano letivo de 1959, Edgar Linhares publica portarias internas com a instituição de normas e regras que regulamentaram o funcionamento interno da secretaria escolar. As portarias definiam e regulamentavam as atividades desenvolvidas pelo secretário, o arquivista e pela tesoureira. A portaria interna nº 1, publicada em 10 de fevereiro de 1959, regulamentando o horário de funcionamento da secretaria escolar:

Portaria interna nº 1

- O diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, no uso de suas atribuições, resolve:
- 1-O expediente da secretaria a partir de 16 do corrente, é o seguinte:
Manhã – das 7(sete) horas às 11(onze) horas.
Tarde – das 13 (treze) horas às 17 (dezesete) horas.
 - 2- Qualquer funcionário, para chegar ou sair fora deste horário, deverá ter autorização expressa do diretor ou substituinte eventual.
 - 3-Todos os serviços de secretaria, de acordo com a distribuição feita pela direção, deverão ser executados no tempo marcado e entregues a quem de direito.
 - 4-Não se permitirá que os objetos de escritório, papeis ou quaisquer outros utensílios do colégio fiquem sobre as mesas, após o expediente.
 - 5-Sempre que necessário, os funcionários serão chamados a prestar serviços extraordinários, de acordo com a necessidade do serviço.
 - 6-Ao secretário compete vigiar a permanência de alunos na secretaria, ou mesmo de pessoas estranhas ao serviço. A ele será reclamada qualquer transgressão desta determinação.
 - 7-A alteração das ordens de serviço somente será feita pela direção do colégio.
- Cumpra-se.
Parnaíba, 10 de fevereiro de 1959.

Edgar Linhares Lima. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA, Portaria nº 1, Parnaíba, 10 de fev. 1958).

Além da instituição do horário de funcionamento da secretária escolar nos turnos manhã e tarde, as normas adotadas exigiam que existisse uma distribuição de atividades de acordo com as funções desempenhadas por cada funcionário, que deveriam zelar pela organização do espaço de trabalho, realizar serviços apontados como “extraordinário”, dentre as normas regras estabelecidas tinha uma que se referiu especialmente ao secretário, que tinha como função impedir a entrada de alunos na secretária escolar. Como parte da organização do serviço de secretária escolar, a portaria de número 2 tratou de informar qual era o serviço desenvolvido pelo secretário escolar, cargo ocupado no final da década de 1950, por Manoel de Melo Lopes Pedrosa.

Portaria interna Nº 2

O diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, no uso de suas atribuições, resolve:
O secretário do estabelecimento o sr. Prof. Manoel de Melo Lopes Pedrosa, ficará encarregado dos seguintes serviços:

- 1-Organização das cadernetas de classe, com anotação dos alunos com rigorosa ordem alfabética, bem como anotação dos nomes dos professores por matéria.
- 2-Organização de horários e exames de execução das provas dos candidatos a exames de adaptação.
- 3-Preparação dos relatórios de inspeção, de gratuidade e de bolsas do Fundo Nacional do Ensino Médio.
- 4-Confecção de atas de qualquer gênero.
- 5-Preparação de horários de provas parciais e exames.
- 6-Preparação de horários de aula, [...]
- 7-Distribuição de horários aos professores.
- 8-Supervisão de qualquer tipo de prova ou exame.
- 9-Controle e distribuição e recolhimento de provas.
- 10-Controle de material de secretaria.
- 11-Controle sobre documentos pendentes.
- 12-Despacho dos processos de transferência, nunca ultrapassando o prazo de 24 horas, a partir da hora do pedido, sem justificação ao diretor.
- 13-Supervisão dos serviços dos demais funcionários.
- 14-Outros serviços previstos na legislação do ensino.

Cumpra-se.

Edgar Linhares Lima,

Diretor. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA, Portaria nº 2, Parnaíba, 10 de fev. 1958).

Para garantir a organização da documentação do escriturário escolar, além do estabelecimento de normas e regras para o trabalho desenvolvido pelo secretário, o diretor designou Maria do Carmo Costa para a função de arquivista da escola, informando, também suas atribuições:

Portaria interna Nº 3

O diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, no uso de suas atribuições, resolve: Destacar a funcionária Maria do Carmo Costa para o exercício de Arquivista, cabendo-lhe as seguintes atribuições:

- 1-Preparação das listas de notas mensais e frequência.
- 2- Preparação das fichas individuais.
- 3- Preparação das pastas individuais – novatos e arquivamento de concludentes e transferidos.
- 4-Disposição dos livros do arquivo.
- 5-Expediente do arquivo (fichas para transferência, 2º via de vida escolar e certificados diversos.
- 6-Pastas de arquivo e legislação, com referência a secretaria.

Cumpra-se

Parnaíba, 13 de fevereiro de 1959.

Edgar Linhares Lima,

Diretor. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA, Portaria nº 3, Parnaíba, 10 de fev. 1958).

A tesoureira da escola também teve suas funções regulamentadas pelo diretor, juntamente com os demais funcionários da secretaria escolar.

Portaria interna Nº 4

O diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, no uso de suas atribuições, resolve: Determinar a Tesoureira, as seguintes atribuições:

- 1-Receber as fichas de matrícula – entregar ao Secretário.
- 2-Preparar relação de bolsas do F.N.E.M
- 3-Preparar relatório de gratuidade (55)
- 4-Preparar folha de pagamento dos professores e funcionários.
- 5- Preparar folha de contribuição do I.A.P.C (folha mensal)
- 6-Preparar a contribuição do imposto sindical.
- 7- Preparar relação de 2/3 (Ministério do trabalho)
- 8- Fazer inscrição dos exames de admissão – entregar ao Secretário.

Cumpra-se.

Parnaíba, 13 de fevereiro de 1959.

Edgar Linhares Lima,

Diretor. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA, Portaria nº 4, Parnaíba, 10 de fev. 1958).

Mesmo com a adesão da sociedade parnaibana, o curso ginásial feminino manteve-se em funcionamento apenas durante o período em que o professor Edgar Linhares esteve à frente da direção do Ginásio São Luiz Gonzaga. Os registros encontrados na documentação escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga apontam que as matrículas no curso ginásial feminino foram sendo encerradas de forma gradativa, no ano de 1961. Conforme o livro ata de resultados, a escola já não aceitou matrículas para a primeira série do curso ginásial feminino.

No ano de 1962, o curso ginásial teve uma turma de quarta série mista, composta por 38 alunos, formada por 21 mulheres e 17 homens. A única turma mista existente na escola no período pesquisado funcionou no turno da manhã. As demais eram todas masculinas, encerrando-se, assim, a presença feminina no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga até

1971, quando as mulheres foram aceitas novamente no espaço escolar da instituição, inclusive com turmas mistas, nos turnos manhã e tarde.

Além da implantação do curso ginásial feminino, Edgar Linhares adotou práticas no Ginásio que reverberam nas memórias de egressos, ex-funcionários e professores como inovadoras. A professora Maria Christina de Moraes Souza Oliveira⁴⁸, ao recordar o período em que o professor Edgar Linhares esteve à frente da direção do Ginásio, narra práticas educativas como exposição dos resultados obtidos pelos alunos nas avaliações, por meio de gráficos, ao final do ano letivo, atividade que para ela foi um aprendizado. Em suas palavras,

O Ginásio São Luiz Gonzaga tem um grande significado na minha vida profissional. Lá eu tive muitos ensinamentos porque quem ensina também aprende. Eu era muito nova e o professor Edgar Linhares exigia muito da gente. Uma vez, ele queria fazer uma exposição no final do ano, apresentando os gráficos de resultados de aprendizagem das diversas séries. No dia da reunião dos professores para tratar do assunto, ele disse para mim:- ‘Olhe, você como professora de Desenho vai fazer os gráficos com os resultados de todas as turmas pra gente colocar nos painéis e expor aqui nesses corredores’. Um livro enorme que mais parecia um dicionário. Aí eu me assombrei e disse: - ‘Eu professor?! Eu nunca fiz um gráfico desse na minha vida. Não! Eu não sei fazer’. Então, ele disse: - ‘Olhe, veja, aqui tem vários estilos de gráficos, tem gráfico linear ...’ E olhou pra mim com um livro na mão e disse: - ‘Você não sabe ler!’. Eu respondi: - ‘Sei!’ E ele respondeu: - ‘leia o que tem aqui nesse livro, ele vai lhe orientar. Você é inteligente, vai fazer tudinho’. Depois disso, eu fiquei pensando, ‘não vou decepcionar esse homem’. Cheguei em casa, comecei a ler o livro e a fazer. Quando foi no dia da exposição, estava tudo pronto. Depois disso, fui ensinar aos alunos a fazer gráficos nas minhas aulas. (Maria Christina de Moraes Souza Oliveira, 2019).

Noé Fortes de Souza Pires ingressou como aluno interno na instituição no início dos anos de 1950. Ao construir sua narrativa sobre sua trajetória escolar, avalia que foi “bem interessante” e prossegue: “Eu saí da fazenda de meu pai, localizada no município de Joaquim Pires, com 13 anos de idade para estudar. Eu não conhecia nenhuma cidade sequer! Fui deixado no São Luiz Gonzaga, no internato”.

Foi como aluno interno e externo que Pires (2018) realizou o curso primário e o ginásial no Ginásio São Luiz Gonzaga. Os professores deixaram suas marcas nas memórias do narrador e são classificados como “todos ótimos!! Professores selecionados. Muitos vindos do Ceará” (PIRES, 2018). Além dos professores, o narrador se recorda dos diretores que teve no

⁴⁸ Segundo o Livro de Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, Maria Cristina de Moraes Sousa nasceu em Parnaíba em 27 de outubro de 1935. Filha de Joaz Rabelo de Sousa e Joana de Moraes Sousa. Foi admitida como professora no Ginásio São Luiz Gonzaga, em 1º de março de 1955, onde ministrou as disciplinas: Economia Doméstica, Desenho e Geografia Geral no primeiro ciclo Curso Ginásial. Deixou a instituição em 28 de fevereiro de 1968 para assumir a Diretoria do Departamento de Ensino Municipal. Cf. OLIVEIRA, Maria Christina de Moraes Souza. **História de Christina**. Parnaíba: Sieart, 2020.

Ginásio: “O primeiro diretor era o professor Joaquim Custódio, que inclusive os primeiros vinte dias eu passei na casa dele porque os internos ainda não tinham voltado das férias. Logo depois, o padre Raimundo José Vieira assumiu a direção. Depois foi o padre Tibúrcio” (PIRES, 2018).

No entendimento de Pollak (1996, p. 61), a “motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é *interpretar*”. Ao longo de sua narrativa, especialmente quando se recordou das normas disciplinares existentes na escola, avaliou a postura dos padres na direção da escola. Segundo ele: “esse negócio de bolo não existia lá não. Só existiram com o padre Vieira e o padre Tibúrcio”. E faz uma ressalva sobre o temperamento do padre Raimundo José Vieira: “era muito zangado, mas também quando não estava zangado, era a melhor pessoa do mundo, jogava bola com a gente, a bola entrava pra dentro da batina dele, na maior alegria do mundo, e todo mundo o adorava. Mas se o aluno não soubesse se comportar, ele castigava. Botava de joelhos!!” (PIRES, 2018).

Como foram muitos anos na condição de interno do Ginásio São Luiz Gonzaga, o narrador conviveu com vários diretores, após as recordações da convivência com os padres Raimundo José Vieira e Tibúrcio de Paula, vieram as lembranças do último diretor com quem conviveu no Ginásio. As memórias escolares vieram acompanharam de gestos e som de sua voz foi alterada ao fazer a seguinte narrativa:

Depois eu consegui conhecer o que considero o maior educador do mundo, o professor Edgar Linhares. Veio de Fortaleza para administrar o Colégio. Um Colégio só de homens!!! Quando ele chegou, tornou o Colégio misto. Eu fiz todo o ginásio no Colégio. Outra inovação dele foi trazer festas juninas na escola com apresentação de quadrilha para Parnaíba. A primeira fui eu quem dançou com uma colega lá do Colégio. Quem trouxe quadrilha para Parnaíba foi o professor Edgar Linhares. Dancei no Cassino 24 de janeiro. Nós, alunos e alunas do São Luiz Gonzaga, fomos convidados para vários lugares para se apresentar dançando quadrilha. (Noé Fortes de Souza Pires, 2018).

A gestão do professor Edgar Linhares promoveu mudanças na instituição que podem ser identificadas na narrativa do colaborador, como a introdução de prática das festas juninas e a presença feminina, antes um espaço masculino nas atividades festivas comemoradas na escola.

Além das inovações apontadas pelo narrador, Edgar Linhares também levava os alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga para excursões no Ceará, inclusive sendo notícia no jornal: “Excursão de estudantes. Luzida a comitiva do Ginásio São Luiz Gonzaga chefiada pelo seu operoso e inteligente Diretor, Prof. Edgar Linhares, regressou de Fortaleza [...]” (O Sino, 20 de out. de 1957, p. 4).

Noé Fortes de Souza Pires guarda respeito e admiração por Edgar Linhares, a quem considera “o maior educador do mundo”. Ao ser questionado sobre a adjetivação usada para o diretor, ele exemplifica com um acontecimento ocorrido no Ginásio:

Eu era um aluno muito danado, e lá, a gente tinha o prefeito de disciplina no internato. Eu ainda fui *prefeito de disciplina* porque eu era tão danado que o professor Edgar Linhares me expulsou, e depois mandou dizer pra eu voltar. Quando eu voltei, ele me deu o cargo, e eu aceitei e me transformei numa autoridade no Internato. Outro que também foi prefeito de disciplina foi o Genuíno Sales, um aluno interno do Ginásio. O professor Edgar Linhares que foi meu último diretor. Era de uma sumidade tamanha que é inimaginável. *Ele, para me contornar, me deu o cargo de prefeito de disciplina do internato*, mas antes de fazer isso, ele me estudou para saber se eu valeria a pena ou não. Eu era danado, mas era estudioso! (Noé Fortes de Souza Pires, 2018 – grifos nossos).

A narrativa de Pires (2018) expõe situações vivenciadas na cultura escolar do curso ginásial, revela que nem sempre os alunos aceitavam de forma pacífica as normas e regras disciplinares instituídas na escola e evidencia um exemplo das negociações existentes no interior da cultura escola, como a ação do diretor em lhe convidar para ser prefeito de disciplina do internato. Essa estratégia foi usada para fazer com que não só aceitasse a disciplina, mas se tornasse um vigilante das normas e regras da cultura escolar vivenciada pelos ginásianos no final da década de 1950.

Ao passo que a narrativa de Pires (2018) explicita resistência à cultura escolar, assegura que era estudioso, um dos critérios que, segundo ele, justificou o convite do Edgar Linhares. Além de ser estudioso, quando recebeu o convite, estava cursando a terceira série do curso ginásial. Nas séries finais, o aluno tinha em média dezessete a dezenove anos, ou seja, estava entre os alunos mais velho do internato. A atitude do diretor de expulsar e depois repensar a expulsão, revertendo em convite para ser prefeito de disciplina do internato, demonstra mudanças na cultura escolar, afastando-se das normas e regras que nortearam as condutas dos alunos nas décadas anteriores.

A ficha de notas de Genuíno Sales⁴⁹, citado na narrativa de Pires (2018), como aluno que ocupou também ocupou o cargo de prefeito de disciplina do internato, mostra seu excelente desempenho nas avaliações realizadas na instituição, ao logo do ano de 1958, quando cursou a quarta série ginásial.

⁴⁹ Genuíno Francisco de Sales nasceu em Pedro II, em 15 de abril de 1938. Filho de Antônio Francisco de Sales e Izabel Francisca de Jesus. Matriculou-se na primeira série do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga em março de 1955. Concluiu a quarta série em 1958. Faleceu em 29 de setembro de 2018, em Fortaleza-CE.

Antônio Freitas de Araújo, ao evocar suas recordações sobre a rotina dos internos, menciona a existência do prefeito de disciplina no internato, e cita nomes de alunos que durante esse período se reversaram na função.

Eles acordavam cedo iam tomar banho, trocar de roupa e vinham para o café. Encontravam a mesa pronta, com uma xícara, um prato e colher para o chá de burro, um bule com café, o leite, tudo pronto. Na época, o prefeito do internato era o Iran, que morreu, e o outro era o Antônio de Pádua, ex-prefeito de Luís Correia, que já morreu também. Eles eram ex-alunos do colégio e cuidavam dos internos. De manhã, todos tinham aula; de tarde, faziam educação física; quando era à noite, eles levavam uns alunos para passear, aqueles alunos maiores. Esse passeio acontecia no final de semana. Aqueles que se comportassem bem, quando era sábado, saiam com um deles. O internato tinha médico, tinha tudo. (Antônio Freitas de Araújo, 2019).

A narrativa de Araújo (2019) aponta que o prefeito de disciplina poderia ser, inclusive, um egresso, como nos casos citados por ele. Pela narrativa, observamos que tanto Iran Fontenele⁵⁰ quanto Antônio de Pádua⁵¹ eram egressos do curso ginásial. Os alunos internos, com raras exceções, não residiam em Parnaíba. Iran Cardoso Fontenele foi uma dessas exceções. Morava próximo ao Ginásio quando foi matriculado por seu pai, que tinha ficado viúvo. Ao finalizar o curso ginásial em 1959, foi convidado pelo padre Joaquim Antunes de Almeida, que compartilhava a direção da escola com professor Edgar Linhares, para permanecer no internato, na condição de prefeito de disciplina. Quando o professor de educação física se afastou da escola, em março de 1960, Iran Fontenele, que se destacava por suas habilidades esportivas, foi convidado para assumir a vaga de professor de educação física no Ginásio.

O prefeito de disciplina era um elo entre os internos e o diretor da escola, poderia ser um dos internos, ou não, conforme a narrativa de Antônio Freitas de Araújo. No caso de o cargo ser ocupado por um egresso do internato, este podia morar no internato e ajudava no controle e disciplina dos alunos. Aos olhos dos colegas, o prefeito de disciplina era visto como “os olhos e ouvidos” do diretor. Se o cargo fosse ocupado por um interno, era sinal de prestígio junto aos professores e a direção, e passava a ser visto como uma espécie de autoridade pelos colegas, como frisou Pires (2018).

⁵⁰ Segundo informações do Livro de Matrículas (1939-1959), Iran Cardoso Fontenele nasceu em 04 de setembro de 1940, filho de Jovelino Magalhães Fontenele e Zilda Cardoso Fontenele. Residente na Rua Marechal Pires Ferreira, s/n, concluiu o curso ginásial em 1958, no Ginásio São Luiz Gonzaga. Faleceu em Parnaíba, em 24 de abril de 1962.

⁵¹ Segundo informações do Livro de Matrículas (1939-1959), Antônio de Pádua da Costa Lima nasceu em 30 de outubro de 1937, em Luís Correia. Filho de José Maria de Lima. Foi aluno interno do Ginásio São Luiz Gonzaga onde fez o curso ginásial entre 1954 a 1957.

As ações de Edgar Linhares à frente da diretoria do Ginásio reverberam na memória de ex-alunos, como Maria Iracema Aragão (2019) que, ao se recordar sobre o período em que realizou o curso ginásial, seleciona as lembranças sobre Edgar Linhares e o avalia como uma pessoa “firme na forma de administrar”. E continua: “Uma vez fui punida por ele porque eu estava cantando na sala de aula. Existia muita rigidez na escola. As mulheres estudavam no turno da tarde e era proibido ingressar no Ginásio pela manhã” (ARAGÃO, 2019).

Lilian Maria de Almeida Castro (2019), por sua vez, cursou as duas últimas séries do curso ginásial no Ginásio São Luiz Gonzaga. Ao realizar o trabalho de memória, relata que ela e seus irmãos estudaram em escolas católicas diferentes. Ela foi matriculada no Colégio Nossa Senhora das Graças e os irmãos, no Ginásio São Luiz Gonzaga. Castro (2019) escolheu iniciar sua narrativa fazendo uma ressalva: “quando eu estudei no São Luiz Gonzaga, não tinha padre, não!! Antes teve um padre carrasco que colocava os meninos de joelhos nos caroços de milho, dava cocorote na cabeça dos meninos, batia caçoleta nas orelhas”. E completa, dizendo: “Eu sei disso porque meus irmãos estudavam lá e contavam, mas quando eu estudei lá, não tinha nada disso, não!!” (CASTRO, 2019).

Após frisar que no Ginásio São Luiz Gonzaga não existiam castigos corporais no período em que foi aluna, Castro (2019), assim como seus contemporâneos no curso ginásial, ressalta a presença do professor Edgar Linhares na direção da escola:

Eu comecei a estudar no Colégio das Irmãs. Fiz jardim da infância, primário e metade do ginásio lá. Quando eu estava no segundo ano ginásial, no Colégio das Irmãs, eu fui para o Ginásio São Luiz Gonzaga. Na época, meus irmãos estudavam lá e eu tinha muita vontade de estudar lá também. Eu adorava o Ginásio São Luiz Gonzaga não só pela disciplina, porque isso não faltava no Colégio das Irmãs, que era muito bom, mas porque veio de Fortaleza, e ficou muitos anos à frente do Ginásio, um Diretor que em Fortaleza era Diretor do Colégio Agapito dos Santos, Doutor Edgar Linhares e a esposa, que era psicóloga. Ele foi um diretor que promoveu uma inovação no Ginásio São Luiz Gonzaga, incluindo a parte artística, com os grêmios masculino e feminino. Eu fui presidente do feminino - na época se chamava Grêmio Estudantil Ginásio São Luiz Gonzaga - e o Mão Santa do masculino, Grêmio Cívico Literário Tiradentes. (Lilian Maria de Almeida Castro, 2019).

O curso ginásial feminino do Ginásio São Luiz Gonzaga atraiu filhas das famílias abastadas que estudavam no colégio católico feminino e em outras instituições escolares, como do Colégio Parnaibano. Ao mencionar os motivos que a fizeram mudar de instituição, Castro (2019) menciona a vinda do diretor de Fortaleza para administrar a escola e o classifica como inovador da instituição, para justificar sua afirmação. Castro (2019) aponta ações inovadoras realizadas por Edgar Linhares, principalmente na parte artística, com a atuação dos grêmios

estudantis, que à época, chamavam-se Grêmio Cívico Literário Tiradentes, presidido pelo Mão Santa, e o feminino, Grêmio Estudantil Ginásio São Luiz Gonzaga, presidido por ela. O olhar sobre a cultura escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga é carregado por um saudosismo presente nas emoções da narradora, demonstrando que os sujeitos “constroem representações sobre os períodos de suas vidas e os acontecimentos que marcaram sua história” (DELGADO, 2010, p. 33-34).

As ações de Edgar Linhares também reverberam nas memórias escolares de Maria Iracema Aragão, ao narrar sua trajetória escolar no curso ginásial:

Quando eu fiz o ginásio no São Luiz Gonzaga, o diretor era um professor que veio de Fortaleza, o Doutor Edgar Linhares. Durante os quatro anos em que eu estudei lá, ele foi o diretor o Colégio. [...] Na época, nossa farda era a coisa mais linda do mundo. Era uma saia cinza de pregas e uma blusa. Era a mesma farda adotada no colégio de Fortaleza, que se chamava Agapito dos Santos, onde ele trabalhava antes de vir para Parnaíba. Eu sei disso porque ele trazia os times de lá para disputar os jogos conosco no São Luiz Gonzaga. Eu cheguei a participar do time de vôlei, mas depois eu saí. Eu era das mais baixas e para o vôlei tem que ter altura. Então, quando o time feminino veio de Fortaleza, nós vimos que a farda delas era igual a nossa. Era uma saia cinza de pregas. Eu andava com minha saia muito bem engomada para não desmanchar as pregas. A blusa era branca. Na época, comprava os tecidos nas Lojas Pernambucanas. (Maria Iracema Aragão, 2019).

Aragão (2019), ao se recordar do uniforme escolar, aponta a semelhança entre o uniforme adotado no Ginásio São Luiz Gonzaga e o das alunas do Ginásio Agapito dos Santos, colégio cearense que, segundo ela, era onde o professor Edgar Linhares trabalhou antes de vir para Parnaíba. Sobre as cores do uniforme masculino, em seu relato memorialístico, Aragão (2019) diz que “o tempo do Edgar Linhares”, expressão usada pelos egressos para marcar o período em que cursaram o ginásial, uniforme masculino passou por mudanças. Em suas palavras, “a farda mudou da verde, parecendo farda de gala do exército, para uma farda cinzenta, bem leve, apropriada ao nosso clima” (ARAGÃO, 2019).

Com a saída do professor Edgar Linhares, o padre Antônio Sampaio, pela segunda vez, assumiu a direção do Ginásio e publicou no *O Sino* (1960), jornal católico que na década de 1960 era dirigido por ele, a seguinte nota de agradecimento:

Deixando a Paróquia, para dirigir o Ginásio São Luiz Gonzaga, até a vinda dos renomados Padres Jesuítas. Agradeço penhorado a quantos colaboraram espiritual e materialmente, para alimentar a vida religiosa paroquial. Agradeço, de modo especial, aos Revmos. Sacerdotes do clero Secular e Regular, às Revmas. Religiosas, às Associações Religiosas, particularmente, às Catequistas, à Legião de Maria e às dedicadas colaboradoras na ornamentação, asseio e dignidade do Templo de Deus – nossa Igreja Catedral.

Sobre todos imploro as mais eleitas benções divinas e a todos desejo muito feliz ANO NOVO de 1961.

Padre Antônio Sampaio. (AGRADECIMENTO...*O Sino*, 30 de dez. 1960, p. 1)

O padre Antônio Sampaio explica que estava deixando suas funções como pároco da Catedral de Nossa Senhora da Graça para assumir a direção da escola até a vinda dos padres Jesuítas para assumir a direção da escola, fato que demonstra o esforço de Dom Paulo Hipólito de Souza Libório, segundo bispo da Diocese de Parnaíba, em conseguir uma ordem religiosa para administrar o Ginásio São Luiz Gonzaga.

No entanto, os padres Jesuítas não vieram administrar a direção do Ginásio São Luiz Gonzaga, como anunciado pelo padre Antônio Sampaio, e ele continuou à frente do cargo até 1964, quando o padre Raimundo José Vieira assumiu o cargo até 1966, por ocasião de seu falecimento, o que implicou no retorno do padre Antônio Sampaio. Em 1967, o padre João de Araújo Coutinho assumiu a direção da escola, permanecendo até 1969, sendo sucedido pelo padre Francisco de Assis Soares (1970-1971). A constante troca dos diretores expõe as dificuldades enfrentadas pela Diocese de Parnaíba em administração da escola, fato que a levou a arrendar a escola em 1972, para professores locais, permanecendo assim até a década de 1990, quando a Diocese de Parnaíba retomou a direção da instituição, mantendo-a em funcionamento até os dias atuais.

Com o retorno dos padres diocesanos para a administração do Ginásio São Luiz Gonzaga, as mudanças apontadas pelos egressos como inovadoras deram lugar às práticas tradicionais defendidas pela igreja católica para a formação da juventude, como o fim do curso ginásial feminino e a adoção de regras mais firmes, como as narradas sobre as ações do padre Raimundo José Vieira. Por outro lado, foram encontrados registros que informam uma intensa participação dos alunos em atividades cívicas e esportivas realizadas na cidade, em uma interação com outras instituições escolares de ensino secundário, mudanças na cor do uniforme e a implantação de um curso primário para domésticas, sob a direção das Irmãs Missionárias.

Verificaram-se mudanças nas regras disciplinares, representadas pela presença constante da “Maria Vitória”, nome da palmatória usada pelo padre Raimundo Vieira. Outra mudança no funcionamento do Ginásio, promovida pelo padre Antônio Sampaio, foi o fechamento do internato e do semi-internato, em 1962, medida que Antônio Freitas de Araújo, funcionário do internato, justificou da seguinte forma:

O internato acabou porque foram sendo criados Ginásios em outros Municípios. Então, os pais, vendo que a despesa seria menor, não mandavam

mais os filhos para o internato em Parnaíba. Em 1962, quando o internato fechou, tinham poucos internos, não dava mais para continuar mantendo. Era muito gasto. Com a criação de Ginásios nas cidades vizinhas como Piripiri, Piracuruca e outras cidade de onde recebíamos alunos, a procura pelo internato diminuiu bastante. Eu acho que não tinham 15 internos quando fechou. Então, o Monsenhor Sampaio que já recebeu o Ginásio com poucos alunos internos, decidiu acabar. Ele ainda tentou, mas não deu para continuar com o internato. (Antônio Freitas de Araújo, 2019).

Na pesquisa realizada na documentação que compõe o arquivo escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, envolvendo especialmente os primeiros anos da década de 1960, foi localizada uma grande quantidade de pedidos de transferência de aluno para o Colégio Estadual Lima Rebelo. Um levantamento realizado em 1968, pelo jornal *Norte do Piauí*, apresentou os seguintes dados, sobre o número de matrículas nas instituições de ensino secundário existentes em Parnaíba, nas respectivas instituições (tabela 3):

Tabela 3 - Instituições de Ensino Secundário de Parnaíba (1968)

Ensino Secundário	Alunos	Mantenedora	Caráter
Ginásio Estadual Lima Rebelo	940 alunos	Público	Laico/Misto
Ginásio da Escola Normal Francisco Correia	177 alunos	Público	Laico/Feminino
Ginásio N. Senhora das Graças	380 alunos	Privado	Católico/Feminino
Ginásio São Luiz Gonzaga	183 alunos	Privado	Católico/Masculino
Ginásio Clóvis Salgado	125 alunos	Privado	Laico/Misto
Ginásio N. Senhora de Lourdes	246 alunos	Privado	Laico/Misto
Ginásio União Caixeiral	235 alunos	Privado	Laico/Misto

Fonte: tabela produzida pela pesquisadora a partir de informação do Jornal *Norte do Piauí*, Parnaíba, ano II, n; 112, 31 de dez. de 1968.

O Ginásio São Luiz Gonzaga estava entre as escolas privadas que ofereciam o curso ginasial em Parnaíba. Não mantinha mais o internato em funcionamento, mas continuava recebendo o público masculino nos cursos primário e secundário.

2.5 Mansão da esperança: o edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga

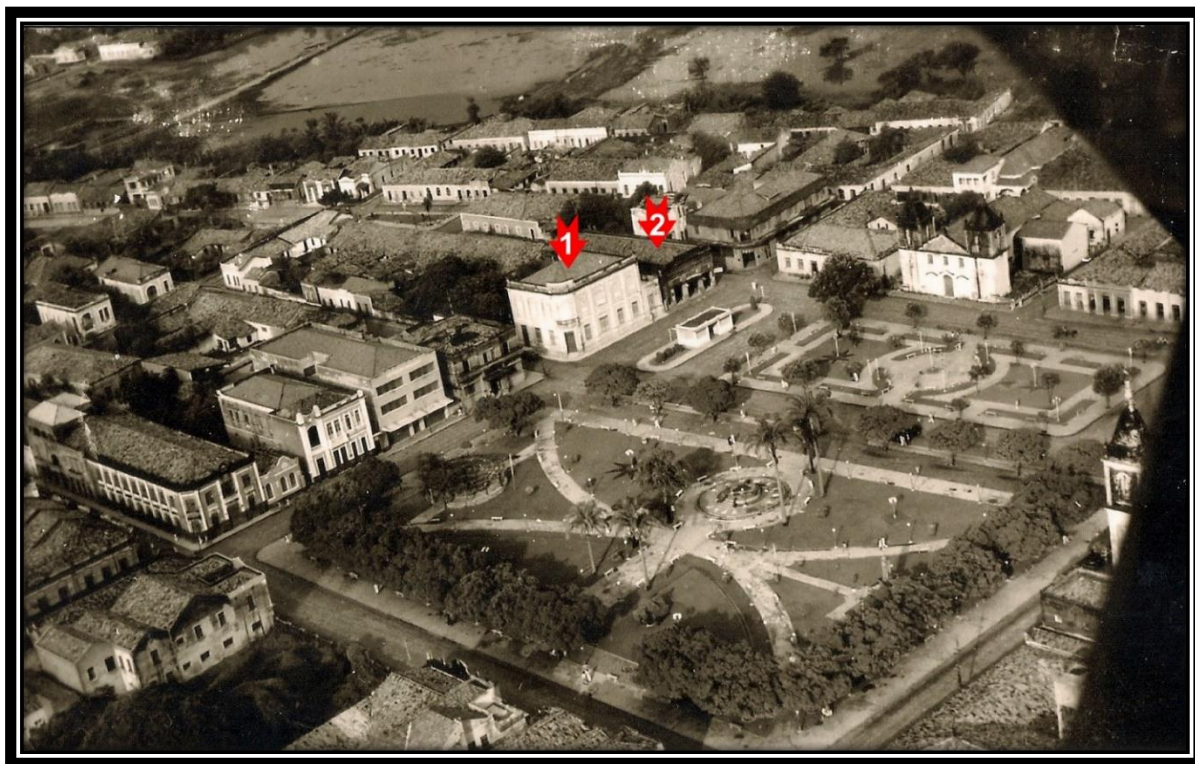
Além do conjunto de práticas adotados na formação intelectual, normas e condutas a ensinar (Julia, 2001), os estabelecimentos educativos e todo o aparato material ali utilizado e produzido, como o edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga apresentado pelo egresso João Paulo dos Reis Veloso, em seu discurso de formatura do curso ginasial (1947), como “mansão da

esperança”, constitui-se como elemento importante na investigação sobre a cultura escolar do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga.

Sobre os usos do espaço escolar, Vinão Frago (2005) é enfático ao defender que “a distribuição e os usos do espaço, ou seja, a dupla configuração deste último como lugar e como território” se constitui como um dos “elementos-chave na configuração da cultura escolar de uma determinada instituição educativa, juntamente com a distribuição e os usos do tempo, os discursos e as tecnologias da conversação e comunicação nela utilizados”. A escola, na concepção de Viñao Frago e Escolano Benito (2001), é um lugar, portanto, “a ocupação do espaço supõe sua constituição como lugar. [...] o espaço projeta-se ou se imagina; o lugar se constrói” (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO BENITO, p. 61, 2001).

Em meio à projeção de espaço na cidade de Parnaíba, o Ginásio São Luiz Gonzaga teve três sedes. A primeira foi o Centro Católico de Parnaíba (figura 2), localizado na Praça da Graça, cedida pela associação de leigos para a fundação da escola católica masculina que começou suas atividades educacionais ofertando o curso primário e o preparatório para o exame de admissão. No entanto, o projeto era oferecer o ensino secundário e expedir o grau de Bacharel em Ciências e Letras aos alunos no final do curso, que, até 1942, tinha a duração de 5 anos. Para tanto, era preciso um espaço maior para comportar os alunos e atender às exigências legais do período. Por esse motivo, a escola funcionou no Centro Católico de Parnaíba até 1938, quando mudou de endereço.

Figura 2: Centro Católico de Parnaíba (década de 1930)



Fonte: Arquivo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba.

Para implantar o ensino secundário, era necessário atender exigências do Ministério da Educação e Saúde, representado pelo Inspetor Federal Djalma Cavalcante, responsável por inspecionar as instituições que se candidatavam a ofertar essa modalidade de ensino. Dentre as várias exigências, o prédio em que a instituição estava instalada era uma delas. Assim, Ozias Correia alugou uma residência localizada próxima da atual Esplanada da Estação, que se constituiu como um novo espaço para a escola.

A segunda sede (figura 3) foi a chácara do então prefeito Mirócles Campos Veras⁵², composta por palacete, com quintal igualmente grande, rodeada por árvores de grande e pequeno porte que servia para o recreio dos alunos. No novo endereço, o silêncio era rompido pelo burburinho dos alunos do vizinho Ginásio Parnaibano e da Escola Normal, e as chegadas e partidas do trem na estação ferroviária, transporte usado pelos alunos do internato para retornavam para suas cidades de origem.

⁵² Médico e político parnaibano, Mirócles Campos Veras nasceu em 25 de março de 1890, filho de Emídio Gomes Veras e Maria de Campos Veras. Prefeito de Parnaíba (1934-1936); (1937- 1945). Deputado Federal (1951-1954). Faleceu em 10 de setembro de 1978. Cf., SANTANA, Judith. **Parnaíba**. Parnaíba: COMEPI/PI, 1982.

Figura 3: Sede do Instituto São Luiz de Gonzaga



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 47.

No livro *Caixa do Instituto São Luiz Gonzaga (1939-1942)* consta que a residência foi alugada em dezembro de 1938, passou por um processo de adaptações realizadas entre janeiro e fevereiro de 1939, como reforma e construção de um pavimento para sala de desenho e dos laboratórios. Além da reforma, foi realizada compra de móveis e utensílios, como: carteiras, camas, guarda-roupas, estrados, quadros negros, máquina de escrever; compra de utensílios domésticos para cozinha do internato; mastro para bandeira, livros; uniformes escolares: quepes, camisas, cintos e calças, estrados.

Pela movimentação financeira da escola, entre dezembro de 1938 a 1942, é possível identificar as despesas com a mudança de endereço e as adaptações necessárias para o funcionamento da escola e a compra do material citado. Para atender as necessidades da nova sede, Ozias Correia contraiu empréstimo junto ao Monsenhor Constantino Boson e Lima, no valor de C\$S 12. 000,00 para poder aparelhar a escola com material necessário para seu funcionamento conforme exigência do Ministério da Educação e Saúde⁵³.

⁵³ A Reforma Francisco Campos, no artigo 51 do Decreto de nº 21. 241, de 14 de abril de 1932, determinou que os estabelecimentos que pretendessem solicitar o reconhecimento oficial deveriam “dispor de edifício, instalações e material didático, de acordo com as normas estabelecidas pelo Departamento Nacional do Ensino e aprovadas pelo Ministério da Educação e Saúde Pública”. (BRASIL, 1932).

O editorial do *Almanaque da Parnaíba* não poupou elogios sobre o novo endereço, que foi descrito como “um dos melhores pontos mais pitorescos e salutareos desta cidade, a chácara do doutor Mirócles Vêras, e manterá os cursos: infantil, primário, de admissão e secundário” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1939, p. 178).

Figura 4: Instituto São Luiz de Gonzaga (1939)



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1939, p. 178.

Além das qualidades apresentadas sobre o endereço, o editor também chamou atenção dos leitores para as inúmeras vantagens que se podia desejar para a educação de seus filhos, dentre as quais foram listados, além dos recursos pedagógicos existentes no Ginásio São Luiz Gonzaga, como os gabinetes de física, química, história natural, geografia e desenho, material didático e o plano de ensino que contemplava a educação católica para os jovens parnaibanos, aspectos como: a modernidade do edifício e a higiene, preocupações recorrente nos discursos sobre os espaços escolares na época. Esse conjunto de ações fez com que o editor apresentasse

a instituição escolar como “um educandário moderno e higiênico” que se configurava na cidade como “uma obra de renovação educacional” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1939, p. 178) e continuou o editor:

Esse plano, vantajosamente iniciado, assentado sobre bases indestrutíveis, será levado a efeito, pois tem a garanti-lo a nítida compreensão da família parnaibana e a dedicação de toda prova dos diretores do Instituto, aliada a mais perfeita técnica do ensino, que é cuidadosamente observada, ali, no manejo das disciplinas escolares.

Ilustra este ligeiro comentário um *clichê* parcial do prédio – amplo, elegante e bem arborizado – no qual funcionarão, também, o internato e o semi-internato do colégio, que se limitarão nesse primeiro ano, respectivamente em 15 e 20 alunos.

Os *estatutos* e o *regime interno*, falam eloquentemente do que é e do que será o Instituto, de que Parnaíba pode orgulhar-se com justiça.

Da nossa parte, sentimo-nos perfeitamente à vontade para congratularmo-nos, mais uma vez, com os empreendedores de tão magnífica obra, que tem merecido e merecerá certamente o apoio das nossas famílias e as bênçãos de Deus. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1939, p. 179).

A escola foi apresentada como “indestrutível e vitoriosa e de renovação educacional” para a cidade, recebeu apoio da família parnaibana, tinha a dedicação dos diretores aliado as “mais perfeita técnica de ensino existente”. Além dos argumentos citados, são apresentadas características do prédio. Aspectos como tamanho, elegância e arborização foram apontados como elementos que qualificavam a escola, para receber alunos no internato.

Ao finalizar a apresentação da escola, o editor se declarou um apoiador da instituição e favorável ao ensino e os métodos pedagógicos ali adotados e convocou as famílias parnaibanas para apoiar o mais novo educandário da cidade, evocando as bênçãos divinas sobre o empreendimento.

Os alunos que frequentaram o Ginásio, em sua segunda sede, guardam recordações do período. Cientes que como escreveu Marina Maluf (1995, p. 70), “a memória é um só tempo lembrar e esquecer. O ato de rememorar encerra um conjunto de intenções que selecionam e elegem – escolha que é derivada de incontáveis experiências objetivas e subjetivas do sujeito que lembra”, lembrar implica esquecer, selecionar acontecimentos que deixaram marcas. Para a autora, “ao relembrar, o memorizador constrói paisagens e imagens que são verdadeiros campos de significação para o lembrado” (MALUF, 1995, p. 70).

Considerado por Viñao Frago e Benito Escolano um “elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem” (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 26), a arquitetura da residência está presente no repertório das memórias daqueles que frequentaram no período em que funcionou na residência do Mirócles Campos Veras. Francisco João Alves

de Brito (2018), cocalense, foi aluno interno e externo nos cursos primário e ginásial e, ao narrar suas memórias sobre os prédios escolares, relata: “quando eu comecei a estudar no São Luiz Gonzaga, a escola funcionava no prédio ao lado da estação ferroviária e depois mudamos para o prédio novo. O Prédio novo era grande, ocupava uma quadra todinha, abrigava dormitórios, refeitório, tinha um campo de futebol grande”. O tema central do relato é o edifício escolar, ao qual se refere com o adjetivo novo. Em suas palavras, “O prédio novo dividia a parte das aulas da parte do dormitório, o outro prédio tinha campo também, mas era pequeno e tinha quadra de jogar vôlei e basquete. Eu tive a oportunidade de estudar nos dois prédios” (BRITO, 2018). Ao caracterizar os espaços da arquitetura do prédio escolar, o foco de sua narrativa está nos espaços dedicados à prática esportiva, campo de futebol e as quadras.

O parnaibano Francisco de Assis Almeida Brasil (2018), cursou as duas primeiras séries do ginásial como aluno externo, depois transferido para Fortaleza, capital do Ceará, onde concluiu o curso ginásial, ao caracterizar o edifício escolar, também relata a existência do “muro do castigo” para onde eram enviados os alunos que desobedeciam às normas disciplinares e um quintal adjetivado como “enorme” onde os alunos ficavam na hora do recreio.

Nas recordações de Brito (2018) e Brasil (2018), espaços escolares como o muro, a quadra e o campo de futebol ganham relevância, levando em consideração as relações de afeto estabelecidas entre ele e esses espaços educativos, sejam positivos ou negativos. No caso do muro do castigo, Viñao Frago e Benito Escolano (2001) defendem que a arquitetura escolar é “por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância [...] um constructo cultural que expressa e reflete, para além de sua materialidade” (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 26).

A localização das escolas era uma questão relevante, evitando os locais anti-higiênicos, afastados de ruas escuras, locais úmidos, das massas de edifícios, cabarés, bares, cemitérios, hospitais (FRAGO, 2001). É importante ressaltar que a higiene envolvia, além de aspectos físicos, os morais. O local escolhido para a construção do edifício para o Ginásio São Luiz Gonzaga foi o terreno localizado na Avenida Capitão Claro, bairro Nova Parnaíba, pertencia a José de Moraes Correia, que era um dos acionistas. O local tinha sido a sede do estádio do Parnahyba Sport Club, era afastado do burburinho do centro, dos cinemas, do barulho das ruas que pudesse vir a tirar a atenção dos estudantes, atendendo às orientações da época. O bairro Nova Parnaíba, local onde foi construído o edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga, é apontado por Jeferson Carvalho (2016) como um bairro elitizado, construído “com ruas amplas e bem delineadas, localizado em um relevo mais alto e plano da cidade e afastado da área de constante inundação no período da cheia do rio Igaraçu” (CARVALHO, 2016, p. 27).

Viñao Frago (2001, p. 2-3) definiu o edifício escolar como “parte de um programa pedagógico e o papel de simbolização que desempenha na vida social”, assumindo um papel importante perante a sociedade. A construção do edifício para o Ginásio São Luiz Gonzaga foi apresentada aos piauienses por meio da imprensa oficial, como parte do Relatório da Diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga S.A., correspondente ao ano de 1945, apresentado a Assembleia Geral dos Acionistas, publicado no *Diário Oficial* de 26 de abril de 1945, em que Ozias Correia, como diretor-presidente apresentou um balanço geral, compostos pelos Lucros e Perdas e demais exercícios realizados no ano de 1944.

CAPITAL – foi a começo de Cr\$ 365.000,00, mas com o andamento da construção vimos a verificar que essa quantia não seria suficiente para terminação do prédio, pelo que propusemos na Assembleia Geral Extraordinária, um aumento de capital, o que foi concedido, dessa forma esse título foi elevado para de Cr\$ 640.000,00. Ainda assim mesmo para terminar todos os serviços fomos obrigados a contrair um empréstimo de Cr\$ 31, 407, 20 à firma Moraes & Cia., para o que fomos autorizados pelo Conselho Fiscal. A construção foi contratada com o Sr. Cipriano Silva por Cr\$ 351.420,00 conforme documento na Tesouraria. Por conta dessa importância ainda ficamos a dever Cr\$ 19.738,90.

Pelo balanço V. Sias. ainda verã um outro credor Sr. José de Moraes Correia, com um crédito de Cr\$ 21.200,00. Este valor é o saldo da compra do terreno feita ao mesmo senhor. (DIÁRIO OFICIAL, 26 de abr. 1945, p. 14).

A exposição dos valores usados pela Sociedade para a construção do edifício mostra que o dinheiro arrecadado com a venda das ações em 1943, e depois com o aumento do capital, em 1944, não foi o suficiente para concluir o edifício, sendo necessário contrair empréstimo junto à firma pertencente à família de Ozias Correia, conforme relatório apresentado a Diretoria da Sociedade em 1945.

No balanço apresentado aos sócios, constava a transação realizada na compra do terreno onde foi construída a sede própria do Ginásio São Luiz Gonzaga. Foi informado que “o valor total da compra foi de Cr\$ 100. 000,00, tendo sua senhoria se prontificado a subscrever 80 mil cruzeiros em ações e receber o restante em dinheiro [...]. Parnaíba, 30 de março de 1945. Ozias de Moraes Correia, diretor-presidente. (DIÁRIO OFICIAL, 1945, p. 14).

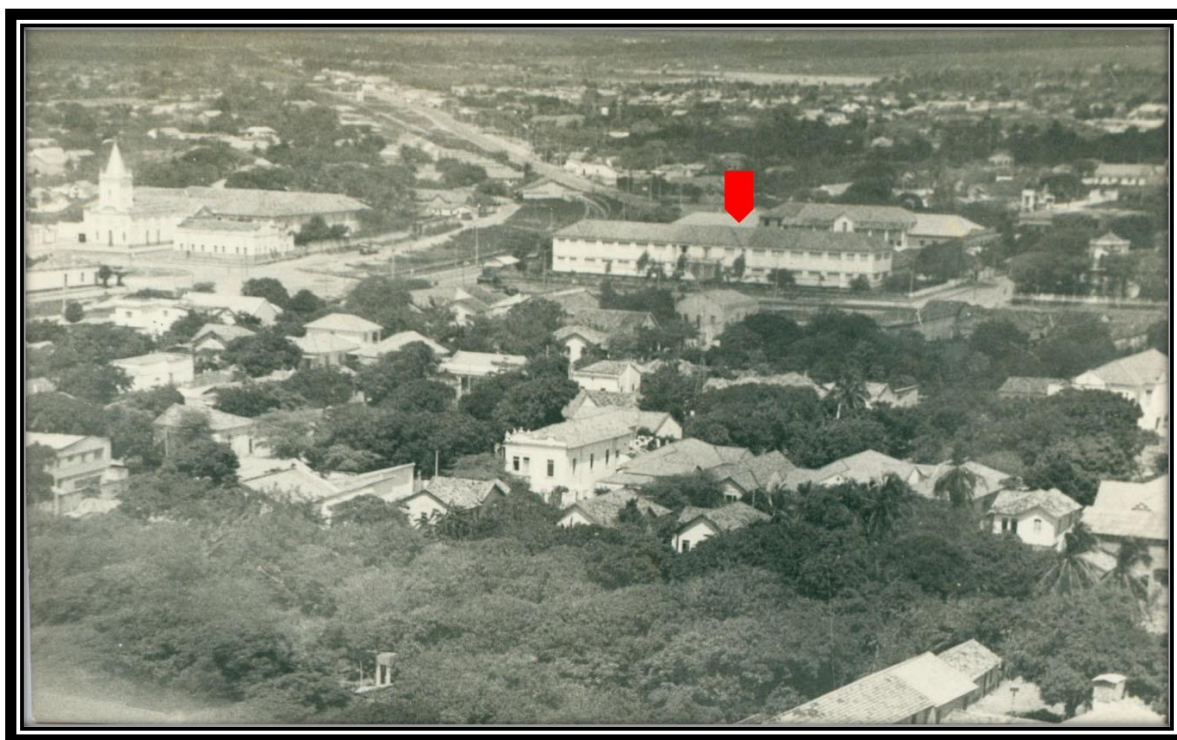
Além da construção do edifício escolar, foi preciso aparelhar a nova sede, conforme as normas pedagógicas prescritas pelo Ministério da Educação e Saúde para as escolas de ensino secundário⁵⁴. O aparelhamento escolar composto por móveis e utensílios, dentre os quais foram

⁵⁴ “Art. 84º - Os estabelecimentos de ensino secundário, para que possam validamente funcionar, deverão satisfazer quanto à construção do edifício ou dos edifícios que utilizarem e quanto ao seu aparelhamento escolar, as normas pedagógicas estabelecidas pelo Ministério da Educação”. (BRASIL, LEI ORGANICA DO ENSINO SECUNDÁRIO, 1942).

comprados material escolar e doméstico, de secretária, de orquestra, esportivo, médico e bibliotecário; gabinetes e laboratórios de física, química e história natural. No final do balanço apresentado pelo presidente da Sociedade aos demais acionistas, a escola tinha como credores: Moraes & Cia, Cipriano Silva e James Fred. Clark e Cia, José Moraes Correia e o Monsenhor Constantino Boson (DIÁRIO OFICIAL, 26 de abr. de 1945).

Na década de 1960, técnicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística fizeram um conjunto de fotografias, a partir das quais foram selecionados edifícios que se destacavam na cidade. O edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga, figura 5, consta entre as fotografias que tem como pano de fundo uma visão panorâmica de parte de Parnaíba. No primeiro plano, é possível ver uma pequena parte do Centro; no segundo plano, à direita, aparecem os edifícios do Ginásio São Luiz Gonzaga; à esquerda, a Igreja São Sebastião e, no plano do fundo, por trás do edifício do Ginásio, parte do bairro Nova Parnaíba.

Figura 5: Vista aérea de Parnaíba-PI (1968)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

O edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga, localizado entre a Igreja de São Sebastião e o Palácio Episcopal, sede da Diocese de Parnaíba, continuou próximo da estação ferroviária, mas distante do burburinho das praças, dos bares, cabarés, botequins, cinemas e clubes existentes no centro da cidade na década de 1940.

A vizinhança formada pela Igreja de São Sebastião, a sede da Diocese de Parnaíba e por amplas casas residenciais, ocupadas por famílias abastadas da cidade, ligadas ao comércio de importação e exportação do estado do Piauí. Isso garantiu ao edifício um local de destaque no bairro, que nas décadas pesquisadas era servido por escolas primárias, como o Grupo Escolar Luiz Galhanoni, hoje Centro Cultural de Línguas Monsenhor Antônio Sampaio e, a partir da década de 1960, edifícios de instituições educativas, como o Colégio Estadual Lima Rebelo, antigo Ginásio Parnaibano e a Escola Normal Francisco Correia, hoje 1º Gerência Regional de Educação, passaram a compor a paisagem do bairro.

Compondo a paisagem urbana da cidade, em processo de transformação, estava o edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga. De aspecto imponente, o conjunto era composto por dois edifícios, separados por um pátio que era usado pelos alunos para as atividades esportivas. O edifício construído de estilo eclético⁵⁵, em voga na cidade na primeira metade do século XX, localizado na parte alta da cidade, longe do risco de constantes alagamentos que afetavam a cidade na década de 1940, foi inaugurado antes da conclusão, pois faltou ser construído as salas na parte lateral do prédio.

Em suas considerações sobre o espaço escolar católico, Gisele Chornobai (2005) assinala que a arquitetura escolar desse tipo de instituição “acabava por exercer uma ação educativa para além dos muros escolares; símbolos religiosos, a monumentalidade, eram parte de uma retórica arquitetônica que deveria contribuir para a construção da identidade da escola católica” (CHORNOBAI, 2005, p. 211). O projeto arquitetônico do novo prédio do Ginásio São Luiz Gonzaga evidencia o projeto pedagógico-religioso de formação intelectual alinhado à educação católica e patriótica em voga no período de sua construção. Sua sede própria formada por dois prédios, separados pelo pátio do recreio para os alunos. O prédio principal tem porta de entrada para Avenida Capitão Claro, que na década de 1950 não estava pavimentada, conforme a figura 6:

⁵⁵ MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. **O Eclétismo Parnaibano: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX**. Teresina: EDUFPI, 2012.

Figura 6: Fachada principal do edifício do Ginásio S. Luiz Gonzaga (década de 1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

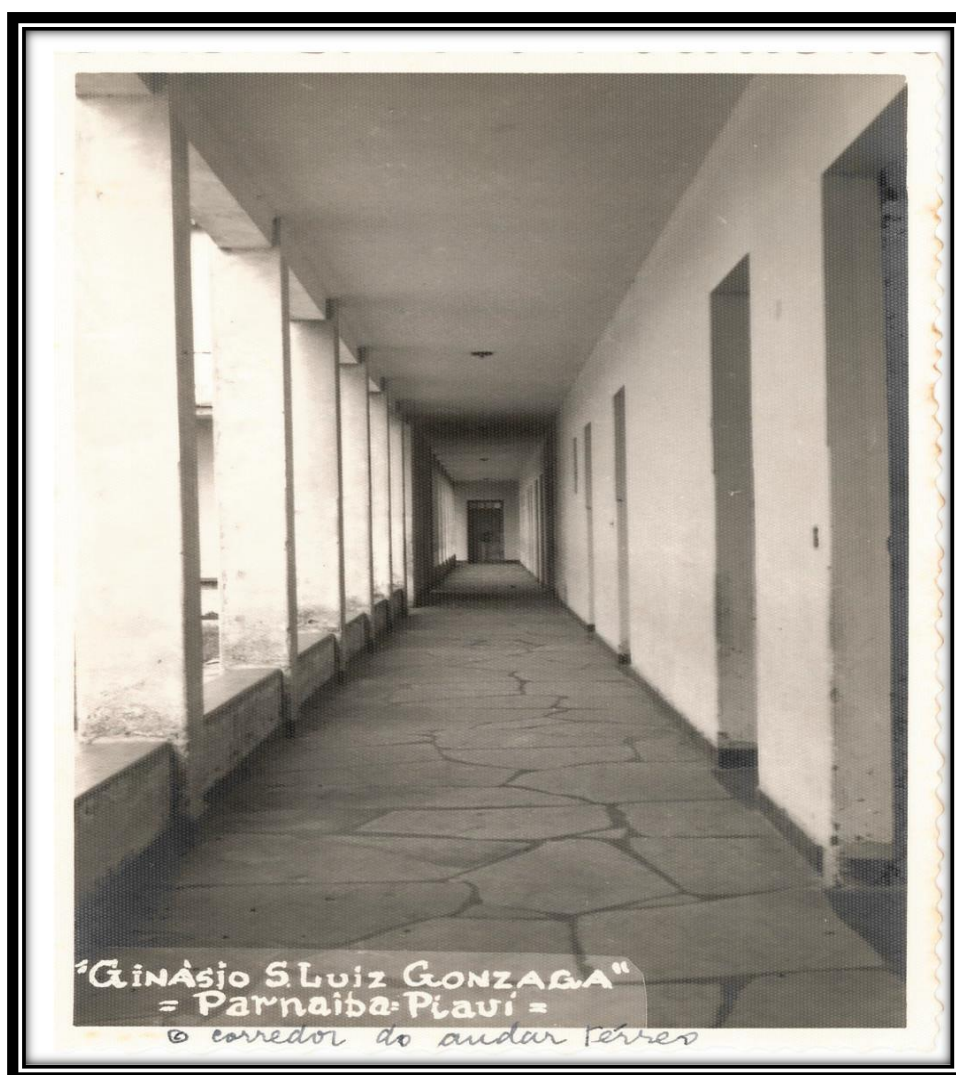
No interior da instituição, a distribuição dos espaços atendia a critérios relacionados às necessidades pedagógicas e administrativas da instituição. Ultrapassando a porta principal, estava o *hall* que dava acesso, à esquerda, à sala do diretor, sala da secretaria e outras salas que compunham a administração escolar; à direita, à sala dos professores, ambas seguidas por salas de aula. À frente, uma escadaria que dava acesso ao segundo pavimento, destinado a salas de aulas e ao auditório. Pela posição ocupada na configuração espacial do edifício, o diretor podia observar os funcionários do corpo administrativo da instituição. Além disso, podia observar o corpo docente, pois de sua sala podia ver a hora de chegada e saída dos professores, inibindo e eventuais atrasos.

A sala do diretor, estrategicamente posicionada do lado esquerdo do *hall* de entrada, além de permitir ampla visibilidade de interior e exterior, possibilitava ver todos que chegavam e deixavam à instituição. Sobre as representações que se têm acerca da importância da constituição de um lugar específico para a direção escolar, bem como sua localização, acessibilidade e disposição interna, Viñao Frago (2005, p. 24) explica que “o maior ou menor índice de acessibilidade, distanciamento ou abertura nos indicará não só estilos distintos de exercer a direção, mas também a concepção que se tem sobre as relações de quem exerce com os demais membros da comunidade educativa”. A localização da direção na configuração interna do prédio, indica a concepção de vigilância exercida pelo diretor em relação aos demais

membros da instituição escolar. A posição ocupada pela sala do diretor permitia a visibilidade do interior e do exterior da escola, tendo em vista a altura do muro da fachada principal da escola (figura 6). A sala dos professores ficava localizada no lado direito do hall de entrada da escola, ladeada por salas de aula. Um elemento importante a ser observado na configuração interna do Ginásio São Luiz Gonzaga é a distribuição das salas de aula.

A ordem adotada na distribuição e uso dos espaços no Ginásio São Luiz Gonzaga lembra a afirmação de Viñao Frago e Benito Escolano (2001, p. 27), quando assinalam que a “especialização disciplinar é parte integrante da arquitetura escolar”. O lugar escolhido para as salas de aula facilitava a manutenção da ordem, o controle e a disciplina entre os alunos. A escola oferecia ensino primário e secundário. Para o ensino secundário, foram designadas as salas localizadas no primeiro andar, distribuídas ao longo de um corredor lateral de forma contínua, conforme a imagem da parte interna da escola (figura 7):

Figura 7: Corredor interno (década de 1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

O amplo corredor dava uma visão geral ao diretor e aos demais funcionários da escola sobre a movimentação dos alunos fora da sala de aula. Aqueles que fossem encontrados circulando fora da sala de aula eram advertidos e encaminhados para a sala de diretor.

A escolha da distribuição das salas de aula do curso ginásial no térreo evidencia as concepções disciplinares adotadas na escola. Distribuídas ao lado das salas do diretor e dos professores, a localização permitia fácil fiscalização. Construído na década de 1940, quando se propagavam renovações teóricas de práticas pedagógicas, no Ginásio São Luiz Gonzaga, sala de aula obedecia à tradicional concepção de distribuição de espaço, no formato retangular, composta por um quadro-negro que ocupava toda a parede, a mesa do professor disposta à frente das carteiras individuais dos alunos, enfileirados de forma que o aluno tinha à sua frente as costas do colega e o professor. A única ornamentação presente na sala de aula era uma cruz de Cristo, o símbolo máximo do cristianismo, fixada acima do quadro-negro, para que os alunos tivessem visibilidade ao olhar para frente, sendo lembrados cotidianamente do sofrimento, coragem e as promessas de Jesus Cristo.

Para Chornobai (2005, p.217), “as construções escolares deveriam demonstrar a presença de Deus. Fosse na capela, no desenho arquitetônico, na utilização da cruz como ornamento ou ainda, nas imagens distribuídas por toda a escola, [...]”. Embora na sala de aula (figura 8) não conste a presença do estrado, ele fez parte das salas de aula da instituição, sendo que na atualidade ainda é possível ver sua presença em algumas delas.

Figura 8: Sala de aula (década de 1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Entre os espaços de circulação dos alunos, além da sala de aula, estavam os corredores, aberto para o pátio interno (figura 9), com seu campo de futebol. O pátio interno era o local usado para reunir os alunos antes do início das aulas para cantar os hinos patrióticos e o hasteamento da bandeira nacional, momentos destinados à educação cívica, sensibilizando os alunos para o respeito aos símbolos nacionais e o incentivo ao patriotismo, característicos do período pesquisado. O campo de futebol era usado para a prática das atividades físicas e esportivas, como o futebol, muito incentivado na instituição.

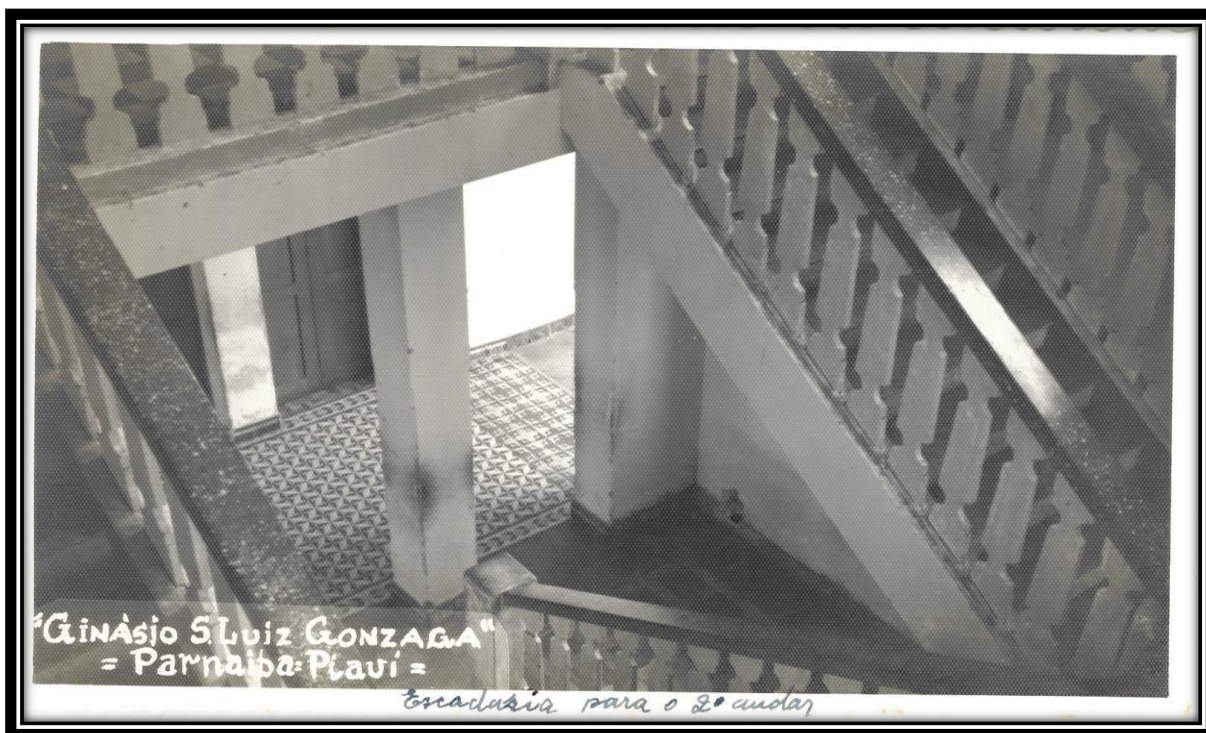
Figura 9: Pátio interno e campo de futebol (década de 1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Construído no centro do edifício (figura 10), além de interligar os dois andares, o formato da escadaria também foi estrategicamente pensado para facilitar a visibilidade entre os dois andares. Quem estava no primeiro andar tinham ampla visão de quem estava subindo, facilitando, assim, o controle da direção sobre o deslocamento das pessoas em direção ao segundo andar.

Figura 10: Escada para o 2ª andar (década de 1940)

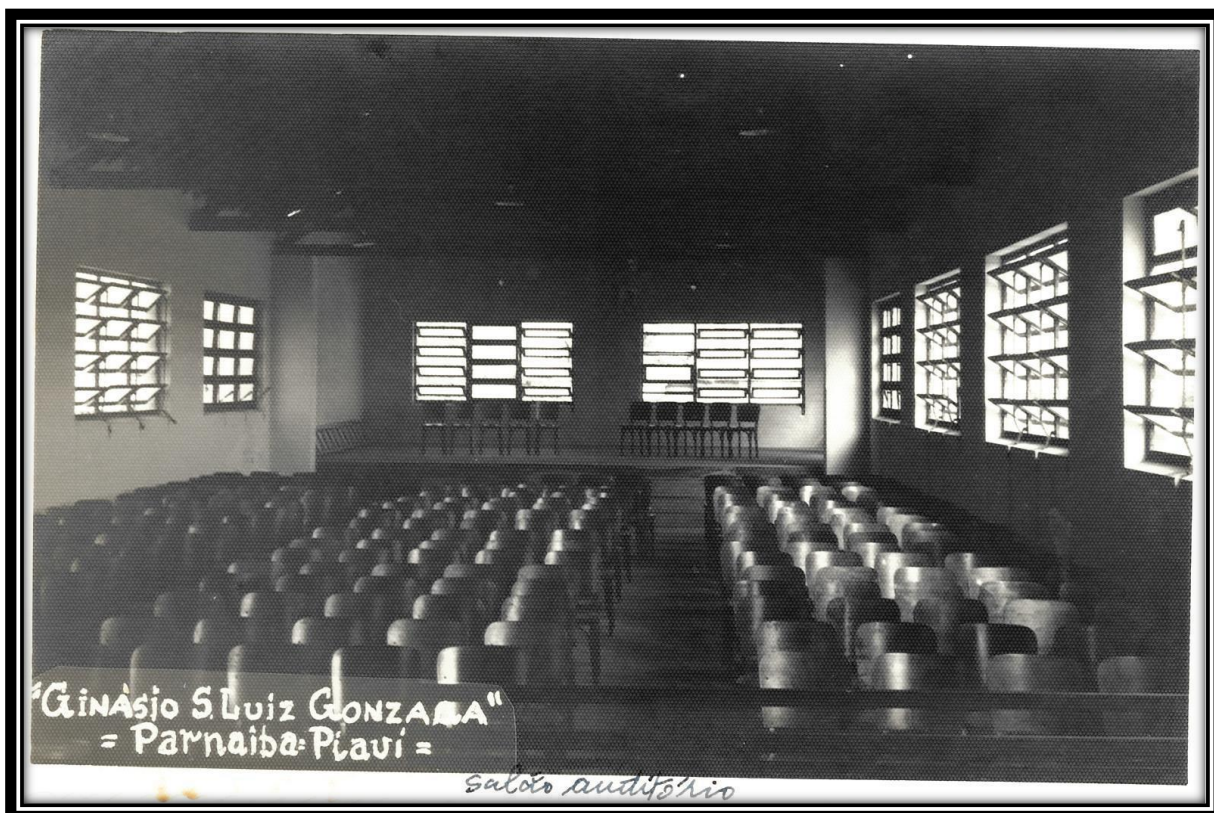


Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

No segundo andar ficavam salas de aulas destinadas ao curso primário e o curso de preparação ao ginásio; na parte direita, estava localizado o auditório, um espaço claro e bem arejado, composto por um palco, onde estavam dispostas dez cadeiras, como mostra a imagem. Abaixo do palco, estavam dispostas cadeiras. Todo ladeado por grandes janelas, o que permitia a entrada da luz e dava visibilidade para a rua. Nele, eram realizadas as reuniões do grêmio estudantil que aconteciam aos sábados, sempre sob a vigilância de um professor e do diretor, assim como apresentações teatrais, festas, ritos e comemorações escolares.

No projeto arquitetônico do Ginásio São Luiz Gonzaga não constou a presença de uma capela. No entanto, esta foi adaptada num espaço conjugado ao auditório. No auditório (figura 11), realizavam-se atividades cívicas e práticas católicas alinhando fé e patriotismo, no mesmo espaço.

Figura 11: Auditório (década de 1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

O segundo prédio, dedicado às instalações do internato, como já foi informado, encontrava-se separado do prédio principal por um extenso campo de futebol. Nele, os alunos internos dos cursos primário e secundário moravam até o período das férias, quando retornavam para as casas de seus pais.

O prédio do internato (figura 12) resultou de uma adaptação da arquibancada do estádio de futebol do Parnahyba Sport Club que pertencia à família de Ozias de Moraes Correia, cujo terreno foi comprado pela Sociedade Anônima. Assim como o prédio principal, as instalações do internato eram formadas por dois andares. Na distribuição e usos dos espaços destinados aos alunos internos, no primeiro andar estavam a cozinha, a mercearia, os banheiros, enfermaria e uma pequena sala destinada à realização das tarefas escolares dos alunos internos e semi-internos. A parte dedicada aos dormitórios ficava no segundo andar.

Figura 12: Fachada do edifício do internato do Ginásio S. Luiz Gonzaga (década de 1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

A construção do edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga foi anunciada por meio da revista *Argos*, revista produzida pelo Grêmio Cívico Literário Tiradentes nas comemorações da formatura. O texto intitulado “prédio novo e novo prédio” informou a construção do edifício com a promessa de finalização em 1944.

No melhor e mais agradável ponto da Cidade, o Ginásio São Luiz Gonzaga funcionará, no próximo ano de 1944, em seu edifício próprio, construído e instalado rigorosamente dentro das exigências do Ministério de Educação e Saúde, graças à vontade geral dos capitalistas de Parnaíba.

O corpo docente será constituído por elementos do mérito real, que, em ação conjunto com a nova Diretoria, tudo farão em prol dos educandos.

O Complementar, entregue aos mesmos professores do Curso Ginásial, garantirá pleno êxito no Exame de Admissão.

Quanto ao Internato, faça uma visita ao Ginásio São Luiz Gonzaga, e se convencerá de que ali os alunos terão uma vida confortável, sob os cuidados da família de um dos diretores. (ARGOS, 1943, p. 71).

A publicidade, além da localização, elogiou o corpo docente do curso ginásial, apresentado como responsáveis pelo Curso Complementar, ou seja, a preparação para o Exame de Admissão e as instalações do internato. Na pesquisa, os entrevistados apontam os professores José Nelson de Carvalho Pires e Joaquim Custódio, como os responsáveis pelo internato entre as décadas de 1940 e 1950.

O edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga foi inaugurado em 1944. A notícia da inauguração foi veiculada pelo *Almanaque da Parnaíba*, que apresentou a escola como “uma necessidade imperiosa”:

Iniciativa feliz do Snr. Ozias de Moraes Correia, o Ginásio São Luiz de Gonzaga surgiu em Parnaíba como necessidade imperiosa, rasgando aos moços grandes perspectivas.

Minúsculo no ato da inauguração, pois iniciou seus trabalhos com oito alunos apenas, assumiu logo proporções vantajosas, e a sua vida, desde o nascedouro, vai crescendo num acelerado, que se positiva com o elevando número de matrícula atual.

Sob a direção dos professores José Rodrigues e Silva e Pedro de Castro Pereira, o modelar Educandário, dispõe, agora, de instalações próprias, rigorosamente de acordo com os preceitos da higiene e da pedagogia moderna. Imponente e majestoso, capaz de oferecer conforto a qualquer aluno, do internato ou externato, aí está um grande prédio no ponto mais agradável e salubre da cidade, atestando toda a pujança do Educandário, como a convidar Parnaíba, lá de sua elevação a um alto nível intelectual. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1944, p. 167).

A construção continuou sendo notícia no *Almanaque da Parnaíba* (1945, p. 445), que apresentou a escola como “um estabelecimento de ensino que honra a causa da instrução, não só - em Parnaíba ou no Estado, mas em todo o Brasil. Prova disto, e que não pode ser contestada, é o fato de seus ex-alunos irem conseguindo o primeiro lugar, em colégios diferentes de vários estados”. Outro ponto ressaltado na mesma matéria foi o apoio dado pela família parnaibana para que o Ginásio São Luiz Gonzaga tivesse êxito e se tonado uma instituição considerada modelo, dentre as instituições existentes no Piauí:

Dispondo de um mobiliário completo, modernas instalações para externato internato, um magnifico pátio de recreios e um corpo de profissionais selecionados, o “São Luiz”, superiormente dirigido pelo Revmo. Pe. Davi Augusto Moreira e o Prof. José Rodrigues e Silva, levará avante a sua obra magnífica, tão bem iniciada e que já muito contribuiu para um maior progresso do Piauí. (ALMANAQUE DA PARNAIBA, 1945, p. 445).

A propaganda ressaltou as instalações do Ginásio São Luiz Gonzaga, seu corpo de profissionais sob a direção do padre Davi Augusto e do professor José Rodrigues e Silva. No entanto, o projeto de construção do edifício ainda não estava concluído, pois faltavam salas de aula projetadas na lateral esquerda do primeiro edifício e o espaço dedicado ao ginásio na lateral direita.

A higiene era sobremodo valorizada na formação intelectual dos alunos, sendo, portanto, elemento importante a ser mostrado no edifício escolar. Segundo o pensamento defendido pelo então Monsenhor Roberto Lopes:

O problema da instrução no Brasil ainda está muito distante de uma solução satisfatória; isto implica em dizer solução capaz de elevar a Nação a um nível superior de prosperidade intelectual e física.

Tem-se vivido de reformas de instrução, muitas evidentemente inúteis, por descurarem a parte principal da formação integral do homem. Nota-se nas reformas a preocupação livresca, ou direi a preocupação de encher de livros as mãos dos alunos para abarrotar-lhe o intelecto, isso desde os bancos primários, sem levar-lhe em conta a formação moral, a higiene e o trabalho.

A Pedagogia dá máxima importância à questão do espaço.

E nós conhecemos grupos escolares verdadeiramente anti-higiênicos e anti-pedagógicos (o Miranda Osório, nosso Grupo, para citar apenas este em Parnaíba), com falta absoluta de espaço, ficando os alunos expostos a inconvenientes vários, físicos e mentais. Cuidar da instrução não é somente cuidar da ilustração da inteligência; é zelar pela formação do caráter, cuidar da sua saúde e fazê-lo amar o trabalho. (LOPES, 1947, p. 45).

Com o intuito de concluir a obra, o padre Antônio Monteiro Sampaio, após assumir a direção do educandário em 1948, não poupou esforços juntamente com Ozias Correia, diretor-presidente da Sociedade Anônima para conseguir, junto ao Ministério da Educação e Saúde, auxílio financeiro para concluir o edifício escolar. As primeiras ações se deram em 12 de julho de 1948, quando o padre Antônio Monteiro Sampaio deixou Parnaíba com destino ao Rio de Janeiro, na época capital da República, de onde enviou um ofício ao Ministro da Educação, Clemente Marine Bittencourt, descrevendo as condições em que se encontrava a escola e solicitando a ajuda em dinheiro para a conclusão do prédio escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga.

No ofício, após as primeiras saudações e as considerações iniciais, com elogios para o ministro e seu empenho em resolver os problemas da educação no país, o que foi considerado pelo padre Antônio Monteiro Sampaio como “um problema vital do país”, iniciou por apresentar a trajetória de fundação do Ginásio São Luiz Gonzaga e os locais em que funcionou até construir sua sede própria, sendo apresentado da seguinte forma:

[...] O prédio foi construído conforme a pedagogia moderna, no que se refere a parte do externato, adaptando-se uma antiga construção para as instalações indispensáveis ao funcionamento de um internato: dormitório, enfermaria, refeitório, cozinha e suas dependências, conforme verá V. Exa. nos retratos juntos a esse ofício.

É de se notar a necessidade do internato para rapazes e meninos do interior; aliás muitos ficariam impedidos de estudar.

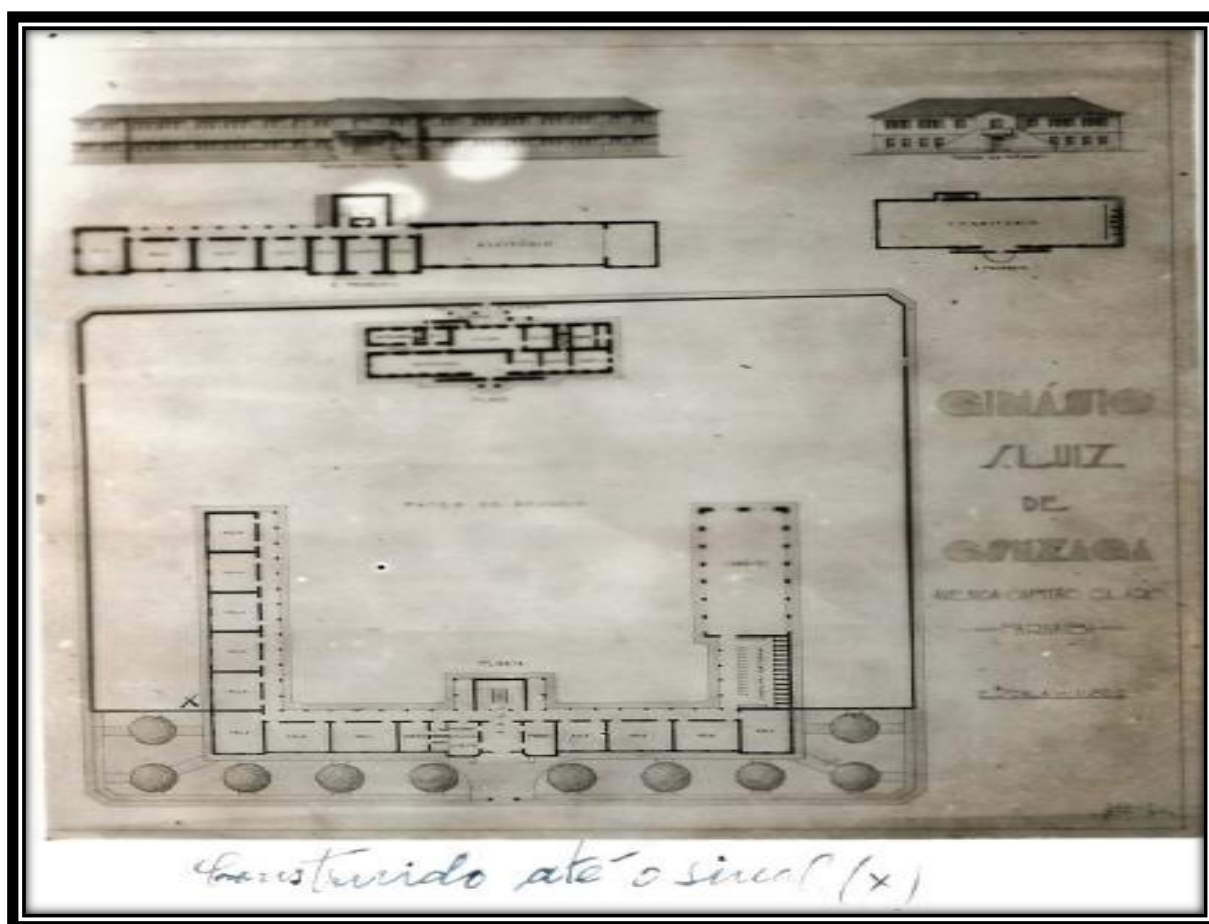
No entanto, Exmo. Sr. Ministro, há uma séria falha na construção. O prédio do internato está separado do que funciona o externato e as aulas, embora na mesma área; isto porque faltou verba para a conclusão da obra. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. CORRESPONDENCIA. 1948).

Ao ofício foram anexadas fotografias, com a intenção de apresentar ao Ministério da Educação a parte que tinha sido construída dos prédios do Ginásio São Luiz Gonzaga para

conseguir o auxílio financeiro para conclusão da obra. Além das fotografias, também foi enviada a planta da escola, indicando a parte construída, conforme figura 13. A observação da parte construída foi marcada com (X) no documento de pedido de auxílio realizado pelo padre.

A falha na construção apontada pelo Padre Antônio Sampaio estava no prédio do internato, cuja modalidade foi defendida como uma “necessidade” sem a qual muitos rapazes e meninos ficariam sem ter onde estudar, isso porque, até a década de 1950, o Ginásio São Luiz Gonzaga era uma escola católica, exclusivamente masculina. Nessa condição, tratava-se da única na cidade com os regimes de Internato, Semi-internato e Externato. A falha apontada estava na separação entre o prédio do internato e prédio do externato, local onde aconteciam as aulas. De acordo com a explicação do diretor, tinha faltado de dinheiro para a conclusão da obra.

Figura 13: Planta da construção do Ginásio S. Luiz Gonzaga (década de 1940)



Fonte: Arquivo do INEP – Brasília – DF.

Uma vez apontada a “falha na construção”, o diretor prossegue o ofício, dizendo que: “de outra parte não é possível conseguir a quantia necessária, retirando-a das mensalidades

pegas pelos alunos, porque estas não dão se quer para cobrir as despesas do ginásio com professores, auxiliares e material escolar”. Além das fotografias da escola, foi colocado em anexo o resumo dos recebimentos do Ginásio São Luiz Gonzaga no ano de 1948, com os valores recebidos pelas mensalidades dos cursos primário e ginásial, bem como o pagamento mensal dos professores e auxiliares. Assim, foi enviado um balanço geral relativo ao ano de 1948, para mostrar que a escola precisava do auxílio do Ministério da Educação para concluir as obras. De acordo com o diretor, “esse déficit é coberto pelas sobras das pensões dos internos e pela pequena quantia que o Ginásio recebe do Ministério da Educação: Cr\$ 5. 000,00, sem que haja margem, entretanto, nem para reparos materiais no prédio que vai se deteriorando” (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. CORRESPONDENCIA. Brasília – DF, 1948).

O Ginásio São Luiz Gonzaga recebia subvenção federal, o que não foi omitido pelo padre Antônio Sampaio, mas que, segundo suas informações, não era suficiente para aplicar em reformas ou concluir a obra. Para concluir as obras era necessário fazer um empréstimo, ação para a qual a instituição não estava apta, conforme o exposto no ofício: “Sendo assim, é ilusório pensar num empréstimo de Cr\$ 325,000,00 para a construção que deve concluir o prédio, porque falta bases para amortização do débito” (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. CORRESPONDENCIA. Brasília – DF, 1948).

Depois de informar o balanço geral da escola, no ano de 1948, justificando o pedido de ajuda financeira, o diretor informa os projetos da escola, como oferecer cursos noturnos de forma gratuita, tendo em vista o aspecto confessional da instituição, no entanto explica que não podia ser realizado por falta de espaço físico.

Pelos motivos alegados e pelo propósito iniciado, mas não realizado por falta de salas, propósito de abrir cursos noturnos **gratuito** para rapazes e adultos, curso de alfabetização (leitura e escrita), de aritmética fundamental, de rudimentos de higiene, Economia Doméstica e Instrução Moral e Cívica, rudimentos que reputo indispensáveis a boa formação de nossa gente a criação de um clima de bem estar e confiança, infenso a ideias subversivas, por esses motivos é que, apelando para a esclarecida visão e espírito patriótico de V. Exa., venho pedir-lhe auxílio em dinheiro de cuja necessidade premente pode aquilatar V. Exa., bem como, auxílio em material escolar: 500 cartilhas, 500 livros de 1º ano, 500 livros de 2º ano, 50 dzs. de lápis, 1.000 cadernos de caligrafia, 1.000 cadernos de linguagem e 100 carteiras.

V. Exa. há de, por certo, aquilatar o alcance desse pedido que visa facilitar e melhorar o ensino da cidade principal do Piauí, Parnaíba, dando margem a que possam frequentar os cursos ginasiais, quantos a sorte não favoreceu com bens materiais. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. CORRESPONDENCIA. Brasília – DF, 1948 – grifo do autor).

Em março de 1949, ou seja, um ano depois que o padre Antônio Sampaio tinha ido ao Rio de Janeiro com ofício pedindo auxílio financeiro ao Ministro da Educação, Ozias Correia repetiu o feito do padre. Dessa vez, ao invés de um ofício, Ozias levou duas cartas endereçadas a Murilo Braga de Carvalho, que, entre os anos de 1945 a 1952, ocupou o cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pedagógicos.

Uma carta era do advogado Heráclito Sousa, escrita a 3 de março de 1949:

Meu caro Murillo, abraços.

Estou lhe escrevendo esta por intermédio do meu presado amigo Ozias Correia, a fim de dar-lhe notícias da terra. Aliás, as notícias lhe serão dadas pelo Ozias, pessoalmente, num bate-papo que vc. lhe concederá. Saberá, então, as démarches que tentamos para instalação do SESC, em Parnaíba, como também do SESI.

O Ozias é homem de prestígio na terra. Deixou de ser eleito deputado federal, nas últimas eleições. Com a derrota do Brigadeiro, ele desinteressou-se de ir para o Palácio Tiradentes. É dono do Ginásio São Luiz Gonzaga, estabelecimento de ensino que vem prestando os mais assinalados serviços à nossa mocidade. Espero que você o acolha com sua amizade. [...]

Mande suas ordens e receba forte abraço do amigo admirador.

Parnaíba, 3 de março de 1949. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. CORRESPONDENCIA. Brasília – DF, 1949).

A outra carta que Ozias Correia levou para o Rio de Janeiro foi escrita pelo padre Antônio Sampaio, com data de 04 de março de 1949, ou seja, um dia após a escrita da carta do senhor Heráclito Sousa:

Prezado amigo Dr. Murilo,

Cordiais Saudações.

Estou um tanto desajeitado para escrever ao amigo, temendo importuná-lo, ou lembrar-lhe as vezes que lhe fui importuno, quando estive no Rio. Confiado, no entanto, na boa vontade que sempre manifestou e no interesse mostrado pelo Ginásio São Luiz Gonzaga, escola de civismo e formação intelectual e moral da juventude, é que venho bater, novamente, a sua porta, e desta vez mais confiante, visto como Frei Heliodoro já mandou o relatório pedido pelo S.E.S.C.

É portador desta carta, o Sr. Ozias Correia, homem de prestígio e projeção social, e um dos baluartes do ensino e da educação, em Parnaíba, muito embora não seja professor nem educador. Tenho, pois, muito prazer em apresenta-lo ao distinto amigo. Ele lhe falará, com conhecimento de causa, sobre as urgentes necessidades de nosso Ginásio, as quais só um auxílio do sr. Poderá resolver satisfatoriamente.

Trata-se de conseguir o dinheiro prometido pelo Ministro, por intermédio do Sr., bem como o prometido pelo S.E.S.C. encontrando a promessa desse um motivo forte, nos alunos filhos de comerciantes, que ensinamos gratuitamente. Seria também muito bom, digo logo, ótimo, que me fosse dado as 100 carteiras e o material escolar, constante daquele relatório que lhe apresentei.

Espero que o bom amigo, [...] não se aborreça com os meus pedidos, que não são meus, mas do povo de nossa terra, servido pelo Ginásio São Luiz Gonzaga. Já fiz tanto reclame de seu nome e seu prestígio, máxime, aos que

desconfiavam das promessas, fiz sentir seu interesse pela causa da instrução no Piauí, principalmente em Parnaíba, berço de sua primeira formação, que me sinto da obrigação de moral de envidar todos os esforços para resolver, com o sr., as dificuldades do Ginásio, dando assim uma demonstração efetiva do valor e da bondade do prezado amigo cujo nome já se vai propagando em nosso meio. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. CORRESPONDENCIA. Brasília – DF, 1949).

A forma como os autores das cartas tratam Murilo Braga de Carvalho, dispensando o uso de pronome de tratamento formal ao se dirigir ao diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, demonstra que existia uma relação de proximidade entre eles, dando liberdade para que o tratassem como “amigo” nas cartas que foram levadas em mãos por Ozias Correia. O diretor foi muito elogiado pelos autores e apresentado, por ambos, como uma pessoa de boa conduta moral, comprometido com a causa da educação, mesmo não sendo professor ou educador, como frisou padre Antônio Sampaio.

Em sua escrita, Heráclito Sousa foi mais contido, limitou-se a apresentar Ozias Correia e pedir que fosse ouvido e acolhido com amizade. Já o padre Antônio Sampaio, além de apresentar o portador da carta, foi direto ao ponto e pediu a interseção de Murilo junto ao Ministério da Educação para que o Ginásio São Luiz Gonzaga recebesse ajuda financeira, pois a escola precisava. Aproveitou, ainda, para pedir carteiras e o material escolar que tinha arrolado no relatório entregue no ano anterior.

Murilo Braga de Carvalho era piauiense, nascido na cidade de Luzilândia e, conforme a carta do padre Antônio Sampaio, Parnaíba tinha sido o “berço de sua primeira formação”. Deixou o Piauí para fazer o ensino superior. Em 1949, quando foi procurado por Ozias Correia com o pedido de auxílio financeiro para o Ginásio São Luiz Gonzaga, morava no Rio de Janeiro, tinha o cargo de Diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pedagógicos, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde responsável, pelo Fundo Nacional do Ensino Primário⁵⁶, auxílio federal que tinha como objetivo promover a ampliação e a melhorias dos sistemas escolares com a construção de escolas e o aperfeiçoamento técnico do pessoal dos serviços de inspeção e orientação do ensino primário, por meio de acordos firmados e fiscalizados pelo próprio Ministério da Saúde e Educação.

O Fundo Nacional de Ensino Primário, como o próprio nome sugere, era destinado ao ensino primário. No entanto, o Ginásio São Luiz Gonzaga ofertava duas modalidades de ensino, o primário e o secundário, condição que possibilitava à escola receber o auxílio. Em 30 de maio

⁵⁶ Instituído pelo Decreto-lei nº 4.958, de 14 de novembro de 1942 e Regulamentado pelo Decreto-lei nº 19. 513 de 25 de agosto de 1945.

de 1949, foi aberto o processo nº 1. 226/49 no Ministério da Educação, com pedido de auxílio, com o seguinte teor:

Senhor Diretor:

O Dr. Heráclito Sousa e o Pe. Antônio Sampaio, por intermédio do Sr. Ozias Correia, referindo-se às urgentes necessidades do Ginásio São Luiz Gonzaga, em Parnaíba, Piauí, solicitam auxílio para o referido ginásio, inclusive com carteiras e material didático.

Ficando o pedido anotado nesta Seção, para ser considerado em ocasião oportuna, opino sejam os solicitantes informados na providência. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. PROCESSO. Brasília – DF, 1949).

As ações empreendidas pelo padre Antônio Sampaio e por Ozias Correia para conseguir o auxílio financeiro junto ao Ministério da Educação foram exitosas. Aos vinte e um dias de dezembro de 1949, foi assinado o “Acordo Especial” entre o Ginásio São Luiz Gonzaga, representado por Guilherme Hermínio Ranzini, e o Ministro da Educação, Dr. Clemente Mariani Bittencourt, por meio do qual a escola recebeu o auxílio de cem mil cruzeiros para ampliação e melhoramentos do prédio e instalações da escola, firmado em três cláusulas. A primeira tratou da concessão e do valor estabelecido; a segunda, o destino a ser dado ao auxílio pelo estabelecimento de ensino e, pela terceira, a escola se comprometia a usar o auxílio seguindo as instruções transmitidas pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. ACORDO ESPECIAL. Brasília-DF, 1949).

No entanto, o valor concedido não permitiu a conclusão do projeto do edifício escolar, com a construção das salas de aulas na lateral direita do prédio do externato, conforme a planta, nem juntar os dois prédios, o que foi considerado como “uma séria falha na construção” apontada pelo diretor no ofício endereçado ao Ministro da Educação em 1948. Sobre o projeto de oferecer curso gratuito, a pesquisa mostra que, na década de 1960, a escola mantinha um curso noturno para domésticas.

De acordo com a prestação de contas realizada e enviada ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, em fevereiro de 1950, o auxílio foi empregado da seguinte forma:

- 1) Pintura a óleo em todas as portas, janelas, rodapés, balaustrada da escadaria, barras na sala de entrada, refeitório, cozinha e enfermaria;
 - 2) Pintura a aquarela, nas paredes dos dois prédios, por dentro e por fora;
 - 3) Reparos nas instalações sanitárias, encanamento de água, portas e janelas;
 - 4) Substituição das vidraças quebradas;
 - 5) Construção de uma área coberta para o recreio com 200 m², alicerces completos, ficando o teto para receber as telhas.
- Parnaíba, 28 de fevereiro de 1950.
Joaz Rabelo de Souza. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. CORRESPONDENCIA. Brasília – DF, 1950).

O contrato de arrendamento do Ginásio entre o padre Antônio Monteiro Sampaio e a Sociedade Anônima finalizou em 1949. Como este não foi renovado, a prestação de contas do auxílio recebido pela escola foi realizada por Joaz Rabelo de Souza, então diretor-presidente da Sociedade Anônima Ginásio São Luiz Gonzaga e Inspetor Federal de Ensino na instituição.

Outras ações foram realizadas com a finalidade de conseguir verbas para a manutenção do Ginásio São Luiz Gonzaga. O padre Tibúrcio Gonçalves de Paula, quando esteve à frente da direção do Ginásio São Luiz Gonzaga, em 1956, repetiu a ação de seus antecessores e enviou correspondência ao Ministro da Educação e Cultura, solicitando autorização de pagamento de auxílio para o Ginásio São Luiz Gonzaga.

Parnaíba, 23 de agosto de 1956

Exmo. Sr.

Ministro da Educação e Cultura

Rio de Janeiro – D.F.

O Ginásio São Luiz Gonzaga, sediando à Avenida Capitão Claro, s/n, em Parnaíba, Estado do Piauí, por seu Diretor, Padre Tiburcio Gonçalves de Paula, tendo em vista as dificuldades que vem enfrentando, solicita de v. Excia. que autorize o pagamento do auxílio extraordinário no valor de C\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros), para prosseguimento da construção e ampliação, conforme telegrama oficial nº 5101, de 29 de março do corrente ano, pelo Fundo Nacional do Ensino Médio.

Sob regime de Inspeção Preliminar, o Ginásio São Luiz Gonzaga, com internato, semi-internato e externato, merece especial atenção, por ser o único educandário masculino, que mantém internato nesta cidade.

A receita do Ginásio São Luiz Gonzaga não corresponde as despesas necessárias, sendo os meses de férias (Janeiro e Fevereiro) pagos no ano seguinte.

O Ginásio São Luiz Gonzaga fundado no ano de 1937, por iniciativa particular, construiu em 1943 o prédio com um pavilhão para internato, com capacidade para duzentos alunos e outro para funcionamento das aulas dos cursos: Primário, Admissão e Ginasial com dois pavimentos. Dispõe de aparelhos sanitários de primeira ordem, bebedouros automáticos, recreios amplos e bem arborizados, áreas de jogos esportivos, um conjunto de tambores e cornetas.

Demonstrando assim, Sr. Ministro, a necessidade, que é evidente, estou certo que V. Excia. não se negará de atender ao apelo, para melhor satisfazer as exigências Ministeriais e preencher grande lacuna na obra educacional da juventude masculina.

Atenciosamente.

Pe. Tiburcio Gonçalves de Paula,

Diretor.

Ginásio São Luiz Gonzaga. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. CORRESPONDENCIA. Brasília – DF, 1956)

Na correspondência enviada ao Ministério, o padre justifica a solicitação, informando que a escola ainda estava sob a condição de Inspeção Preliminar, tinha a condição peculiar de ser a única instituição escolar masculina de ensino secundário com internato em Parnaíba, mas

que enfrentava dificuldades financeiras para atender as exigências do Ministério. Ao tempo em que informa as dificuldades financeiras, apresentava os cursos ofertados, as condições sanitárias do edifício escolar, o espaço dedicado às práticas esportivas e a existência de uma banda de tambores e cornetas e reafirma a condição de escola dedicada à formação educacional da juventude masculina.

Durante o período investigado, foi constante o envio de correspondência, por parte da direção da escola para o Ministério da Educação, solicitando pagamento de auxílio, subvenção e bolsas escolares.

3 CURSO GINASIAL: ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Neste capítulo, discutimos a organização e o funcionamento do curso ginasial, no período compreendido entre 1939 a 1971. Iniciamos a discussão a partir do prescrito pelas leis e decretos que regulamentavam o Ensino Secundário no Brasil para entender a constituição do curso ginasial ofertado no Ginásio São Luiz Gonzaga. Analisamos elementos como os critérios adotados na seleção dos alunos, a composição do corpo docente, o financiamento e as bolsas de estudos, as normas e regras que compuseram o estatuto escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga.

3.1 O ingresso no Curso Ginasial

Na década de 1930, do século XX, o Ensino Secundário⁵⁷ era regido pela Reforma Francisco Campos, instituída por meio do Decreto nº19.890, de 18 de abril de 1931, depois consolidado pelo Decreto nº21.241, de 4 de abril de 1932. A Reforma Francisco Campos, como ficou conhecida, foi a primeira dentre uma série de reformas instituídas nas primeiras décadas do século XX, que, segundo Norberto Dallabrida (2009), promoveu a modernização do ensino secundário brasileiro. O autor defende que a implementação de medidas, como “fixação de uma série de medidas, como o aumento do número de anos do curso secundário e sua divisão em dois ciclos, a seriação do currículo, a frequência obrigatória dos alunos as aulas, a imposição de um detalhado e regular sistema de avaliação discente e a reestruturação do sistema de inspeção federal” (DALLABRIDA, 2009, p. 185), foram responsáveis por essa modernização.

Para Dallabrida (2009, p. 185), a modernização do Ensino Secundário tinha como objetivo “produzir estudantes secundaristas autorregulados e produtivos, em sintonia com a sociedade disciplinar e capitalista que se consolidava, no Brasil, nos anos de 1930”. Ainda sobre o contexto da Reforma Francisco Campos, o autor defende a ideia do surgimento do “Estado educador”, materializado pelas ações empreendidas no meio educacional, como a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, por meio do qual o Estado passou a organizar, modelar e controlar por meio Decretos e Leis, a educação ofertada a nível nacional, especialmente o Ensino Secundário.

⁵⁷ O termo Ensino Secundário é aqui entendido como “o nível de escolarização entre o curso primário e o ensino superior, que, a partir da Reforma Francisco Campos, passou a ter duração de sete anos e dois ciclos” (DALLABRIDA, 2009, p. 186).

Com a Reforma Francisco Campos, o ensino secundário passou ter sete anos de duração, dividido em dois cursos seriados: o curso fundamental, com duração de cinco anos (séries), comum a todos os estudantes secundaristas; o complementar, com dois anos de duração, propedêutico aos candidatos à matrícula em institutos de ensino superior. Os estabelecimentos de ensino secundário de todo o país deveriam ter como modelo e padrão de qualidade o tradicional Colégio Pedro II, estabelecido no Rio de Janeiro, então capital federal.

Assim, para que o então Instituto São Luiz Gonzaga se tornasse uma instituição de ensino secundário, teria de passar por uma inspeção federal para averiguar se a escola atendia às exigências do Ministério da Educação e Saúde. Uma vez realizada a inspeção, recebeu autorização preliminar para a implantação do curso secundário fundamental pelo despacho ministerial de 22 de junho de 1939, que equiparou ao Colégio Pedro II. Com isso, o Instituto São Luiz Gonzaga implantou o curso fundamental de cinco anos, “[...] Ao concluir o curso, o aluno receberia o Grau de Bacharel em Ciências e Letras pelo Instituto São Luiz de Gonzaga”. (ESTATUTOS...*Diário Oficial*, 1939, p.11). Rosa Fátima de Souza (2008), explica que “a formação do Bacharel em Ciências e Letras compreendia um curso de seis anos de duração, priorizando o estudo metódico e sistemático da língua portuguesa, além das línguas clássicas e modernas, da literatura, da história e geografia do Brasil” (SOUZA, 2008, p. 100).

O curso fundamental era composto por saberes escolares humanistas e literários, distribuídos nas cinco séries: nas quatro primeiras, estudavam-se línguas como português, alemão (facultativo), inglês e francês e o latim era estudado nas duas últimas; história da civilização, geografia, matemática e música (canto orfeônico) eram estudadas em todas as séries; física, química e história natural eram estudadas nos três anos últimos do curso; ciências físicas e naturais nos dois primeiros anos e o desenho tinha lugar privilegiado, tendo em vista que estava presente em todas as séries do curso⁵⁸. O Bacharel em Ciências e Letras recebia um ensino propedêutico e humanista baseada numa educação integral – intelectual, física e patriótica (DALLABRIDA, 2009).

Nas primeiras décadas do século XX, a formação bacharelesca era extremamente valorizada pelas elites brasileiras. Rosa Fátima de Souza explica que os “bacharéis em ciências e letras, concluintes do ensino secundário em escolas públicas ou privadas, [...] faziam parte de uma plêiade intelectual versada em letras. [...] Liam, produziam e declamavam poesias em língua portuguesa e estrangeira”. Ainda segundo a autora, dentro e fora da sala de aula, os bacharéis “encontravam meios de praticar essa cultura ornamental nos saraus, nos bailes, nos

⁵⁸ Para maiores informações Cf. Souza, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX** (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

encontros familiares, no teatro, nas agremiações literárias e na imprensa estudantil” (SOUZA, 2008, p. 127). Além disso, esses intelectuais eram candidatos a cargos nos postos de comando na sociedade, espaços de poder como legislativo ou executivo era ocupados pelos bacharéis.

A cultura escolar (JULIA, 2001) do curso ginasial do Ginásio São Luiz de Gonzaga estava marcada pelo momento histórico em que a instituição estava inserida, no final dos anos de 1930, por meio de um golpe civil foi implantado a ditadura do estado novo e seu projeto de nacionalização, que perdurou até 1945, com a destituição de Getúlio Vargas. No período ditatorial, foi instituída a Reforma Capanema (1942), que entre mudanças e permanências, esteve em vigor até a década de 1960.

Foi nesse contexto que se deu a elaboração do Estatuto escolar, contendo seu projeto pedagógico-religioso da escola, considerado a certidão de nascimento da instituição. O documento apresentou a forma de administração, organização e funcionamento adotada na instituição. O Estatuto publicado no *Diário Oficial* do Piauí, em 1º de fevereiro de 1939, constando nas disposições finais informações que atestam sua existência desde de fevereiro de 1937, ou seja, o ano de criação da instituição (ESTATUTOS... *Diário Oficial*, 1º de fev. de 1939, p. 11).

O INSTITUTO SÃO LUIZ DE GONZAGA, fundado, em Parnaíba, a 1º de março de 1937, destina-se exclusivamente ao sexo masculino.

Moldado nos princípios da moral cristã e nas mais modernas e salutaras normas de higiene e pedagógica, o seu objetivo precípua é ministrar à mocidade conterrânea uma educação sadia ao lado de uma instrução perfeita e completa. O Instituto terá um assistente eclesiástico, que será indicado pelo Sr. Bispo Diocesano ou pelo Vigário da Freguesia. (ESTATUTOS... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p. 11).

É importante ressaltar que o documento foi publicado no mesmo ano em que a instituição recebeu, da Divisão do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Saúde Pública, autorização preliminar para o funcionamento do curso secundário fundamental. Outro fato importante a ser realçado nessa explicação é que o Estatuto foi criado atendendo às determinações da Reforma Francisco Campos, em vigor até 1942, quando foi implementada, já na vigência da Ditadura do Estado Novo, a Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942), pelo então Ministro da Educação Gustavo Capanema. Assim, a Instituição precisou se adequar as novas determinações legais. Com isso, é provável que o Estatuto tenha passado por modificações. Ocorre, entretanto, que esse documento e suas alterações não foram localizados na pesquisa.

Com a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942), o Instituto São Luiz Gonzaga passou a se chamar Ginásio São Luiz Gonzaga, que tinha implantado o primeiro ciclo do ensino secundário em 1939, ou seja, a primeira turma ainda não tinha concluído o curso fundamental e precisou se adequar ao novo decreto que estabeleceu dois ciclos: o ginasial com quatros e o colegial, com três anos, divisão que permaneceu até o início da década de 1970.

O ingresso no ensino secundário se dava por meio da aprovação no exame de admissão⁵⁹, “uma tradição no país desde o final do século XIX, mais especificamente para o ingresso no tradicional Colégio Pedro II, [...]. Adquire, contudo, caráter obrigatório na Era Vargas” (PERES; RAMIL, 2019, p. 521). Processo seletivo do Exame de Admissão era ritual que se tornou parte da cultura escolar do ensino secundário, realizado sob a supervisão do Inspetor Federal de Ensino, composto por provas orais e escritas, realizadas nos meses de dezembro e fevereiro, regido por uma banca examinadora formada por professores das disciplinas: aritmética, português, história e geografia.

A seleção requeria do aluno conhecimentos específicos nas disciplinas que compunham o conjunto de saberes escolares que foram instituídos como necessários aos alunos para poder ingressar no ensino secundário, transmitidos por meio de cursos preparatórios ministrados por professores em escolas particulares que usavam livros escritos especificamente para preparar os estudantes para o exame de admissão⁶⁰. Para as Eliane Peres e Chris de Azevedo Remil (2019), que realizaram estudo sobre os livros didáticos destinados ao exame de admissão com circulação nacional, entre as décadas de 1940 e final de 1970, asseveraram que “os livros didáticos preparatórios para esses exames foram um dos suportes mais importantes tanto para alunos que prestavam as provas, quanto para professores que precisavam ministrar as disciplinas concernentes aos referidos exames” (PERES; REMIL, 2019, p. 521-522).

Em Parnaíba, o Ginásio São Luiz Gonzaga, Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, Ginásio da União Caixeiral, Ginásio Clóvis Salgado, Ginásio Nossa Senhora das Graças, Ginásio Parnaibano ofertavam Cursos de Férias, cuja finalidade era preparar os alunos para a realização do exame de admissão. Além dos ginásios, existiam escolas “particulares, funcionavam nas residências dos professores e ficaram conhecidas pelos nomes de seus

⁵⁹ Instituído pelo Decreto de nº 19.890/1931 permaneceu no sistema educacional brasileiro até 1971, como uma forma de selecionar o ingresso ao ensino secundário.

⁶⁰ Sobre os livros usados durante o período, bem como as editoras e as diferentes versões atualizadas com o programa de ensino cobrado no exame de admissão Cf. SOUSA, Higo Carlos Meneses de. **Um Ginásio para mocidade picoense: cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971)**. 395 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

docentes.” (RODRIGUES, 2013, p. 52) que também ofertavam cursos de preparação para o exame de admissão.

No Ginásio São Luiz Gonzaga, a preparação dos alunos para o exame de admissão estava prevista no Estatuto, em seu art. 8, garantindo a oferta do curso de Admissão pela escola. O curso preparatório para o exame de admissão ofertado no Ginásio São Luiz Gonzaga admitia alunos com idade mínima de 10 (dez) anos, organizado “com elementos básico de aprendizagem adquiridos no Curso Primário, o aluno seria preparado para frequentar, com aproveitamento, o Curso Secundário” (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p. 11).

Apresentado como uma “verdadeira iniciação cultural”, a instituição informava, ainda, que os professores do Curso de Admissão iriam fazer “uma conveniente ampliação das matérias constantes dos manuais escolares, de maneira a garantir, sempre, um crescente aproveitamento por parte dos alunos” (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. de 1939, p. 11). Quanto ao período de realização do exame, o art. 11 informava que “de acordo com as prescrições da legislação educacional vigente, o exame de admissão será feito em duas épocas: no mês de dezembro e na segunda quinzena do mês de fevereiro” (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p. 11), em conformidade com as regras que deveria ser seguida por todas as instituições escolares do país.

No Piauí, as instituições escolares usavam os jornais para divulgar os cursos de preparação para o Exame de Admissão, como fez o Ginásio São Luiz Gonzaga em dezembro de 1946, sob a direção do professor José Rodrigues e Silva:

Ginásio São Luiz Gonzaga
Curso de Férias
Com o fim de preparar candidatos aos exames de admissão de 2ª época – Fevereiro – o Ginásio São Luiz Gonzaga manterá um CURSO DE FÉRIAS, cujas aulas terão início na próxima segunda-feira, dia 16. Os interessados queiram dirigir-se à Secretária do Educandário, onde poderão colher todo e qualquer esclarecimento.
Parnaíba, 14 – 12- 946.
A DIRETORIA. (O Norte, 19 de dez. 1946, p. 4).

Além do curso de férias, a diretoria da escola aproveitou para informar as ações que seriam realizadas pela nova diretoria, como estabelecer uma banca de estudos durante o dia para que os alunos não ficassem ociosos no período da tarde, uma vez que as aulas aconteciam pela manhã, com a promessa de aproveitar melhor o tempo escolar e com isso, mostrar o seu diferencial em relação às demais escolas de ensino secundário na cidade.

Ginásio “São Luiz Gonzaga”
CURSO DE FÉRIAS

O “curso de férias” para o exame de Admissão de segunda época, a realizar-se em fevereiro próximo é gratuito e teve início no dia 2 de dezembro.

Os candidatos a esse curso devem frequentá-lo, o quanto antes, afim de que possam se preparar para o exame.

Um Educandário bem aparelhado e melhor dirigido é incontestavelmente, uma obra de inestimável valor social, máximo em uma cidade de elevado nível cultural, como Parnaíba.

Por esse motivo e outros de igual importância, o prof. Joaquim Custódio que é um dos mais zelosos sócios fundadores do GSLG e que já tem 16 anos de experiência sobre técnica disciplinar, adquirida no Colégio “Castelo Branco” (Fortaleza), no Ginásio Diocesano “Santa Luzia” Mossoró e no Ginásio “São Luiz Gonzaga” desde sua fundação, vai dirigir este conceituado Estabelecimento de Ensino, do próximo ano em diante.

O curso Primário será misto (aceitam-se alunos e alunas), instalado em pavimento próprio e orientado pela renomada professora Filomena Custódio, que a 15 anos vem empregando o melhor de seus esforços na seara educativa. A diretoria estabelecerá banca de estudo, durante o dia, para que os alunos aprendam a aproveitar bem o tempo (TIME IS MONEY) “tempo é ouro”. (GINÁSIO ... *Diário da Tarde*, 1949, p. 1).

A nota publicada pelo Ginásio São Luiz Gonzaga, além de informar sobre a gratuidade do curso de férias, uma estratégia adotada para aumentar o público escolar, informava sobre a experiência adquirida pelo professor Joaquim Custódio à frente das instituições escolares que administrou no Ceará e Rio Grande do Norte, juntamente com a professora Filomena Custódio, que, assim como ele, tinha experiência na docência, expressa ações a serem adotadas pela escola durante sua administração, dentre as quais a valorização do tempo escolar era uma delas, sendo que os alunos estariam constantemente ocupados com atividades educativas.

Como uma exigência do período, a matrícula ao exame de admissão, o candidato precisava apresentar uma série de documento, conforme a lista publicada pela escola no jornal *O Sino*, em 1957:

Ginásio São Luiz Gonzaga

AVISO:

A diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga comunica aos interessados que entre 16 e 30 de novembro corrente, estarão abertas as inscrições aos exames de admissão do Ginásio, devendo cada candidato apresentar os seguintes documentos:

- 1) Certidão de idade
- 2) Atestado de sanidade física e mental
- 3) Atestado de vacinação anti-variólica
- 4) Atestado de educação primária satisfatória

Todos os documentos citados deverão ter firma reconhecida.

Os exames de realização nos dias 9, 10, 11 e 12 de dezembro próximo.

Durante as férias funcionará no próprio ginásio um curso de preparação para os candidatos aos exames de segunda época.

Parnaíba, 4 de novembro de 1957.

Edgar Linhares,

Diretor. (O SINO, 10 de nov. 1957, p. 4).

A relação dos documentos necessários para fazer matrícula no exame de admissão evidencia a presença da salubridade, sendo comprovada por meio da apresentação de atestado comprovando ser vacinado, ter sanidade física e mental. O documento que comprovava que o aluno tinha recebido “satisfatória educação primária” era o Atestado de Instrução Primária, expedido pela escola, afirmando que o aluno concluiu o curso primário, assinado pelo diretor. Deveria constar que o aluno “concluiu neste estabelecimento de ensino e curso primário e satisfaz as obrigações do ensino fundamental e poderá consolidar-se no exame de admissão”. Em outros termos, o aluno, mesmo tendo realizado o ensino primário no Ginásio São Luiz Gonzaga, precisava receber o atestado de conclusão do ensino primário, para poder prestar o exame de admissão, ainda que fosse à mesma escola em que frequentou o curso.

De acordo com a documentação que compõe o arquivo do atual Colégio Diocesano de Parnaíba, muitos jovens parnaibanos foram preparados para o exame de admissão do Ginásio São Luiz Gonzaga nos cursos particulares existentes na cidade, não sendo exigido do aluno que tivesse realizado os quatro anos de educação primária. Essa situação se manteve até 1959, quando o Ministério da Educação publicou a portaria de nº 325, exigindo o certificado de educação primário em quatro anos.

Mediante os documentos exigidos e o pagamento da taxa de inscrição, os candidatos eram submetidos a uma banca examinadora composta por professores e suas respectivas disciplinas que formavam o conjunto de provas orais e escritas. Na década de 1950, segundo *Livro de Registros do Exame de Admissão*, o exame era composto pelas disciplinas de Português, Aritmética, História e Geografia, sob a vigilância de Joaz Rabelo de Souza. Enquanto Inspeção Federal de Ensino, o responsável pela inspeção escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga acompanhava e supervisionava todas as ações escolares realizadas na escola em Ata.

Aos 2 e 3 dias do mês de dezembro de 1953, respectivamente das 7 às 11 horas, realizaram-se os exames de admissão a 1ª série do primeiro ciclo no Ginásio São Luiz Gonzaga.

Os exames constaram de 4 (quatro) provas escritas e orais, sendo: Português, Aritmética, Geografia e História, tendo como eliminatória a prova de Português, de acordo com a nova legislação em vigor.

Inscreveram-se 45 (quarenta e cinco) candidatos, dos quais 4 (quatro) não obtiveram nota na prova eliminatória, não podendo mais se submeterem as outras provas.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes professores: José Rodrigues e Silva, Joaquim Custódio, Manoel de Melo Lopes Pedrosa, Francisco Pessoa Pereira e Sória Lima dos Santos. Nos exames foram observadas todas as determinações exigidas pelo Ministério da Educação e Cultura.

Os trabalhos de fiscalização foram feitos pelo Sr. Joaz Rabelo de Souza, Inspetor Federal deste Ginásio.

E para constar lavra-se a presente Ata que vai assinada pelo Secretário, membros da banca examinadora e Inspetor de Ensino.

Parnaíba, 3 de dezembro de 1953. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. LIVRO DE EXAME DE ADMISSÃO, 1953, p. 9).

Após a realização do exame, os candidatos selecionados recebiam um “Certificado de Aprovação em Exames de Admissão”, contendo as notas obtidas nas disciplinas que compunham o exame de admissão.

O Certificado de aprovação em exame de admissão (figura 14), realizado em dezembro de 1959, consta que os conhecimentos em Português, Matemáticas, Geografia e História do Brasil foram avaliadas no exame. O certificado era assinado pelo diretor e pelo inspetor da escola.

Figura 14 - Certificado de Aprovação no Exame de Admissão (1959)

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA

PARNAÍBA PIAUÍ N.º 39

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO EM EXAMES DE ADMISSÃO
A 1a. SÉRIE GINASIAL

Certificamos que...

filho de ...
e de ...
natural de Brito-ma nascido em 12 de 12 de 1946 foi considerado
aprovado em exame de admissão à 1a. série ginásial, prestado em 9 de 12
de dezembro de 1959 nos termos da Lei Orgânica do En-
sino Secundário (Decreto-leis números 4.244 de 9 de abril de 1942 e
8.347, de 10 de dezembro de 1945), tendo obtido os seguintes re-
sultados:

Português: 66	Matemática: 80
Geografia: 85	História do Brasil: 75
Média geral: setenta e sete (77)	

Parnaíba, 16 de dezembro de 1959

(Diretor) (Inspetor)

"Isento de selo, ex-vi do Decreto-lei n. 8029, de 2/10/1945".

Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

De posse desse documento, o aluno poderia realizar matrícula na primeira série do curso ginásial, na primeira quinzena do mês de março. Além do certificado de aprovação no exame de admissão, era exigido o pagamento da taxa de matrícula, no caso dos alunos internos,

eram cobrados roupas, lençol, toalha de banho, para compor o enxoval, como era conhecido na época, mas a relação cobrada pelo Ginásio São Luiz Gonzaga não foi localizada na pesquisa.

No final da década de 1950, foram promovidas mudanças nos documentos exigidos dos candidatos ao exame de admissão. A diretoria do Ginásio recorreu ao jornal *O Sino* e a Rádio Educadora, para informar a população sobre as mudanças.

Ginásio São Luiz Gonzaga

AVISO

Acham-se abertos as inscrições para os exames de admissão à 1ª série Ginásial deste estabelecimento de ensino.

INSCRIÇÃO: Os candidatos deverão apresentar, no ato da inscrição, os seguintes documentos:

- 1) Certidão de idade
- 2) Atestado de sanidade física e mental
- 3) Atestado de vacinação anti-variólica
- 4) Certidão de conclusão do curso primário ou atestado idôneo de haver recebido satisfatória educação primária.
- 5) Requerimento (preenchido no ato da inscrição)
- 6) Taxa de exame – Cr\$ 100,00

Obs. Os documentos dos itens 1,2,3 e 4 deverão ter firmas recebidas reconhecidas no tabelião local.

Exames: Os exames terão início no dia 09 de dezembro próximo com a prova eliminatória de PORTUGUÊS.

A portaria 325 de 13/10/59 baixada pelo Ministério da Educação e Cultura elevou para 5 (cinco) a nota mínima para aprovação de Português, sem a qual o candidato não prosseguirá nos exames.

O “Ginásio São Luiz Gonzaga” ainda nos termos da supracitada portaria, adotara o sistema de provas escritas e somente escritas para ARITMÉTICA, GEOGRAFIA E HISTÓRIA, DISPENSANDO as provas orais dessas disciplinas.

Assim o faz com o intuito de dar aos exames mais objetividade menos interferências emocionais

1ª SÉRIE de 1960 - As primeiras séries de 1960, deste Ginásio, serão assim distribuídas.

1 – Número de vagas – 35

2 - Regime de tempo integral (dois expedientes) para o curso ginásial masculino, sob a direção de um professor.

Com estas medidas, viesse a direção eliminar causas que vem interferindo na eficiência do ensino atual, tornando o Curso Ginásial mera fórmula quadrienal de distribuição de certificados.

Parnaíba, 10 de novembro de 1959.

Edgar Lima Linhares,

Diretor. (O SINO, 29 de nov. 1959, p. 2).

O Boletim de Resultados Finais (figura 15) emitido pelo Ginásio São Luiz Gonzaga, em 07 de dezembro de 1961, mostra a implementação das mudanças divulgadas pela diretoria no jornal *O Sino*. O boletim também revela que o sistema de classificação dos alunos do curso ginásial também constava no resultado no exame de admissão, que, de acordo com desempenho, poderiam receber bolsa de estudos, como já foi discutido anteriormente.

Figura 15 - Boletim de resultados finais (1961)

Aluno <u>Antônio Carlos Machado</u>	OBSERVAÇÕES: 1) Média inferior a 6 é nota de reprovação. 2) A nota de cordialidade resume o comportamento geral do aluno durante o ano letivo. 3) As matrículas para o ano seguinte se realizarão de 16 de dezembro a 31 de janeiro. 4) O início das aulas em 1958 será a 3 de fevereiro. 5) Os alunos antigos somente têm direito a vaga, se matriculados dentro daquele prazo.
Classe <u>Admissão</u>	
Português <u>6.0</u>	
Língua <u>6.5</u>	
Aritmética <u>6.5</u>	
Geografia <u>10.0</u>	
História <u>7.5</u>	
C. Gerais	
Cordialidade	
Média Geral <u>7.5</u>	
Classificação: <u>5º Lugar</u>	
Resultado: <u>Aprovado</u>	
Assinatura do Professor:	
<u>Parnaíba, 4-12-61</u>	
Visto do Diretor	
<u>L. Antônio Lampião</u>	

Fonte: Arquivo de Antônio Carlos Machado.

Em Parnaíba, a divulgação do resultado da seleção do exame de admissão era acompanhada com ansiedade pelos candidatos e seus familiares, que, após sua divulgação, realizavam festas nos clubes da cidade, como fez João Henrique Santos Silva, figura 16, que juntamente com seus amigos comemorou a aprovação no exame de admissão, realizados em fevereiro de 1969, no Ginásio São Luiz Gonzaga, com uma festa no SESC Beira Rio.

Figura 16 - Festa de aprovação no exame admissão do Ginásio S. Luiz Gonzaga (1969)



Fonte: Arquivo particular de João Henrique Silva.

O exame de admissão era uma seleção temida pelos alunos e, mesmo aqueles que cursaram o ensino primário ou curso preparatório no Ginásio São Luiz Gonzaga, ficavam apreensivos diante do exame. Egressos como José Hamilton Furtado Castello Branco, que realizou o exame de admissão no Ginásio São Luiz Gonzaga, em dezembro de 1961, guarda na memória os sentimentos dessa experiência:

Eu fiquei mais aflito quando fui fazer o exame de admissão do que quando fui fazer o vestibular. O exame de admissão, para mim, trouxe muito mais aflição, receio de não passar porque era muita exigência para um menino. Quando saiu o resultado eles colocaram no mural, eu fui olhar o resultado que estava exposto no mural e foi uma felicidade imensa saber que eu estava aprovado. O Ginásio São Luiz Gonzaga era uma escola de referência e muito exigente. (José Hamilton Furtado Castello Branco, 2019).

O exame era uma etapa marcante na vida dos candidatos, significava muito ser aprovado, uma vez que era a única forma de ingresso ao ensino secundário. Renato de Castro Santos Junior, ao iniciar sua narrativa sobre sua vida escolar, diz: “Eu iniciei minha vida escolar

no curso primário no Ciclo Operário São José ali no Ginásio Clóvis Salgado. Eu fiz todo o meu curso primário lá. No Ciclo Operário São José, eu fiz do primeiro ao quarto ano”.

Em suas memórias escolares, Renato de Castro Santos Junior guarda recordações de quando ingressou no Ginásio São Luiz Gonzaga. Segundo ele: “[...] o quinto ano, eu fui fazer no Ginásio São Luiz Gonzaga, que era o preparatório para o exame de admissão ao ginásio que na época era o primeiro vestibular”. Santos Junior (2019) compara o exame de admissão ao exame de vestibular, prestado para o ingresso no curso superior e continua sua narrativa apontando detalhes sobre o curso preparatório ao exame de admissão:

No São Luiz Gonzaga eram várias professoras, diferente do primário que tinha apenas uma professora. Lá tinha uma professora para Português, outra para Matemática, outra para História, outra para Geografia. O quinto ano tinha como foco principal preparar o aluno para fazer o exame de admissão ao ginásio. Como era uma escola que pertencia à Diocese, o ensino era muito rigoroso. Naquela ocasião, não existiam as brincadeiras que existem hoje. Quem ia para lá era praticante da religião católica, um colégio muito humano, mas o foco no quinto ano era o ensino dessas disciplinas que lhe falei. A prova do exame de admissão era realizada mesmo na escola e as perguntas eram dissertativas, não tinha perguntas objetivas. Tinha provas escritas e orais. A gente era submetido a uma banca examinadora. Essa era a forma como você poderia ter acesso ao ginásio. Se não tirasse a nota mínima, teria que repetir o ano. Eu dei sorte e passei de primeira!! Logo, a mamãe era professora de Matemática no preparatório para o exame de admissão, mas não estava na minha banca, não, foi outra professora. De Português, era a professora Helena Ramos, minha eterna e querida professora; História, era o professor Custódio e Geografia, foi o professor Pedrosa. Desses quatro eu me recordo bem. Depois eu fiz os quatro anos de ginásio no São Luiz Gonzaga. (Renato de Castro Santos Junior, 2019).

O curso preparatório ao exame de admissão no Ginásio São Luiz Gonzaga era ministrado por vários professores, diferente do que acontecia no ensino primário e ficou marcado nas lembranças do narrador, que guarda detalhes como os nomes dos professores que ministraram as disciplinas que compunham o curso.

Uma vez realizada com êxito a seleção do exame admissão, de posse de seu atestado de aprovação, a família poderia realizar a matrícula no ensino secundário. Aprovação no exame de admissão era garantia de acesso ao ensino secundário no Ginásio São Luiz Gonzaga, como em outras instituições de ensino secundário no Brasil, mas não era garantia de permanência no curso, tendo em vista que este exigia um esforço da família para manter o jovem na escola, especialmente na modalidade de interno ou semi-interno, principalmente em Parnaíba, onde no ano de 1959⁶¹, só era possível cursar o ensino secundário em instituições privadas, como as

⁶¹ Em 1959, o Ginásio Parnaibano foi oficializado pela lei Estadual nº 1892 de 21 de novembro de 1959 e vinculado ao sistema estadual de educação passando a ser denominado Colégio Estadual Lima Rebelo.

instituições de ensino confessional católica com internato, a saber, o Ginásio São Luiz Gonzaga (primeiro ciclo) e o Colégio Nossa Senhora das Graças (primeiro e segundo ciclo). Além das escolas católicas, existiam o Ginásio Nossa Senhora de Lourdes (primeiro ciclo), o Ginásio da União Caixeiral (primeiro ciclo e o curso de contabilidade) e o Colégio Parnaibano (segundo ciclo).

Conforme o livro de Ata de resultados finais do curso ginásial (1957 a 1964), a partir de 1957, o Ginásio São Luiz Gonzaga sob direção do professor Edgar Linhares, implantou o curso ginásial feminino no turno da tarde. Dessa forma, a escola, que já tinha o curso primário misto, passou a receber mulheres no curso ginásial, no período compreendido entre 1957 a 1962. O funcionamento era em turnos separados, conforme o livro de Ata de resultados finais do curso ginásial (1957 a 1964). A única exceção foi o ano de 1962, quando a escola manteve uma turma mista, formada por 21 mulheres e 17 homens, funcionando no turno matutino.

Tabela 4 - Número de matrículas no Curso Ginásial Feminino (1957-1959)

Ano	1ª série feminina	2ª série feminina	3ª série feminina	4ª série feminina
1957	50 alunas	33 alunas	22 alunas	-
1958	50 alunas	50 alunas	41 alunas	19 alunas
1959	38 alunas	45 alunas	35 alunas	35 alunas

Fonte: Livro de Matrículas do Curso Ginásial (1939-1959).

Conforme o livro de matrículas, no ano de 1957, a escola teve adesão de 105 jovens para o curso ginásial feminino, sendo formadas três turmas. A partir de 1958, foram matriculadas alunas para as quatro turmas do curso ginásial, sendo realizada a primeira colação de grau com turmas femininas. No mesmo período, a escola matriculou, no curso ginásial dedicado ao público masculino, a seguinte quantidade de alunos:

Tabela 5 - Número de matrículas no Curso Ginásial Masculino (1957-1959)

Ano	1ª série – Masc.	2ª série – Masc.	3ª série – Masc.	4ª série – Masc.
1957	100 alunos	82 alunos	48 alunos	28 alunos
1958	89 alunos	84 alunos	71 alunos	44 alunos
1959	50 alunos	41 alunos	50 alunos	46 alunos

Fonte: Livro de Matrículas do Curso Ginásial (1939-1959).

A partir de 1963, o Ginásio São Luiz Gonzaga voltou a ofertar o curso ginasial exclusivamente para o público masculino, funcionando no turno manhã, permanecendo assim até 1972. Outra mudança no funcionamento do Ginásio foi o fechamento do internato. Segundo o *livro de Mensalidades* dos alunos, com registros entre os anos de 1959 a 1962, o internato foi fechado no ano de 1962, durante a direção do padre Antônio Sampaio, passando a receber alunos na condição de externos.

3.2 “Um integro sacerdote do ensino”: a constituição do corpo docente

Na cultura escolar cívico católica do curso ginasial do Ginásio São Luiz Gonzaga, as ações educativas e práticas dos professores que compunham o corpo docente do curso ginasial deixaram marcas nas memórias escolares de seus alunos. Ao se referir as práticas escolares, Escolano (2017, p. 168) assinala que elas “não são ações neutras, mas criações socioculturais dotadas de significado e discurso”.

É importante salientar que, de acordo Romildo Araújo, no Piauí, entre as décadas de 1940 a 1950, a constituição do corpo docente do ensino secundário era formada por jovens intelectuais, oriundos dos seminários e profissionais liberais (ARAÚJO, 2012). A Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942) uniformizou e deu novos contornos a essa modalidade de ensino, regulando a organização, funcionamento e a constituição do corpo docente⁶², cujo art. 79, instituiu regras a serem seguidas pelos professores que atuavam nesse nível de ensino, tais como: formação conveniente, provimento, remuneração e a obrigatoriedade da inscrição dos professores no Ministério da Educação.

Quadro 3 - Relação de professores do curso ginasial (década de 1940)

Professor(a)	Disciplina ministrada	Origem
Médico João Orlando de Moraes Correia	Ciências Físicas/Matemática	Piauí
Vicente Martins de Carvalho	Geografia	-
Padre Davi Augusto Moreira	Matemática/Desenho/Música	Ceará
José Rodrigues e Silva	Português	Ceará
Joaquim Custódio	História	Ceará
José Rebouças Macambira	Inglês	Ceará
Francisco Pessoas Pereira	Latim	Ceará
Paulo de Castro Pereira	Música	Ceará
Pedro de Castro Pereira	Francês	Ceará
Monsenhor Roberto Lopes Ribeiro	Latim	Piauí

⁶² Sobre a constituição do corpo docente do ensino secundário no Piauí cf. ARAÚJO, Romildo de Castro. **A Constituição do Corpo Docente do Ensino Secundário no Piauí (1942-1982)**. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2012.

Sargento Raimundo Paulo Ribeiro	Educação física	Ceará
Padre Áureo José R. de Oliveira	Latim	Maranhão
Maria da Penha Fonte e Silva	Geografia	Piauí
José Nelson de Carvalho Pires	Francês	Piauí
José de Lima Couto	Inglês	Maranhão
Padre Antônio M. Sampaio	Português	Piauí
Maria do Rosário A. Santos	Canto Orfeônico	Piauí

Fonte: Registro dos Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga.

Na década de 1940, o corpo docente do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga era composto por leigos e religiosos. Sobre a formação escolar do corpo docente masculino, excetuando os professores José de Lima Couto, formado em Técnicas Comerciais, e José Nelson de Carvalho, em Educação Física, e João Orlando de Moares Correia, formado em medicina, os demais tinham formação religiosa recebida em seminários localizados em seus estados de origem. Sobre as mulheres, não foram encontradas informações sobre sua formação escolar. No entanto, assim como seus pares, faziam parte do corpo docente dos cursos secundários oferecidos pelo Ginásio Nossa Senhora das Graças e nas demais instituições de ensino secundário da cidade. Portanto, podemos afirmar que tinham “preparo intelectual socialmente reconhecido”, critério apontado por Romildo Araújo (2012) como um dos requisitos principais para atuar no ensino secundário no Piauí, na década de 1940. Os médicos Ormeu Lobão de R. Monteiro e Genésio Martins de Araújo, este último ficou como médico da escola até a década de 1940, foram admitidos na mesma década para atenderem aos alunos do internato.

A propaganda veiculada na *Revista dos Municípios do Piauí* (figura 17) publicada em 1953, edição de n. 2 dedicada ao município de Parnaíba, apresentou o corpo docente do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga, com as respectivas disciplinas.

A quantidade de mulheres presentes no corpo docente do curso ginásial sempre foi menor que a de homem; no entanto, egressos do curso ginásial que participaram desta pesquisa, ao se recordarem dos docentes, apontam as professoras como aquelas que deixaram marcas suas memórias escolares sobre o curso ginásial.

Figura 17 - Propaganda sobre o Ginásio S. Luiz Gonzaga

GINÁSIO “SÃO LUIZ GONZAGA”

EXTERNATO - SEMI-INTERNATO - INTERNATO

Cursos: PRIMÁRIO - ADMISSÃO - GINASIAL

AV. CAPITÃO CLARO S/N - TELEFONE, 261 - C. POSTAL, 8

x

O GINÁSIO «SÃO LUIZ GONZAGA» está situado no melhor e mais agradável bairro de Parnaíba — o bairro «NOVA PARNAÍBA». Funciona em prédio próprio, construído e instalado rigorosamente dentro das modernas exigências do Ministério de Educação e Cultura.

O corpo docente é constituído por elementos de mérito real que, em ação conjunta com a Diretoria, tudo fazem em prol dos educandos.

Merece especial cuidado a organização técnica e educacional do curso Primário, que está confiado a professoras especializadas, com largo período de tirocínio, no renomado Educandário.

Quanto ao Internato, faça uma visita ao Ginásio «São Luiz Gonzaga» e se convencerá de que os alunos têm ali uma vida confortável, sob os cuidados da família do diretor.

CORPO DOCENTE DO CURSO PRIMÁRIO

Professôra	Filomena Lima Custódio — Diretora.
»	Rosilda Brito Vêras
»	Antônia de Jesus Monteiro Linhares
»	Neusália Lima dos Santos
»	Sória Lima dos Santos
»	Maria da Paz Fortuna

CORPO DOCENTE DO CURSO GINASIAL

Professor	José Rodrigues e Silva — Português
»	Francisco Pessoa Pereira — Latim
»	José Nelson de Carvalho Pires — Francês e Educação Física
»	Lafayette de Mendonça — Inglês e Matemática
»	Benedito Jonas Correia — H. do Brasil e H. das Américas
»	August Bauer — Inglês
»	Eduardo Fernandes Lopes — Ciências Naturais e C. Orfeônico
»	Joaquim Custódio — Matemática e Ciências Naturais
»	Manuel de Melo Lopes Pedrosa — G. Geral e H. Geral
Profa.	Filomena Lima Custódio — T. Naturais
»	Maria da Penha Fonte e Silva — G. do Brasil e Desenho
»	Sória Lima dos Santos — Desenho

DIRETOR — Prof. Joaquim Custódio
 INSPETOR FEDERAL — Sr. Joaz Rabelo de Sousa
 MÉDICO — Dr. Ormeu do Rêgo Monteiro

Parnaíba :- Piauí :- Brasil

Fonte: Revista dos Municípios do Piauí (1953, p. 18).

Na década de 1950, a professora Maria Christina de Moraes Souza Oliveira, após concluir o curso normal no Ginásio Nossa Senhora das Graças, passou a compor o corpo docente do curso ginásial, permanecendo na instituição até a década de 1960, quando assumiu o cargo de Diretora do Departamento de Educação e Cultura. Ao se recordar de sua trajetória profissional, narra seu ingresso no corpo docente do Ginásio São Luiz Gonzaga:

Eu comecei a trabalhar na São Luiz Gonzaga como professora de uma turma de alfabetização, depois passei a ministrar aulas no curso ginásial. Minha rotina de trabalho era o dia todo. Trabalhava no turno da manhã, que era dedicado aos garotos. Eu voltava para o colégio de tarde para dar aulas de Desenho e Geografia nas turmas femininas. Geografia eu tinha feito um curso de Férias em Fortaleza, promovido pelo Ministério da Educação. Era a

Campanha de Difusão do Ensino Secundário, promovido pelo MEC. As aulas aconteciam em Fortaleza, no Instituto de Educação, mas os professores em todos de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de Brasília. E eu fiz!! Na época, eu não tinha idade para prestar o exame imediato porque só podia fazer com 21 anos. Então, eu tive que esperar completar a idade. Na época, eu tinha uns 18 anos; então, eu tive que esperar e, enquanto eu esperava, fiz outro curso. O curso, as aulas aconteciam nos três turnos. De manhã e de tarde, era aula; e à noite, eram realizadas conferências. O exame eu acho que foi mais difícil do que o vestibular porque era prova escrita, prova oral perante uma banca examinadora e os interrogatórios que eram chamavam debates. Eu fui aprovada logo! Eu era muito novinha na frente dos outros professores. (Maria Christina de Moraes Souza Oliveira. 2019).

Com a implantação do curso ginásial feminino, fato que se deu entre 1957 a 1962, conforme o relatório do Inspetor Federal de Ensino, o corpo docente em exercício no curso ginásial feminino era o mesmo do masculino, com exceção de educação física, ministrada por uma mulher. Conforme exigência do Ministério da Educação e Saúde, o corpo docente em exercício no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga era registrado no Ministério da Educação, o docente que ainda não tinha o registro, estava inscrito na Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino (CADES)⁶³ para fazer o curso.

Quadro 4- Professores do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga (1958-1966)

Professor (a)	Disciplina	Nº de Registro
José Rodrigues e Silva	Português	D – 9.453
Francisco das Chagas Ribeiro Magalhães	Português	D – 25.786
Plautila Lopes do Nascimento	Português/ Matemática	D – 23.582
Edgar Linhares Lima	Português	Prec. ME 64.250/70
Dalila Soares da Silva	Português/Inglês	Autorização
Miriam Lopes do Nascimento	Português	Autorização
Terezinha Gomes Torres	Português	Autorização/Filosofia
Francisco Pessoa Pereira	Latim	D – 24.275
Rosa Maria Araújo da Silva	Ciências	Registrada
Padre Vicente de Paulo Fernandes	Português/Religião	Inscrito
August Bauer	Francês/Inglês	D – 5.109
Tomaz Catunda	Francês	Insc. CADES
Jose de Freitas Dutra	História	
Padre Raimundo José Vieira	Canto Orfeônico/Religião Educ. Cívica	Inscrito. CADES
Alexandre Alves de Oliveira	Matemática/Trabalho Manual	D – 22.919
Joaquim Custódio	Matemática/Ciências História Geral e do Brasil	D – 6.568
Benedito Jonas Correia	História Geral	Insc. CADES
Maria da Penha Fonte e Silva	História do Brasil/Geografia	D – 3.201

⁶³ Decreto nº 34. 638, de 17 de novembro de 1953 criou a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário – CADES, com a finalidade de aperfeiçoar a formação o corpo docente do ensino secundário.

Manoel de Melo Lopes Pedrosa	Geografia/ Educação Física Trabalho Manual	D – 24.838
Maria Christina de Moraes Sousa Oliveira	Desenho/Geografia Educação Doméstica	D – 24.686
Ivelete Bessa Linhares	Canto Orfeônico	Insc. CADES
José Nelson de Carvalho Pires	Educação Física	Insc. Dep. Nacional de Desportos
Eduardo Augusto Lopes	Ciências/Latim/Francês	Insc. CADES
Helena Ramos Vieira	Português/ Geografia	Insc. CADES
Ivete Fontenele de Castro	Educação Física	Insc. CADES
Luiz Laurentino de Medeiros	Latim	Insc. CADES
Marlite Mota Soares	Trabalho Manual	Insc. CADES
Pe. Vicente de Paulo Fernandes	Religião/Francês	-

Fonte: Relatório anual do Supervisor Federal do Ginásio São Luiz Gonzaga.

A partir da década de 1950, o Ministério da Educação passou a exigir que os professores do ensino secundário realizassem cursos que eram ofertados por meio da Campanha de Aperfeiçoamento e difusão do ensino secundário (CADES). O Ginásio São Luiz Gonzaga, em relação à formação do corpo docente do curso ginásial, atendia às exigências do Ministério da Educação. Conforme documentos localizados na escola, os professores tinham realizado formação na área de atuação no curso ginásial e os novatos que ainda não tinham realizado os cursos de formação estavam inscritos na CADES, conforme informação dada pelo Inspetor de Ensino, no final da década de 1960.

Manter a organização atendendo às exigências legais foi uma preocupação da escola desde a implantação do curso ginásial, em 1939, quando apresentou seu Estatuto trazendo no art. 18 os critérios adotados na seleção de seu corpo docente, como “critério de verdadeiro selecionamento, de modo a contar, em cada professor, com um integro sacerdote do ensino” (ESTATUTO...*Diário Oficial*, Teresina, 1º de fev. 1939, p. 11). No que diz respeito aos deveres do cargo, o art. 19 informou que “competirá aos professores cooperar, eficientemente, na manutenção da ordem e boa marcha do Instituto”.

De acordo com o Estatuto, competia ao corpo docente do então Instituto São Luiz Gonzaga:

- a) Colaborar com a Diretoria em tudo que, direta ou indiretamente, possa concorrer para o crescente aproveitamento dos alunos e bom nome do educandário;
- b) Comparecendo aos recreios dos alunos, corrigindo-lhes os excessos ou inconvenientes nas brincadeiras e norteando-lhes as atividades lúdicas para que se transformem em processos socializadores;
- c) Chegando ao estabelecimento pelo menos cinco minutos antes do início das aulas e assinando o livro de pontos;

d) Assistindo as solenidades cívicas e literárias promovidas pelo educandário, sobretudo as seções do “Círculo de Pais e Professores”, além de outras reuniões pedagógicas, quando convocadas pelo Diretor. (ESTATUTO ... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p. 11).

O Estatuto explicita normas e regras que norteavam o trabalho dos docentes que, além de ministrar as aulas, deviam ajudar na formação de uma conduta disciplinar dos alunos dentro e fora da sala de aula. O controle sobre o trabalho dos professores era realizado pelo Livro de Ponto. A folha de rosto do *Livro de Ponto*, de março a junho de 1950, trazia o Termo de Abertura, apresentando a quantidade de páginas, rubricadas pelo secretário da escola, cargo ocupado por Manoel de Melo Lopes Pedrosa, substituído em meados da década de 1960 por Antônio Freitas de Araújo. Após o termo de abertura, vinham as folhas de controle dos dias, horários, assinatura dos professores e a matéria lecionada no respectivo dia.

No trabalho de escuta dos egressos do curso ginásial, foi possível identificar memórias construídas sobre as ações educativas dos professores que ainda reverberam na memória coletiva escolar daqueles que foram seus alunos no curso ginásial e preservam sentimentos como respeito, admiração, amizade e gratidão aos professores do Ginásio São Luiz Gonzaga.

Em suas memórias escolares, o egresso José Hamilton Furtado Castello Branco selecionou aspectos que considerou relevantes sobre o período em que realizou o curso ginásial, parte dele na condição de aluno semi-interno do Ginásio São Luiz Gonzaga. Dentre os aspectos selecionados, os professores foram avaliados como “maravilhosos, conhecidos e respeitados na cidade e amigos de nossas famílias”, tiveram lugar especial.

No início do ano escolar, no dia da primeira aula, quando chegava à noite, meu pai me chamava e perguntava sobre que foi estudado, quem eram os professores, quais as matérias que ensinavam. E ele conhecia a todos. Todos se conheciam. Os professores conheciam uns aos outros. A gente frequentava a casa dos professores. O professor Pessoa, por exemplo, tinha um filho, o Leandro, que fazia parte da turma. E eu frequentava a casa do professor, conhecia a família dele, almoçava na casa do professor. Eu tive vários e excelentes professores no Ginásio São Luiz Gonzaga. Por exemplo, Joaquim Custódio foi meu professor de Matemática, August Bauer foi meu professor de Inglês. Ele era alemão e veio para o Brasil na época da guerra. Um professor de temperamento forte, mas uma pessoa excelente. Também fui aluno de uma excelente professora, que foi a Maria da Penha. Ela era professora de História. Ela, além de ser uma excelente professora de História, ela conhecia tanto a História como a Geografia. Ela dava uma aula, por exemplo, sobre o Egito, ali ela conhecia tudo, ela tinha visitado, ela tinha ido lá, ela sabia. Então, ela era uma pessoa que quando ela falava, ela falava com conhecimento de causa, ela esteve lá. Ela era uma excelente professora!!Tive também o Manoel Pedrosa que era um bom professor. Também fui aluno da professora Miriam Lopes, filha da dona Plautila. Eu fui aluno das duas. Da dona Miriam eu fui aluno, tendo aulas de reforço na casa dela, e depois a dona Miriam substituiu a dona Plautila no São Luiz Gonzaga. *A dona Miriam era professora de Português,*

inclusive quando eu fui prefeito fiz uma escola e coloquei o nome dela na escola. (José Hamilton Furtado Castello Branco, 2019 – grifos nossos).

Para expressar sua admiração, respeito e gratidão aos seus professores, Castello Branco (2019), na condição de prefeito, homenageou sua professora de Português, Miriam Lopes, com seu nome em uma escola de ensino primário em Parnaíba. Os professores Francisco Pessoa, August Bauer, Joaquim Custódio, Plautila, Maria da Penha, Manoel Pedrosa também estão presentes nas memórias escolares de José Hamilton Furtado Castello Branco. Os professores do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga atuavam nas outras instituições de ensino secundário da cidade e, assim como a professora Miriam Lopes, são homenageados como nomes em escolas, ruas e avenidas na cidade.

Na narrativa de Diderot dos Santos Mavignier, que entre os anos de 1962 e 1971, realizou o ensino primário e o ginásial no Ginásio São Luiz Gonzaga, encontramos detalhes sobre os professores que teve durante sua trajetória escolar no Ginásio São Luiz Gonzaga. Ao se referir aos professores, relatou: “guardo muitas recordações sobre meus professores. Eu tinha um carinho muito grande por alguns deles. Lembro com saudades da professora Maria do Carmo, irmã do Monsenhor Antônio Sampaio. Eu já morando fora de Parnaíba, quando eu vinha de férias, era uma das primeiras casas que eu visitava era a dela”.

Ao expor suas memórias escolares sobre os professores do Ginásio São Luiz Gonzaga, Mavignier (2019) também faz sua avaliação sobre eles: “Aqui nós tivemos professores maravilhosos. Quando eu entrei no quarto ano primário, nós tínhamos apenas uma professora, mas no quinto ano já foi dividido por matérias e continuava assim no curso ginásial”.

Sobre o curso ginásial, Mavignier (2019) se recorda dos professores e das disciplinas ensinadas, avaliados por ele como “fantásticos”. Dentre os professores classificados como fantásticos, estão:

O professor Antônio Sampaio e dona Maria do Carmo eram professores fantásticos. Estudei línguas como Inglês e Francês. Quem ministrava o Francês era o Lima Couto e o professor José Nelson. Já o Inglês, foi ministrado pelo eterno professor Augusto Bauer. Cruzamos o Ginásio com professor Bauer e a professora Maria da Penha, como professora de História, minha disciplina favorita. Ainda me recordo do livro usado na época, que era do Borges Hermida. (Diderot dos Santos Mavignier, 2019).

As ações educativas dos professores do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga também está presente nas memórias escolares de Renato de Castro Santos Junior (2019). Ao narrar sobre os professores que considerou marcantes em sua trajetória escolar, assim como suas ações educativas, fez o seguinte relato: “a minha mãe, a professora Zilda Santos e a

professora Helena Ramos, e dos outros professores eu guardo excelentes lembranças”. Além das professoras Zilda Santos e Helena Ramos, os professores “August Bauer, professor de Inglês e Francês!! Era alemão. Ele tinha sido seminarista e, na época da Segunda Grande Guerra, foi perseguido pelas tropas nazistas e escapou da guerra por pouco. Ele era rigoroso e cobrava muito” (SANTOS JUNIOR, 2019).

Outros professores e suas práticas também foram lembrados por Santos Junior (2019), como, por exemplo, “a disciplina de Matemática ministrada pelo professor Custódio e o professor Pessoa, conhecido como baiano, professor de Latim, eu estudei Latim no primeiro e segundo ano ginásial”. Ao se recordar do professor conhecido como Pessoa, Santos Junior (2019) narra um fato que ele considerou interessante:

Com o professor Pessoa teve uma coisa interessante: quando eu fui fazer o cursinho em Fortaleza, o professor de Português era chamado professor Pessoa e apresentava semelhança física com o professor baiano daqui e a voz era a mesma! Eu pensei: ‘caramba é muita semelhança’. Quando foi na terceira aula, mais ou menos isso, eu fui falar com ele e perguntei: – ‘Professor Pessoa, o senhor foi professor em Parnaíba?’ Então, ele respondeu: – ‘Era meu irmão’. Aí eu disse a ele que tinha sido meu professor e ele perguntou: ‘No São Luiz Gonzaga?’ Eu respondi: - ‘Exatamente’. Depois disso nos tornamos amigos (Renato de Castro Santos Junior, 2019).

Santos Junior (2019) deixou a cidade após concluir o curso ginásial para dar continuidade aos estudos em Fortaleza - CE, estado escolhido por muitos parnaibanos com essa intenção, especialmente egressos do Ginásio São Luiz Gonzaga. A escolha por Fortaleza pode ser explicada pela influência dos professores cearenses no curso ginásial. Muitos professores e até diretores do Ginásio São Luiz Gonzaga era cearenses, como apontamos nos capítulos anteriores.

A influência dos professores e diretores sobre os alunos é apontada por João Paulo dos Reis Veloso, egresso do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga. Em entrevista ao jornal *O Bembém* (2001), ao ser questionado se teve “grandes professores no São Luiz Gonzaga”, foi enfático ao responder:

Tive. Minha professora de francês foi a Maria do Carmo, a mesma que me alfabetizou. O de inglês foi José de Lima Couto e o de Matemática, o padre Davi. Olha, vou lhe dizer uma coisa: o padre Davi não ligava muito o fato de ser padre; o negócio dele era Matemática; outro foi o professor Zé Rodrigues, que passou a ser o meu guru. Eu passei a ir toda noite à casa dele, ali na esquina da atual Chagas Rodrigues. Tinha um peitorilzinho onde eu sentava e ele na cadeira de balanço, ali a gente conversava; a gente falava de tudo, política, religião... (REIS VELOSO, 2001, p. 6).

O entrelaçamento das lembranças dos egressos sobre os professores do curso ginásial, demonstra como advoga Halbwachs (2003, p. 69) que “a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo”.

Francisco de Assis Almeida Brasil (2008), literato parnaibano conhecido como Assis Brasil, registrou na obra *Pacamão*, romance histórico publicado em 1969, que compõe a *Tetralogia Piauiense*⁶⁴, aspectos da cultura escolar cívico católica vivenciada no curso ginásial. No livro, Darcy, um dos personagens da obra, narra suas experiências escolares nos poucos anos em que estudou no Instituto São Luiz Gonzaga, antes de ser enviado para estudar no Rio de Janeiro, durante o seguinte diálogo:

Ao passarmos pela casa que foi do doutor Mirocles e depois o Instituto São Luís, ele suspira, olha para mais distante, e não diz nada. Ali estudou as primeiras letras, brigou com o padre Davi que queria confessá-lo à força, e num ano bateu todos os recordes de que se tinha memória e no colégio: tirou zero em todas as provas. Aí seu Bento, com todo aquele orgulho, resolveu arranjar um exílio para o filho. (BRASIL, 2008, p. 350).

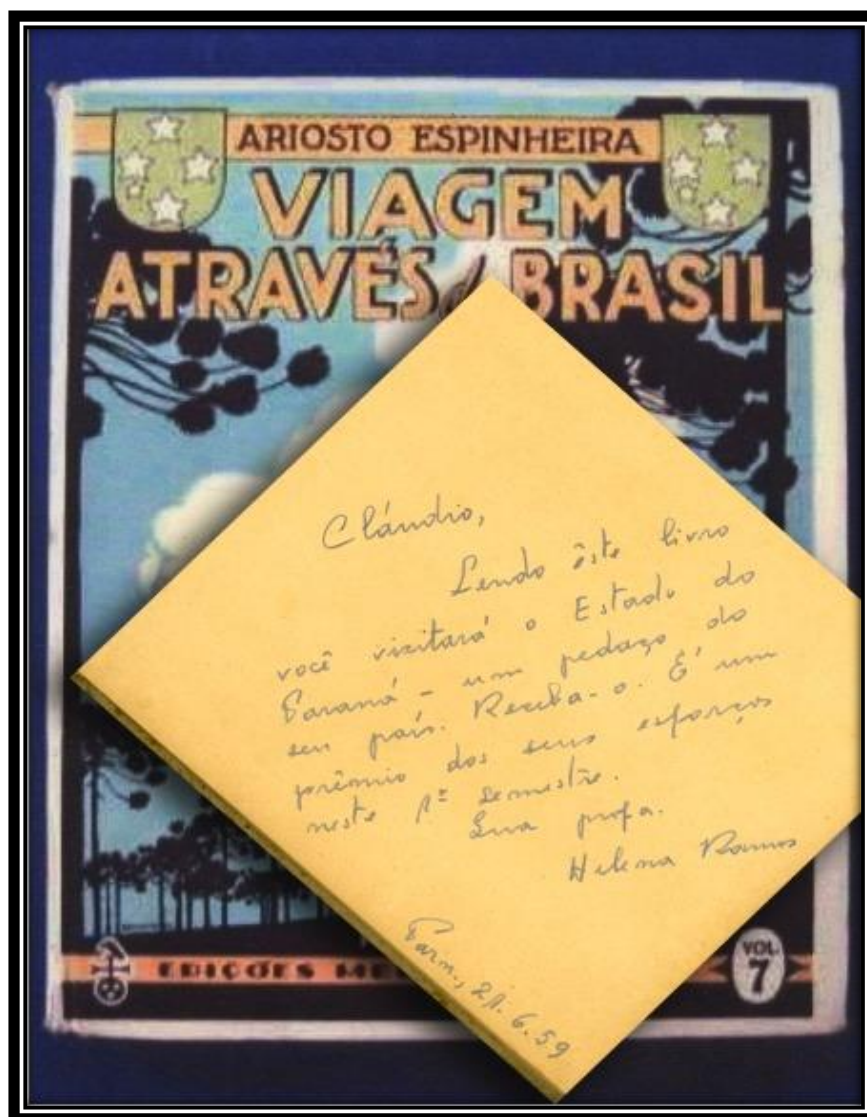
Os aspectos da realidade sobre a escola em que realizou exame de admissão e parte do curso ginásial, a referência às práticas religiosas do padre Davi, que foi Superintendente e professor do Ginásio São Luiz Gonzaga, mencionados no romance histórico de Assis Brasil podem ser interpretados a partir do pensamento de Carlo Ginzburg (2007, p. 10-11), para quem “a ficção, alimentada pela história, torna-se matéria de reflexão histórica, ou ficcional, e assim por diante”. Ginzburg cita como exemplo os romances medievais, nos quais é possível “detectar testemunhos históricos involuntários sobre usos e costumes, isolado na ficção fragmentos de verdade” (GINZBURG, 2007, p. 10-11).

O egresso José Cláudio Ramos de Sousa (2020) guarda recordações sobre os anos em que realizou o curso ginásial. Sua memória escolar é composta pelas lembranças afetivas sobre acontecimentos como a aprovação no exame de admissão e a bolsa de estudos recebida pela sua classificação em primeiro lugar, do orgulho de ter contribuído nas atividades realizadas no Grêmio Cívico Literário Tiradentes, dos colegas com os quais dividiu espaços escolares e de seus professores. Além das recordações, Sousa (2020) guarda objetos escolares que considera verdadeiras relíquias, como livro (figura 18) que ganhou da sua “eterna” professora de

⁶⁴ Obra composta por quatro romances publicados por Assis Brasil na década de 1960, a saber, *Beira rio beira vida* (1965), *a filha do Meio-Quilo* (1966), *O salto do cavalo cobridor* (1968) e *Pacamão* (1969). Em 1979 os romances foram reunidos e publicados pela FUNDAP com o título: *Tetralogia Piauiense*.

Geografia e Português, Helena Ramos, como prêmio por seus esforços, no primeiro semestre de 1959.

Figura 18 – Livro Viagem através do Brasil



Fonte: Arquivo particular de José Claudio Ramos de Sousa.

José Claudio Ramos de Sousa (2020) guarda objetos usados nas aulas de português, o diploma do Curso Ginásial, fotografias da escola, objetos escolares que guardam momentos de sua trajetória de vida escolar no Ginásio São Luiz Gonzaga. Objetos que carregam uma carga afetiva, que envelhecem com o possuidor e se incorporam a sua vida, são definidos por Bosi (1994) como objetos biográficos.

O prêmio recebido por Sousa (2020) pelos seus esforços no primeiro semestre desvela o sistema de seleção presente na cultura escolar do curso ginásial, no período investigado. Por esse sistema de seleção, os alunos eram premiados pelas notas obtidas ao final do ano letivo,

fato que estimulava a competitividade entre a turma. Os colegas disputavam os melhores resultados nos exames para receberem a premiação. Ao se posicionar sobre o exame, Foucault (2011, p. 177) defende que este “combina as técnicas de hierarquia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados”. Para o autor, “em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado” (FOUCAULT, 2011, p. 177).

A ritualização dos exames deixou marcas nas memórias escolares dos egressos do curso ginásial e pode ser analisado a partir da documentação escolar da época. A ficha individual do ano letivo de 1957 mostra que, no sistema de avaliação adotado no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga, as provas estavam divididas em dois blocos: primeira e segunda época. A primeira época estava composta pelas arguições ou prova oral, realizadas nos meses de abril, maio, agosto, setembro e outubro; provas parciais, sendo a primeira realizada no mês de junho e a segunda, no mês de novembro, nota anual de exercícios e uma prova final. Os alunos impedidos de realizarem as provas parciais, por motivos de luto, doença, obrigações militares, dentre outros, faziam a prova de segunda chamada realizada nos meses de agosto e dezembro.

A ficha individual do ano letivo de 1957 (figura 19) releva que, no segundo ano do curso ginásial, os alunos estudavam saberes escolares, constituídos por: português, latim, francês, inglês, matemática, história, geografia, trabalhos manuais, desenho e canto.

Figura 19 - Ficha Individual do Ano Letivo de 1957

Ginásio São Luiz Gonzaga
Parnaíba — Piauí

FICHA INDIVIDUAL DO ANO LETIVO DE 1957
CURSO gimnasia TURNO manhã SÉRIE 2ª TURMA 13

1a. EPOCA		Português	Latim	Francês	Inglês	Matemática	Ciênc. Nat.	História	Geografia	T. Moral	Desenho	Canto
ARGUIÇÕES	Março											
	Abril	6,5	4	00	6	4	x	8	7	3,5	4	8,5
	Maio	4	6	3	3	8	x	7	6	7	6	5
	Agosto	2	4	2	3	4	x	7	6	3	4	5,5
	Setembro	7	8	2	5	4	x	7	8	7	6	5,5
	Outubro	2	4	5	7	3	x	3	10	9	8,5	2,5
	TOTAL	21,5	26,0	12,0	24,0	23,0	x	26,0	37,0	29,5	28,5	27,0
	NOTA ANUAL	4,3	5,2	2,4	4,8	4,6	-	5,2	7,4	5,9	5,7	5,4
PROVAS	1a. Parcial	6,5	5	5,5	2	5,5	x	5	8	7	9	5
	2a. Parcial	7	5	7	4,5	3	x	6	8	8	8,5	5,5
	PROVA FINAL	7,5	7,5	5	7	5	x	10	9	6	4,5	5
Méd. Pond.	Nota anual exercício x 2	8,6	10,4	4,8	9,6	9,2	x	10,4	14,8	11,8	11,4	10,8
	1a. Prova x 2	13,0	10,0	10,4	4,0	11,0	x	10,0	16,0	14,0	18,0	19,0
	2a. Prova x 3	21,0	15,0	21,0	13,5	6,0	x	18,0	24,0	24,0	25,5	16,5
	PROVA FINAL x 3	22,5	22,5	15,0	21,0	15,0	x	30,0	24,0	18,0	13,5	15,0
	TOTAL	65,1	57,9	51,8	47,1	41,2	x	68,4	78,8	67,8	67,9	52,3
NOTA FINAL												
Total <u>59,88</u>		Nota Global <u>5,988</u>		Resultado <u>aprovado</u>								
2a. ÉPOCA												
Prova Escrita												
Prova Geral												
MÉDIA												
Média 2a. Ep. x 5												
Nota Anual exercícios x 2												
1a. Prova x 1												
2a. Prova x 2												
TOTAL												
NOTA FINAL												
TOTAL		NOTA GLOBAL		RESULTADO								
Visto do Inspetor												

Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

As provas escritas eram elaboradas e aplicadas pelo professor da disciplina, respeitando as normas estabelecidas pela legislação educacional em vigor, que prescrevia como deveria ser constituída a prova (figura 20):

Figura 20 - Prova da Disciplina de Português (1963)

GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA
PARNAIBA — PIAUI

NOME DO ALUNO _____

2ª Prova 3ª Série Curso: Ginásio União Turma _____
FONTO SORTEADO N° _____ DISCIPLINA: Português de 18 de 1963
Gráu: 7 (sete) Professor: A. Sampaio

1ª) Redação - A chuva

2ª) Corrija estas frases:

- 1) Prefiro mil vezes morrer do que ficar na miséria
- 2) Assimti outem um filme que me falouste
- 3) O senhor lembra-se de aquele homem que presdente cou-bando
- 4) V.B., ~~Sa~~ Presidente, coiza asperíssimos e não parecis humilíssimos para receber des lições facilíssimas de se aprenderem
- 5) O homem de quem os chapéus são ~~lavo~~-escuros custou a sair de casa.

3ª) Análise sintática:

Passando a chuva, estarei pronto para o passeio que tanto te agrada.

Respostas:

1ª) Redação
A chuva

A chuva é umas das principais partes da natureza, ela traz à terra o alimento do homem e do animal. A chuva faz com que as vegetações fiquem verdes, como tam-bém há água em abundância. A chuva traz também os males tanto para o homem como para o animal, para o homem ela traz as moléstias, como a febre amarela, peste, varíola etc.

Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Além dos conteúdos cobrados, a prova, realizada numa folha padrão contendo nome do Ginásio São Luiz Gonzaga, revela as marcas deixadas pelo professor de Português, Monsenhor Antônio Sampaio, que, ao corrigir a produção textual dos alunos, usou uma caneta de cor vermelha. Destacamos que o uso da caneta na cor vermelha não se deve ao fato de o aluno ter sido avaliado com nota 7 (sete), uma vez que, na pesquisa, foram localizadas provas

com notas superiores, cujas correções também foram realizadas de caneta na cor vermelha. Fazia parte das práticas dos professores o uso dessa cor na correção das provas escritas.

De acordo com as recordações dos egressos do curso ginásial na instituição era realizada: provas de 1ª época, 2ª época, provas parciais e finais, provas orais ou arguição, sabatina e as “temidas provas relâmpago”, uma prática comum do professor Bauer, no período investigado. Na realização das provas orais era constituída uma banca examinadora composta por três professores, cuja supervisão ficava a cargo do Inspetor de Ensino. A prova relâmpago ou teste relâmpago era realizada pelo professor, durante suas aulas, sem que os alunos soubessem o dia. A quantidade de avaliações a que os alunos do curso ginásial eram submetidos nos remete ao pensamento de Foucault (2011, p. 178), quando ele diz que “a escola se torna uma espécie de exame ininterrupto que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino”.

Nas narrativas dos egressos do curso ginásial acerca das práticas de professores, como do August Bauer⁶⁵, reverberam de forma marcante em suas memórias escolares. Santos Junior (2019), ao se recordar das práticas do professor a quem trata como *Mister Bauer*, assinala que:

Ele tinha uma metodologia de ensino na qual o que mais chamava atenção e o diferenciava dos demais era o que ele chamava de teste relâmpago. Como era o teste relâmpago? Ele dizia uma palavra em Português e você copiava em Português e imediatamente traduzia para Frances e Inglês, depois ele dizia em Inglês e você traduzia para as outras duas línguas. E assim por diante. Tudo isso rapidíssimo!! Era um teste relâmpago. Quando você terminava o teste, ele também corrigia na velocidade de um relâmpago. Ele fazia isso de duas em duas semanas. Tinha prova, mas também tinha esse teste. Agora o teste relâmpago era uma didática dele que, depois, quando eu já era professor, fui analisar e vi que ele fazia a gente trazer aquele conhecimento sempre em dias, e não podia esquecer, tinha que fixar mesmo. Era aprender aquela palavra e guardar para não esquecer (Renato de Castro Santos Junior, 2019).

Os alunos precisavam ser disciplinados e eram ensinados a praticar o exercício de memorizar as palavras. Essa prática devia ser constante para poder ter boas notas nas provas relâmpagos realizadas pelo professor, sem aviso prévio.

A ficha individual do ano letivo de 1962 (figura 21) revela mudanças no sistema de avaliação e nos saberes escolares, em decorrência da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (1961). As provas continuaram sendo divididas em dois blocos: primeira e segunda época, sendo que a arguição ou prova oral não fazia mais parte do bloco que formava a primeira época,

⁶⁵ De acordo com o livro de Registros de Professores e Auxiliares da Administração do Ginásio São Luiz Gonzaga, August Bauer nasceu em 28 de agosto de 1919, na Alemanha. Filho de Alhert Bauer e Maria Anna. Chegou ao Brasil em 1938. Foi admitido na função de professor em 20 de março de 1953.

este era composto apenas pelas provas escritas realizadas nos meses de março, abril, maio e junho, agosto, setembro, outubro e novembro e o exame final. Além de acrescentar os meses de março e novembro, nesse novo formato de avaliação, as notas anuais de exercícios não faziam mais parte do sistema de avaliação.

Figura 21 - Ficha individual do ano letivo (1962)

Ginásio São Luiz Gonzaga												
Parnaíba — Piauí												
FICHA INDIVIDUAL DO ANO LETIVO DE 1962												
CURSO <i>Ginásio</i> TURNO <i>Diurno</i> SÉRIE <i>1ª</i> TURMA <i>A</i>												
1a. ÉPOCA		Português	História	Geografia	Matemática	Iniciação a Ciência	Ciências Físicas e Biológicas	Técnicas Comerciais	Inglês	Francês	C. Oratório	Religião
MÉDIAS MENSUAIS	Março	4.5	10	8	9	10					10	
	Abril	8	9.5	10	7	10					8	
	Maio	5.5	10	8	9.5	10					9	
	Junho	8	10	10	8	10					10	
	Agosto	4.5	10	9.5	6	7.5					8	
	Setembro	7	10	10	8	9.5					10	
	Outubro	5.5	10	10	8	9.5					7	
	Novembro	9	10	10	5.5	10					10	
MÉDIAS PONDERADAS	TOTAL	55.0	79.5	75.5	61.0	76.5					72.0	
	MÉDIA ANUAL	6.9	9.9	9.4	7.6	9.6					9.0	
	EXAME FINAL	7	8	8.5	5	8					8	
	Nota anual x 7	48.3	69.3	65.8	53.2	67.2					63.0	
	EXAME FINAL X 3	21.0	24.0	25.5	15.0	24.0					24.0	
	NOTA FINAL	6.93	9.33	9.13	6.82	9.12					8.70	
		6.9	9.3	9.1	6.8	9.1					8.7	
MÉDIA GLOBAL :		8.3										
RESULTADO		2º Lugar <i>Aprovado</i>										
2a. ÉPOCA												
Nota Anual x 7												
Exame Final x 1												
Exame da 2a Época x 2												
Nota Final												
RESULTADO												
Visto do Inspector												

Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

O fato de a arguição ou prova oral não constar mais entre as avaliações realizadas na ficha individual não quer dizer que na prática este modelo de exame tenha sido abolido da instituição. Nas memórias escolares dos egressos da década de 1960, a prova oral, assim como a sabatina aparece como um dos exames realizados pelos professores, especialmente pela professora de História. A ficha individual do ano letivo de 1962, além do sistema de avaliação usado na década de 1960, revela também que a prática de classificar os alunos pelas notas pelos

resultados dos exames ainda era uma prática presente na cultura escola cívico católica do curso ginásial. O aluno da primeira série do curso ginásial foi classificado em segundo lugar em sua turma.

A prática de classificar os alunos por meio das notas obtidas nos exames escolares, provocava uma divisão entre eles, classificados entre bons e maus alunos. Para Foucault (2011, p. 174), “a divisão segundo as classificações ou graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar. Funcionamento penal da ordenação e caráter ordinal da sanção”. O fato de o aluno não ser recompensando com uma bolsa de estudos, ou ter seu nome exposto no quadro de formatura da turma, por exemplo, já era uma forma de punição.

Ao discorrer sobre a pedagogia adotada no Colégio Caraça, confessional católico masculino, Mariza Andrade (2000) destacou que a presença da emulação no trabalho pedagógico, para Andrade (2000, p. 98), a emulação, mesmo apontada para recompensa, deixa entrever o outro lado, ou seja, subestima e fracasso. A autora faz uma avaliação negativa desse tipo de prática. Segundo ela, “o sistema funciona em mão dupla: gratificação x sanção”, e continua dizendo que “nesse processo de aprendizagem que se realiza o treinamento e a correção, cujo corolário respaldado pela avaliação – bom e mau comportamento, boas e más notas – produzem uma espécie de contabilidade penal que permite destacar os melhores entre os alunos”. A autora assinala que esse tipo de prática, especialmente nas escolas católicas, “integra o campo disciplinar recompensado pelo jogo das promoções e punindo os inaptos. Assim o lugar do aluno é definido pelo comportamento e pelo mérito. E, é para que o controle disciplinar compara, diferencia, homogeneíza, exclui e seleciona (ANDRADE, 2000, p. 98).

A despeito da admiração, do carinho e das homenagens prestadas aos professores do curso ginásial pelos egressos que ingressaram na política, umas das memórias mais marcantes e que perpassou a narrativa de todos os colaboradores foi o ritual de exames escolares presentes na cultura escolar cívico católica do curso ginásial. Para Foucault (2011, p.164), “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação em um procedimento que lhe é específico, o exame”.

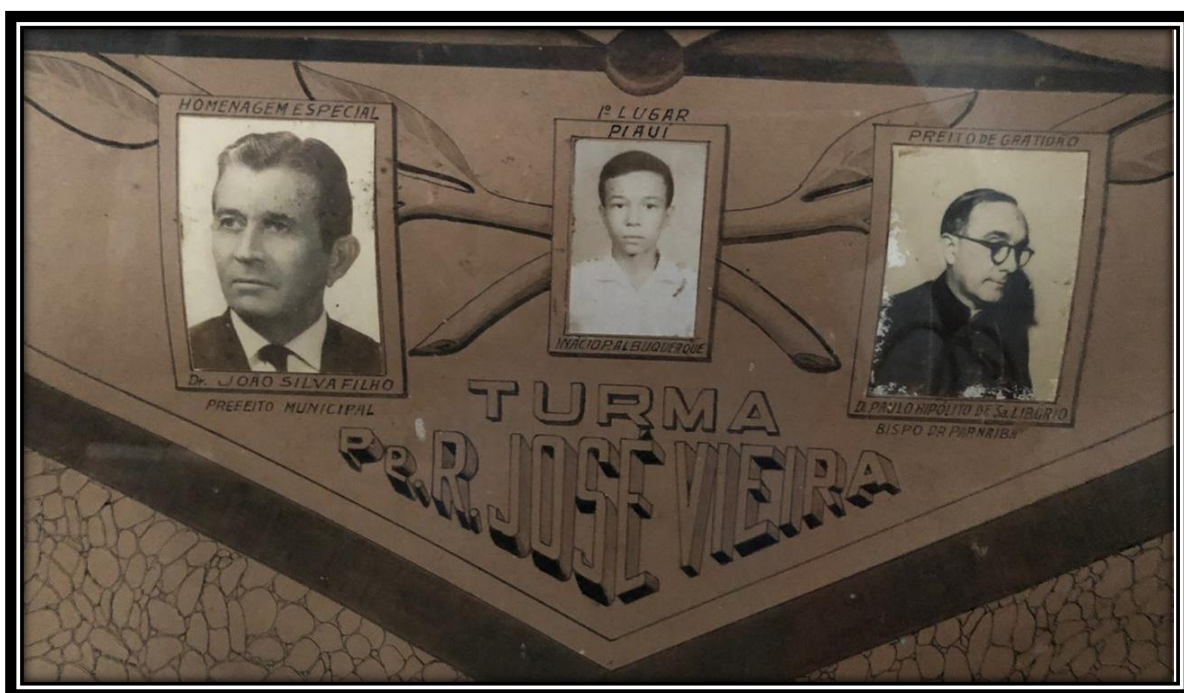
O sucesso do poder disciplinar na cultura escolar cívico católica do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga deve muito aos rigorosos exames presentes nas ações educativas dos professores. Os exames, como parte dos recursos do poder disciplinar adotados na escola, tiveram dupla função: a primeira era uma forma de disciplinar os alunos e os manter a disciplina por meio da obediência e cumprimento das normas e regras, sob pena de serem punidos com retirada de pontos nos exames, e até mesmo serem privados de realizá-los; a segunda era manter

a disciplina nos estudos, praticando exercício de memorizar os pontos, como eram chamados os conteúdos na época, para fazer as provas relâmpagos ou sabatinas.

Os rituais escolares, como os exames, que classificavam e premiavam conforme desempenho dos alunos em primeiro, segundo e terceiro lugares, e excluía, julgavam e desestimulavam aqueles que não conseguiam entrar nessas classificações, foram preeminentes na cultura cívico católica no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga desde a implantação do curso ginásial. No período de 1939 até 1971, a escola manteve a prática de premiar os melhores alunos.

As marcas dessas ações estão presentes nos quadros de formatura que decoram as paredes da escola atualmente, mostrando que os alunos classificado em primeiro lugar (figura 22) apresenta à fotografia do Inácio P. Albuquerque, primeiro lugar da turma de 1968, ao lado de autoridades como o prefeito, doutor João Silva Filho e o bispo da Diocese de Parnaíba, D. Paulo Hipólito de S. Liborio, presença constante e marcante nos ritos escolares, como: missas de formatura, primeira eucaristia, datas comemorativas.

Figura 22 - Quadro de formatura - Curso Ginásial (1968)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Outra forma de premiação era a distribuição de bolsa de estudos aos alunos que se destacavam nos exames. Para Souza (2008, p. 128), “essas práticas de emulação perpetuavam, de certa forma, a tradição cultural dos jesuítas durante a Idade Moderna. Aliados aos exames,

esses dispositivos visavam a conformar os adolescentes a determinados valores e padrões de conduta considerados desejáveis”.

É importante frisar que, no período pesquisado, a seleção e a classificação faziam parte da pedagogia adotada nas instituições brasileiras de ensino secundário, fossem elas católicas ou não. No Piauí, instituição escolares de ensino secundário como o Ginásio Dr. Demóstenes Avelino, localizado em Teresina, regulamentava e expunha a prática de emulação no Estatuto, como fez no capítulo 8, na parte intitulada “Da distribuição de prêmios”:

Art. 42 – No fim de cada ano letivo, concluído os exames, proceder-se-á, com solenidade, a distribuição dos prêmios.

Art. 43 – Ficam instituídos três prêmios (1º, 2º e 3º) que serão conferidos aos três alunos que mais se distinguirem nas primeira, segunda e terceira séries.

§ 1º - Os prêmios só poderão caber a alunos que tenham obtido conjunto ou média superior a oito.

§ 2º - Os alunos detentores dos prêmios ficam isentos do pagamento da anuidade do ano letivo seguinte.

§ 3º - Os prêmios terão respectivamente as seguintes denominações: a) PRÊMIO “DEMOSTENES AVELINO”, b) PRÊMIO “FELISMINO FREITAS WESER”, c) PRÊMIO “LIMA REBELO”. (ESTATUTOS...*Diário Oficial*, 18 de jun. 1945, p. 5).

A prática da emulação não era uma exclusividade do sistema de avaliação aplicado no curso ginásial, nas instituições de ensino secundário do Piauí. Ao discutir as práticas educativas no Colégio Santa Maria, confessional católico masculino, localizado em Curitiba, Roseli Boschilia (2002, p. 96) assinala que na “formação dos grupos de elite um dos exemplos do sistema de premiação ou emulação amplamente utilizado pelas escolas católicas para suscitar o interesse pela aprendizagem”.

No sistema de avaliação, classificatório e excludente, predominante nas escolas de ensino secundário brasileiro por todo o século XX, “os exames validavam os conhecimentos transmitidos, reforçavam a autoridade docente e o prestígio do curso secundário, ao mesmo tempo que garantia a disciplina e a emulação dos estudantes” (SOUZA, 2008, p. 195). Já o fracasso escolar caracterizado pela repetência ou abandono era atribuído ao próprio aluno (SOUZA, 2008).

A quantidade de alunos matriculados na primeira série que conseguiam chegar até à quarta série do curso ginásial, entre os anos de 1940 a 1950, reflete o sistema de seleção e elitização do ensino secundário ofertado na época.

Tabela 6 - Relação de alunos matriculados (1939-1957)

Alunos matriculados	1ª série	4ª série
1939 – 1942	34 alunos	16 alunos
1940 – 1943	46 alunos	22 alunos
1941 – 1944	31 alunos	22 alunos
1942 – 1945	71 alunos	41 alunos
1943 – 1946	57 alunos	31 alunos
1944 – 1947	78 alunos	36 alunos
1945 – 1948	45 alunos	26 alunos
1946 – 1949	50 alunos	21 alunos
1947 – 1950	46 alunos	29 alunos
1948 – 1951	42 alunos	27 alunos
1949 – 1952	54 alunos	33 alunos
1950 – 1953	45 alunos	21 alunos
1951 – 1954	52 alunos	42 alunos
1952 – 1955	48 alunos	25 alunos
1953 – 1956	51 alunos	15 alunos
1954 – 1957	52 alunos	28 alunos

Fonte: Livro de Matrículas do Curso Ginásial (1939-1959).

Ao discorrer sobre o ingresso no ensino secundário na primeira metade do século XX, Dallabrida (2001, p. 21) assinala que a “grande exclusão dos jovens no curso secundário era realidade em todo o território nacional, pelo fato desse nível de ensino ser ministrado maciçamente por escolas privadas e praticamente restrito as elites”.

Aspectos da cultura escolar cívico católica, cuja disciplina e o exercício de memorização tiveram lugar central, estão presentes nas memórias escolares de egressos que na atualidade se recordam de conteúdos escolares memorizados na década de 1960. Santos Junior (2019), ao se recordar dos professores do curso ginásial, narra com riqueza de detalhes as ações adotadas pela professora Helena Ramos, por quem demonstra afeto ao falar sobre ela e sua metodologia:

Ela tinha uma metodologia muito interessante, por exemplo, determinadas coisas que você tinha que fixar, decorar, ela colocava em forma de verso. Eu até hoje sei o verso das preposições: ‘entre a contra até desde ante em desde diante com sem por perante para após seja durante mediante’. Aí estão todas as preposições. Agora tinha o das conjunções, aprendi, mas esqueci. Eu só sabia de um colega de turma que sabia o das conjunções que era o Ivaldo, um dia eu pedi para ele, ele copiou e levou para mim um dia, mas não me lembro mais. (Renato de Castro Santos Junior, 2019).

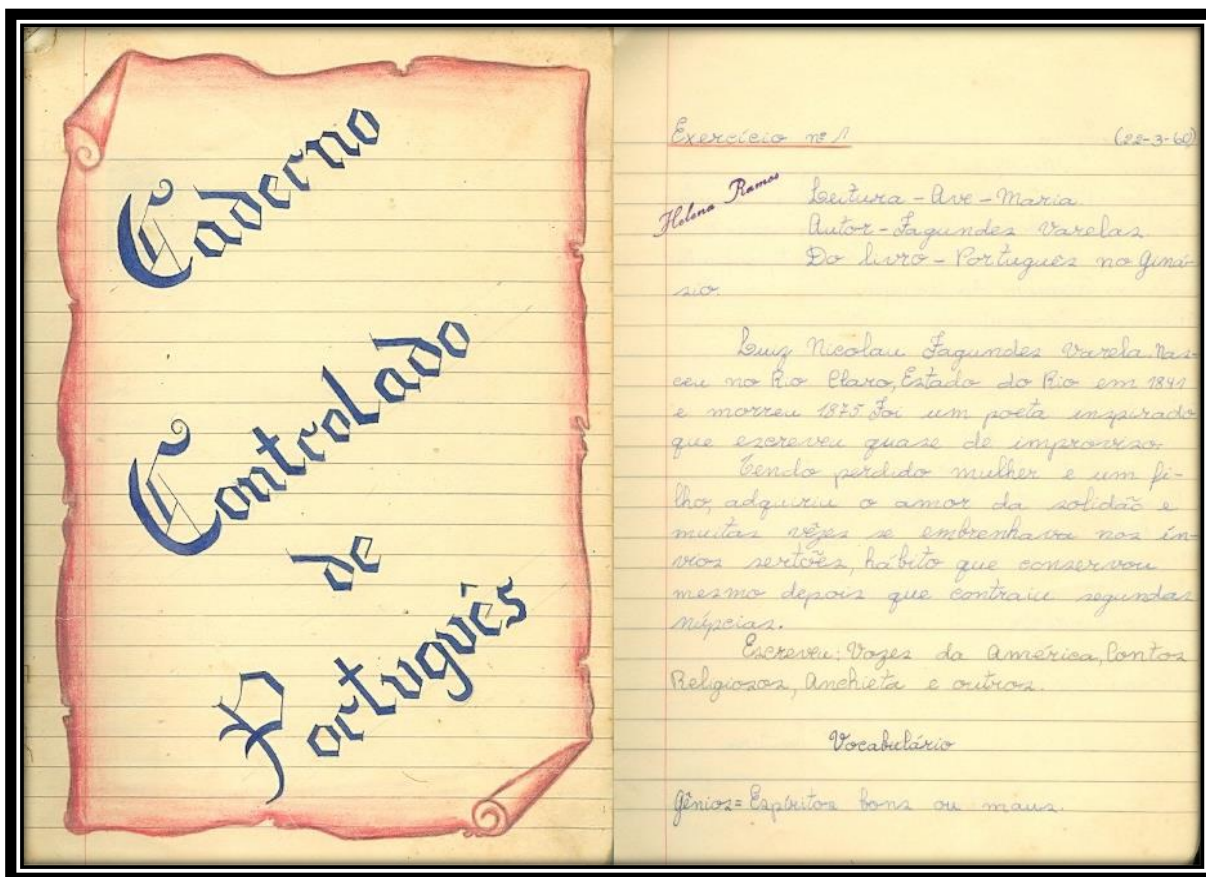
Criar versos usando as preposições foi uma estratégia da professora para ajudar os alunos a memorizar o conteúdo ministrado, no caso as preposições e as conjunções. José Claudio Ramos de Sousa (2020), contemporâneo de Santos Junior (2019) no curso ginásial, guarda recordações das práticas do professor August Bauer e da professora Helena Ramos, que

têm lugar especial em suas recordações. Ao fazer o trabalho de memória e narrar esses fatos vivenciados em sala de aula com os professores, ele recorda o jargão proferido em sala de aula pelo professor August Bauer - “quem sabe, sabe. Quem não sabe zero!” - em sala de aula, principalmente durante a realização da prova relâmpago. Já sobre a professora Helena Ramos, relata fatos do cotidiano escolar, tais como:

Mas quem deixou marca didática em mim e de devoção ao ensino foi a professora Helena Ramos. Ela desenvolveu um método próprio de ensinar, que era a prática. Por exemplo, para ensinar sobre os continentes e os acidentes geográficos, ela nos levava para o ar livre e sobre o chão de cimento da quadra de esporte, com areia, retirada do campo de futebol, formávamos os continentes, os acidentes geográficos, as montanhas e as planícies, os vulcões. Para o mar, os rios, lagoas e lagos, barragens, recorriamos à água para demonstrar como tudo acontecia. Ela também gostava de retribuir o bom aproveitamento de seus alunos com mimos diversos, como chocolate, frutas, ou iguarias que fazia em sua casa. Ainda tenho um livro “Viagem Através do Brasil”, ganho dela, por algum motivo de rendimento escolar. Para melhor aproveitamento e acompanhamento da matéria de Português, criou o “Caderno Controlado de Português”. Nele, além da matéria didática, registrávamos as composições próprias e os exercícios que fazíamos, depois de corrigidos (há alguns erros, mesmo assim). Possuo o exemplar relativamente conservado, mas, com muita marca do tempo. Muito manuseado, durante os mais de cinquenta anos que o tenho comigo. (José Claudio Ramos de Sousa, 2020).

As ações educativas da professora Helena Ramos, descritas por Sousa (2020), apontam o uso de uma metodologia adotada no ensino dos saberes geográficos aos seus alunos. Objetos escolares como Caderno Controlado de Português (figura 23), uma das ações educativas da professora Helena Ramos no ensino de Português, fazem parte do acervo de objetos biográficos de José Claudio Ramos de Sousa, classificados por ele como “objetos preciosos”.

Figura 23 - Caderno Controlado de Português (22/03/1960)



Fonte: Acervo particular de Claudio Ramos.

O caderno controlado de português, além do conteúdo ministrado, evidencia, como o próprio nome sugere, o controle exercido pela professora sobre as atividades realizadas pelos alunos. A forma adotada para garantir esse controle se dava por meio da prática de carimbar com seu nome as atividades, como uma forma de garantir que os alunos tinham realizado a atividade.

Os exercícios realizados na disciplina de português faziam parte do sistema de avaliação, uma prática avaliativa adotada pela professora Helena Ramos na década de 1960, mas não substituíam as inúmeras provas realizadas no curso ginásial. A prática de avaliar os alunos por meio dos exercícios, exames e trabalhos complementares foi estabelecida pela Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942) e mantida pela portaria ministerial n. 501, de 1951, que vigorou até a promulgação de Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1961), mas que continuou fazendo parte das práticas escolares realizadas pelos professores.

O sistema de avaliação praticado nas instituições de ensino secundário, ao longo das décadas de 1940 a 1960, passou por mudanças. No entanto, mesmo com as alterações propostas pela Lei de Diretrizes e Bases (1961), a avaliação praticada no ensino secundário, no Ginásio

São Luiz Gonzaga, seguia as práticas peculiares dos professores, conforme se nota pela conduta da professora Helena Ramos, ao cobrar dos alunos o Caderno de Controle de Português, em 1963. Com isso, verificamos que práticas avaliativas, como prova oral ou arguição, prova relâmpago, sabatina, provas escritas era uma tradição presente cultura escolar cívico católica praticada no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga.

Esse complexo sistema de seleção e classificação, realizado por meio de inúmeros exames, provocava altos índices de exclusão no curso ginásial, iniciada já pelo exame de admissão que, a despeito das mudanças, manteve sua principal característica que era a seleção. Assim, as práticas de classificação, punição e recompensa, uniformidade, padronização, silêncio, ordem e obediência, adotadas nas escolas de ensino secundário não eram vistos como pontos negativos, mas como “uma decorrência de um padrão de qualidade desejável” (SOUZA, 2008, p. 191).

3.3 A manutenção financeira e as bolsas de estudo

Desde sua fundação, o Ginásio São Luiz Gonzaga recebeu apoio e financiamento público, federal, estadual e municipal, na forma de subvenção anual, auxílio financeiro para atender às exigências do Departamento de Ensino Secundário, e na forma de bolsas de estudos, importantes para que jovens de outras camadas da sociedade, como filhos de professores, trabalhadores da estrada de ferro, da indústria Moraes, trabalhadores rurais, catadores de caranguejo, pescadores, dentre tantas outras atividades tivessem acesso ao ensino secundário.

A narrativa oral da egressa Maria Iracema Aragão sobre sua trajetória escolar no ensino secundário ilustra a situação de muitos jovens parnaibanos no período estudado.

Naquela época, não se tinha muitas opções. Quando eu terminei o primário, eu ia era deixar de estudar, mas meu pai era muito conhecido na política e conseguiu uma bolsa escolar integral com o Alberto Silva, que era prefeito naquela época. Mas tinha um detalhe: para conseguir a bolsa, o aluno tinha que tirar, por exemplo, tal nota, eu acho que era nota 8,0, mas não tenho certeza. Uma coisa eu sei, se eu estudei os quatro anos com a bolsa, eu consegui atingir a nota exigida. Eu era estudiosa! Ainda hoje, agora como Diocesano, é colégio pago. Nunca foi de graça lá, não! Se eu não tivesse ganhado a bolsa integral, eu não teria estudado lá, não! Nós éramos 12 irmãos, meu pai era ferroviário e não tinha condições de pagar escola particular para todos. Depois é que o Colégio Parnaibano se tornou gratuito. (Maria Iracema Aragão, 2019).

No entanto, para que Maria Iracema Aragão ganhasse a bolsa teria que ser aprovada na seleção realizada pela escola, conforme suas lembranças escolares. Alberto Silva, no final

da década 1950, no seu segundo mandato como prefeito de Parnaíba, enviou um projeto de lei para a Câmara Municipal criando o Ginásio Municipal de Parnaíba. Após a notícia da intenção do prefeito em criar um ginásio público na cidade, o editor do jornal *Correio do Povo* (1956) procurou o Diretor do Departamento de Ensino de Parnaíba, o professor João Campos, para uma entrevista, cujo teor principal era o investimento da prefeitura no ensino secundário.

A Prefeitura de Parnaíba atendia com auxílio financeiro, por meio da doação de bolsas de estudos, as instituições de ensino secundário na cidade de Parnaíba. De acordo com as informações publicadas no *Correio do Povo* (1956, p. 1), a prefeitura “concedeu 248 bolsas: 221 para o curso ginasial e 27 de curso colegial, normal e profissional, na importância de 362, 125 cruzeiro”, ou seja, praticamente a quantidade de alunos matriculados anualmente em uma instituição do ensino secundário da cidade. Logo, de acordo com o diretor do Departamento Municipal de Ensino, a prefeitura tinha possibilidade de fundar e manter um ginásio, mas iria precisar de uma complementação, tendo em vista que “a despesa total da Prefeitura de Parnaíba é de Cr\$1.062, 120,00 sem incluir os gastos de mobiliário escolar, cadernos, etc. Somente livros: 2.150 volumes de diversos graus de ensino primário, custam 21.134,40 cruzeiros” (AINDA O GINÁSIO... *Correio do Povo*, 1956, p. 1). No entanto, para manter um ginásio municipal, segundo o diretor, seria “necessária uma suplementação da renda que não seria suficiente, para as despesas ordinárias de ginásio, mesmo com a matrícula inicial de 200 alunos”. Inquerido pelo editor sobre a quantidade de 200 alunos e a suplementação da renda, o diretor do departamento de ensino municipal explica:

Meu amigo, quem milita na educação secundária sabe das dificuldades a enfrentar com a manutenção de um ginásio: Edifício escolar que satisfaça as exigências do Departamento do Ensino Secundário, corpo docente, etc. Há tão poucos professores secundaristas em Parnaíba que os estabelecimentos enfrentam as mais sérias dificuldades para harmonizar seus horários com o tempo disponível de cada um deles. Com uma turma única de 200 alunos, teríamos acréscimo de cerca de 5000 horas de aulas a serem distribuídas aos mesmos professores [...] Oportuníssima é a ideia, porém sua realização requer prudência e esta aconselha muita restrição ao começar-se. (AINDA O GINÁSIO...*Correio do Povo*, 4 de ago. 1956, p. 1)

Diante das dificuldades apresentadas pelo Diretor do Departamento de Ensino Municipal para a manutenção de um ginásio municipal, o então prefeito Alberto Silva enviou o projeto de criação do Ginásio Municipal na cidade, projeto este que foi aprovado e divulgada a notícia pelo jornal *Gazeta do Piauí* (1956):

Faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu promulgo a seguinte Lei, nos termos do Artigo 69 da Lei Orgânica dos Municípios do Estado do Piauí.
LEI Nº 529.

Autoriza a criação do Ginásio Municipal “Monsenhor Roberto Lopes”, nesta cidade e dá outras providências.

Art. I- Fica o Poder Executivo a criar o Ginásio Municipal, para ensino gratuito, do Curso Ginasial, a alunos filhos de trabalhadores assalariados e viúvas pobres, residentes no Município de Parnaíba, neste Estado.

Art. II- Será observado, para efeito de matrícula, o duplo critério de provas de seleção- um referente as condições econômicas do candidato com observância indispensável das condições estabelecidas no art. 1 deste constante, e outra, referente a capacidade intelectual do candidato, demonstrada no exame de admissão.

Art. III- Dar-se-á, ao Ginásio Municipal, criado por esta Lei, o nome de “Monsenhor Roberto Lopes”, que será Diretor Perpetuo do Estabelecimento.

Art. IV- Para efeito de nomeação do Diretor do Ginásio Municipal, o Sr. Prefeito Municipal enviará, à Câmara Municipal de Parnaíba, uma lista contendo cinco nomes dos mais eminentes no Corpo Docente Parnaibano, para a escolha de um nome para a direção geral do Estabelecimento.

[...] (CÂMARA Municipal ... *Gazeta do Piauí*, 03 de out. 1956, p. 03).

A lei de criação e fundação do Ginásio Municipal não entrou em vigor e a cidade permaneceu sendo servida por instituições de ensino secundário particulares até 1959, quando o Ginásio Parnaibano foi estadualizado, tornando-se a primeira instituição pública de ensino secundário na cidade. Conforme o professor João Campos, Diretor do Departamento de Ensino de Parnaíba, a manutenção de uma instituição de ensino secundário era dispendiosa. E, se era dispendioso para a prefeitura manter uma instituição de ensino secundário, também era para as famílias arcar com as despesas escolares de seus filhos. Algumas famílias, por falta de auxílios financeiros, chegavam a atrasar o pagamento da mensalidade escolar e até tirar os filhos da escola para trabalhar.

A manutenção de um filho numa instituição particular exigia muito da família, uma vez que se comprava desde a farda até o material escolar. De acordo com registros no livro “Conta Corrente”, nos períodos de 26 de junho a 31 de dezembro de 1955; 01 de março a novembro de 1956 e durante o ano de 1966, o Ginásio São Luiz Gonzaga vendia para os alunos: livros didáticos da Editora Vozes LTDA, o livro *Programa de Admissão*, da Cia Editora Nacional, bolsos, botões, magas de camisa, distintivo, papel para avaliações, dentre outros objetos escolares de uso individual dos alunos.

No Ginásio São Luiz Gonzaga, os valores cobrados no ensino secundário eram bem elevados em relação ao primário. Além das mensalidades, o documento também previa no Art. 40 a cobrança da “importância de 70\$000, compreendendo: uma joia, taxa de fiscalização e provas parciais”. No entanto, no Estatuto de fevereiro de 1939, no Art. 41, estava prevista a

prestação de “favores” às famílias, cujos pais não dispunham de meios suficientes para a educação escolar dos filhos:

O Instituto manterá, gratuitamente, 25 alunos, além de uma escola de alfabetização, para crianças pobres.
Esse favor estender-se-á, exclusivamente, a meninos cujos pais não dispunham de meios suficientes para sua educação.
Obrigar-se-ão, entretanto, a pagar as taxas de matrícula, fiscalização e exames, do que trata o Art. 40. (ESTATUTO ... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p. 11).

Na realização da, não foram localizados indícios da existência da escola de alfabetização, prevista no Estatuto. No entanto, no livro de pagamentos dos alunos de 1959 a 1960, foram encontrados alunos que estudavam gratuitamente na escola e a manutenção do curso primário noturno para domésticas sob a direção das Irmãs Missionárias de forma gratuita.

Tabela 7 - Anuidade cobrada pelo Ginásio São Luiz Gonzaga. Fevereiro de 1959

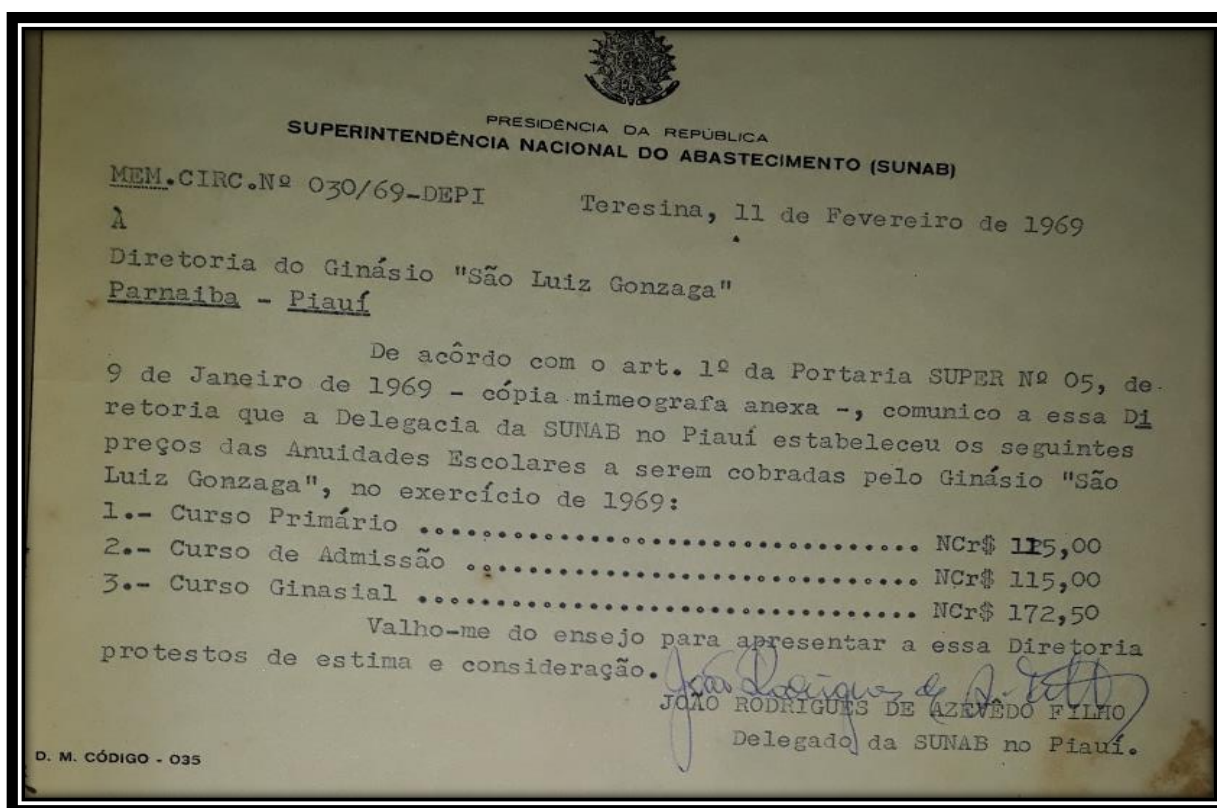
Série/Regime	Forma de Pagamento	Total da anuidade
1ª série/Externato	12 prestações	3.900,00
2ª série		3.900,00
3ª série		3.900,00
4ª série		3.900,00
1ª série/ Semi-internato	4 prestações	10. 000,00
2ª série		10. 000,00
3ª série		10. 000,00
4ª série		10. 000,00
1ª série/ Internato	4 prestações	26.100,00
2ª série		26.100,00
3ª série		26.100,00
4ª série		26.100,00

Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Ao acompanhar as informações enviadas pela escola sobre os valores cobrados pela anuidade escolar, é possível constatar uma redução no preço das anuidades referentes aos cursos ofertados pela instituição que, a partir de 1963, não mantinha mais o internato.

No final da década de 1960, a Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB) informou ao Ginásio São Luiz Gonzaga o valor que deveria ser cobrado para os cursos ofertados (figura 24):

Figura 24 - Correspondência (1969)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

O envio dessa correspondência evidencia que a escola já não tinha autonomia para definir os valores cobrados pelos cursos ofertados. O governo já estava exercendo controle sobre os preços cobrados pelas instituições privadas de ensino secundário existentes no estado. Além de definir os valores cobrados pela anuidade, a correspondência evidencia que o curso de admissão, que preparava os alunos para o exame de admissão, correspondia ao mesmo valor do curso primário.

Antes da criação da comissão para avaliação de bolsas de estudo, ofertada pelo governo federal, a aprovação no exame de admissão, “além de garantir uma vaga no Ensino Secundário e reconhecimento do estudante por sua conquista, podia possibilitar o acesso à bolsa de estudos em escolas privadas, a depender da classificação obtida pelo candidato” (LOPES, 2019, p. 487), mantidas pelas prefeituras, como João Paulo dos Reis Veloso, classificado em primeiro lugar no exame de admissão do então Instituto São Luiz de Gonzaga, realizado em 19 de dezembro de 1942.

Eu fui alfabetizado com cinco anos, num grupo escolar, o Luís Galhanoni. A minha professora era Maria do Carmo Sampaio. Era tão competente que voltou a ser minha professora no quarto ano ginásial, minha professora de

francês. [...]. No dia em que eu fiz o exame de admissão (ao ginásio), eu não esperei o resultado. Eu fui correndo pra casa porque havia um jogo de Botequim. [...] O professor Zé Rodrigues que fez a prova de Português, passou um tema lá, *Um bom rapaz*, e quando me viu escrevendo-escrevendo, ele olhou assim e me gozou: “é uma historinha que você ouviu em casa, né?” Ele nem tinha sido meu professor no Admissão; meu professor tinha sido o Zé Rebouças. Ele fez essa gozação, eu fui jogar futebol e “deixa pra lá”. No meio do jogo, chegou um colega e disse: “olha, você passou, primeiro lugar, nota 10 em todas as matérias”, essas coisas. Então, fiz todo o ginásio no São Luiz Gonzaga e só fiz porque tirei o primeiro lugar. Havia uma bolsa da prefeitura; uma! (O BEMBÉM, 2011, p. 6 – grifos do autor).

Segundo o *Livro Caixa do Instituto São Luiz Gonzaga (1939-1942)*, a Instituição começou receber subvenção municipal, em 1939, com a implantação do ensino secundário, no valor C\$ 5.000,00, estendendo-se pelo ano de 1942. Os registros também apontam que, em junho de 1939, a escola recebeu o valor de C\$ 10.000,00 de subvenção estadual. As bolsas de estudos financiadas pela Prefeitura Municipal de Parnaíba, Governo do Estado do Piauí e pelo Governo Federal, por meio do Ministério da Educação, foram importantes para garantir o ingresso e a permanência de muitos alunos no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga entre as décadas de 1940 a 1960.

Sobre os auxílios pagos as instituições de ensino secundário de Parnaíba, o relatório publicado no *Diário Oficial* aponta a presença do Instituto São Luiz Gonzaga entre as instituições de ensino que receberam auxílios e subvenções do Governo do Estado do Piauí, tendo recebido, no mês de maio de 1940, uma parcela no valor de 10.000\$000 e, no mês de outubro de 1941, outra correspondendo a 5.000\$000. (DIÁRIO OFICIAL, 03 de maio de 1942, p. 60-61).

Quadro 5 - Subvenções recebidas pelas instituições de ensino secundário de Parnaíba

Instituição Escolar	Valor da subvenção recebida
Ginásio Parnaibano	\$ 24.000,00
Instituto São Luiz Gonzaga	\$6.000,00
Colégio N. S das Graças	\$2.400,00
Escola de Comércio da União Caixeiral	\$2.400,00
Escola do Centro Operário Parnaibano	\$1.800,00
Colégio de São Vicente de Paula	\$1.200,00

Fonte: Diário Oficial do Piauí, 1943.

Com a criação da Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário e do Fundo Nacional do Ensino Médio⁶⁶, o Ginásio São Luiz Gonzaga passou a receber auxílio do governo federal, usado na compra de equipamentos para uso cotidiano escolar, conforme Ofício para Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, em 16 de julho de 1957, pelo então diretor Edgar Linhares Lima, requerendo o auxílio no valor de sessenta mil cruzeiros.

O Ginásio São Luiz Gonzaga, sediado na cidade de Parnaíba, Estado do Piauí, representado pelo seu atual diretor, Edgar Linhares Lima, vem requer a V. Sa. o pagamento do auxílio de Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros), consignado no Orçamento da União – exercício de 1957, consignação 3.1.00, subconsignado 3.1.15. O auxílio supra de destina a equipamentos, conforme a ser apresentado.

N. Termos

P. deferimento

Parnaíba, 16 de julho de 1957.

Edgar Linhares Lima,

Diretor. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. Parnaíba, 1957)

Para o auxílio correspondente às bolsas de estudo, o governo federal instituiu uma série de instruções⁶⁷ que regulavam sua distribuição entre os alunos. Um dos itens era a capacidade intelectual, que tinha como parâmetro a avaliação dos conhecimentos de Português e Matemática, por meio de provas realizadas na escola sob a supervisão de uma Comissão Avaliadora, constituída por integrantes do corpo docente e administrativo da instituição.

⁶⁶ Criado pela Lei 2.342 de 25/11/1954 com Decreto de nº 37. 494 de 14 de junho de 1955, cujas bolsas de estudos se destinavam a suprir o custeio da educação de adolescentes regularmente matriculados no ensino médio. (Brasil, 1956).

⁶⁷ Portaria Ministerial nº 59, de 30 de janeiro de 1956 – expede instrução para consecução da bolsa de estudos; Portaria nº 6 do Presidente do Conselho de Administração do FNEM, de 16 de março de 1956 – Expede instruções complementares as Comissões de Assistência Educacional, para a concessão de bolsa de estudo no ano de 1956; Portaria Ministerial nº 222 de 19 de junho de 1957 – Modifica a redação dos artigos 5º, 13º e 18º da Portaria nº 59; Portaria nº 100, de 28 de janeiro de 1958 – Expede instruções para a concessão de Bolsas de Estudos resultantes de convênio com o FNEM e da outras providências.

Maria do Rosário Pessoa Nascimento (2013), em seu discurso na solenidade de posse a Academia Parnaibana de Letras, ao se referir a sua história de vida escolar, declarou que:

Aos 13 anos de idade, conclui o curso primário no Grupo Escolar José Narciso [...] Costume da época e próprio da classe social em que eu estava inserida era de que os rapazes continuavam os estudos, prosseguindo no Curso Ginásial. As moças deveriam desenvolver todas as prendas domésticas para prepararem-se para o casamento. [...] Os estudos, para mim, deveriam encerrar-se no Curso Primário. Graças à inesquecível professora Ana Teles, mestra tão querida quanto meiga, [...] a quem devo o direito de poder prosseguir frequentando a escola. Depois de suas sucessivas, conseguiu convencer minha mãe que me permitisse fazer o exame de Admissão ao Ginásio.

E qual colégio por mim preferido? Ora, como poderia uma menina pobre estudar em colégio particular? Mas, sorte acompanha os corajosos, há sempre alguém querendo ajudar. Maria do Carmo Fontenele de Oliveira, vizinha da Rua Paulino Bastos, era sábia professora, que me permitia ler na sua biblioteca. [...] Quando lhe falei do Exame de Admissão, ela me informou sobre um Instituto chamado MEC. Explicou-me que, caso eu fosse aprovada na seleção do MEC, poderia obter uma bolsa que custearia meu Curso Ginásial. Dessa forma, pude estudar no Colégio da minha preferência: o então Instituto São Luiz Gonzaga. [...] Estudar no Instituto São Luiz Gonzaga era meu sonho. O motivo eu não sabia, mas não queria ir para o Colégio Parnaibano (público). Foi o que falei ao diretor Edgar Linhares, quando me perguntou por que queria estudar ali. (NASCIMENTO, 2013, p. 223-224).

No ano de 1959, o Ginásio São Luiz Gonzaga era contemplado com bolsas de estudo da Prefeitura Municipal de Parnaíba. Segundo os recibos correspondentes aos seguintes meses e valores das prestações de conta, realizada pela escola junto à Prefeitura Municipal de Parnaíba, entre os abril e dezembro de 1959, foram recebidos os seguintes valores:

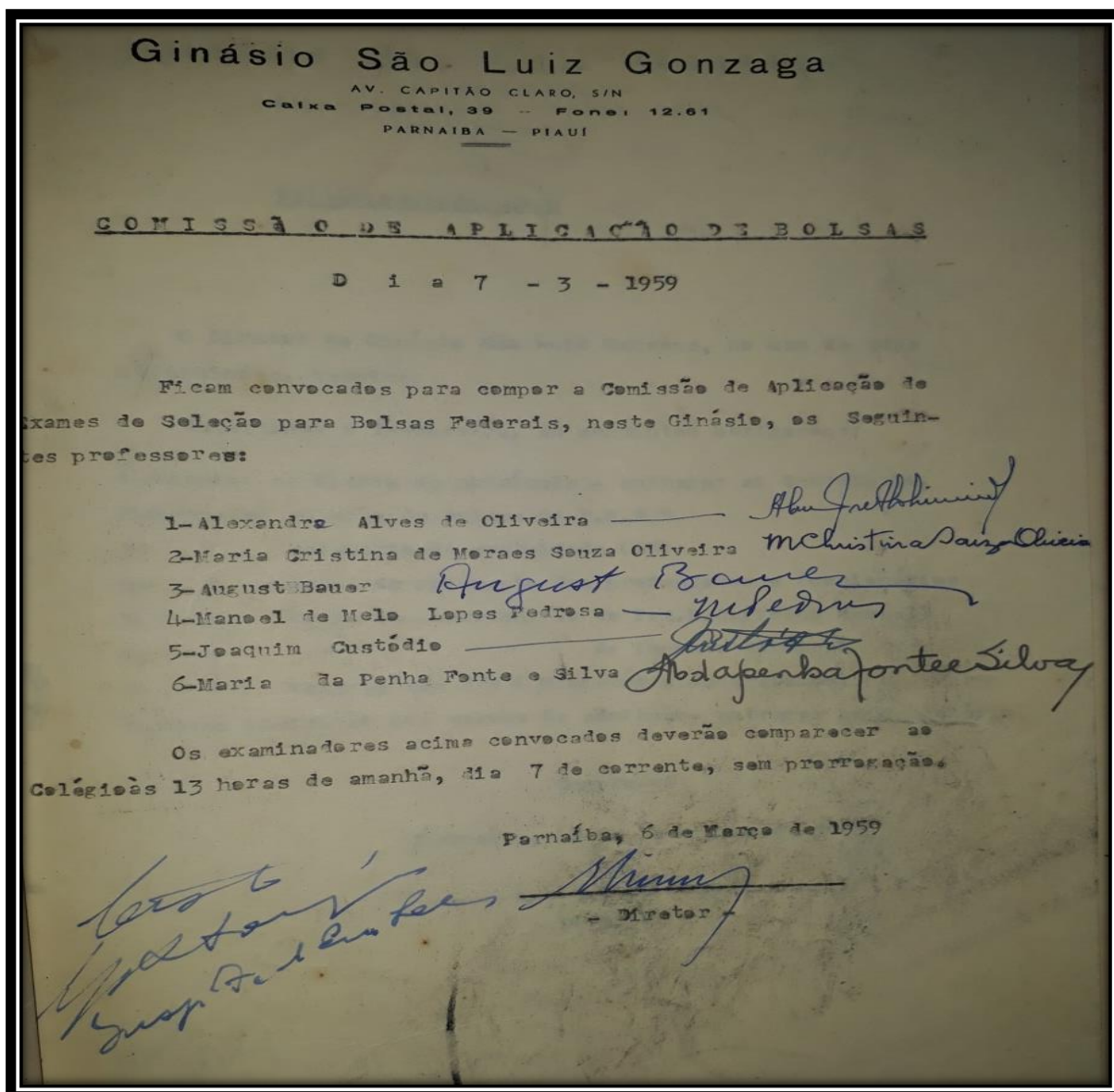
Tabela 8 - Valores recebidos pelo GSLG da Prefeitura Municipal de Parnaíba (1959)

Ano	Dia/Mês	Valor
1959	10 de abril	22.400,00
	11 de maio	21.000,00
	27 de maio	5.100,00
	08 de junho	21.000,00
	31 de agosto	21.000,00
	23 de setembro	21.000,00
	28 de outubro	21.000,00
	20 de novembro	21.000,00
	22 de dezembro	21.000,00

Fonte: Tabela construída pela pesquisadora com base na prestação de contas da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

No Ginásio São Luiz Gonzaga, por exigência dos regulamentos federais, em março de 1959, foi organizada uma Comissão de Organização de Bolsas Federais (figura 25) composta por seis professores, abaixo relacionados, responsáveis pela realização da seleção de bolsas, sob a direção do professor Edgar Linhares Lima.

Figura 25 - Comissão de Aplicação de Bolsas F.N.E.M (1959)

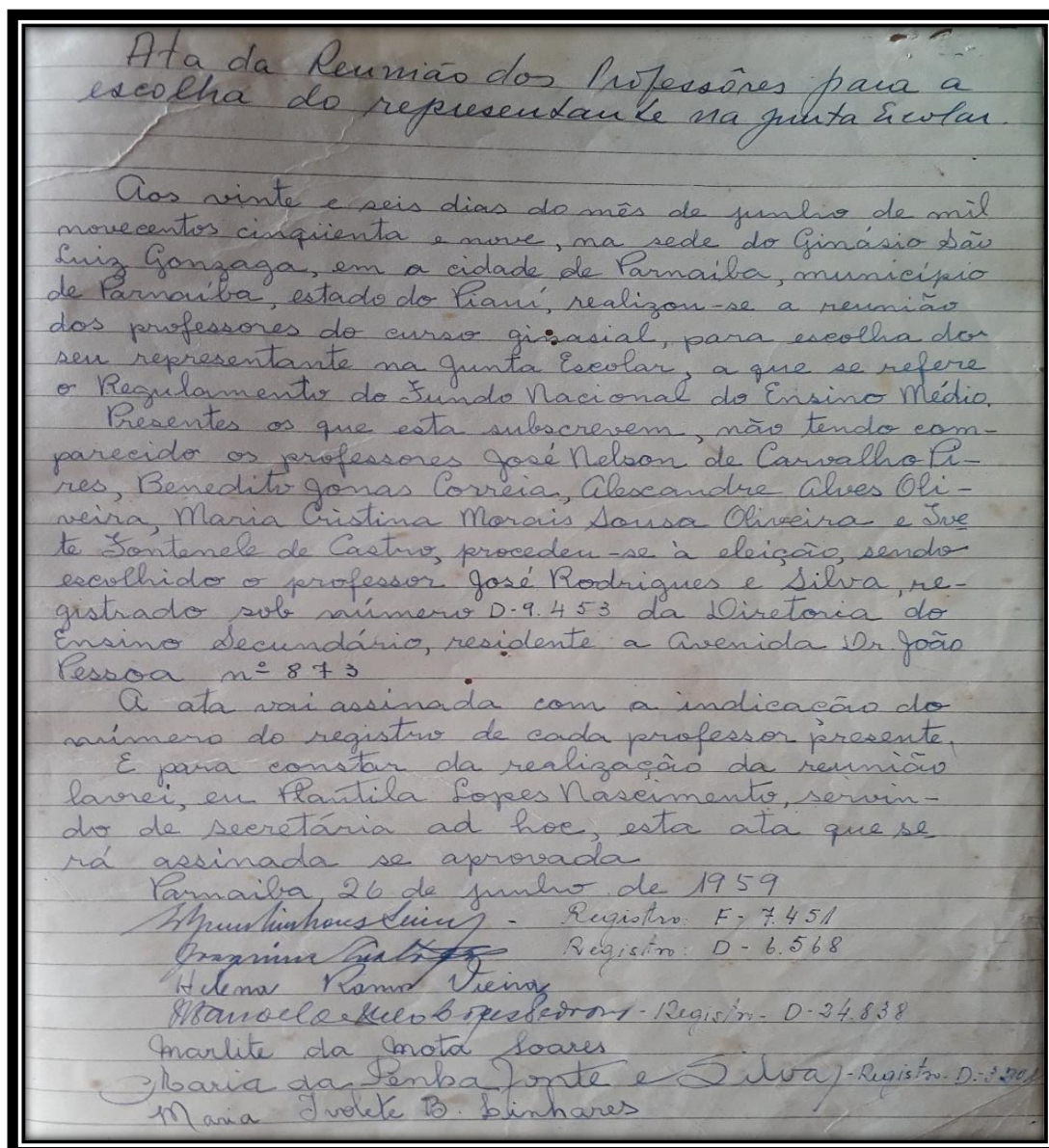


Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Além da Comissão de Aplicação de Bolsas Federais, a escola também precisou formar uma Junta Escolar, composta pelos professores do curso ginásial, com a finalidade de administrar as ações relativas as concessões de bolsas escolares. A reunião para escolha dos representantes da Junta Escolar aconteceu em 26 de junho de 1959, na sede do Ginásio São Luiz Gonzaga, sendo escolhido professor José Rodrigues e Silva como representante dos

docentes, conforme indicação do Regulamento do Fundo Nacional do Ensino Médio (figura 26):

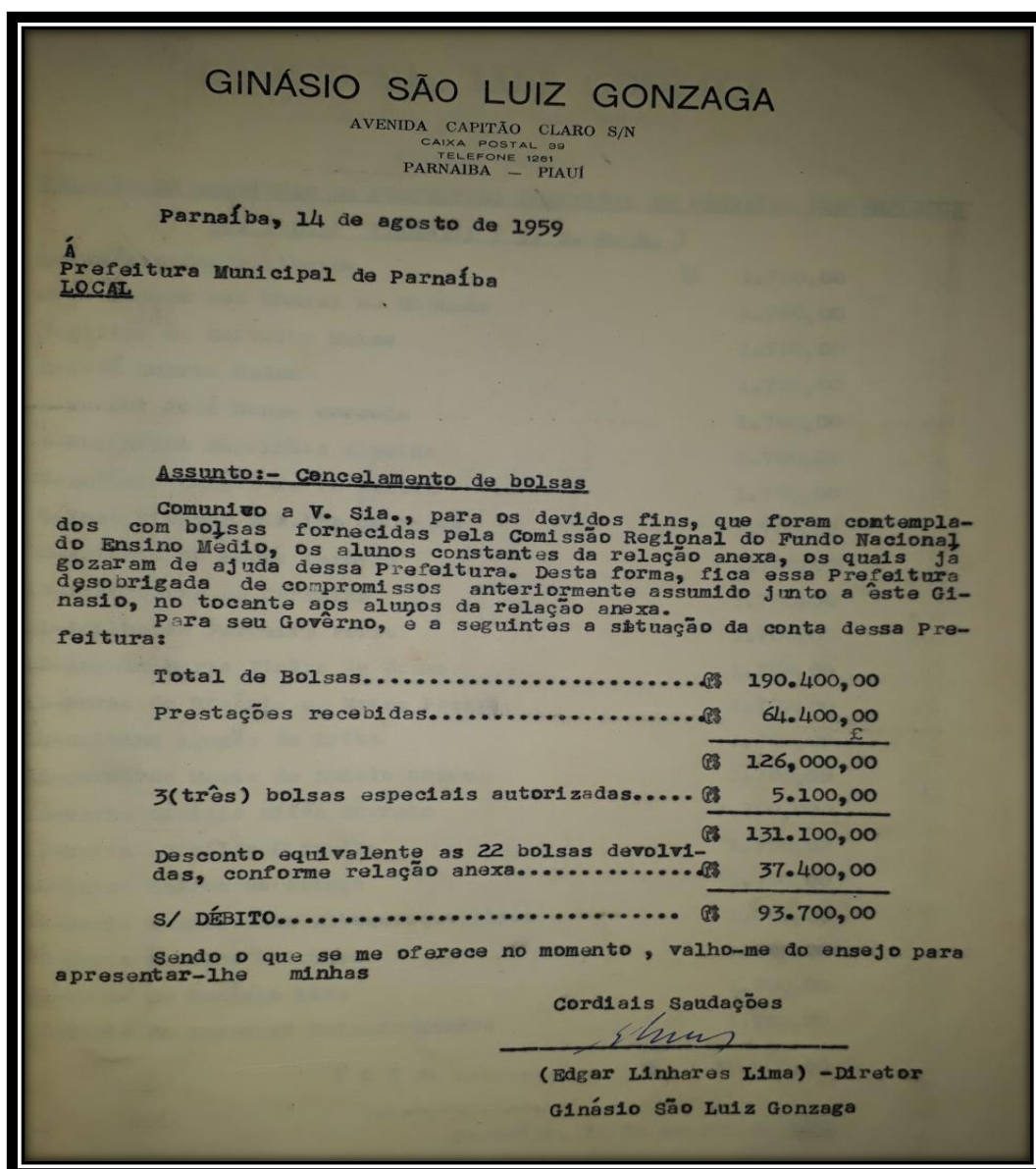
Figura 26 - Ata da reunião de professores do Ginásio São Luiz Gonzaga (1959)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Após a realização de todas as etapas propostas pelo regulamento de Fundo Nacional do Ensino Médio, a escola realizou a seleção entre os alunos. Concluído o processo seletivo, Edgar Linhares enviou uma correspondência para Prefeitura Municipal de Parnaíba, cujo assunto era o cancelamento de bolsas dos alunos que recebiam as bolsas municipais, aprovados na seleção de bolsas federais, conforme a figura 27:

Figura 27 - Ofício sobre cancelamento de bolsas de estudos (1959)



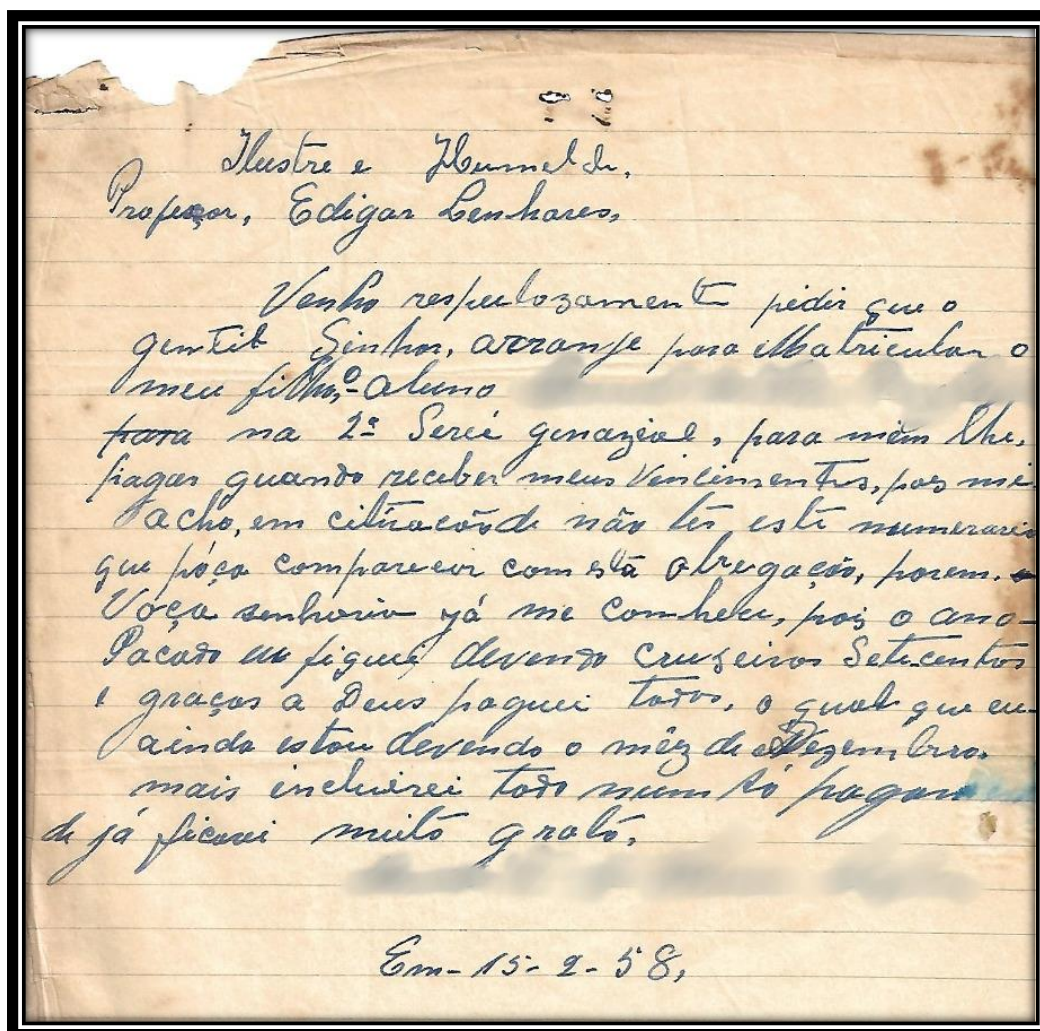
Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Na relação que a escola enviou à Prefeitura Municipal de Parnaíba constavam os nomes de 22 alunos do curso ginásial beneficiados com bolsa municipal e que passaram a receber bolsa federal. Entretanto, a Prefeitura Municipal de Parnaíba não deixou de fazer o repasse para a escola e, com isso, o Ginásio São Luiz Gonzaga tinha alunos que recebiam bolsas federais e municipais.

As famílias cujos filhos não conseguiam aprovação na seleção de bolsas de estudo ou não se enquadravam nos critérios definidos pela escola, especialmente aqueles que vinham do interior do estado, chegavam a ter dificuldades de honrar com os pagamentos referentes à escolarização de seus filhos, como um pai, residente em Buriti dos Lopes que, em 1958,

escreveu uma carta (figura 28) ao diretor Edgar Linhares, informando sobre suas dificuldades em realizar o pagamento da matrícula do seu filho, na segunda série ginásial.

Figura 28 - Carta de um pai enviada ao diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga (1958)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

O Estatuto publicado em 1939, na parte que tratava dos “casos de expulsão”, definiu o “injustificável, atraso nos pagamentos, por mais de dois meses” como um dos motivos de expulsão do aluno. É provável que essa regra ainda estivesse em vigor na década de 1950, para que o pai, de posse dessa informação, tratasse de justificar, por meio de uma carta enviada ao diretor, o atraso do pagamento e assim evitar a expulsão do filho.

Conforme as relações de alunos bolsistas produzidas pelos Ginásio São Luiz Gonzaga, durante a década de 1960, havia a seguinte quantidade de alunos que recebiam bolsas federais:

Tabela 9 - Relação de alunos bolsistas do Ginásio São Luiz Gonzaga (Década de 1960)

Ano	Série /Ginásio	Número de alunos	Bolsas Federais
1961 ⁶⁸	1ª série	72 alunos	24 bolsistas
	2ª série	82 alunos	40 bolsistas
	3ª série	57 alunos	29 bolsistas
	4ª série	58 alunos	30 bolsistas
1962 ⁶⁹	1ª série	34 alunos	3 bolsistas
	2ª série	27 alunos	4 bolsistas
	3ª série	27 alunos ⁷⁰	5 bolsistas
	4ª série	38 alunos	18 bolsistas
1965 ⁷¹	2ª série	46 alunos	24 bolsistas
	3ª série	66 alunos	21 bolsistas
	4ª série	27 alunos	21 bolsistas
1968	1ª série	50 alunos	05 ⁷² bolsistas
	2ª série	54 alunos	09 bolsistas
	3ª série	42 alunos	04 bolsistas
	4ª série	33 alunos	15 bolsistas

Fonte: Informação obtidas a partir do Livro Ata de Exames realizados entre 1957 a 1964; Relação de alunos bolsistas e suas respectivas séries enviadas ao Inspetor Seccional do Ensino Secundário; Livro das Mensalidades do curso ginásial.

No Ginásio São Luiz Gonzaga, as bolsas de estudo eram distribuídas entre todas as séries do curso ginásial, conforme as informações do *Livro de Mensalidades* da escola. As narrativas orais apontam que a escola cobrava bom desempenho dos bolsistas nas avaliações, como uma forma de manter a bolsa, disputando os melhores lugares no sistema de classificação realizada pela escola.

Por toda a década de 1960, o governo federal manteve a política de bolsas de estudo para as instituições de ensino secundário privadas. No entanto, a partir de 1966, as instituições

⁶⁸ A quantidade de alunos matriculados em 1961 envolve homens e mulheres.

⁶⁹ A partir de 1962, a escola não matriculou mais mulheres no curso ginásial, com exceção da 4ª série ginásial, que era uma turma mista funcionando no turno da manhã.

⁷⁰ A informação está incompleta, pois faltou o restante da página contendo todos os matriculados na 3ª série do curso ginásial.

⁷¹ Não foi localizada a lista contendo os alunos bolsistas da 1ª série do curso ginásial do ano de 1965.

⁷² A informação está incompleta, pois faltou o restante da página contendo todos os alunos bolsistas da 1ª série do curso ginásial.

escolares de ensino secundário foram informadas sobre mudanças nos critérios de seleção. Em fevereiro de 1966, o padre Raimundo José Vieira enviou um requerimento para o Ministério da Educação e Cultura, solicitando o pagamento da subvenção, aprovada no Orçamento Geral da União, para o Ginásio São Luiz Gonzaga, no ano de 1966.

A realização de provas das disciplinas de português e matemática, nas quais o candidato teria de alcançar nota 5,0, permaneceu como critério para a seleção, mas, segundo ofício recebido da Comissão Municipal de Bolsas de Estudo em Parnaíba por representantes da Comissão Estadual de Bolsas de Estudo no Piauí, além de ter sido aprovado na seleção, o aluno tinha que “ser realmente pobre” para receber as bolsas federais que a partir de 1966 seriam pagas integralmente.

Teresina, 27 de abril de 1966

Da Comissão Estadual de Bolsas de Estudo

Ao Presidente Municipal da Comissão de Bolsas de Estudos de Parnaíba

Sr. Presidente

A Comissão Estadual de Bolsas de Estudos leva ao conhecimento de V. Sia., que, por determinação do presidente do Conselho Estadual de Educação baseado na Circular sobre assunto da Presidência da República, todos os alunos inseridos, quer renovações quer a seleção, farão teste para 1966.

As provas serão realizadas a 8 de maio e para isto estão sendo mimeografadas e serão remetidas mediante a relação recebida de cada colégio.

Realizados os testes, deverão ser imediatamente corrigidas e remetidas a C. E. B. E, a relação de bolsistas novos e dos anteriores em separado, com as notas de Português e Matemática. [...] deverão ser relacionados os candidatos que alcançaram nota 5 (cinco) nas duas disciplinas e que forem realmente pobres, porque 1966, será limitado o número de bolsas, com o fim de serem pagas integralmente.

A referida relação que dará o resultado obtido deverá chegar à sede da C. E. B. E com a maior brevidade.

Aproveita a ocasião, a Comissão Estadual de Bolsas de Estudo para apresentar a V. Sia., protestos de maior estima e consideração.

a) - Mauricio Camilo da Silveira

b) - Diana Veloso. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. Parnaíba, 1966).

Conforme a correspondência recebida pelo Ginásio São Luiz Gonzaga, em 27 de abril de 1966, o número de bolsas seria limitado, ou seja, quantidade reduzida de bolsas destinadas aos alunos do ensino secundário. Com base nesse limite de bolsas estabelecidos a partir de 1966, além de ter êxito na realização das provas de português e matemática, o aluno tinha que ser “realmente pobre” para receber a bolsa de estudos federal. No entanto, não consta o pedido de documentos que atestem a renda familiar, por exemplo, para a escola pudesse atender esse critério.

As subvenções dadas às instituições de ensino secundário, empregadas na concessão de bolsas de estudos, integrais ou parciais, juntamente com a criação do Fundo Nacional do

Ensino Médio, agregadas as reformas educacionais ao longo da segunda metade do século XX, possibilitaram que, nas décadas seguintes, uma clientela de origem familiar diversificada frequentasse essa modalidade de ensino.

3.4 “A boa ordem da casa”: o regramento disciplinar

Na cultura escolar cívico católica do curso ginásial no Ginásio São Luiz Gonzaga, a disciplina tinha lugar central na constituição dos alunos (SACRISTÁN, 2005). Para muitos jovens, o Ginásio São Luiz Gonzaga foi a primeira instituição escolar frequentada e, portanto, precisavam aprender a respeitar normas e regras institucionais. Uma das primeiras regras disciplinares era a obediência aos horários escolares. A disciplina imposta ao cumprimento dos horários se estendia ao cumprimento dos deveres dos alunos em assistir às aulas, especialmente de religião, obrigatórias em todos os cursos.

Para Maria da Penha Fonte (1947), professora do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga, somente uma educação com Cristo seria capaz de proporcionar uma “formação perfeita do homem: educação em que reina e viva a Divina Unidade de Deus”. Em sua defesa sobre as influências do ensino religioso na formação do caráter da moral, a autora faz a seguinte afirmação:

Em suma, Educação que, segundo Mons. Dupanloup, forme o “homem inteligente, o homem bom, com suas faculdades especiais e individuais, tais como a sociedade e a religião o exigem, homem antes de tudo inteligência poderosa e pura, um corpo são e vigoroso, de caráter e de coração, de fé esclarecida e fortalecida consciência”.
Somente com a religião pode haver esse equilíbrio, porque só ela será o centro e a alma da educação, a base e o cume da formação moral”. (FONTE, 1947, p. 11).

Como o Ginásio São Luiz Gonzaga era uma escola católica, o pensamento da professora Maria da Penha era o que estava presente na escola, em relação às práticas adotadas em relação ao ensino religioso. Com um projeto educacional pautado numa pedagogia católica (FONTE, 1947), cujo ideal era formar bons cidadãos, cristãos virtuosos e amantes da família, de Deus e da pátria, a escola apresentou um programa, em que desde cedo os meninos precisavam internalizar hábitos disciplinares, formando uma conduta moral de respeito às normas e regras estabelecidas pela instituição, acompanhado pelo desenvolvimento do sentimento de dignidade e tendo o objetivo de oferecer uma educação completa a seus alunos.

Bernardo Pinto Lopes concluiu o curso ginásial em 1947. Em um texto intitulado *Miseráveis*, manifestou seu pensamento sobre aqueles que não seguiam as normas:

Os que não obedecem às leis sociais e não cumprem seus deveres cívicos e religiosos são, por isso mesmo, escombros da sociedade: sobre eles chovera a maldade do destino.

As lutas que surgem todos os dias, levando o homem de espírito fraco ao pessimismo, conduzem-no, frequentemente, a miséria total.

Mas é mister que se diga, impugnando a afirmativa de muitos descontentes, não raro com o próprio Deus, que a pobreza santa, isto é, a não causada pelo álcool, pela orgia, finalmente por qualquer espécie de crime não é infortúnio para o que a veem bater-lhes a porta [...] miseráveis são os que buscaram a companhia do crime; são, sim, aqueles que não se conformando com a sorte, muitas vezes por serem pobres, buscaram o abrigo das casas condenadas, onde, bêbedos, aviltados, pensam ser felizes no gozo maldito do pecado; miseráveis são, ainda, os que eram ricos e ficaram pobres pelo próprio orgulho ou a descrença em Deus. (LOPES, 1947, p. 87 – grifos nossos).

O pensamento expresso pelo aluno em relação à falta de obediência reflete práticas e saberes vivenciados no curso ginásial, cujos objetivos estavam alicerçados na formação de um cristão cumpridor de deveres cívicos e religiosos. Para atingir esses objetivos, a escola adotou um Regime Disciplinar a ser seguido pelos alunos, com base nos artigos 23, 24 e 25, instituindo as seguintes regras:

Art. 23 - De conformidade com os preceitos da escola renovada, as penas disciplinares do Instituto *objetivarão, em tudo, a formação do caráter, influyendo no aproveitamento intelectual do educando.*

Único – Jamais serão adotados processos que possam despertar inferioridade ou servilismo, por isso que a disciplina será exercida com muita paternidade.

Art. 24 – Nas aulas, no estudo ou nos recreios, conduzir-se-á o aluno ao *regime do auto-governo*, de modo a leva-lo ao cuidadoso cumprimento do dever pela *formação da consciência* e o nobre sentimento da dignidade própria.

Artigo 25- Verificando-se o caso de um aluno *desajustado as boas normas escolares*, que constitua obstáculo à marcha progressiva do colégio ou sirva de mau exemplo aos colegas, o Diretor entender-se-á com o pai ou responsável, para que o lar venha em auxílio da escola, na aplicação das medidas necessárias ao reajustamento do mesmo. (ESTATUTOS ... Diário Oficial, 1º de fev. 1939, p. 11 – grifos nossos).

Os alunos deveriam ter conhecimento das normas da escola e aplicá-las dentro do cotidiano, desenvolvendo uma conduta pautada em princípios como moralidade, exatidão, controle e regularidade dentro e fora do espaço institucional. Nos casos de desobediência às normas e regras institucionais, os alunos eram punidos com expulsão, conforme previsto no artigo 26. Os “casos de exclusão” eram para aqueles alunos que não seguissem as normas da escola, estando previstas as seguintes situações.

Art. 26 – serão considerados casos de exclusão:

a) toda e qualquer violação às leis do pudor;

- b) Evidente e repetida exibição de irreligiosidade ou menosprezo sistemático às práticas do catolicismo;
- c) Desobediência formal às determinações disciplinares;
- d) Habitual indocilidade de caráter, que exija rigorosos meios de punição;
- e) Prejudicial aversão aos estudos;
- f) Doenças contagiosas;
- g) Injustificável atraso nos pagamentos por mais de dois meses. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p. 11).

Além das situações apresentadas no artigo 44, que tratou das “disposições gerais”, informou que “será expressa e rigorosamente proibido fumar no educandário e suas dependências”. As proibições adotadas pela escola preconizavam o comportamento civilizado para seus alunos (SOUZA, 2008). A obediência e o respeito aos horários de entrada e saída era umas das primeiras coisas a serem aprendidas e praticadas pelos alunos, “para evitar quebras na disciplina e transtorno na boa ordem da casa, não se permitirá saída dos alunos antes dos horários regulamentários, a não ser em casos extraordinários” (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. de 1939, p. 11).

Ao discutir as formas de disciplina e as relações estabelecidas na sociedade com relação ao tempo social e a vida cotidiana, Norbert Elias (1998) assegura que é na infância onde elas começam a ser estabelecidas.

[...] ao crescer, com efeito, toda criança vai-se familiarizando com o “tempo” como símbolo de uma instituição social cujo caráter coercitivo ela experimentar desde cedo. Se no decorrer dos seus primeiros dez anos de vida, ela não aprender a desenvolver o sistema de autodisciplina conforme a essa instituição, se não aprender a se portar e a modelar sua sensibilidade em função do tempo, ser-lhe-á muito difícil, se não impossível, desempenhar o papel de um adulto no seio dessa sociedade. (ELIAS, 1998, p.14).

Na organização do calendário escolar, o tempo destinado às aulas foi estabelecido na parte intitulada “Regime de Aulas”:

Art. 15 – As aulas no Instituto funcionarão das 7,30 às 11 e das 13 às 16,30 horas. Com intervalo de 10 minutos de uma para a outra, cada aula terá duração de 50 minutos.

Art. 16 – A organização do horário de funcionamento das classes e séries ficará a critério da Diretoria, que atenderá, na distribuição do mesmo, às conveniências do meio e tempo.

Art. 17 – Obrigatoriamente, os alunos assistirão às aulas devidamente uniformizado. (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p. 11).

Para Thompson (2017), com a formação da sociedade industrial, as noções de tempo, trabalho e disciplina foram alteradas para atender às novas formas de trabalho surgidas com a implantação das fábricas e indústrias. Com isso, o tempo, que deixou de ser regido pela

natureza, como o cantar dos galos ou os ritmos do mar, passou a ter valor de “moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta”, tendo no relógio como expressão de medida e exatidão, regulando as atividades vivenciadas no cotidiano escolar.

A instituição escolar é regida pelo tempo escolar. E o relógio, objeto institucionalizado no cotidiano escolar, desempenha papel de medir e orientar as práticas, controlando os horários de entrada e saída dos alunos externos e semi-internos, o começo e o término das aulas e a duração do dia letivo, criando nos alunos o hábito de observar as horas e ficar atento para seguir as regras estabelecidas no espaço educativo. O relógio também vai ganhar lugar privilegiado inicialmente no bolso, depois nas paredes em locais visíveis e depois junto ao corpo.

João Paulo dos Reis Veloso, ao se referir aos seus professores do Ginásio São Luiz Gonzaga e ao mencionar o padre Davi, diz que: “o professor de matemática, padre Davi, muito bom nessa área, era uma figura peculiar: usava um relógio, tipo cebolão, só com o ponteiro das horas” (D’ARAUJO; CASTRO, 2004, p. 26). Ou seja, o relógio usado pelo padre, professor e Superintendente da instituição, para regular e disciplinar o tempo das atividades na escola, chamava atenção dos alunos que, mesmo depois de muitos anos, ainda foram capazes de definir detalhes do objeto.

O artigo 17 do Estatuto, por sua vez, trata da obrigatoriedade de os alunos assistirem às aulas usando uniforme escolar. Conforme o Livro *Caixa do Instituto São Luiz de Gonzaga (1938-1942)*, o uniforme escolar era vendido na própria escola. A prática de vender o uniforme era uma ação pedagógica da instituição. Para Katiene Silva (2019, p. 210), “os uniformes escolares fazem parte de uma simbologia que permeia as instituições educativas e postula valores, normas e intenções que impregnam a relação pedagógica sem que, para isso, seja necessário o discurso verbal”.

Analisando o processo de institucionalização do uniforme escolar na Escola Técnica de Santa Catarina, Ivanir Ribeiro e Luani de Liz Souza (2012, p. 207) definem que “o uniforme escolar se constitui artefato que disciplina, normatiza condutas e corpos e concorre para homogeneizar o espaço escolar”. A escolha do uniforme escolar, as cores, o tecido e as formas e locais de uso é revestido de simbolismo, presente na cultura escolar, além de atuar como instrumento de distinção dos alunos em relação às outras como marca de pertencimento a um lugar, o que constitui uma identidade, com suas indumentárias. Também representa uma forma de controle e disciplina que acompanha o aluno onde quer que esteja.

Os empregos e os usos dos uniformes nas e pelas instituições de ensino constituem via de acesso para se compreender os jogos estabelecidos entre os preceitos educativos e pedagógicos que orientam as suas definições pelas

escolas e as apropriações desenvolvidas pelos alunos que, ao usá-los no cotidiano escolar, desenvolvem mecanismos e estratégias para criar nos uniformes as identidades individuais. (MORGADO; SIMILI, 2014, p. 232).

Conforme foi apresentado no Estatuto, o uniforme escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga era composto por “dois tipos de fardas para os alunos: um de caque, para a diária, e outro de brim branco, para os dias de festa”. Para as atividades que não aconteciam na sala de aula, como educação física, também era exigido uso do uniforme, sendo definido que “para as aulas de educação física cada aluno possuirá dois calções, duas camisas de meia e um par de sapatos de lona (pé de anjo) tudo de acordo com os modelos do estabelecimento” (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. de 1939, p. 11).

Como parte do regime disciplinar, a obrigatoriedade do uso do uniforme escolar era uma das primeiras regras do dia a serem cumpridas pelos alunos que, ao chegar na escola, integravam a fila para cantar hino e depois seguir em fila para sala de aula. No uniforme escolar usado pelos alunos do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga, as cores desempenharam papel fundamental como símbolo de identidade e pertencimento. Para as pesquisadoras Débora Morgado e Ivana Simile (2014, p. 243), nas “instituições de ensino religioso ou sob o controle da pedagogia religiosa e para as camadas da elite, os uniformes comunicam a distinção de seus alunos, como seus frequentadores, projetando-os na sociedade e na cultura nas quais os colégios estão localizados no tempo e no espaço”.

As cores predominantes no uniforme escolar, nas décadas de 1940 a meados de 1950, foram calça e camisa verde para uso diário; para dias de festa, foi adotado o branco. As cores e os modelos do uniforme usado pelos alunos nas primeiras décadas de fundação da escola remetem para os acontecimentos vivenciados no período. Nos anos de 1930 do século XX, o nacionalismo e o patriotismo eram sentimentos estimulados entre a juventude. Nessa perspectiva, a adoção das cores verde e branco remetem à bandeira nacional e reforçavam esses sentimentos nos alunos. Os modelos em estilo militar também remetem ao sentimento de militarização da juventude na época, prontos para defender o país, em caso de guerra, tendo em vista que o Brasil participou efetivamente da Segunda Guerra Mundial.

No final da década de 1950, e por toda a década de 1960, o branco e o cinza foram as cores adotadas para as camisas. Já a cor da calça variou entre o cinza, o azul e, por último, o verde com detalhes em listras cinzas. Na prática, embora tenha existido adoção de cinza, as cores verde e branco foram as predominantes no uniforme escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, entre as décadas de 1940 a 1960, o que rendeu aos alunos apelidos como galinhas verdes e picolé de abacate, pelos alunos de outras escolas de ensino secundário.

Sobre os apelidos, Sólina Santos (2004) explica que existiam umas “brincadeiras” envolvendo os uniformes escolares das escolas católicas de Parnaíba. A autora registrou que as alunas do Ginásio Nossa Senhora das Graças, conhecido como Colégio das Irmãs, eram apelidadas “de *Tapiocas de Oitocentos Reis* porque usavam um chapéu branco e arredondado como complemento da farda de gala; já os meninos do Ginásio Parnaibano chamavam os rivais do São Luiz de *Galinha Verde*, porque o fardamento era galante e todo verde”. Na avaliação da autora, “tudo não passava de uma brincadeira de adolescentes, demonstrando, assim, haver uma interação entre os alunos dos colégios de então” (SANTOS, 2004, p. 28).

Ainda sobre a cor do uniforme escolar do então Instituto São Luiz Gonzaga, José Nelson Pires, concludente da segunda turma do curso ginásial, ao publicar um texto intitulado *Ginásio São Luiz Gonzaga: sua vida e sua obra*, assinala que “Poucas cenas recorro tão bem, como, ao passar pela Praça da Graça, compenetrado e bem satisfeito de vestir pela primeira vez, e em primeiro lugar, o uniforme do meu colégio, gritaram: “Olhem esta galinha verde!” Foi o suficiente pra me fazer trocar as pernas” (PIRES, 1947, p. 22).

A obrigatoriedade do uso do uniforme escolar fazia parte do poder disciplinar e da uniformização exercido pela escola sobre os alunos. No período pós-guerra, a influência militar no modelo e nas cores do uniforme escolar foi reduzida, principalmente a partir de 1957, quando Edgar Linhares Lima, considerado pelos egressos do período como o diretor que “modernizou o São Luiz Gonzaga” pelas práticas de socialização realizadas entre 1957 a 1960, quando esteve à frente da direção do Ginásio.

No registro fotográfico da turma da quarta série ginásial de 1964 (figura 29), os alunos estão no pátio interno da escola e a maioria está trajando uniforme escolar, calça cinza e blusa de mangas longas, na cor branco. Souza (2020), que integrava a turma da quarta série de 1964, um dos únicos que não está usando o uniforme, recorda-se dos nomes dos colegas, relata que a imagem é formada pelos seguintes alunos: “da direita para a esquerda em pé: Rossine, Berilo Souza, Antônio Carlos Fontenele, Guido dos Reis Moreira, Francisco Matos Pessoa, Ivan do Nascimento Aragão, Joaquim Euzébio, José Claudio Ramos de Sousa, Francisco de Assis; Sentados: José Iranildo, Bernardo Martins Lopes (Cabeleira), Francisco Vieira Rocha (Vieirinha), José Rosivaldo (Rosi), Cândido Feliciano da Ponte Neto, Renato Santos (Antártica); Ausentes: Francisco Borges Sobrinho (Sócrates), José Gustavo Magalhães, José Hamilton Furtado Castello Branco. De acordo com os entrevistados, na década de 1960 era comum o uso de apelidos entre alunos.

A presença de alunos sem uniformes no espaço escolar e o uso de apelidos no tratamento dos colegas mostra que nem sempre as regras disciplinares eram seguidas pontualmente, conforme o determinado.

Figura 29 - Alunos fardados (1964)



Fonte: Arquivo particular de Cláudio Ramos.

Nem sempre o processo de adaptação às regras e normas escolares foi fácil para os meninos, principalmente para os internos que, ao se referirem aos quatro anos de curso ginásial, classificam como uma batalha, como fez o Nemésio da Rocha Fonseca, que intitulou de “guerra do saber” o artigo que escreveu para a revista *Argos* (1947), descrevendo os sentimentos, ao concluiu o curso ginásial.

A ideia de sacrificar quatro anos de folga e prazer em holocausto à obtenção de um diploma de ginasiano aterrorizou-me, sempre que, em qualquer parte, papai falava da minha ida para a cidade, em busca, dizia ele, de uma das maiores conquistas da humanidade – o saber.

Os quatro anos me pareciam longos como séculos de tormentos, em vão procuravam afastar-me da cabeça este temor desmedido.

Antevia-me a sofrer, sem lenitivo, *a nostalgia da casa, bem como o rigor da disciplina e estudo obrigatórios.*

Iria fazer os exames de admissão e a reprovação já parecia estender-me previamente os braços derrotistas. Às portas do Ginásio, notando o vai-vem dos alunos com carga e meia de livros sob o braço, exclamei com os meus botões: “É o início do pesadelo ... já não se me locomovem as pernas, e ...”

penetrei naquela casa que iria testemunhar minha vida durante os próximos anos. (FONSECA, 1947, p. 121 – grifos nossos).

Ao descrever suas impressões sobre a escola, Fonseca (1947) expõe sentimentos como medo e insegurança em relação à vida no internato e às dificuldades em se adaptar à cultura escolar. É importante esclarecer que as regras disciplinares eram válidas para todos, independente se internos, semi-internos ou externos. No caso dos internos, por morarem na escola, tinham que aprender a conviver com colegas de outras regiões e cidades. Vindos de diferentes cidades e da zona rural, a socialização e a saudades da família foi companhia permanente a muitos alunos internos para quem nem sempre foi fácil o processo de adaptação ao tempo escolar.

Em seus relatos memorialísticos, Pires (1947) deixou registrado aspectos sobre a organização do internato:

Atendendo a uma real necessidade do norte do Estado, e preenchendo grande lacuna que até então se verificava na obra do ensino em Parnaíba. o “Instituto” organizou e fez fundar seu internato, dentro de normas que eram, para as famílias do interior, verdadeira garantia de continuidade na tarefa educativa dos moços.

A vigilância deste foi confiada, então, ao professor Pedro de Castro Pereira, que desempenhou sua missão até 1943, com verdadeira dedicação e amor, deixando na história do São Luiz Gonzaga e na vida dos discentes, como educador e professor de línguas, um grande exemplo de tenacidade e trabalho”. (PIRES, 1947, p. 22-23).

José Ives de Sales Frota (1943), que ficou seis anos como aluno interno no Ginásio São Luiz Gonzaga, deixou registradas suas impressões e confessou as dificuldades enfrentadas para se adaptar à vida na instituição escolar.

Ontem, pela primeira vez, transpus as portas de um colégio. Era uma criança tímida, que naquele recinto andava à procura do Saber, buscando preparar-me para as lutas da vida.

Minha tristeza era profunda ao separar-me dos meus pais; mas depois que convivi com meus colegas e mestres e comecei a lutar, fui pouco a pouco habituando-me aos estudos, até que se passou o primeiro ano.

“Férias!”

Esta palavra trouxe-me uma alegria nova, pois a ansiedade de encontrar-me no lar paterno me fez feliz.

E assim foi!

Terminados os trabalhos do exame de admissão, viajei pressuroso para casa, onde passei deliciosos dias.

Depois de três meses, voltava ao Instituto, este teto abençoado onde encontrei tudo entusiasticamente almejava.

E a vida foi passando nesta alternativa agradável: - estudo e férias. (FROTA, 1943, p. 37).

Alunos internos, como José Ives de Sales Frota (1943), confessam ter sido o Ginásio São Luiz Gonzaga a primeira instituição escolar que frequentaram e, portanto, tiveram dificuldades de socialização, para aprender a viver em espaço coletivo, com um tempo ritmado e controlado, com horários fixos para dormir, acordar, estudar, comer, diferente dos semi-internos e externos, que, ao final do dia ou das atividades, voltavam para suas residências.

A vida na escola seguia um ritmo diferente daquele a que estavam acostumados em suas residências; por isso, é possível afirmar que, para os internos, que tinham que conviver com a dor da separação e a saudade da família, as dificuldades acabavam sendo sentidas com mais intensidades.

Em discurso proferido ao entregar o cargo de presidente do Grêmio Cívico Literário Tiradentes, Pires (1943) iniciou o discurso lamentando que nem todos tenham chegado ao final do curso, com a seguinte afirmação: “É pena que não vejamos os aqui aqueles 39 jovens que conosco iniciaram o curso: uns, porque não souberam resistir à luta; outros, porque foram defender os interesses do Brasil nos campos de luta. Salve! Companheiros, eu vos saúdo!”. (PIRES, 1943, p. 78).

Para aqueles que tinham irmãos no internato, como João Alves de Brito (2018), na década de 1940, a vida no internato com o irmão Sebastião Alves de Brito, tinha sentimentos como a saudades amenizados, ficando apenas as dificuldades de adaptação à cultura escolar. Sobre a permanência dos irmãos no internato, em seus relatos memorialísticos, Machado (2000, p. 37) se recorda que foi no Ginásio São Luiz Gonzaga “que o Senhorzinho, Sebastião, ganhou o apelido de Babá”.

Depois que a família de Brito (2018) adquiriu uma residência em Parnaíba, ele passou à condição de aluno externo; no entanto, suas memórias escolares estão relacionadas ao período em que ele morou no internato, principalmente à experiência de conviver com o grupo e dividir espaços como o quarto de dormir com muitos alunos.

Quando eu cheguei ao internato, ainda no primeiro prédio, eu dormia em um quarto com um grande número de outros meninos. Tinha mais de um dormitório e era tudo dividido. Tinha quarto que tinha até dez meninos. Era dividido entre maiores e menores. Dormíamos em cama. Cada um tinha sua cama. Acordava bem cedo. À noite, prevalecia o silêncio. O mais profundo silêncio. Ao amanhecer, começava o dia com um banho, vestir a farda, era uma farda verde. No Instituto nós tínhamos duas fardas, a verde que era usada durante as aulas e a farda garance branca, usada para marchar no sete de setembro. As aulas eram de manhã e à tarde. Tínhamos atividades o dia todo. Dentre as atividades tinha a prática de esportes. Foi lá que eu aperfeiçoei meu futebol. Tinha alunos de várias localidades, de Cocal, de Piracuruca porque tinha a facilidade do transporte da época que era o trem que passava por essas

idades. Tinha menino da Ilha, de Luís Correia e de outras cidades mais próximas. (João Alves de Brito, 2018).

Quando a escola tinha como sede a chácara do médico Mirócles Veras, o internato tinha dois dormitórios. A idade era o critério adotado na divisão do dormitório, separando os mais novos dos mais velhos, isso porque, como já foi informado, a instituição recebia alunos internos para o curso primário e o secundário. Quando a escola passou a funcionar no prédio novo, na Avenida Capitão Claro, os alunos de primário e do secundário passaram a compartilhar o mesmo dormitório (figura 30).

Figura 30 - Dormitório (década de 1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

O refeitório (figura 31), no prédio do internato, uma sala bem iluminada e ventilada, seguindo os preceitos de higiene adotados na época. Compunha-se de oito mesas de madeira, com capacidade para quatro alunos, onde faziam as refeições, que também aconteciam sob a vigilância constante de um professor ou padre que tinha como função garantir a ordem, o respeito e a disciplina entre os alunos.

Figura 31 - Refeitório do Ginásio São Luiz Gonzaga (década de 1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Os alunos tinham uma rotina intensa no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga: após acordar, os meninos tomavam banho, colocavam o uniforme e, só depois, em fila, dirigiam-se para o refeitório, sempre acompanhados pelo olhar atento e vigilante de um professor responsável pelos internos. Ao chegarem no refeitório, depois da oração, recebiam permissão para se acomodarem nas mesas para tomar o café da manhã, servido pelos funcionários do internato. De acordo com informações encontradas no livro intitulado “Conta corrente de 01/03/1956 a 08/11/1956”, constam despesas alimentação, pagamento de professores, pessoal administrativo e recebimento de pagamento das mensalidades dos alunos. Na parte dedicada às despesas com alimentação, constam a compra de leite, açúcar, macarrão, milho, arroz, dentre outros, usados na alimentação dos alunos.

Aspectos da rotina do internato estão presente nas memórias escolares de Edimar Pereira Fontenele (2019). Ele narra a seguinte situação:

O internato era um lugar em que a gente já acordava com a presença do Bedel, que era o professor José Nelson, que era professor de Educação Física e lecionava Frances. Depois de acordar, descíamos para o banheiro, que era coletivo, tomávamos banho. Depois do banho, subíamos e formávamos uma fila. Ele apitava para que formássemos uma fila para tomar café. Na hora do café, todos já tínhamos um lugar à mesa. Não me recordo se a mesa era de quatro ou seis cadeiras. Ao chegar próximo da mesa, você ficava aguardando o comando dele para sentar. Qual era o comando? Ele dizia: ‘*Bene de come*

domis” E a gente respondia: ‘*Deo Gratias*’. Depois disso, a gente puxava a cadeira, sentava e comia. Ah! Mas antes ainda tinha que rezar. Depois desse ritual é que a gente podia comer. Tinha uns dias em que depois que a gente acordava já descia, ia fazer a ginástica. Dentro da ginástica, tinha várias modalidades esportivas: jogar futebol, voleibol e outras atividades. (Edimar Pereira Fontenele, 2019).

Fontenele (2019), ao detalhar a rotina no internato, aponta o professor José Nelson como responsável por garantir a ordem e a disciplina entre os internos e o ritual seguindo todas as manhãs. No internato, os alunos aprendiam que primeiro se alimentava o espírito e só depois o corpo. Ao desenrolar os fios que envolvem o novelo de suas recordações do cotidiano no internato, João Alves de Brito (2018) menciona a existência de um muro onde alunos ficavam de castigo, a imagem do muro veio à tona quando se recordou das normas que precisam seguir na instituição:

Desobedecer às ordens do internato era algo gravíssimo. Eram determinadas as horas para se estudar e quem falhasse perdia a saída. Aos domingos, era permitido sair da escola e ir passear na Praça da Graça, mas tínhamos um horário definido para o retorno, às 8 (oito) horas da noite. No retorno, a gente não podia chegar atrasado, tinha que voltar oito horas da noite para o internato, e nós íamos para a Praça da Graça, e lá a gente se distraía e quando olhava já estava quase na hora de entrada. Quando foi um dia em que nós olhamos para o relógio estava quase batendo a hora de entrada e nós saímos ali pela Riachuelo correndo, no desespero mesmo, com a chegada da hora e o medo de se atrasar e perder os direitos. Lá tinha um muro que dividia o refeitório com o Colégio e esse muro era um local de castigo. Você ia para o pé do muro. Além de ficar no pé do muro, se chagasse atrasado, perdia o direito de folga no domingo próximo. Quem estava no pé do muro, quando chegava a hora do recreio ao invés de ir brincar de bola ou de esconde-esconde, que eram as brincadeiras, ia direto para o pé do muro. (João Alves de Brito, 2018).

A prática de colocar os alunos para andar enfileirados fazia parte das práticas de disciplina adotadas para manter a ordem nos deslocamentos dentro do espaço institucional. Brito (2019) relata que “no internato tinha fila para tudo. Na hora do café da manhã tinha que fazer uma fila, na hora do almoço tinha que fazer fila, quando se deixava o internato para ir para o prédio do Colégio, também era na fila, enfim, andávamos o tempo todo enfileirados”. Para Foucault (2011, p. 137), “a disciplina procede em primeiro lugar da distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas”, sendo a fila uma delas. Ao se reportar ao ato de colocar os indivíduos para andar enfileirados, Foucault assegura que “a disciplina, arte de dispor em fila” (FOUCAULT, 2011, p. 137).

A instituição escolar fazia uso dessa arte de dispor os alunos em fila como uma das formas de manter a disciplina no interior de espaços como auditório e a capela, onde os alunos vivenciavam ritos coletivos, evitando que se dispersassem durante o momento de se locomover

dentro do prédio, fosse em direção às salas de aula ou aos demais espaços existentes na instituição, como o auditório, a igreja, o refeitório, dentre outros.

A permanência dos alunos em espaços educativos como o auditório, onde eram realizadas cerimônias coletivas, requeria deles um comportamento disciplinar, como é possível identificar no registro da presença dos alunos no auditório (figura 32). Vemos todos trajados de uniforme verde, modelo adotado até meados da década de 1950, sentados em cadeiras enfileiradas. A postura corporal aponta sobre o controle dos alunos sobre seus gestos, mantendo os braços cruzados sobre o corpo.

Figura 32 - Auditório (década de 1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga - Colégio Diocesano.

A capela, não teve um lugar no projeto arquitetônico no edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga. As práticas católicas aconteciam no espaço agregado ao auditório, um local dedicado a celebração de ritos religiosos, como a primeira eucaristia realizada no final do curso primário. Ritos como as missas e as cerimônias de formatura também aconteciam na capela de São Luiz Gonzaga, patrono da escola. Os egressos do curso ginásial afirmam que a escola não impunha as práticas católicas e recebia alunos de outras confissões religiosas.

Sobre o controle e o regime disciplinar exercido pela escola, Mavignier (2019) menciona o uso da palmatória pelo padre Raimundo José Vieira:

De todo o período em que eu estudei aqui, o período de maior rigidez foi na época do padre Vieira. O regime era para lá de militar. Nós tínhamos um medo gigantesco dele. A gente morria de medo de cometer algo de errado e ser descoberto. Ele usava uma palmatória na cintura, que ele chama de ‘Maria Vitória’. Quando a Maria Vitória não estava na cintura dele, estava na mesa dele. Ao ser chamado na mesa dele, você já ia muito pequeno, e o elemento principal que você ia observar era a Maria Vitória, estendida na mesa. Os professores não usavam palmatória, inclusive castigos que tinham em outras escolas, nós não tivemos aqui, como por exemplo, ajoelhar em carochos de milho, essas coisas assim, não vivemos aqui. Teve muita punição na época do padre Vieira. Assim de palmatória, ele mandar escrever, era assim: ele escrevia uma frase na lousa, e você tinha que repetir cem vezes no caderno. (Diderot dos Santos Mavignier, 2019).

O padre privilegiava o tipo de punição que Foucault (2011, p. 173) classificou como sendo da “ordem do exercício – aprendizado intensificado, multiplicado, muitas vezes repetido [...]”. Ao passo que cita as punições disciplinares usadas na época do padre Raimundo José Vieira, afirma que os professores não faziam uso da palmatória quando ele cursou o ensino ginasial.

A escola mantinha outras formas de controle disciplinar, como controle de frequência dos alunos, por meio do uso caderneta escolar, um artefato da cultura escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, com registro da ficha de comparecimento e média mensais, que diariamente deveria ser apresentada pelo aluno ao adentrar o portão da escola. No entanto, o uso da caderneta foi introduzido na escola por uma prescrição da Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942, no artigo 38, segundo o qual: “cada aluno de estabelecimento de ensino secundário possuirá uma caderneta, em que se lançará o histórico de sua vida escolar, até a conclusão com a expedição do certificado” (BRASIL, 1942). Além de estabelecer o uso da caderneta, padronizou a documentação escriturária usada pelas instituições escolares de ensino secundário. A partir da década de 1960, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases de 4. 024/1961, houve uma flexibilização sobre o uso da caderneta e da padronização da documentação expedida pelas instituições de ensino secundário.

Durante toda o governo de Vargas, o Ministério da Educação e Saúde e da Diretoria Nacional do Ensino, “norteou prescrição minuciosa dos mais variados aspectos da vida escolar, buscando regrad o cotidiano dos estabelecimentos escolares no desejo insano de uniformizar, imprimindo um determinado padrão de qualidade em todas as escolas do país” (SOUZA, 2008, p. 174). Dentre as práticas de ordenação e uniformização prescritas pelo Ministério, estava a prescrição do uso da caderneta escolar pelas instituições de ensino secundário.

A presença de elementos como a caderneta na cultura escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, mesmo após o fim do governo Vargas, demonstra a “invenção” de uma tradição na cultura escolar dos ginásianos. O conceito de tradição inventada é entendido de acordo com o pensamento de Eric Hobsbawm (2015), que entende tradição inventada como

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, 2015, p. 8).

No Ginásio São Luiz Gonzaga, a caderneta escolar fez parte da cultura escolar dos alunos do curso ginásial durante todo o período investigado. Enquanto prática de ordenação do ensino, a caderneta fez parte dos aspectos organizativos e institucionais (VIÑAO FRAGO, 2007) e da vida cotidiana dos alunos. Diariamente os alunos eram obrigados a levar suas cadernetas para a escola, nas quais eram registradas a presença, as notas mensais, o horário escolar e outras ocorrências.

Benjamim Santos (2014) descreveu um fato interessante que aconteceu na cidade de Parnaíba na década de 1950, período em que foi aluno do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga:

Ah, foi um deus-nos-acuda! O bedel do Instituto São Luiz Gonzaga, que eu não me lembro quem era (acho que eram o Manoel Pedrosa), veio de sala em sala, falava baixinho com o professor e depois em voz alta: nós vamos parar as aulas, fechar o Instituto e vocês vão direto pra casa porque os leprosos estão vindo para cá. (Pensa o reboliço depois desta notícia!) – Calma, não precisa correr! Cada um pega sua caderneta e sai direitinho, mas vai direto para casa. Direto pra casa?! E hoje eu me pergunto qual era o menino que podia ter calma e sair direitinho depois disso? Mas o certo é que todo mundo saiu, muitos nem pegaram a caderneta de frequência (“deixa que amanhã eu pego”) e todo mundo foi correndo pra casa que ninguém era doido de ficar pela rua sabendo que os leprosos estavam vindo, estavam chegando, podiam chegar a qualquer momento. (SANTOS, 2014, p. 10).

O que chama atenção na narrativa de Santos (2014) é a preocupação do bedel para que os alunos saíssem da escola sem levar a caderneta escolar, dada a importância que tinha no controle de frequência dos alunos. Entre as décadas de 1940 a 1970, a caderneta escolar fez parte da cultura escolar de todas as instituições escolares de ensino secundário em Parnaíba, mudando em alguns aspectos, como a cor da capa, por exemplo.

Na década de 1960, a caderneta escolar (figura 33) tinha a capa azul escuro, trazendo o nome da instituição com letras maiúsculas, “GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA”, seguida por uma folha de rosto contendo dados pessoais e escolares do aluno.

Figura 33 - Caderneta Escolar



Fonte: Arquivo privado de Antônio C. Machado.

A Ficha de Acompanhamento (figura 34) foi outro documento usado pela escola. Seu uso estava previsto no Estatuto, informando a emissão mensal de um boletim contendo informações sobre comportamento, aplicação, aproveitamento e assiduidade dos alunos. Mensalmente, o boletim seria enviado aos pais e devolvido para a Secretária da escola, assinado pelos pais ou responsáveis (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p. 11). Na década de 1960, a escola mantinha essa prática. A Ficha de Acompanhamento e de Médias Mensais era também uma forma de controle exercido pela escola.

Figura 34 - Ficha de Acompanhamento e Médias Mensais (1964)

Esta ficha deve ser apresentada
cada dia, antes da 1ª. aula.

OBSERVAÇÕES:

Ginásio São Luiz Gonzaga

FICHA DE COMPARECIMENTO E DE MÉDIAS MENSAIS

Aluno

*Genário Dias de
Castro Neto*

3^a SÉRIE

Nº. 16

TIP. SÃO JOSÉ

Mês de agosto de 1964

Comparecimento às aulas

Dias	Dias
1	17 Compareceu
2	18 Compareceu
3 Compareceu	19 FALTOU
4 Compareceu	20 Compareceu
5 Compareceu	21 Compareceu
6 Compareceu	22 FERIADO
7 Compareceu	23 Domingo
8 Compareceu	24 Compareceu
9 Domingo	25 Compareceu
10 Compareceu	26 Compareceu
11 FERIADO	27 Compareceu
12 Compareceu	28 Compareceu
13 Compareceu	29 FALTOU
14 FERIADO	30 Faltou
15 FERIADO	31 Compareceu
16 Domingo	

Médias mensais

	Nota	Conceito
Português	<u>7</u>	<u>Bôa</u>
História	<u>9</u>	<u>Otima</u>
Geografia	<u>8,5</u>	<u>Otima</u>
Matemática	<u>9,5</u>	<u>Otima</u>
Iniciação à Ciência		
Ciências Fis. Biológicas	<u>8</u>	<u>Otima</u>
Técnicas Comerciais		
Inglês	<u>8</u>	<u>Otima</u>
Francês	<u>7,5</u>	<u>Bôa</u>
Canto Orfônico		

PRÁTICAS EDUCATIVAS

	Conceito
Religião	<u>100 %</u>
Educação Cívica	<u>0,5 %</u>
Educação Física	<u>M.M.</u>

(Assinatura do pai ou responsável)

para ser posta depois de vistas as notas.

Fonte: Arquivo privado de Gervásio Pires de Castro Neto.

A parte de dentro estava dividida entre um espaço dedicado ao registro de comparecimento à aula e às médias mensais, expressas por meio de notas e conceitos, seguida da assinatura do pai ou responsável.

Além do controle realizado por meio das anotações constantes dos resultados obtidos nos exames, diariamente os alunos ainda tinham que enfrentar o olhar vigilante e atento do porteiro, serviço que na década de 1960, era realizado por Araújo (2019).

Eu comecei a trabalhar no Ginásio São Luiz Gonzaga no internato. Quando o internato fechou, o Monsenhor Antônio Sampaio me removeu para a Portaria. Na Portaria, o serviço era receber a carteirinha e fazer a recepção dos alunos. De longe, quando eles levantavam a perna pra colocar o pé na calçada, eu já começava observando se eles estavam de meia. Tinha que entrar com a farda completa. (Antônio Freitas de Araújo, 2019).

Aos alunos era cobrada a obediência ao conjunto de regras e normas que compunham a cultura escolar logo na entrada do portão da escola. Se não viesse trajando o uniforme escolar completo, inclusive as meias, eram barrados para dar explicações e até voltar para casa. Tinham de estar sempre com uniforme limpo e bem conservado nas atividades cotidianas.

A partir de escritos de alunos na revista *Argos* (1947), pode-se inferir que nem todos os alunos foram exímios cumpridores do conjunto de normas e regras adotados na cultura escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga. Relatos como o do José Bittencourt apontam a presença de peralvilhos, ou seja, alunos que desrespeitavam o regramento disciplinar.

Por uma manhã de brumosa de fevereiro do ano de 1941, um esperançoso menino de aspecto sério sentava-se, pela primeira vez, nas cadeiras de um ginásio.

Todo encabulado pela crítica dos alunos, ao transpor o portão do grande edifício, foi ter à Secretaria, de onde o enviaram às bancas examinadoras, sendo classificado para o 2º ano primário. Não voltou mais a casa; passou, logo, a ser interno.

Vontadoso, então, conseguiu captar a simpatia dos mestres. Durante todo o ano, ele e três colegas mais não tiveram nenhuma nota menor que nove, e foram aprovados nos exames finais, com distinção – em primeiro lugar.

Seus progenitores, satisfeitiíssimos com a vitória, agradeceram-no com presentes, além de lhe satisfazerem todas as vontades durante as férias.

Mas, de novo no colégio, mudou o jovem de procedimento. Já não é aquele aluno encabulado, que vivia pelos cantos, sem brincar; não passa mais as horas de estudo a devorar livros; já não é, enfim, o exemplo de virtude do ano passado. Agora é, infelizmente, *um verdadeiro peralvilho*: responde desrespeitosamente aos mestres. É que se deixou levar pelos maus colegas: moços sem costume, nem disciplina, que procuram atirar à lama os que se querem fazer bons cidadãos.

Muitos meninos vindos do interior têm a infelicidade de relacionar-se com esses tipos desprezíveis, que, aproveitando-lhes a timidez e ingenuidade, e explorando-lhes a bolsa, conduzem-nos ao vício, à devassidão, à morte espiritual.

De então em diante, o anjinho do primeiro ano tornou-se um demônio, vigiado sempre pelos professores e inimigo do estudo, que lhe era havia bem pouco, prazer indefinível.

Mas os conselhos dos metres, corroborado pelo exemplo dos bons, viriam em breve, reconduzi-lo a estrada do bem. (BITTENCOURT, 1947, p. 109-112 – grifos nossos).

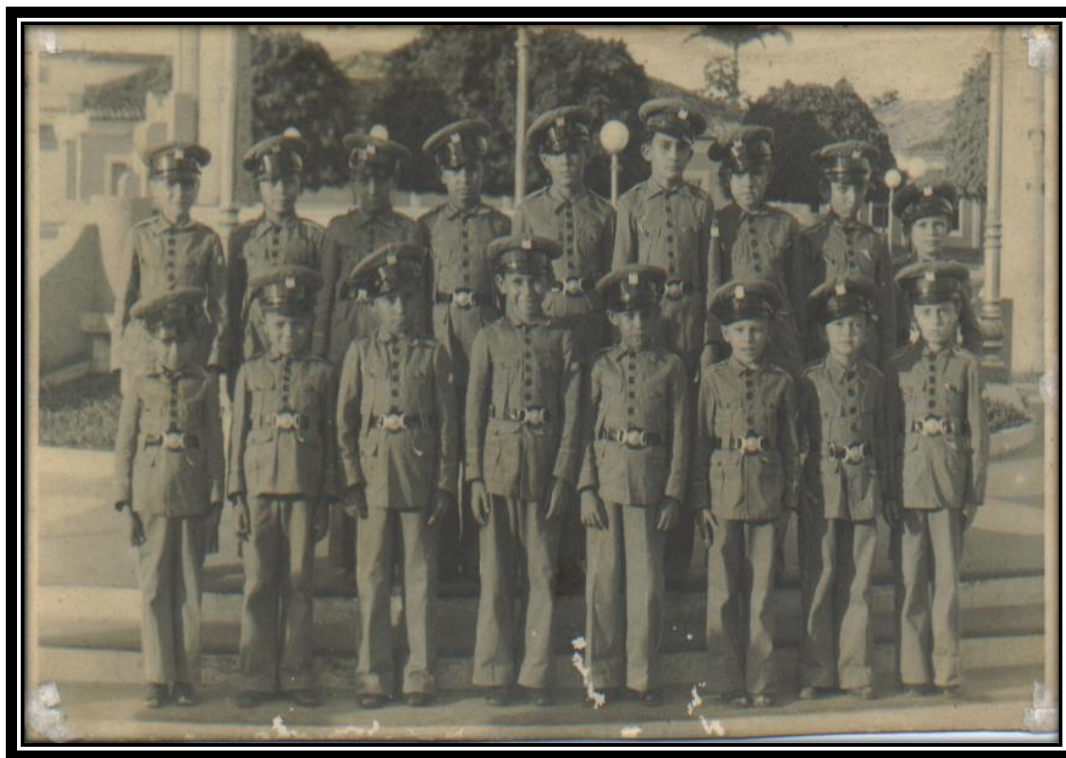
O relato de Bittencourt (1947) aponta aspectos que ajudam a compreender a cultura escolar da instituição. A começar por uma prática, já relatada por outros alunos, que era o exame realizado com meninos oriundos da zona rural que tinham recebido educação escolar em casa. Ao chegarem na instituição, primeiro passavam por uma banca examinadora, formada por professores que, mediante o desempenho do candidato, decidiam a série em que poderia ser matriculado. Havia, ainda, a prática da emulação, que consistia na premiação dos primeiros colocados, mediante o desempenho nos exames escolares. E, por fim, mas não menos importante, a existência de alunos que descumpriam o regimento disciplinar e que influenciavam no comportamento de outros alunos. Ele se apresenta como um exemplo de aluno que se deixou influenciar pelos colegas, mas ressalta que os conselhos dos professores e os bons exemplos foram importantes para ele se afastasse do vício, da devassidão e da morte espiritual.

3.5 “Soldados dos livros”: a elite escolar do curso ginásial

Ao ingressar no curso ginásial, os alunos passavam a compor a elite escolar do Ensino Secundário, modalidade de ensino que, durante a primeira metade do século XX, tinha um caráter elitista, por ser frequentado pela parcela da sociedade com maior poder aquisitivo. No curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga, os estudantes vivenciavam a proposta sua pedagógico alinhada ao catolicismo ou pedagógica católica (FONTES, 1947), desenvolvida por meio das práticas escolares alicerçada nos princípios de uma educação cristã, alinhados à educação cívica na formação de um intelectual livre de vícios, cultivador de valores morais, amor a Deus, a família e à pátria.

Ao construírem uma imagem sobre si, os alunos foram apresentados como “soldados dos livros”, manifestando sentimentos de coragem, civismo e patriotismo, cultivados por meio das práticas escolares adotadas no curso ginásial. Nessa cultura escolar cívico católica, outras práticas escolares, a semelhança entre o uniforme escolar e o uniforme de soldados (figura 35):

Figura 35 - Alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga



Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1938, p. 75.

A mesma fotografia foi publicada na *Histórica*, revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba, em outubro de 2008, ilustrando um texto intitulado “Instituto São Luiz Gonzaga: os meninos de 37”. De acordo com o editorial, “O Instituto São Luiz de Gonzaga era considerado um modelo de estabelecimento embora fosse visto pela maioria como da população como altamente elitista” e aspectos da sua cultura escolar, ao dizer que a instituição “impunha um modelo de comportamento quase que militar para seus alunos, principalmente os internos”. Após apresentar suas impressões sobre a escola, o editor continuou sua avaliação: “o mundo estava em guerra e existia dentro da escola brasileira um sentimento nacionalista muito forte”. O editor considera que a escola, em pouco tempo de funcionamento, passou a ser considerada um dos mais importantes estabelecimentos de ensino do Piauí, que “se impôs pela excelência de seu ensino, a rigidez de sua disciplina e a imponência de seus uniformes em dia de desfiles, principalmente os do dia 7 de setembro” (INSTITUTO ... *Histórica*, out. 2008, p. 4-5).

Tal como afirmou Foucault (2011) sobre o soldado, podemos dizer que, trajando esse uniforme, o aluno do Ginásio São Luiz Gonzaga é, antes de tudo, alguém que se reconhece de longe. A representação visual do grupo dos estudantes que ingressaram na primeira série do ensino secundário apresenta um conjunto de informações sobre a cultura escolar (JULIA, 2001)

do curso ginásial, alinhada ao momento histórico em que a instituição estava inserida. A observação de detalhes, tais como a forma enfileirada, em posição de sentido, numa postura ereta e mantendo os braços esticados ao lado do corpo, apresentando-se com seus corpos disciplinados e expressando a incorporação de valores militares, como disciplina, respeito e seriedade.

A forma como os alunos foram apresentados reflete a imagem que a instituição queria construir e apresentar sobre si para a sociedade parnaibana. Uma instituição de educação secundária, confessional católica, voltada exclusivamente para um público masculino, inserida num contexto do final dos anos 1930, período marcado pela ditadura civil de Getúlio Vargas e seu projeto de nacionalização, pautado na valorização e divulgação do fervor patriótico, alinhados ao fervor católico, elementos que se fizeram presentes na cultura escolar do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga. O apelo patriótico próprio do projeto político em voga soma-se a acontecimentos como a segunda guerra mundial (1939-1942), cujos reflexos repercutiam entre os jovens estudantes.

Figura 36 - Concludentes da primeira turma do curso ginásial (1942)



Fonte: Arquivo de Benjamim Santos.

A primeira turma de concludentes do curso ginásial (figura 36), composta por dezesseis jovens, apresenta o uniforme escolar usado nas ocasiões especiais, como a conclusão do curso ginásial. O professor Joaquim Custódio, um dos professores homenageados pelos concludentes, está na primeira fila, sentado entre os alunos. O quadro 15 apresenta os professores que atuaram na formação intelectual dos alunos da primeira turma de ginásianos do Ginásio São Luiz Gonzaga, homenageados pelos concludentes de 1942.

Quadro 6 - Professores homenageados pelos concludentes do curso ginásial de 1942

DISCIPLINA	PROFESSORES HOMENAGEADOS
Francês/Música	Pedro de Castro Pereira
História	Joaquim Custódio
Inglês	José Rebouças e Macambira
Ciências Físicas/ Matemática	João Orlando de Moraes Correia
Geografia	Vicente Martins de Carvalho
Desenho/Matemática	Padre David Augusto Moreira
Latim	Monsenhor Roberto Lopes

Fonte: Quadro construído pela pesquisadora a partir das informações obtidas na escultura de formatura dos concludentes da primeira turma do curso ginásial (1942).

Na condição de professor do curso ginásial, José Nelson Pires (1947) participou da segunda edição da revista *Argos* com o texto intitulado “Ginásio São Luiz Gonzaga: sua vida e sua obra”. Faz as seguintes considerações:

No decorrer dos anos, o labor de seus dirigentes foi tamanho, que o São Luiz conquistou, de logo, a confiança e a preferência da família de Parnaíba e do interior.

Em 1942, a primeira turma de concludentes, em número de 16, via coroado os seus esforços, e recebia a láurea de um curso ginásial bem feito, que lhe dava direito, a todos, de confiar plenamente no futuro, cêncios que estavam de seu próprio valor. Para aqueles moços, rasgaram-se os véus de novos horizontes, e campos de maiores pejeas fascinaram-lhes as inteligências, já saturadas de conhecimentos sadios e seguros. Uns iriam lutar, imediatamente, pelo pão de cada dia, enquanto outros apenas haviam de transpor os umbrais do “Instituto”, para continuarem na conquista de outras tantas histórias intelectuais. Eles estão espalhados pelo Brasil afora, numa demonstração de valor que entusiasma, e que é uma consagração ao mérito dos que não medem sacrifícios para servir a Deus, à Pátria e à Família. (PIRES, 1947, p. 23).

Em seu registro, o então professor José Nelson Pires assinala que o trabalho educacional desenvolvido no Ginásio São Luiz Gonzaga, desde a fundação em 1937, foi responsável por conquistar a confiança das famílias parnaibanas e do interior; no entanto, é preciso ressaltar que nem todas as famílias parnaibanas podiam colocar os filhos para estudar na instituição, pelas condições já discutidas anteriormente envolvendo o Ensino Secundário.

Apenas os filhos das famílias abastadas podiam frequentavam o Ginásio São Luiz Gonzaga entre as décadas de 1940 a 1950. Na avaliação do professor, aqueles que tinham concluído o curso ginasial podiam ter confiança e certeza no futuro promissor, com duas opções: uma era permanecer em Parnaíba e ingressavam no mundo do trabalho; a outra, seguida por muitos parnaibanos, foi cursar o ensino superior em estados como Minas Gerais, Ceará, Recife, Rio de Janeiro, dentre outros. O próprio José Nelson Pires concluiu o curso ginasial em 1943 e foi para o Rio de Janeiro, onde se formou em Educação Física.

Pires (1947) cita que o Ginásio São Luiz Gonzaga ganhou a confiança também das famílias do interior, ou seja, famílias abastadas que viviam na zona rural ou na sede de municípios piauienses e estados vizinhos como Ceará e Maranhão, que enviavam seus filhos para o internato do Ginásio São Luiz Gonzaga. A escola, desde a fundação, investiu na divulgação de sua existência e de seus princípios. Financiada em 1939, a viagem do professor Joaquim Custódio à vizinha cidade de Piracuruca, por exemplo, deu-se para fazer divulgação da criação do curso ginasial e do internato. A divulgação em periódicos, como o *Jornal da Tarde*, *O Norte*, *Aljava* e *O Sino*, *Almanaque da Parnaíba* e na rádio Educadora de Parnaíba, cobria as atividades educativas desenvolvidas pela escola como passeios, viagens de alunos, festas de formatura, discursos dos oradores e informações sobre aprovados egressos em vestibulares fora do Piauí. Desse modo, a escola podia divulgar sua existência.

O trabalho de divulgação realizado pela escola, por meio de periódicos, as palavras de apoio do editor do *Almanaque da Parnaíba* e o convite lançado para que a família parnaibana apoiasse o empreendimento contribuíram para o crescimento do número de matrículas no ensino secundário, ofertado pelo Ginásio São Luiz Gonzaga. Como é possível observar pelos números apresentados, foi expressiva a quantidade de alunos matriculados no curso ginasial do Ginásio São Luiz Gonzaga entre os anos de 1939 a 1945, período em que a escola funcionou na residência do médico Mirócles Campos Veras.

Tabela 10 - Número de alunos matriculados no Curso Ginásial (1939-1945)

Ano	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
1939	34 alunos	-	-	-
1940	46 alunos	39 alunos	-	-
1941	31 alunos	39 alunos	32 alunos	-
1942	71 alunos	50 alunos	28 alunos	16 alunos
1943	57 alunos	53 alunos	25 alunos	22 alunos
1944	78 alunos	49 alunos	48 alunos	22 alunos
1945	45 alunos	45 alunos	45 alunos	41 alunos

Fonte: Livro de Matrículas do Curso Ginásial (1939-1959).

Com a implantação do ensino secundário, o Ginásio São Luiz Gonzaga recebeu alunos, tanto de outras cidades do Piauí quanto de outros Estados. Conforme informações obtidas no Livro de Matrículas (1939-1959), entre as décadas de 1940 a 1960, o Ginásio São Luiz Gonzaga, com seu internato, foi referência para famílias do norte do Piauí, recebendo alunos vindos de: Pedro II, Piracuruca, Cocal, Piripiri, Campo Maior, Buriti dos Lopes, Luiz Correia, e de estados como o Ceará e o Maranhão, dentre outros.

Tabela 11 - Local de residência dos alunos matriculados no Curso Ginásial

Ano de matrícula	Declaram residências em Parnaíba-PI	Residentes em outras cidades do Piauí	Residentes em outros Estados
1939	25 alunos	7 alunos	2 alunos
1940	73 alunos	8 alunos	4 alunos
1941	90 alunos	9 alunos	3 alunos
1942	125 alunos	24 alunos	15 alunos
1943	137 alunos	-	-
1944	105 alunos	21 alunos	72 alunos
1945	101 alunos	55 alunos	20 alunos
Total	656 alunos	124 alunos	116 alunos

Fonte: Livro de Matrículas do Curso Ginásial (1939-1959).

Conforme o número de alunos matriculados entre 1939 e 1945, os parnaibanos foram maioria no curso ginásial nos primeiros anos de funcionamento. A partir de 1939, a escola criou um internato que recebia jovens no ensino primário e secundário. No entanto, o livro de matrículas não informa a modalidade escolhida pelos alunos no ato da matrícula. Por esse motivo, não é possível afirmar que todos os alunos vindos de outras cidades do Piauí e de outros

estados foram matriculados no internato, tendo em vista que, no período pesquisado, era prática comum entre as famílias enviar seus filhos para casa de parentes ou pensões, enquanto realizavam o ensino secundário⁷³.

O método Morelli, que consiste em “não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas [...] examinar os pormenores mais negligenciais” (GINZBURG, 2012, p.144), foi importante para saber os jovens que cursaram o ensino secundário no Ginásio São Luiz Gonzaga. Esses pormenores foram encontrados nas fichas de matrícula dos alunos. É importante deixar claro que nem todas as fichas de matrícula referentes ao período pesquisado foram conservadas; no entanto, a análise das fichas encontradas mostra que em alguns casos, o campo dedicado ao nome, nacionalidade e profissão do pai nem sempre foi preenchido, o que inviabilizou uma identificação mais precisa sobre a origem social de todos os jovens matriculados no curso ginásial. Apesar disso, a análise das fichas preenchidas informa que os alunos pertenciam a famílias abastadas, com relevância social, como donos das casas de comércio de importação e exportação de Parnaíba, filhos de fazendeiros, políticos, profissionais liberais como contabilistas, bancários, médicos, bacharéis, professores, engenheiros, funcionários públicos federais, estaduais e municipais, traço que se manteve sem grandes alterações até meados da década de 1950.

Em sua autobiografia, Maria do Socorro Machado (2000), cuja família morava em Cocal, relata o desejo e o esforço do pai, João Justino de Brito, para oferecer o ensino secundário os filhos:

Segundo a Mamãe Filó, o sonho do papai era dar o ginásio a todos os filhos. Assim, os mais velhos, Senhorzinho e Deuzinho, foram estudar internos no Ginásio São Luiz Gonzaga, em Parnaíba, dirigido pelo Padre David. Era uma escola particular, com professores vindos do Ceará, como o Prof. José Rodrigues e o Prof. Rebouças. Os alunos usavam bonitos uniformes, jogavam futebol e tinham uma banda de música. (MACHADO, 2000, p. 37).

Ao reconstituir as lembranças de sua família, Machado (2000) ressalta o valor que seu pai dava à educação escola e aspectos da instituição escolar para onde os irmãos foram enviados. Sobre isso, Marina Maluf (1995, p. 49) assinala que “reconstruir lembranças do quadro familiar significa transmitir uma dupla mensagem, pois se de um lado isso diz respeito à singularidade da memória afetiva e única de cada família, de outro são lembranças referidas a uma memória social de âmbito mais amplo”. A memória familiar também é constituída por

⁷³ Cf. CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Famílias e escritas**: a prática dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX. 230f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

lembranças herdadas. Cada família tem suas tradições e sua cultura que vão sendo repassadas pelos mais velhos às novas gerações. Sobre as lembranças de família, Ecléa Bosi (1994, p. 423) defende que “as lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constitui uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada”.

Francisco de Assis Almeida Brasil (2018), ao narrar sobre suas memórias escolares, também envolveu o grupo doméstico, ressaltando a atuação de seus pais em sua educação:

Minha mãe era pianista, ela tocava música clássica e fazia uns textos de teatro para serem encenados na Igreja Católica, no Cine Teatro Éden. Era um cinema e, ao mesmo tempo, teatro. O nome dela era Rosa, mas adotou o nome de Roseira. Minha mãe tinha formação escolar, ela viajou. O pai dela, meu avô por parte de mãe, era um homem culto. Ele levou minha mãe para conhecer Paris. [...]. Já meu pai era de uma família mais simples, ele era negociante. Tinha um comércio na Praça da Graça. Ainda hoje existe o local em Parnaíba. Embora ele não tivesse curso superior, era um cara muito inteligente, experiente. Ele montou uma fábrica de gelo em Parnaíba. (Francisco de Assis Almeida Brasil, 2018).

Sobre a origem dos alunos do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga, após analisar os documentos de matrícula, foi possível identificar que sua constituição era composta por meninos que haviam cursado o ensino primário no Ginásio São Luiz Gonzaga e outros que fizeram o primário nos grupos escolares municipais. Ademais, alunos transferidos de ginásios localizados em outras regiões do país e muitos casos, como Edimar Pereira Fontenele, que, ao narrar sua trajetória escolar no curso ginásial, assinala:

Eu comecei a estudar na Ipueira também conhecido como Santa Rosa. O meu pai contratou uma professora. Naquele tempo, uma professora era quem sabia o ABC. Ele contratou e levou para a fazenda, lá para nossa casa e, então, lá ela nos alfabetizou. Ensinou a mim e meus irmãos o ABC. Depois minha mãe, que tinha umas amigas e ia sempre a Parnaíba, aquela coisa toda, ficou sabendo da escola, então ela me internou no Ginásio São Luiz Gonzaga. Eu acho que eu tinha oito anos quando fui interno lá. Minha mãe me internou para fazer o primário. Logo quando eu cheguei lá, passei por uma avaliação. E depois dessa avaliação, eu entrei no segundo ano do curso primário e depois o ginásio (Edimar Pereira Fontenele, 2019).

Por meio das narrativas orais dos alunos que frequentaram a escola no período investigado, é possível saber que alguns parnaibanos ficavam na condição de semi-internos e em algumas eventualidades até internos, como fez Francisco de Assis Almeida Brasil, ao dizer que entre os anos de 1941 e 1942, foi aluno externo do então Instituto São Luiz de Gonzaga, juntamente com seu irmão Antônio Portugal, mas ficaram no internato por aproximadamente dois meses enquanto sua mãe fazia uma viagem.

A narrativa de Noé Fortes de Souza Pires, filho de um fazendeiro que morava em Joaquim Pires, em suas recordações sobre seus pais, relembra: “minha mãe era a pessoa que mais lutava por isso, minha filha; ela foi a maior defensora da educação dos filhos. Meu pai não teve a oportunidade de estudar. Ele sabia assinar o nome porque mamãe ensinou, mas era um homem inteligente!!”. E continua a narrativa: “Nós éramos 12 irmãos, sendo 11 homens e uma mulher, e todos os 11 estudaram no São Luiz Gonzaga. Minha filha, o São Luiz Gonzaga era um Colégio respeitado até em Recife. Era um Colégio de respeito quase nacional”.

Ser aluno do ensino secundário entre as décadas de 1940 a 1960 era um sinal de distinção na sociedade parnaibana. Para as famílias, ter um filho estudando, especialmente no Ginásio São Luiz Gonzaga, instituição católica, funcionando num majestoso edifício localizado no bairro nobre da cidade, frequentada por filhos dos donos de casas comerciais de importação e exportação, políticos, intelectuais e escritores, ricos fazendeiros, composta por um grupo de professores, considerados do mais alto nível intelectual, com uma rígida disciplina era símbolo de prestígio na sociedade.

No período investigado, o ensino secundário, por seu caráter elitista, exigia poder aquisitivo para arcar com as despesas escolares, desde a matrícula, as mensalidades e o material escolar. Para as famílias que enviavam os filhos para o internato, as despesas se tornavam maiores, tendo em vista que, além das despesas com material escolar, ainda tinha as despesas com alimentação. Tudo isso inviabilizava o ingresso de filhos de famílias de menor poder aquisitivo, contribuindo para o aumento da desigualdade social na sociedade brasileira.

As bolsas de estudos oferecidas pela prefeitura municipal, as subvenções do governo federal e a criação do Fundo Nacional para o Ensino Médio, possibilitou que uma parcela de jovens de diferentes grupos sociais pudesse ter acesso ao ensino secundário em instituições privadas, como o Ginásio São Luiz Gonzaga. Essas ações governamentais não resolveram o problema de falta de vagas para o ensino secundário, modalidade de ensino frequentada por um grupo seletivo da sociedade.

As narrativas orais dos egressos do curso ginasial apresentam como a escola selecionava os alunos para receber a bolsa de estudos e quem participava da seleção:

Para ganhar a bolsa de estudo, você se submetia a um teste seletivo. Eram bolsas do MEC e não tinha interferência política. Tinha uma seleção e você era obrigado a ter uma nota mínima. Se tirasse menos de sete, não tinha a bolsa renovada. E os pais acompanhavam tudo. Aquilo ali dava uma folga ao orçamento familiar. Não sei dimensionar a quantidade de bolsistas que tinha na escola, sei que a procura pelo teste seletivo era grande. Aquelas pessoas com maior poder aquisitivo em Parnaíba, os filhos não participavam. Meu caso era outro: meu pai era comerciante, minha mãe era professora. Então, eu

e meu irmão fazíamos a seleção. Aliás, nos meus estudos eu sempre tive bolsa. No Ciclo Operário, no Primário, eu também tinha uma bolsa; no Ginásio, a bolsa era parcial ou integral. Quando eu fui para Itajubá, o segundo e o terceiro ano Científico, também tinha bolsa parcial. (Renato Castro dos Santos Junior, 2019).

Nas recordações de Lilian Maria de Almeida Castro (2019), que cursou os dois primeiros anos do curso ginásial no Colégio Nossa Senhora das Graças e, em 1957, com a implantação do curso ginásial feminino, transferiu-se para o Ginásio São Luiz Gonzaga, onde concluiu o ginásial em 1958. Ao mencionar o nome dos colegas que foram seus contemporâneos no curso ginásial, Castro (2019) relata que

Estudou no São Luiz Gonzaga, o Antônio de Pádua, prefeito de Luís Correia estudava lá. O Genuíno Sales, que foi diretor de um dos melhores colégios em Fortaleza, também estudava lá. Paulo de Tarso, Mão Santa, Paulo Lages, Valdir Aragão, todos eram meus colegas e todos hoje são formados, inclusive o irmão do ex-ministro Reis Veloso que também estudava lá. Então, era o colégio da elite parnaibana. Mas lá também tinham pessoas de menor poder aquisitivo, inclusive na minha sala, que hoje ocupam cargos importantes na sociedade, como promotor, juiz, dentre outros. (Lilian Maria Almeida Castro, 2019)

Após afirmar que o Ginásio São Luiz Gonzaga “era uma escola da elite parnaibana”, a narradora faz uma reflexão e pondera sua afirmação, dizendo que também tinham pessoas consideradas por ela de menor poder aquisitivo que estudavam na instituição. Os relatos dos narradores, juntamente com os documentos escolares, apontam que no Ginásio São Luiz Gonzaga havia membros de diversos grupos, habitando lugares diferentes, como zona rural e urbana, que conseguiram ter acesso ao curso ginásial oferecido pela escola.

A escola buscou construir uma imagem positiva junto à sociedade piauiense. Divulgava as práticas e as conquistas dos alunos aprovados nos vestibulares realizados em outros estados nos jornais locais, para mostrar que os alunos tinham bons resultados ao concluir o curso ginásial, como fez quando o egresso Antônio Teles de Sousa foi aprovado em primeiro lugar no Liceu Estadual do Ceará.

Primeiro Lugar em Exames

Vem de alcançar a primeira colocação nos exames de seleção no Liceu Estadual do Ceará o jovem Antônio Teles da Silva, aluno do Ginásio São Luiz Gonzaga. O Antônio Teles disputou com 150 colegas um lugar na 3ª série no Liceu e classificou-se em primeiro lugar, elevando assim o padrão intelectual do Ginásio São Luiz Gonzaga, onde estudou até hoje. Parabéns ao vencedor, à sua família e ao S. Luiz. (O SINO, 15 de fev. de 1959, p. 4).

A imagem de uma escola moderna, asséptica, de alunos disciplinados e estudiosos construída em torno do Ginásio na cidade fazia com que alunos como a Maria do Rosário Pessoa Nascimento, que ao se referir a sua história de vida escolar, confessasse ser o Ginásio São Luiz Gonzaga sua escola preferida para fazer o curso ginásial. Da mesma forma, Diderot dos Santos Mavignier, que realizou o ensino primário e o secundário no Ginásio São Luiz Gonzaga, entre os anos de 1962 a 1971, período em que o colégio manteve o curso ginásial exclusivamente masculino. Ao se reportar ao período em que fez o curso secundário no Ginásio São Luiz Gonzaga, Mavignier (2019) faz as seguintes considerações sobre a escola:

Na época era o sonho de todo menino estudar aqui! Estudar no Ginásio São Luiz Gonzaga! Era um colégio a que você rapidamente se achava pertencendo, sendo parte daquela comunidade constituída pelos alunos do Colégio. Porque o São Luiz Gonzaga, na época, exercia um fascínio em nós. Tudo o que acontecia no São Luiz Gonzaga era tido como grandioso. Eu cito, como exemplo, o Sete de Setembro. Quando se dizia ‘lá vem o São Luiz Gonzaga!’, todos corriam para ver, pois era um desfile muito bonito!! Eu acho que todo adolescente de Parnaíba pedia aos pais para vir estudar aqui. Era meu sonho estudar no São Luiz Gonzaga e até porque minha mãe lecionou aqui. Quando eu vim ser aluno, ela já não lecionava mais aqui. Mas ela sabia que o Colégio tinha uma alta qualidade de ensino e ainda tinha o fato de ser um Colégio católico e minha mãe também era católica. O fato de ser católico era mais um atrativo, pois nós estamos em um colégio católico até hoje. (Diderot dos Santos Mavignier, 2019).

Em suas memórias escolares, Mavignier (2019) relaciona elementos presentes na cultura escolar cívico católica do Ginásio São Luiz Gonzaga que, para ele, exercia fascínio e despertava desejo sobre os jovens de ingressar na instituição. Aponta as apresentações públicas da escola nas datas comemorativas nacionais como o Sete de Setembro, a qualidade do ensino ofertado e enfatiza o fato de ser uma escola católica como um critério de escolha que foi adotado por sua família.

Na cultura escolar cívico católica do curso ginásial, o conjunto de regras disciplinares era válida para todos, independentemente da condição de internos, semi-internos e externos. Sobre a vida escolar no regime de internato entre os anos de 1940 a 1943, Francisco de Paula Neves⁷⁴ deixou registrado na Revista *Argos* (1943) sua reação ao receber a notícia dada por sua mãe, Margarida Rosa Anunciação, que seria enviado para o internato em Parnaíba.

No texto intitulado “Recordações”, Neves (1943), descrevendo o dia e a forma como seus parentes, especialmente na mãe, que estava realizando um sonho de poder enviar o filho para estudar uma instituição escolar, reagiram diante da notícia.

⁷⁴ Conforme livro de Matrículas do Ginásio São Luiz Gonzaga, Francisco de Paula Neves, nasceu em Tutóia-MA, em 1 de abril de 1925. Filho de Margarida Rosa Anunciação.

Passados os primeiros instantes de frêmito, minha mãe, um pouco trêmula, toma-me pelo braço e faz-me saber a causa de tamanha emoção. – Sinto-me sinceramente satisfeita, principiou ela, com a nova que teu primo e padrinho acaba de nos transmitir. Mandar-te-á em breves dias a cidade de Parnaíba, aonde iras estudar. (NEVES, 1943, p. 31).

A descrição de Neves (1943) demonstra o quanto a família, em especial sua mãe, tinha o desejo de que o filho estudasse o ensino secundário. No entanto, para ele, a notícia de que seria enviado para um internato em Parnaíba não foi tão emocionante. Com seus 15 (quinze) anos de idade, passou a imaginar como seria sua vida na escola: “daí por diante tudo correu bem. Minha mente, às tontas pintava maravilhosamente o novo ambiente em que teria de ingressar” (NEVES, 1943, p. 32). Os pensamentos eram mais fortes na calada da noite, momento que tirava para refletir e imaginar sua nova morada pelos próximos anos.

Descreve da seguinte forma o Ginásio São Luiz Gonzaga de sua imaginação: “à noite, especialmente, pensamentos quiméricos assenhorearam-se de mim e, num turbilhão incontido me transportaram a regiões fantásticas, onde era beleza e resplendor”. Após a angústia vivida nos primeiros dias após ter sido surpreendido por sua mãe com a notícia de que seria enviado para o internato, Neves (1943) relata como foram seus dias: “consumiam-se numa vertigem indescritível, deixando-me num estado de nervos inefável. Finalmente chegou o dia da partida. Concluídos os preparativos, zarpei numa linda e fresca manhã de sol brilhante, que vivamente contrastava com meu coração dilacerado de saudades” (NEVES, 1943, p. 32).

Depois de longos dias de angústia, chegou o dia de deixar a casa materna e seguir viagem para a “terra do Simplício Dias”, forma como denominou Parnaíba e encontrar a escola já tinha morada certa em seus pensamentos.

[...] Após uma noite de vigília, pois que não pude conciliar o sono, cheguei finalmente à terra de Simplício Dias.
No dia seguinte, fui levado à presença do Diretor do S. Luiz, onde me havia proposto estudar. E nem queiram saber caros leitores a *sensação tenebrosa que experimentei ao pôr os pés no portão central daquela casa de educação! Tive a impressão de estar diante de um monstro de proporções descomunais, só comparável aos da mitologia grega. E que ia ser por ele tragado* [...]. (NEVES, 1943, p. 32 – grifos nossos).

Nas primeiras décadas do século XX, muitas famílias abastadas contratavam professores particulares para ensinarem seus filhos a ler e escrever. Depois que sabiam as primeiras letras, procuravam uma instituição para cursar o Ensino Secundário. Assim, o Ginásio São Luiz Gonzaga recebeu muitos meninos de outras cidades e da zona rural do Piauí e de estados próximos, que viram na escola uma oportunidade para formar seus filhos. No caso dos

meninos que moravam em Parnaíba, estes já tinham a opção de frequentar grupos escolares, Institutos e Ginásios como o São Luiz Gonzaga que, no século XX, tornou-se uma referência para estados vizinhos, como o Maranhão, estado de origem do jovem Francisco de Paula Neves.

É importante frisar que o costume de frequentar a instituição escolar apenas no Ensino Secundário não se limitava a meninos que moravam nas pequenas cidades ou na zona rural. Muitos parnaibanos deixaram claro em suas narrativas orais que a primeira instituição escolar que frequentaram foi o Ginásio São Luiz Gonzaga e, assim como Francisco de Paula Neves, ao adentrar os portões da escola, passaram a viver uma cultura onde suas ações eram reguladas por tempo escolar, controlado e ordenado, marcado por ritmos e atividades regulares, diferente daquele a que estavam acostumados no ambiente familiar (FOUCAULT, 2011).

A cultura escolar é diferente da cultura familiar. Ao ingressarem na escola, os meninos vivenciam experiências diferentes daquelas a que estavam acostumados. Na instituição escolar, o tempo e os espaços são regulados por uma organização disciplinar que controla as atividades, a fim de “garantir a qualidade do tempo empregado: controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo o que possa perturbar e distrair; trata-se de construir um tempo integralmente útil” (FOUCAULT, 2011, p. 145).

4 MOLDANDO CONDUTAS: PRÁTICAS, RITOS E TRADIÇÕES NO CURSO GINASIAL

Neste capítulo, analisaremos as práticas, ritos e tradições presentes na cultura escolar do curso ginasial do Ginásio São Luiz Gonzaga, entre as décadas de 1939 a 1971, recorte temporal desta tese de doutorado. A narrativa construída a partir das memórias escolares dos egressos e dos documentos escolares possibilita contar uma história sobre o cotidiano dos alunos no curso ginasial. Analisamos aqui o projeto educativo cuja finalidade era oferecer uma “educação sadia, ao lado de uma instrução perfeita e completa”, pautada nos princípios da moral cristã e nas modernas normas de higiene e pedagogia, aos jovens parnaibanos. O Ginásio São Luiz Gonzaga apresentou, em seu Estatuto, as atividades complementares compostas por: imprensa escolar, grêmio literário, Orfeão e o Círculo de Pais⁷⁵. A partir da documentação analisadas, consideramos essas práticas elementos fundantes da cultura escolar do curso ginasial.

4.1 O Grêmio Literário e a Imprensa Escolar

O grêmio literário foi um dos elementos da cultura escolar cívico católica vivenciado pelos alunos no curso ginasial do Ginásio São Luiz Gonzaga, espaço⁷⁶ educativo que tinha como finalidade desenvolver nos alunos o gosto pelo esporte, pela arte e pela literatura, além de despertar o interesse pelos problemas nacionais, inerentes à formação de Bacharel em Ciências e Letras, conforme pensamento da época.

A promulgação da Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942) incentivou a criação dessas associações nas instituições de ensino secundário. Conforme o artigo 46,

os estabelecimentos de ensino secundário deverão promover, entre os alunos, a organização e o desenvolvimento de instituições escolares de caráter cultural e recreativo, criando, na vida delas, com um regime de autonomia, as condições favoráveis à formação do espírito econômico, dos bons sentimentos de camaradagem e sociabilidade, do gênio desportivo, do gosto artístico e literário. (BRASIL, 1942).

Nos estabelecimentos de ensino secundário, instituições escolares de caráter cultural e recreativo, os grêmios estudantis exerceram papel importante na formação intelectual, moral e cívica da juventude brasileira. Para Souza (2008, p. 130), “as agremiações e a imprensa

⁷⁵ A pesquisa não localizou indícios da realização dessa atividade.

⁷⁶ Entendemos “espaço”, segundo a definição de Michel de Certeau, como sendo um lugar praticado. Cf. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes do fazer. Petrópolis: RJ: Vozes, 2003, p. 202.

lançavam os jovens estudantis na vida pública, divulgando a vida escolar para a sociedade e debatendo na escola fatos e problemas sociais”. A participação nos grêmios escolares, além de uma forma de socialização, possibilitava aos alunos vivências de práticas que os preparavam para participação em atividades públicas, eventos culturais, torneios esportivos, produção e publicação de periódicos escolares, como revistas e jornais, práticas presentes nas ações do Grêmio Cívico Literário Tiradentes, conforme o relato de José Nelson de Carvalho Pires, que ao relacionar as atividades desenvolvidas no Ginásio São Luiz Gonzaga, menciona “o funcionamento de uma associação cívico-literária: o “Grêmio Cívico-Literário Tiradentes”, o jornal escolar – “Juventude”, instituições de grande relevo na vida daqueles que buscam aperfeiçoar o dom da oratória e a arte de escrever, além de serem excelente meios de educação (PIRES, 1947, p. 21-22).

Como era de costume, o Grêmio Literário do Ginásio São Luiz Gonzaga escolheu uma figura relevante no cenário nacional como patrono da organização. “Tiradentes” foi o escolhido, visto ser apontado pela historiografia como um dos símbolos do movimento republicano no Brasil, tornando-se, “talvez, o personagem mais popular da história nacional, adquirindo contornos heroicos e *status* de mito político” (FONSECA, 2002, p. 402). Ao longo das décadas de 1930 a 1960, conforme interesses e circunstâncias, a participação de Tiradentes na Inconfidência Mineira foi representada de diferentes formas e significados, sendo uma das últimas como um mártir cristão e cívico que se sacrificou pelo bem da nação (FONSECA, 2002).

Nas instituições de ensino secundário da cidade de Parnaíba-PI, os grêmios realizavam solenidades para comemorar as datas de sua criação, com a participação de autoridades locais, religiosos e membros das instituições de ensino secundário existentes na cidade, conforme a notícia:

Sessão solene promovida pelo Grêmio Literário-Recreativo Dr. José Pires, do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, em 28 de março de 1948, data em que se comemora o aniversário de fundação do Grêmio. Encontram-se presentes autoridades locais, inclusive representantes de todos os Ginásios de Parnaíba. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1949, p. 278).

Rodrigues (2015), ao discutir sobre o associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva, assinala que “as associações estudantis se constituíram como lugares de aprendizado que avançavam as fronteiras das salas de aula e, por meio de seus códigos e ritos, compuseram a cultura escolar presente na realidade de diversas instituições de ensino brasileira” (RODRIGUES, 2015, p.17). Em relação ao Ginásio São Luiz Gonzaga, a criação do

grêmio estava prevista no Artigo 22 (Organizações Pedagógicas) do Estatuto da instituição, resultado de uma ação pedagógica planejada pelo corpo docente e pela Direção, como um espaço de educação cívica na formação intelectual dos jovens parnaibanos.

James Kelso Clark Nunes, conhecido como Jimmy Clark Nunes, publicou, no *blog* “Riquezas da vida: estudo e lazer”⁷⁷, parte da sua autobiografia. Nela, relatou atividades de que participou na condição de gremista. A memória escolar narrada por Nunes (2019) é composta por acontecimentos, lugares e personagens com os quais ele conviveu durante o curso ginásial. Ao se recordar das atividades escolares, narra momentos compartilhados com alunos e professores da escola nas comemorações cívicas da cidade.

Em 1938, tive a sorte de ingressar no Instituto São Luiz Gonzaga, cujo Diretor, Prof. José Rodrigues e Silva, tornou-se não só um mestre para mim, mas também amigo e orientador. O Prof. Joaquim Custódio dirigia um Grêmio Cívico Literário, que realizava sessões nas tardes dos sábados, unindo o útil ao agradável. Em **1941**, fui eleito presidente. Na foto maior, sou o 5º da esq. para a direita. [...] Graças ao estímulo dos citados Professores, aprendi a falar em público. Na foto estou, aos 14 anos, discursando (em nome dos estudantes parnaibanos) em 7.9.1942, no coreto da Praça da Graça, onde se encontravam o Prefeito Municipal, o Vigário da Paróquia e a ilustre visitante Eunice Weaver. O ato foi seguido do tradicional desfile do “Tiro de Guerra” (do Exército) e de alunos dos colégios, como parte da programação da “Semana da Pátria”. O discurso foi feito a quatro mãos, principalmente as do Professor José Rodrigues, mas a empolgação foi minha – exaltando o patriotismo e condenando os afundamentos de muitos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães. Apenas duas semanas antes o Brasil havia declarado guerra à Alemanha e à Itália e rompido relações com o Japão. (James Kelso Clark Nunes, 05 de maio de 2019 – grifos do autor).

A atuação do professor Joaquim Custódio junto aos gremistas, assim como a forma como ele condizia às reuniões do grêmio, o conteúdo das reuniões, deixou marcas na memória dos alunos. Em sua autobiografia, João Paulo dos Reis Veloso, ao se recordar dos professores do Ginásio São Luiz Gonzaga e suas práticas, menciona que “havia o professor Custódio, de ciências. Não que eu tenha aprendido muito de ciências com ele, mas porque ele falava no grêmio do colégio e sempre apresentava os mitos gregos. Pela primeira vez ouvi falar da história de Édipo, que me impressionou muito” (D’ARAUJO; CASTRO, 2004, p. 26).

A narrativa de Nunes (2019) indica que, na década de 1940, o grêmio já se chamava Grêmio Cívico Literário Tiradentes, dirigido pelo professor Joaquim Custódio. Na companhia de José Rodrigues e Silva, Diretor da instituição, preparavam e acompanhavam os alunos para as comemorações cívicas que aconteciam na cidade, como o ato cívico promovido pela visita

⁷⁷ Cf. <https://riquezasdevidaweb.blogspot.com/2019/05/90-anos-1-vida-estudo-e-lazer-postagem.html> Acesso: em 08/08/2020.

de Eunice Weaver, Presidenta da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, que esteve em Parnaíba, em setembro de 1941, promovendo uma campanha em prol da construção de um Preventório para os filhos dos Lázaros, momento marcante na memória de Nunes (2019).

Por seu protagonismo na luta em defesa das pessoas acometidas pela doença, Eunice Weaver foi homenageada com o nome de uma rua na cidade de Parnaíba, conforme o Decreto-Lei nº. 54, de 29 de setembro de 1941:

Denomina “Rua Eunice Weaver”, nesta cidade.

O Dr. Mirócles Campos Veras, Prefeito Municipal de Parnaíba, usando de suas atribuições legais e considerando que o Poder Público no Brasil se acha empenhado na campanha de combate à Lepra;

Considerando que toda colaboração particular a tão patriótico empreendimento é um gesto nobre que só pode exaltar o cidadão na consciência nacional;

Considerando que os serviços prestados pela Exma. Sra. D. Eunice Weaver, Presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, neste memorável certame de amparo aos filhos dos hansenianos em nosso país, a tornam credora de imperecível gratidão de todos os que foram beneficiados pela sua benemérita ação;

Considerando que o povo de Parnaíba, sente-se reconhecido a D. Eunice Weaver pela inestimável colaboração que veio trazer a esta cidade, dirigindo a campanha em favor da construção de um Preventório para os filhos dos Lázaros, e deseja render-lhe uma homenagem condigna, associando seu nome aos benfeitores da terra piauiense,

Faço saber que o Departamento Administrativo do Estado promulga e eu sanciono o seguinte:

DECRETO-LEI:

Artigo 1º - Fica denominado “Rua Eunice Weaver”, a atual rua sem denominação que liga a rua Simplício Dias à Avenida Presidente Getúlio Vargas desta cidade, entre a Rua Benjamim Constant e a Avenida Dr. João Pessoa. [...]. (PARNAÍBA ... *Diário Oficial*. 13 de abril, 1942, p. 11).

A direção do grêmio era escolhida em uma eleição, momento que contava com a participação de todos os alunos da escola. O fato de a escolha da diretoria envolver um processo eleitoral que englobava toda a instituição demonstra que o grêmio, além de preparar os alunos para serem intelectuais, oradores e escritores, também era um espaço de formação política. Os alunos tinham que preparar propostas, organizar-se em chapas, preparar as cédulas (figura 37) e fazer a campanha eleitoral dentro da escola, que culminava com a eleição e posse da chapa vitoriosa.

Figura 37 - Cédula eleitoral (1970)

CHAPA PE. VIEIRA

☒	PRESIDENTE	-	CHARLES DE MELO PIRES
☒	VICE	-	JULIMAR CARVALHO
☒	SECRETÁRIO	-	ARNALDO PINHO
☒	ORADOR	-	ANTÔNIO DE PÁDUA MELO
☒	TESOUREIRO	-	FRANCISCO DE ASSÍS GOMES
☒	VICE	-	LUIZ AUGUSTO MELO

CHAPA PE. SOARES

☐	PRESIDENTE	-	MARCOS LUIZ DE REZENDE
☐	VICE	-	PEDRO SOUSA FILHO
☐	SECRETÁRIO	-	RIBEIRO MAGALHÃES JÚNIOR
☐	VICE	-	EDSON CARVALHO REBELO
☐	ORADOR	-	BERNARDO SILVA SANTOS
☐	TESOUREIRO	-	FRANCISCO DAS CHAMAS COSTA
☐	VICE	-	JOSE CARLOS COSTA

O Grêmio dinamiza o estudante e esta chapa ativa a dinamização.

Mons. Antônio

Ginásio São Luiz Gonzaga
 Av. Capitão Cláudio, s/n
 —Telefone 12-61—
 Parnaíba-Piauí

Fonte: Arquivo Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

O período de escolha da direção do grêmio era momento de euforia entre os alunos. Mavignier (2019), ao se recordar do período eleitoral, relata ações realizadas pelos candidatos durante a disputa pelos cargos na diretoria:

Nós tínhamos aqui o Grêmio Cívico Literário Tiradentes. Eu nunca fui da diretoria do Grêmio, mas eu participava nas campanhas. Na época, aquela varanda do prédio onde funcionou o internato era usada como palanque. Formavam-se duas chapas para concorrer à diretoria do Grêmio e os candidatos iam para o palanque discursar e a meninada ficava embaixo escutando as propostas de cada chapa [...]. (Diderot dos Santos Mavignier, 2019).

Ao fazer parte da Diretoria do Grêmio, o aluno ocupava uma posição de destaque dentro e fora da instituição escolar, especialmente o presidente, que passava a ser o

representante legal dos alunos. Membros da diretoria de 1966, como presidente, secretário, diretor dos esportes, orador foram destacados no quadro de formatura de sua turma (figura 38):

Figura 38 - A Diretoria do Grêmio no quadro de Formatura do Curso Ginásial (1963-1966)



Fonte: Arquivo Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Gervásio Pires de Castro Neto (2018), quando estava cursando a quarta série ginásial, em 1965, foi eleito presidente do grêmio em 1965. Ao se recordar das atividades escolares da instituição, menciona a existência do grêmio e uma das atividades que precisava realizar enquanto presidente:

Aqui tinha um Grêmio Tiradentes, que o Tiradentes era o patrono. Eu fiz parte do Grêmio. Fui presidente do Grêmio escolar. Tenho muita honra de ter sido presidente. Tinha eleição e foram formadas duas chapas e eu, muito a contragosto, eu juro, fui eleito presidente. Fui candidato por insistência do padre Raimundo Vieira. Enquanto membro do grêmio, a gente ia para a Escola Normal, isso era ótimo!! Tinham garotas por todo lado, só que eu tinha que discursar!! Nossa!! Eu ficava muito nervoso, não enxergava nada na minha frente e, às vezes, nem falar eu conseguia e tinha que ler o discurso e eu suava demais!!! Ficava muito nervoso. Eu até falo demais, mas naquela hora eu sofria! (Gervásio Pires de Castro Neto, 2018).

A insistência do padre Raimundo Vieira para que Castro Neto (2018) participasse da eleição do grêmio aponta que a escola, por meio de seus diretores, apoiava e incentivava a participação dos alunos no grêmio:

O grêmio tinha uma diretoria formada pelos alunos, da qual eu fiz parte de forma tímida, mas fiz. Eu vim ter uma participação maior nessa parte estudantil na universidade no Diretório Acadêmico 03 de Março, ainda hoje tem o nome. Eu fui o primeiro vice-presidente, o segundo presidente. O Cláudio era muito atuante no grêmio escolar. Ele era metido com uma turma de teatro também, participava muito das atividades. Eu já me dedicava mais ao esporte. Sobre as festas escolares, naquela época todos os feriados e dias santificados não era dia de folga para aluno, não. Era dia de atividade esportiva. Os feriados cívicos e religiosos. Nos feriados religiosos em que tinha procissão, ia um grupo representando o Ginásio São Luiz Gonzaga como ia representação de todas as outras escolas. E se era feriado religioso, a missa era no São Luiz Gonzaga e todos os alunos de farda de gala, formada por uma calça azul com uma blusa de mangas longas e de gravata, depois a gravata foi abolida. (Renato de Castro Santos Junior, 2019).

Após a eleição do grêmio, era realizada uma cerimônia de posse (figura 39), que se dava por meio de sessão solene no auditório da escola, com uma programação iniciada com o hasteamento da bandeira, seguida por apresentação artística, leitura da ata, discurso do presidente, apresentação de trabalhos, leitura de poemas e poesias, com a presença e participação de toda a comunidade escolar para assistir posse da nova diretoria.

Figura 39 - Cerimônia de Posse da Diretoria do Grêmio Cívico Literário Tiradentes (1967)

Ginásio São Luiz Gonzaga
— CURSOS —
PRIMÁRIO — ADMISSÃO — GINASIAL
AVENIDA VEREADOR ALCENOR CANDEIRA
CAIXA POSTAL. 89 — FONE 12-61
PARNAÍBA — PIAUÍ

8.00 hs Hasteamento da Bandeira
8,15 Sessão solene da posse da nova Diretoria
Abertura da Sessão com o hino do Ginásio
Posse da Diretoria pelo Diretor do Ginásio
.....

1º Leitura da Ata pelo Secretário = Hiram Vilarinho Cavalcante
2º Palavras do Orador Oficial = Raimundo Uchôa Castro
3º Trabalho sobre a Inconfidência Mineira = José Paulo
4º Número de Canto em Inglês = Pela 2ª série
5º Palavra do Presidente = Weber Muellem
6º Poesia - Por Diogenes aluno do 5º ano primário
7º *Numero de Canto = Pela 1ª série*
8º Trabalho - por Vinicius Correia *2ª Serie*
9º Número de música por um "Trio" *CONJUNTO*
10º Palavra facultada
11º Hino ~~Nacional~~ do Ginásio

Hiram Vilarinho Cavalcante
Secretário

Weber Muellem
Presidente

São Luiz Gonzaga
Av. Capitão Claro. 89
— Telefone 12-61 —
Parnaíba - Piauí

Parnaíba, 20 de Abril de 1967

Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Após a cerimônia de posse, os gremistas passavam a executar as funções que, tradicionalmente, eram apontadas como suas atribuições na escola, dentre as quais estavam a participação e organização de ritos escolares, ritos cívicos, como o dia da bandeira, dia de Tiradentes, sete de setembro, dia das mães, dentre outros. As atividades realizadas pelo Grêmio contavam com a participação de alunos de todas as turmas do curso ginásial, que realizavam discursos, apresentavam biografias, a participação dos professores, e de autoridades cidade.

A estrutura de cargos da diretoria do grêmio foi se alterando com o passar dos anos, sendo criados mais cargos. A diretoria de 1943 (quadro 6), por exemplo, foi composta por oito cargos, ou seja, dois a mais que a diretoria de 1940:

Quadro 7 - Diretoria do Grêmio Cívico Literário Tiradentes (1943)

CARGO	ALUNO
Presidente	José Nelson de Carvalho Pires
Vice-presidente	Francisco de Paulo Neves
1º Secretário	José de Oliveira Viana
2º Secretário	José Maria Araújo
Orador	Humberto Teles
Tesoureiro	Clóvis Melo
1º Bibliotecário	Francisco Custódio
2º Bibliotecário	Antônio Freitas Machado

Fonte: Argos, 1943, p. 80.

A diretoria que regeu o Grêmio Cívico Literário Tiradentes, no ano 1943, teve sua imagem publicada na *Argos*, (figura 40), com os membros assim dispostos: “sentados da direita para a esquerda: - José Nelson C. Pires, Francisco de Paulo Neves, José de Oliveira Viana, José Maria Araújo. Em Pé: Humberto Teles, Clóvis Melo, Francisco Custódio, Antônio Freitas Machado” (ARGOS, 1943, p. 80).

Figura 40 - Diretoria do Grêmio Cívico Literário Tiradentes (1943)



Fonte: Argos, 1943.

Na composição da diretoria de 1969, notam-se alterações, como o cargo de bibliotecário ter sido substituído pelos cargos de presidente e vice-presidente esportivo. Isso evidencia mudanças na cultura escolar vivenciada pelos alunos da década de 1960, quando a prática esportiva e as relações com alunos de outras instituições de ensino secundário da ganhou mais proeminência. Havia interesse em participar dos campeonatos esportivos na Semana da Pátria, Semana da Parnaíba e nos Jogos Colegiais, que começaram a ser organizados na década de 1960, em Parnaíba.

Figura 41 - Diretoria do Grêmio Cívico Literário Tiradentes – gestão 1969

Grêmio Cívico Literário Tiradentes - gestão 1969	
Presidente	José Ivo dos Santos Pedrosa
Vice-Presidente	Israel José Nunes Correia
Orador Oficial	José Paulo N. da R. Junior
Vice Orador	Pedro José Ferreira Soares
Secretário	Gestão Neyes Rodrigues Filho
Vice-Secretário	Elfrance Gomes dos Santos
Tesoureiro	João Araújo Carvalho Filho
Vice-Tesoureiro	Francisco das Chagas Vêras
Presidente Esportivo	Raimundo Nonato F. de Sousa
Vice-Pres.dosEsportes	José de Arimatêa N. Soares

Fonte: Jornal Poder Jovem.

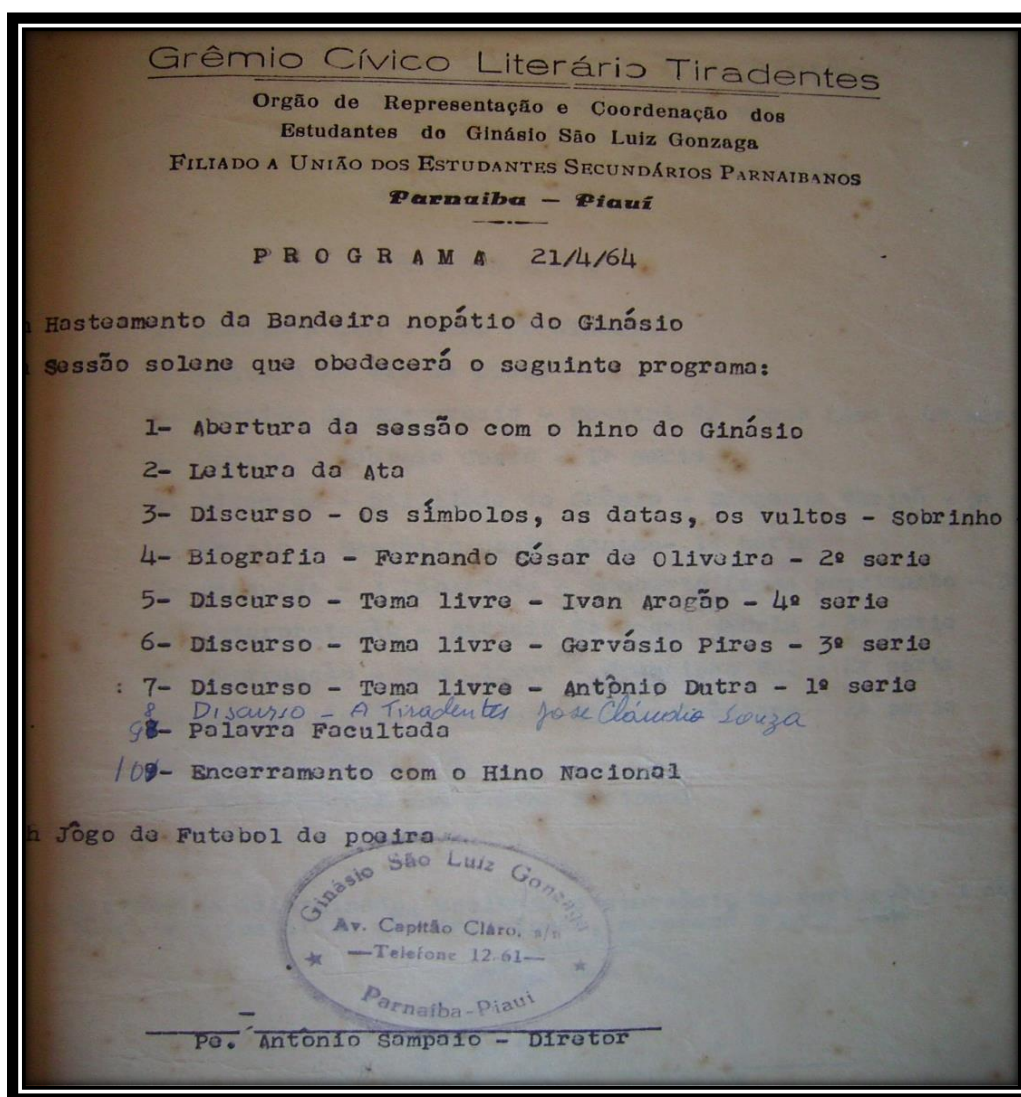
A presença do grêmio escolar deixou marcas nas memórias de egressos como Renato de Castro Santos Junior que ao se recordar da escola menciona as ações realizadas pelos gremistas no curso ginasial.

Uma coisa que era muito forte na época, principalmente no São Luiz Gonzaga, era o grêmio do Colégio. Lá era Grêmio Cívico Literário Tiradentes. Então todas as datas cívicas eram comemoradas. O civismo era muito presente tanto quanto a religiosidade. São Luiz Gonzaga ainda hoje lá tem no segundo andar um auditório onde tinham peças de teatro, musicais tinha muito incentivo a participação, a interação entre os alunos. Quando ia acontecer essas festas, tinham aquelas maiores chamadas festas de galas, aí você usava a farda de gala, tinha o uniforme de gala e tinha o uniforme comum que era usado no dia a dia. Havia um incentivo para a participação do maior número possível de alunos apresentando alguma coisa, podia ser a biografia de alguém e composto ao palco tinha a capela no São Luiz Gonzaga, onde as missas eram rezadas lá mesmo. O Claudio era muito atuante no grêmio escolar. Ele era envolvido com uma turma de teatro também, participava muito das atividades. Então essas solenidades de galas a que me referi, eram iniciadas com uma missa,

depois era só virar as cadeiras e era a solenidade cívica. (Renato de Castro Santos Junior, 2019).

O Claudio, aluno mencionado por Santos Junior (2019), como aluno atuante nas atividades do grêmio, foi escolhido para fazer o discurso sobre Tiradentes na cerimônia realizada em homenagem ao patrono do grêmio (figura 42):

Figura 42 - Comemoração Dia do Tiradentes (21/04/1964)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

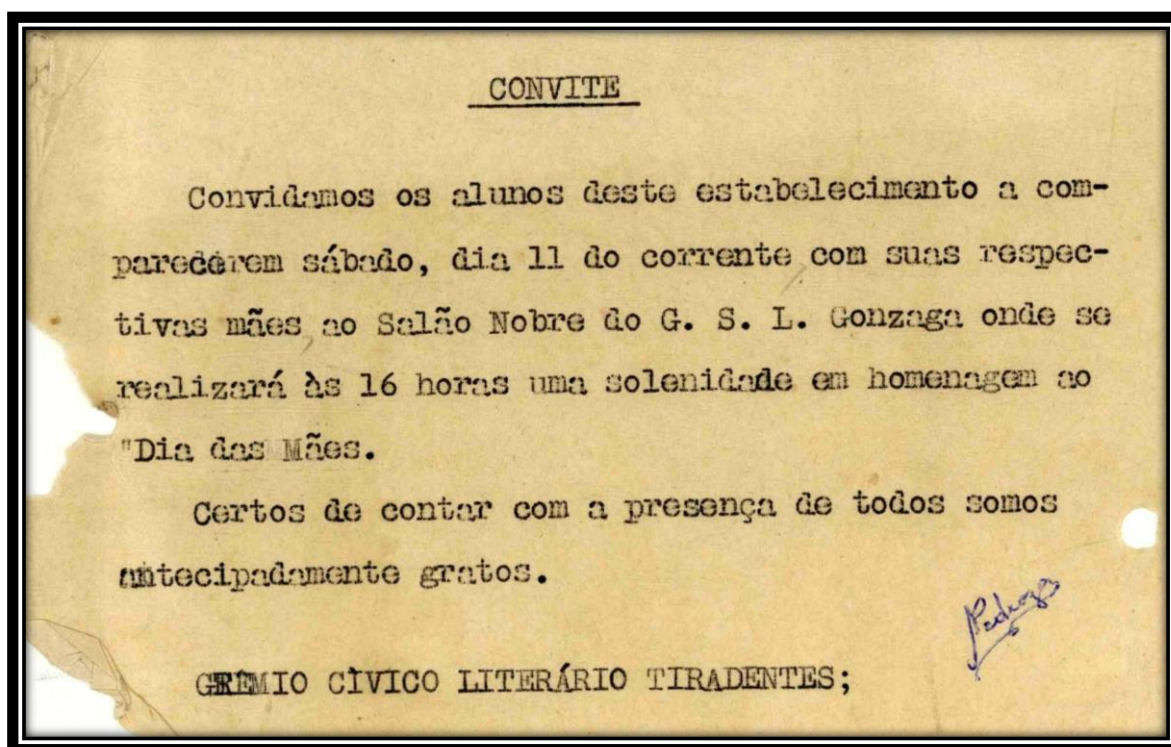
A programação da cerimônia cívica, como a comemoração do Dia de Tiradentes em 1964, informa que o Grêmio Cívico Literário Tiradentes era um Órgão de Representação e Coordenação dos estudantes do Ginásio São Luiz Gonzaga, filiado à União dos Estudantes Secundários Parnaibanos.

José Claudio Ramos de Souza (2020) aluno escolhido para fazer o discurso em homenagem a Tiradentes, patrono do Grêmio, numa homenagem ao seu dia, comemorado em 21 de abril de 1964, quando ele estava cursando a quarta série do curso ginásial, ao se recordar do Ginásio, relata que:

O grêmio, eu era um dos principais membros, senão um dos principais, mas eu era um dos que tomava a frente de tudo, porque na época eu fazia um curso de rádio eletrônica por correspondência no Instituto Brasil/Estados Unidos [...] como eu mexia com esse negócio de eletrônica, eu tomava de conta do som do colégio, tinha uma amplificadora, tinha um aparelho de som que a gente usava e fazia as apresentações usando microfone, usava a amplificadora para chamar os outros alunos, e eu sempre tomei a frente. Como eu fazia teatro no SESC, a gente criava uma esquetes e apresentava no palco aos sábados, que era o dia das reuniões do grêmio. (José Claudio Ramos de Souza, 2020).

Discursar nas solenidades cívicas, conforme o pensamento da época, era espaço reservado aos homens, educados para assumir cargos administrativos, e às mulheres estavam reservados os papéis de mães e esposas (CASTELO BRANCO, 2013). Além da relevância simbólica, a participação nesses eventos dava visibilidade externa à escola, apresentando a desenvoltura de seus alunos na arte da oratória junto à sociedade parnaibana. O Dia das Mães, data comemorativa presente no calendário escolar, que, assim como as datas cívicas, era uma festa organizada com a participação do Grêmio. Diferente das festas cívicas que aconteciam no pátio da escola, a festa das mães era comemorada no auditório, chamado pelos alunos de “salão nobre”. O grêmio produzia e entregava convites (figura 43) aos alunos informando o dia, local e hora da festa.

Figura 43 - Convite - Festa das Mães do Ginásio São Luiz Gonzaga (década de 1970)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

No Grêmio Cívico Literário Tiradentes, eram realizadas atividades que promoviam, além do desenvolvimento da habilidade oratória dos alunos, por meio da leitura de clássicos da literatura e do exercício da fala em público, habilidades da escrita, por meio da produção e publicação da imprensa escolar, destaque da cultura escolar cívico católica do curso ginásial.

Nas reuniões do grêmio, temas como a mitologia grega eram proeminentes nos estudos realizados pelos gremistas. Nas tardes de sábado no Ginásio São Luiz Gonzaga, era certa a presença da cultura clássica nos estudos realizados pelos gremistas, por meio da leitura de mitos gregos como: Édipo Rei de Sófocles, Jasão e os Argonautas, dentre outros. Os alunos eram encorajados a seguir o exemplo dos heróis como Jasão, um jovem grego que foi educado para ter “inteligência, força e coragem, capaz de grandes e gloriosas realizações, [...] um bom líder” (STEPHANIDES, 2000, p.27).

O contato com a cultura clássica grega e romana desenvolveu nos alunos admiração pelos heróis da mitologia, seus grandes feitos, sua determinação, coragem e força, de modo que, ao produzirem o primeiro número de sua revista, deram-lhe o nome de *Argos*. Publicada pela primeira vez em comemoração à formatura da segunda turma do curso ginásial, em 1943.

ARGOS

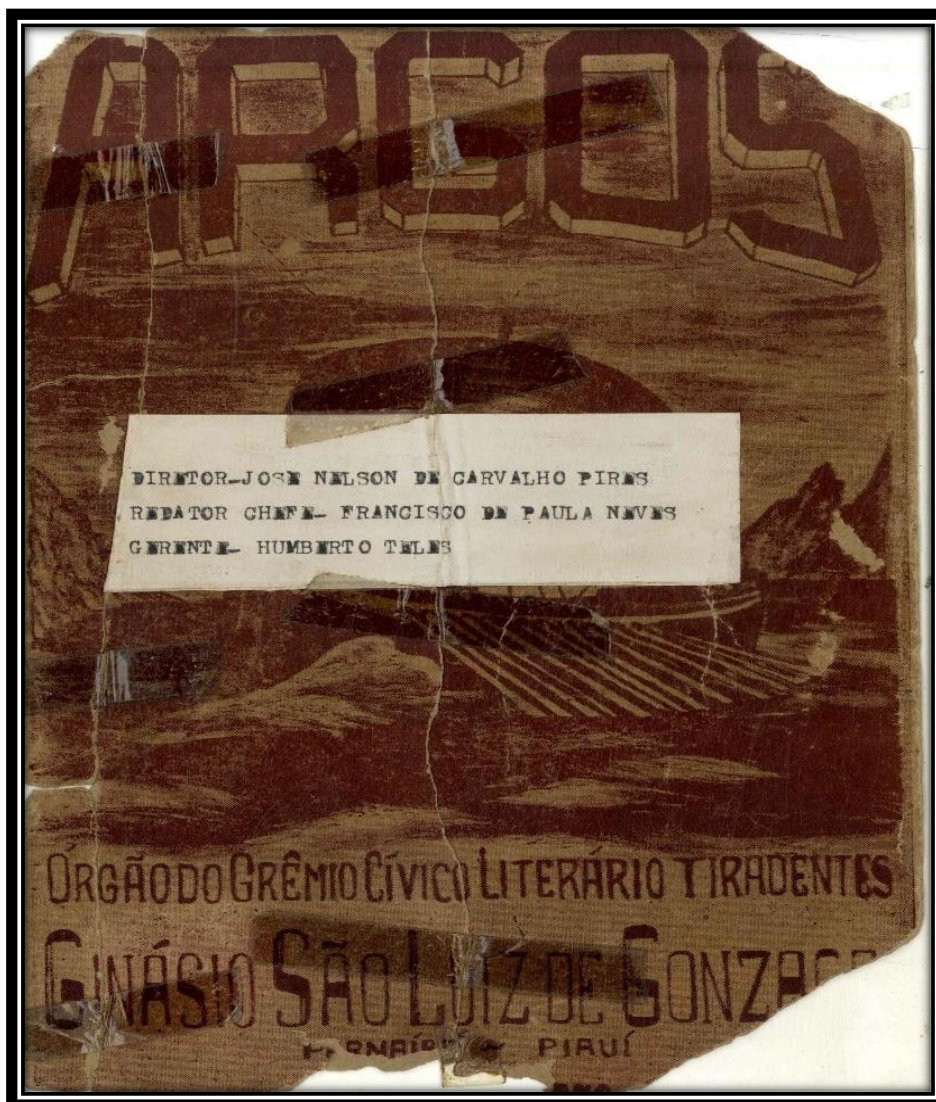
VELOCINO era o nome de um carneiro mitológico, de velo de ouro, a cuja conquista se aventurou Jasão com os celebres argonautas; ARGOS, ou antes Argo, o nome da nau que eles embarcaram, expostos a toda sorte de perigos. Para nós é uma revista, que encerra uma aventura e uma conquista igualmente. Simboliza o batel em que nos embarcamos há quatro anos, rumo a uma meta não menos gloriosa.

Hoje, de posse do tesouro que anelávamos, rendemos a Deus graças pela vitória que nos concedeu, e, com o ouro puríssimo da Ciência, nos apresentamos à cena, para a conquista de nosso próprio destino.

O Futuro dirá do valor que possuímos, quando girarem os seus gonzos, admitindo-nos ele na sua corte de luz!... (ARGOS, 1943).

A capa da primeira edição da *Argos* (figura 44) foi ilustrada com a embarcação em meio à imensidão do mar e os rochedos, simbolizando as dificuldades enfrentadas pelos alunos/argonautas e as dificuldades encontradas durante a longa travessia. As lutas diárias enfrentadas pelos alunos nos quatro anos do curso ginásial, na condição de internos, semi-internos ou externos, foram contadas, conforme o pensamento expresso nas “reflexões” de Francisco de Assiz G. A. Brandão, para quem, “os quartanistas, porém, que tanto lutamos, temos perfeita consciência do emprego que fizemos do tempo e, para nós, o término do curso ginásial é grande conquista, que nos habilita a vencer quantos obstáculos sobrevinham ao nosso futuro” (BRANDÃO, 1943, p. 27).

Figura 44 - Capa da revista Argos de 1943



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

José Nelson de Carvalho Pires, presidente do Grêmio Cívico Literário Tiradentes, ao concluir o curso ginásial, em 1943, fez um discurso de despedida do cargo de presidente e da escola:

Recebei, moços, e zelai...

Palavras que tocam a minha alma, acordando pensamentos vários que me fazem ficar, neste momento, como que suspenso da terra por alguns instantes. Recebei a cadeira presidencial desta agremiação, que há 2 anos venho regendo.

É uma entrega que não faço de coração, mas, sim, porque o destino me ordena: "Segue! Adiante esta outra missão!"

E parto ciente de que fiz o que pude; gastei as energias que julguei necessárias; e hoje, com fé no triunfo, sigo pela estrada incerta do destino.

E, nesta hora crepuscular do espírito, em que vos dirijo as últimas palavras de presidente e de amigo, exaro a mais funda gratidão pelo muito que realizaste

ao meu lado, e pela atenção que vos mereci nas sessões ordinárias e extraordinárias, a que tive a honra de presidir. Estou ciente que saberei compreender as dificuldades que vencemos, e levareis avante, como moços audaciosos e fortes que sois, o propósito firme de engrandecer esta escola de civismo. Recebei, pois e zelai. (PIRES, 1943, p. 33).

O discurso nostálgico e as recomendações aos próximos presidentes para que tivessem zelo e cuidado com o Grêmio Cívico Literário Tiradentes, reflete o apreço e a dedicação que Pires (1943) tinha para com a instituição estudantil, considerada por ele uma escola de civismo.

A *Argos* foi uma revista editada nas comemorações da formatura das turmas. A primeira edição foi publicada em 1943, na formatura da segunda turma do curso ginásial. No entanto, a segunda edição só foi publicada em 1947. Durante a pesquisa foram localizados esses dois números da revista.

Na apresentação da segunda edição da revista, os editores apresentaram ao público as desculpas e justificativas pelos anos sem publicação e apresentaram a segunda edição, como o próprio “velocino de ouro” dos concludentes de 1947.

“Argos”

Depois de uma ausência de cinco anos, volta a circular a nossa revista. Os que conhecem, como nós, os obstáculos inúmeros que se criaram para a imprensa, nestes últimos tempos, não nos exigem explicações desta interrupção, e, mais que isto, sabem quanto de esforço e tenacidade representa o êxito do presente número.

Côncios de termos conseguido o que de melhor se poderia obter, entre nós, os concludentes de 1947, apresentamos à família conterrânea o “velocino” encontrado nesta arrojada aventura, agora que sentimos o prazer da vitória sobre o encapelado mar dos estudos ginásiais.

Ainda quando o oceano “agitava com furor a crina”, quais argonautas sonhadores e destemidos jamais nos arrefecemos na demorada viagem de quatro anos, em que buscamos, ávidos de glória, o **tesouro do saber**.

“Achamo-lo”.

E agora, simbolizando a audácia de nossa peleja, seja ARGOS o eloquente porta-voz da nossa vibrante saudação à Pátria brasileira, tendo presente a imortalidade das nossas tradições e bem vivos os sonhos de grandeza que lhe almejamos para o Futuro. (ARGOS, 1947).

A revista, como “porta-voz” dos alunos, saúda a pátria brasileira e evidencia que, além da mitologia grega, a educação cívica, mediada pelo uso de um conjunto de símbolos e de rituais, fazia parte da formação educacional recebida pelos gremistas, tendo influenciado na escolha do nome de Tiradentes para o grêmio escolar. A educação cívica não foi uma exclusividade dos alunos do grêmio escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga. Nas primeiras décadas do século XX, após a Proclamação da República, os republicanos brasileiros, no seu desejo de legitimar o novo regime, investiram na redefinição da identidade nacional, com a

instituição de um conjunto de símbolos pátrios: bandeira, hino, heróis e rituais, com realização de desfiles e festas cívicas (CARVALHO, 1990)

O Grêmio Literário Savina Petrilli, do Ginásio Nossa Senhora das Graças, o “Colégio das Irmãs” de Parnaíba, na edição da revista *Raios de Luz* de 1948, manifestou-se sobre a publicação da segunda edição da *Argos*, com texto intitulado “Argos uma expressiva vitória da mocidade parnaibana”:

Acontecimento de relevante importância foi à publicação em fins do ano passado do 2º número da revista “ARGOS”, com o qual os valorosos moços do “Grêmio Tiradentes” homenagearam, solenemente a passagem do décimo aniversário do “Ginásio São Luiz Gonzaga”.

Em meio a insipidez que caracteriza as atividades intelectuais de Parnaíba e do Piauí, a nova edição do palpitante órgão continua um depoimento indestrutível com que os gremistas do tradicional educandário católico quiseram comparecer a barra do tribunal da Pátria, em enérgico protesto contra a onda de escravização às coisas meramente materiais que avassala o espírito da nossa mocidade escolar.

Registrando esse significativo triunfo, que é também um pouco nosso, porque de Parnaíba, não nos furtamos à tentação de escrever umas notas rápidas de artigos com que a imprensa, local e nacional, saudou o aparecimento da “ARGOS”. (ARGOS ... *Raios de luz*, 1948, p.47).

As instituições de ensino, especialmente as do ensino secundário, tiveram papel importante nesse projeto de construção da identidade nacional ao introduzirem na formação escolar dos jovens uma educação cívica mediada de símbolos e de ritos presentes na cultura escolar das instituições educativas, visto que “ritos cívicos tinham por principal papel *religar* os indivíduos entre si, através da produção de sentimentos de identidade e de pertença” (CATROGA, 2005, p. 96, grifo do autor).

A realização dos ritos cívicos, além de mobilizar sentimentos de pertencimento, incitava o amor pela pátria, expressos pelos alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga, especialmente, mas não exclusivamente, por meio da imprensa, com a publicação de jornais como *Juventude* e *Poder Jovem*, e da revista *Argos*, que deram forma às práticas sociais (CERTEAU, 2003) desenvolvidas no curso ginasial.

Na perspectiva de Catani e Bastos (2002, p. 05), a imprensa escolar é entendida como “um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar”. Durante as décadas de 1940 a 1960, o Grêmio Cívico Literário Tiradentes produziu jornais e revistas. Entendida como parte da cultura escolar, a análise dessa produção aqui tomada como

um dispositivo pedagógico (JULIA, 2001) dos temas debatidos e publicados, também ajuda a compreender as ações da escola no período investigado.

A produção da revista era um espaço de ensino e aprendizagem que envolvia alunos e professores, conforme quadro abaixo:

Quadro 8 - Lista de autores da Argos de 1943

AUTOR	CONDIÇÃO	TÍTULO
José Rodrigues e Silva	Professor	À Parnaíba e aos Concludentes
Pe. Davi Moreira	Professor	Matemática, Ciência da Ordem e da Medicina
José Rebouças	Professor	Estudante!
Joaquim Custódio	Professor	Visão Panorâmica
Pedro de Castro	Professor	O prazer de recordar
Dr. João Orlando	Professor	O Médico e o Estado
Francisco Pessoa	Professor	Cousas mortas?
Clovis Melo	Aluno da 3ª série	Página de gratidão – Pe. Tarcísio Cruz
Alberto M. da Rocha	Concludente	Águas revoltas
Francisco Custódio	Aluno da 3ª série	Velha mangueira
Antônio de Pádua F. Magalhães	Concludente (1943)	Minhas aspirações
Armando Cajubá de Brito	Concludente (1943)	A aviação
João Cardoso de Alencar	Aluno da 1ª série A	Meu Brasil
Bernardo Aguiar	Concludente (1943)	Asas do Brasil
Clovis Veiga de Almeida	Concludente (1943)	Um século maravilhoso
Lapércio Eudes	Aluno da 1ª série	Amigo e Pátria
Francisco de Assis G. A. Brandão	Concludente (1943)	Reflexões
Francisco de Assis Veloso	Concludente (1943)	Alma sequiosa
Francisco de Paulo Neves	Concludente (1943)	Recordações ...
José Nelson de Carvalho Pires	Concludente (1943)	Discurso – proferido ao entregar a cadeira presidencial do Grêmio
José de Freitas Dutra	Concludente (1943)	A Instrução
José Ivo de Sales Frota	Concludente (1943)	Nem tudo passa
José Maria Araújo	Concludente (1943)	Pátria e Família
José Nunes da Trindade	Concludente (1943)	Coração aberto
José de Oliveira Viana	Concludente (1943)	O Brasil é rico
José Restier de Meneses	Concludente (1943)	Túmulos sem dono
José Ribamar e Silva	Concludente (1943)	A seca
Luiz Carlos M. de Vasconcelos	Concludente (1943)	Como um sonho
Nelson de Brito Fontenele	Concludente (1943)	Noite de São João
Rancine Lima dos Santos	Concludente (1943)	Magalhães gira a Terra
Raimundo de Magalhães Castro	Concludente (1943)	Convocado
Edson Rebouças Macambira	Aluno da 2ª série	História de um sonho
Raimundo Nonato Lopes da Silva	Concludente (1943)	O Brasil e suas riquezas
Raimundo Nonato Ribeiro	Aluno da 2ª série B	Dia de Finados
Humberto Teles Machado	Concludente (1943)	Aos meus colegas de turma
Cícero Silveira Viana	Concludente (1942)	Reminiscências

James Kelso Clark Nunes	Concludente (1942)	Coroação de Médico Brasileiro
João Maria Madeira Bastos	Concludente (1942)	A morte de Jim

Fonte: Tabela produzida pela autora com base na revista *Argos* de 1943.

A produção da revista envolvia a escola amplamente. Em 1943, temos, pelo menos, 07 (sete) professores como autores, além de 31 (trinta e um) estudantes, entre alunos regulares e aqueles já concludentes. A publicação dos textos obedeceu a uma hierarquia: primeiro os professores, depois os concludentes. Preferencialmente, eram discutidos temas relacionados aos saberes escolares e à formação dos estudantes. Os concludentes trouxeram temas variados: condições climáticas, relações familiares, medicina, relações entre pátria, religião e família, grandes navegações, relacionados aos problemas nacionais, conforme prescrito na Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942), no seu artigo 46, que orientava os estabelecimentos de ensino secundário a fundar instituições escolares de caráter recreativo e cultural com “objetivo de despertar entre os escolares os interesses pelos problemas nacionais” (BRASIL, 1942).

Flávia Werle (2013), ao se posicionar sobre a imprensa escolar, assinala que os impressos escolares revelam “indícios de interpretação e significado do que os alunos atribuíam à vida escolar, suas práticas, seus valores, seus ritos, suas crenças e seus símbolos” (WERLE, 2013, p. 294). A forma constante em que as palavras **Brasil**, **pátria** e **família** aparecem nos títulos dos textos dos alunos é um traço do entrelaçamento entre elementos cívicos e católicos presentes na cultura escolar vivenciada no Ginásio, característicos do período em que as revistas foram produzidas, ou seja, durante o Estado Novo “quando o sentimento patriótico e nacionalista, característico desse período, [...] foi cada vez mais disseminado nas escolas e nas celebrações dos grêmios” (COSTA, 2016, p. 133).

As práticas presentes na cultura escolar cívico católica do Ginásio São Luiz Gonzaga despertavam e incentivavam o sentimento patriótico e nacionalista, em consonância com o pensamento de Julia, para quem a cultura escolar com suas “normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)” (JULIA, 2001, p. 10).

Na primeira edição da revista, além dos discursos dos professores homenageados e dos textos dos concludentes, a instituição aproveitou para divulgar práticas e saberes desenvolvidas no curso ginásial, como a participação dos alunos na orquestra de salão, na banda de tambor e corneta, e símbolos da instituição, como a letra do Hino do Ginásio São Luiz Gonzaga.

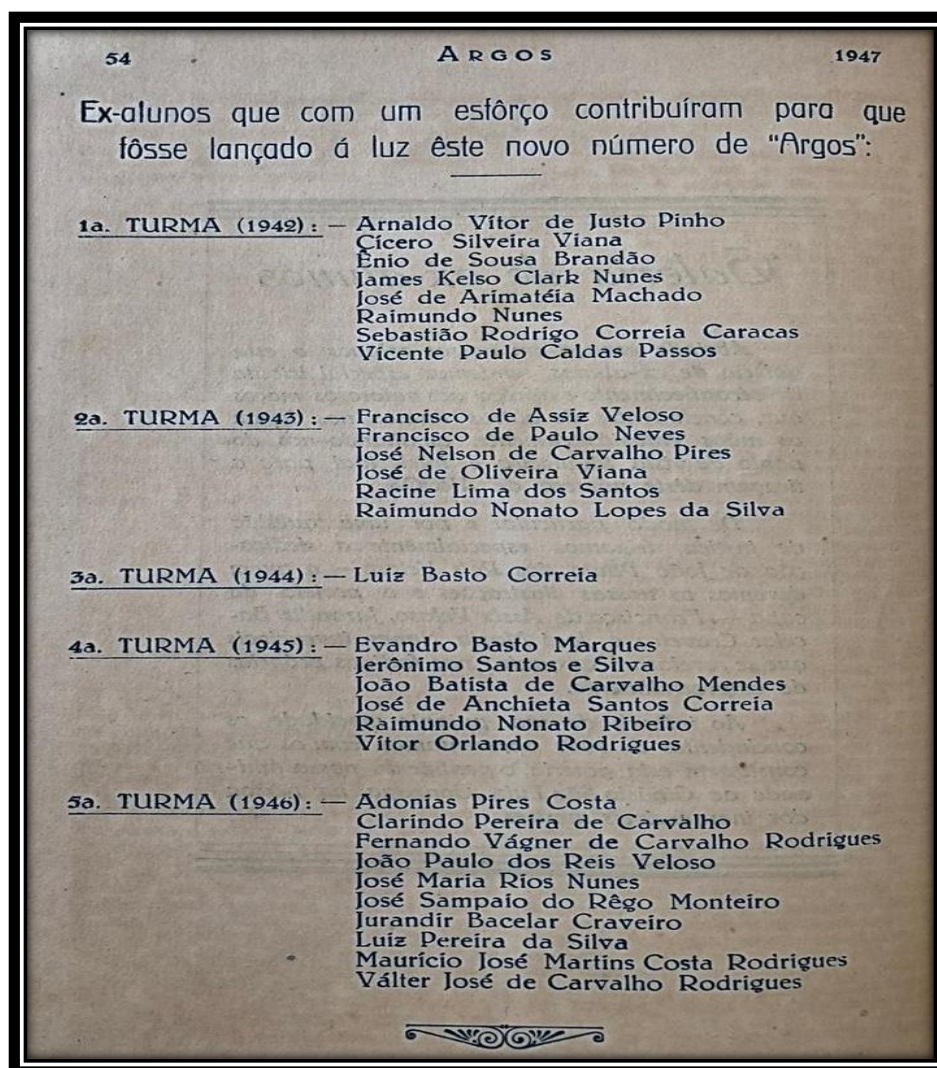
A segunda edição da *Argos*, publicada em 1947, seguiu o modelo da primeira, formada por 141 páginas. O texto que abriu a edição foi intitulado “A Voz do Sumo Pontífice”, fruto de uma “seleção de trechos em que Sua Santidade põe a descoberto as chagas de uma *civilização*

cristã que não aceita a Deus, evidenciando a posição dos católicos ante o materialismo hodierno” (ARGOS, 1947, p. 3 – grifos do autor). Foram selecionados os seguintes trechos: Razões do ódio a Igreja, o Dever dos Católicos, Cristo em Vós, A Missão da Igreja. Os trechos selecionados foram seguidos do texto do bispo da diocese de Parnaíba, Dom Felipe Condurú Pacheco, padrinho de formatura dos concludentes de 1947, seguidos por textos dos professores, ex-alunos e dos concludentes, finalizada com a publicação do “Código de Ética do Estudante” (ARGOS, p. 138-141).

Nas duas publicações, a escola recebeu apoio financeiro do comércio local, com a publicação de anúncios das seguintes empresas e casa comerciais: Agência Moraes Correia, Gráfica Americana, responsável pela impressão da revista; Machado & Trindade: importação e exportação; Loteria Federal do Brasil, tendo como representante em Parnaíba Benedito dos Santos Lima; Loja do Leão; Alfaiataria Santo Antônio; Casa Tydol de J. Silva; Empresa de Cortume do Piauí de Adolfo Quirino, Marmoraria Santo Antônio e Empresa Funerária; A Cruzeiro de G. A. Ramos; Casa Inglesa, estabelecimento de James Frederick Clark S.A; Loja Rianil; Booth Line (The Booth Steamship Co. Ltd.) Liverpool; A Pêndula de Parnaíba de Milton Magalhães; J. A. Carneiro & Filho, proprietário do Hotel Carneiro e da Padaria “Portuguesa”; Poncion Rodrigues & Cia., Ltda.; Acrísio Furtado: exportador; Celso Nunes: importação e exportação - agências e representações; Casa Marc Jacob, S/A: importação e exportação; Casa R. Machado; Banco de Parnaíba S.A e a Mercearia São Sebastião. (ARGOS, 1947).

A publicação da segunda edição também contou com a participação de egressos que se encontravam em Parnaíba e em outros estados brasileiros. Para eles, foram dedicados uma galeria e “um tributo de reconhecimento e apreço aos valorosos moços, que, concludentes de outras turmas, nos deram as mãos entusiasticamente, auxiliando-nos do ponto de vista financeiro e intelectual para a tiragem deste número de ARGOS” (ARGOS, 1947, p. 53).

Figura 45 - Egressos do Ginásio S. Luiz Gonzaga



Fonte: Argos, 1947.

Além da galeria, os editores fizeram um agradecimento especial ao empenho de quatro egressos que se destacaram na organização da revista,

De modo particular e por uma questão de justiça, frisamos especialmente a dedicação de João Paulo dos Reis Veloso – a quem devemos as nossas ilustrações e o projeto da capa – Francisco de Assiz Veloso, Jurandir Bacelar Craveiro e José Maria Nunes, invencíveis que se revelaram os quatro nas fadigas próprias do empreendimento. (ARGOS, 1947, p. 53).

Conforme a tabela, nem todos os presentes na galeria de ex-alunos colaboraram com publicação de textos; no entanto, aqueles que enviaram seus textos para publicação indicavam o nome da cidade onde se encontravam, em 1947.

Quadro 9 - Egressos que colaboraram com a Argos (1947)

Egresso	Residência	Artigo
James Kelso Clark Nunes	Parnaíba	Boas Vindas à América
Francisco de Assiz Veloso	Parnaíba	Imperativos do Momento
Racine Lima dos Santos	Parnaíba	O Brasil vai Fabricar Automóveis
Raimundo N. Lopes da Silva	Parnaíba	Amazônia Majestosa
Raimundo Ribeiro	Parnaíba	Saudades de Minha Mãe
Clarindo Pereira de Carvalho	Parnaíba	Charadas
João Paulo R. Veloso	Parnaíba	Os Destinos do Século
Cícero Silveira Viana	Belo Horizonte	Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro
Jose de Anchieta S. Correia	Belo Horizonte	Devaneio
Francisco de Paulo Neves	Crateús - CE	Por um Quarto de Hora
José Sampaio R. Monteiro	Fortaleza	Dança Macabra
Jurandir Bacelar Craveiro	Fortaleza	Dinheiro – Mola do Mundo?
Adonias Pereira Costa	Fortaleza	Colégio – Modelo
João Maria R. Nunes	Rio de Janeiro	O Problema da Criança
Vicente P. C. Passo	Rio de Janeiro	Divagando

Fonte: Quadro produzido pela pesquisadora a partir da *Argos* de 1947, p. 55-79.

O quadro mostra que, dos 15 (quinze) egressos do curso ginásial, sete estavam em Parnaíba e oito já se encontravam nos grandes centros, inclusive na capital do país, dando continuidade aos seus estudos, como José de Anchieta S. Correia, filho de Ozias de Moraes Correia, que se encontrava em Belo Horizonte.

Em sua autobiografia, o egresso João Paulo dos Reis Veloso, ao relacionar os jornais e revistas para os quais escreveu (entre 1940-1950), enquanto morava em Parnaíba-PI, mencionou sua participação na produção da *Argos* (1947):

[...] Escrevi em jornais e tinha feito duas revistas, uma delas a de formatura do ginásio. O Ginásio São Luiz tinha uma revista chamada *Argos*, do velocino de ouro, do Jasão, dos argonautas, que fazia uma edição especial na formatura de cada turma. Organizei a da minha turma, exigi que cada um dos formandos escrevesse um artigo, convidei um grande número de ex-alunos para escrever. (D'ARAUJO; CASTRO, 2004, p. 34).

Os concludentes de 1947 também tiveram seus textos publicados na segunda edição, conforme a relação a seguir:

Quadro 10 - Concludentes que colaboraram com Argos (1947)

Concludentes	Título do texto	Residência
Antônio de Pádua S. R. Monteiro	Estrada do passado	Parnaíba - PI
Benedito Hugo de Oliveira	A música	Parnaíba - PI
Benedito Pinto Lopes	Miseráveis	Luzilândia - PI
Cláudio Tomaz da Costa	Triste recordação	Parnaíba - PI
Emanuel de Jesus Costa Almeida	O desenvolvimento humano e a moral	Tutoia -MA
Enildo de Carvalho Correia	Alma forte	Parnaíba - PI
Francisco das Chagas A. Monteiro	A aurora da vida	São Bernardo - MA
Francisco das Chagas Trindade	Cristo reina	Caxias - MA
Francisco das C. Mascarenhas	Numa noite de trevas	Parnaíba - PI
Francisco das Chagas Rebêlo	A cascata do urubu	Boa Esperança - PI
Francisco das Chagas R. Pires	A vida agrícola de nosso estado	Batalha - PI
Francisco Milanez Filho	Princípio e causa de tudo	Castelo - PI
Francisco Rodrigues de Castro	A carnaubeira	Pedro II - PI
Francisco de Sousa Marques	Cancros sociais	Cocal-PI
Francisco Ursino Filho	Vontade indômita	Parnaíba-PI
Geraldo dos Santos e Silva	Deus lhe pague	Campo Maior - PI
João Batista de Freitas	Do Homo sapiens ao homem	Batalha - PI
João Maria de Castro Araújo	A vida	Parnaíba-PI
João Melo de Carvalho	O jogo	Luzilândia - PI
José Bittencourt	Passado, presente e futuro	Araioses -MA
José Milbert Macau	A poesia da morte	Teresina - PI
José R. C. Trindade	Que se leia muito	Parnaíba-PI
José Richelieu de Andrade Filho	Enquanto chovia	Cocal - PI
José Rodrigues de Castro	Pela grandeza da pátria	Pedro II - PI
Luiz Gonzaga de Brito	Êles vivem assim	Parnaíba - PI
Manuel de Castro Marinho	Lição tomada em sonho	Ipu - CE
Manuel Emílio B. de Oliveira	Aspirações	Teresina- PI
Mário Santos	Prêmio merecido	Parnaíba - PI
Miguel A. Pró F. de Magalhães	O amor dos pais	Parnaíba - PI
Nemésio da Rocha Fonseca	Guerra do saber	Araioses - MA
Pedro Capucho de Oliveira	Os reveses da sorte	Luiz Correia - PI
Quintino Rodrigues de Castro	Homens e fatos	Pedro II -PI
Rafael Dante M. de Oliveira	Sonho de uma vida	Parnaíba - PI
Raimundo Nonato da Cunha	Argonauta, argos e velocino	Luiz Correia - PI
Raimundo Nonato de Oliveira	Fonte luminosa	Cocal - PI

Fonte: Informações obtidas na revista Argos (1947) e no Livro de Matrículas.

As informações contidas no quadro apontam a origem dos alunos. Os títulos dos textos publicados revelam ensinamentos escolares aprendidos durante os quatro anos do curso ginasial, com a finalidade de desenvolver a formação de uma consciência moral e patriótica.

No Ginásio São Luiz Gonzaga, o Grêmio Cívico Literário Tiradentes também atuou na publicação de jornais. Nossa pesquisa revelou que não foram publicações constantes nem de muitos exemplares. Sobre os jornais publicados pelos gremistas, localizamos o jornal *Poder*

Jovem (1969), com uma única edição, publicada em 21 de abril de 1969, organizada por Israel José Nunes Correia, vice-presidente do Grêmio Cívico Literário Tiradentes, com apoio do padre João Coutinho, diretor da escola.

Hoje, como é de conhecimento de todos, será realizada a sessão de posse da nova diretoria do Grêmio Cívico Literário Tiradentes.

Esta nova diretoria que certamente vem cheia de ideias e com muita disposição para o trabalho logo que empossada passará a comandar os destinos do Grêmio. Os que formam esta diretoria para o ano de 69, mesmo antes de empossados já começaram suas realizações e uma de suas metas foi atingida: este jornal. Esperamos que a nova diretoria assim continue para não decepcionar aos que a elegeram.

Devem vocês trabalhar e defender o bom nome deste Grêmio, para que saiam com a consciência tranquila de terem se saído bem de tamanha responsabilidade. Não se deve medir esforços para alcançar a meta desejada, que é de interesse geral. Jovens! Que o vosso lema seja: “Trabalho e honestidade”. (EDITORIAL, Poder Jovem, 1969, p. 1)

A data escolhida para a publicação do jornal, além de ser o coroamento da vitória da chapa, foi uma homenagem ao Tiradentes, patrono do grêmio, com notícia principal intitulada “O Martírio de Tiradentes”. Temas como curiosidades sobre a família de Tiradentes, informações sobre o filme exibido no cinema e informações sobre partidas de futebol foram apresentados pelos alunos como os interesses temáticos nesse período.

Figura 46 - Jornal Poder Jovem (1969)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Além da história de Tirantes e a apresentação, o editorial trouxe na primeira página um texto do padre João Coutinho:

Uni-vos

É preciso que surja da juventude estudantil um exército de jovens, grande, valoroso, cristão que marche para a frente, procurando construir dias melhores.

O mundo precisa de uma geração nova, de uma geração cristã e são os jovens de hoje que o construirão amanhã.

Tornam-se necessários, pois, jovens de fé integral, prontos a renunciar à mediocridade e sair da dúvida. Jovens que queiram a vida divina. Jovens que estudando ou trabalhando, rezando ou sofrendo, tenham no coração, como um fogo a consumi-los, o amor apaixonado de Cristo, o ideal de Homem perfeito.

Uni-vos! (Pe. COUTINHO, 1969, p.1).

O padre João Coutinho expressou a necessidade de união e de uma nova geração de jovens cristão, incentivando e encorajando os gremistas a se tornarem homens atuantes na construção de um futuro promissor para o país.

Desde sua fundação, o Grêmio Cívico Literário Tiradentes se constituiu como um espaço pedagógico que incentivou a participação ativa dos alunos na rotina da escola. Ao incentivar a participação dos alunos em atividades pedagógicas como as festas escolares e o estudo de temas definido pelos professores, o Grêmio contribuiu para a formação moral, política e intelectual dos alunos no período estudado.

4.2 As festas cívicas e escolares

No Piauí, “a rotina das festas escolares se expandiu e consolidou com o advento das escolas reunidas e dos grupos escolares, demarcando mobilidade e status das escolas na cidade” (LOPES, 2007, p. 11). As festas cívicas e escolares foram um dos elementos constituintes da cultura escolar vivenciada pelos alunos do curso ginasial do Ginásio São Luiz Gonzaga.

O Estatuto escolar estava constituído pelas “organizações pedagógicas” que eram atividades complementares que integravam os dispositivos pedagógicos (Julia, 2001) adotados na formação dos juventude masculina. Dentre essas atividades, estava a formação do Orfeon, “dirigido por pessoa competente. Além de hinos patrióticos e o do Instituto, serão exercitados cantos educativos de caráter recreativo” (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p. 11). Sobre o surgimento de orfeões, Lemos Júnior explica que “a criação de orfeões teve sua origem na França no período da Revolução Francesa [...] O termo *orphéon* surgiu apenas em 1831, quando Louis Bocquillon-Wilhem criou, sob sua direção, um grupo coral sem acompanhamento instrumental na cidade de Paris” (LEMOS JÚNIOR, 2020, p. 3).

Ao discutir a educação musical no Brasil, Renato Gilioli (2010) se reporta ao canto orfeônico presente nas escolas brasileiras, especialmente no século XX, quando o canto

orfeônico passou a figurar entre os saberes escolares nas instituições educativas de ensino primário e secundário. Ao discorrer sobre o ensino da música, Gilioli (2010) assinala que “o canto orfeônico surgiu na Europa no século do Século XIX como um projeto de educadores que desejavam mudar padrões estéticos das classes menos favorecidas”. O autor continua sua análise explicando que “a palavra *orphéon* (orfeão) surgiu em 1831, designando um grupo vocal escolar de Paris em atividade desde 1819. [...] O nome foi inspirado no deus grego Orfeu, que encantava e amansava as feras com sua música” (GILIOLI, 2010, p. 38)

Para Gilioli (2010, p. 39), o “orfeonismo chegou ao Brasil na década de 1870, com pouco sucesso. No começo do século XX, floresceu em Minas Gerais e São Paulo, eixos da política do café-com-leite”. Assim, o canto orfeônico passou a figurar nas escolas públicas e privadas brasileiras, ainda nos primeiros anos do século XX, instituído como um saber escolar a partir da década de 1930. Ednardo Monti (2015), ao analisar propostas políticas, identitárias e pedagógicas orfeônicas de Villa-Lobos no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, assinala que prática educativa de canto coletivo presentes em instituições educacionais brasileiras tinha fortes conexões com o *orféon*, surgido na França (MONTI, 2015, p. 24).

Embora orfeão esteja relacionado ao canto coral, no Ginásio São Luiz Gonzaga, o coral foi substituído por instrumentos, como tambores, corneta, piano, trombone, saxofone, violino, dentre outros. Na década de 1940, ao invés de um grupo de canto, a escola possuía bandas – orquestras de salão, banda de música, conhecida como fanfarra, composta por alunos e professores.

Em seus escritos memorialísticos sobre sua trajetória escolar no curso ginásial, o professor José Nelson de Carvalho Pires atribui ao padre Davi Augusto Moreira a formação e administração do orfeão escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga. Vejamos:

Por ocasião das festividades de colação de grau da minha turma, em Dezembro de 1943, abriram-se as portas do salão que e hoje o amplo dormitório do internato, o único, então já concluído, para ali receber a sociedade parnaibana, que entusiasmada assistiu ao desfile de 21 jovens, que, como os primeiros, iam receber os lauréis de sua primeira vitória. Era a 2ª turma de concludentes do Ginásio S. Luiz Gonzaga.

A nossa orquestra de salão, sob a direção de seu genial organizador, o Rvdo. Padre Davi A. Moreira, de início fez executar o Hino Nacional Brasileiro, obrigando a assistência, sem dúvida, a meditar no futuro do Brasil, ali representado naqueles 21 moços”. (PIRES, 1947, p. 28).

Durante o período em que trabalhou no Ginásio São Luiz Gonzaga, o padre Davi incentivou o gosto musical entre os alunos, compôs a letra e a música do Hino do Ginásio, criou

duas orquestras: orquestra de salão e a orquestra de fanfarra que se apresentavam nas solenidades realizadas na escola.

A orquestra de salão, composta por trinta alunos, apresentou-se pela primeira vez “em 20 de dezembro de 1942, na festa de formatura da 1ª turma” (ARGOS, 1943, p. 66). Além de apresentar nas solenidades de formatura das turmas do curso ginásial, também se apresentava em atividades religiosas, conforme a figura 20, “fotografia tirada no dia 8 de maio de 1943, por ocasião do 1º concerto, em benefício da Obra das Vocações Sacerdotais” (ARGOS, 1943, p. 67), e a Orquestra de tambor e corneta (ARGOS, 1943, p. 68), também chamada de banda de fanfarra, composta pelos alunos do curso ginásial.

A formatura da primeira turma do curso ginásial, em 1942, contou com a apresentação da orquestra de salão, conforme a imagem publicada na *Argos* de 1943, acompanhada da seguinte legenda: “Instantâneo batido em 20 de dezembro de 1942, na festa de colação da 1ª turma” (ARGOS, 1943, p. 66).

Figura 47 - Apresentação da orquestra de salão na festa de formatura (1942)



Fonte: Argos, 1943.

A fotografia (figura 47) foi acompanhada do seguinte comentário: “Graças ao esforço e competência do pe. Davi, o Ginásio São Luiz possui uma orquestra que é sem par no Brasil, ao que ouvimos e sabemos. Compõe-se atualmente de trinta figuras – moços que encontram

nesta casa um ambiente propício ao desenvolvimento de suas tendências artísticas” (ARGOS, 1943, p. 66).

A mesma imagem foi replicada no livro *Simplício Dias da Silva: resumo de sua vida e luta pela independência do Piauí*, cujo autor José Nelson de Carvalho Pires, egresso da segunda turma de concludentes do curso ginásial e, portanto, testemunha ocular dos acontecimentos vivenciados durante a festa de formatura e as apresentações da orquestra de salão, sendo inclusive um de seus componentes. Ele fez a seguinte descrição da imagem e dos componentes da orquestra:

Em 1943, possuía orquestra de salão e banda de música, sob a direção do padre David Augusto Moreira, grande mestre da matemática e música. Essa foto mostra a orquestra de salão em 1943, com a relação de componentes: Dirigente Padre David Augusto Moreira, Contrabaixo Paulo de Castro, Pianista Luiz Correia, Trombone José Nelson, Acordeom Helvécio Pires, Pistom José Reis, Clarinetes Francisco Custódio e Bernardo Aguiar, Flauta Professor Joaquim Custódio, Saxofone professor José Rebouças Macambira e Baltazar Vasconcelos, Violão José Cláudio. (PIRES, 2007, p. 02).

Composta por instrumentos de sopro, na orquestra de fanfarra, os alunos aprendiam a tocar os hinos patrióticos cantados nas solenidades realizadas na escola e as marchas cívicas, muito em voga naquele período. Eventos religiosos da Igreja Católica, como a Obra das Vocações sacerdotais, também contaram com a apresentação da orquestra de salão do Ginásio São Luiz Gonzaga que, conforme registro na Argos (1943), fez seu primeiro concerto no dia 08 de maio de 1943, por ocasião do 1º concerto, em benefício da Obra das Vocações Sacerdotais” (ARGOS, 1943, p. 67).

Segundo Pereira (2008), a criação da Obra das Vocações Sacerdotais (O.V.S) foi uma das formas encontradas pelos bispos brasileiros para financiar a formação dos sacerdotes no país em virtude das dificuldades financeiras vividas pela igreja católica com a criação do Estado Laico após a Proclamação da República. Essa situação, segundo a autora, modificou-se nos anos de 1930, mas a Obra das Vocações Sacerdotais continuou sendo praticada com a finalidade de arrecadar dinheiro manter o seminário. Os alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga faziam apresentações para arrecadar fundos e contribuir com a formação dos padres no Piauí.

Em Parnaíba, em nome da defesa dos interesses da família e da sociedade, os católicos eram chamados a ajudar a Obra das Vocações Sacerdotais por meio de publicações no jornal católico *O Sino* (1937), como mostra a seguinte notícia:

Católicos!

Si não encarardes com seriedade a época que atravessamos, auxiliando o mais que puderdes a OBRA DAS VOCAÇÕES não podereis conter daqui a pouco a avalanche demolidora ameaçando destruir a sociedade cristã, laicizando o ensino, e arruinando a família. Daí a meritória OBRA DAS VOCAÇÕES o auxílio que ela necessita, e vereis que na hora da luta somente o clero sairá em campo para defender os interesses da família e da sociedade.

Agindo assim mais tarde sem remorsos na consciência, vendo os frutos extraordinários conseguidos pelos padres que ajudastes nos estudos – sentir-vos-eis felizes por terdes cooperado com eficácia para minorar os sofrimentos da humanidade. (O SINO, 8 de agosto, 1943, p. 2)

Assim, o Ginásio São Luiz Gonzaga não ficava alheio ao alerta da igreja católica sobre a importância de ajudar na formação dos futuros padres piauienses e a orquestra de salão fazia apresentações com essa finalidade (figura 48):

Figura 48 - Orquestra de salão (1943)



Fonte: Acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba.

A orquestra de salão também se apresentou nas festas de formatura realizadas na escola (figura 49), como a formatura da turma de 1943, festas comemorativas, como o aniversário da escola, e cívicas, como o Dia do trabalhador.

Figura 49 - Orquestra de Salão (1943)



Fonte: Argos (1943)

A banda de tambor e corneta (figura 50), também chamada de fanfarra, tinha outra característica e formação; portanto, suas apresentações não se davam nas mesmas solenidades da orquestra de salão. Esta se apresentava nos eventos cívicos, tocando os hinos patrióticos. Uma imagem com a banda de fanfarra do Ginásio São Luiz Gonzaga, publicada no jornal *O Bembém* (2012), acompanhada da seguinte legenda: “com a farda de gala, a famosa “farda-branca”, e quépi preto, a Orquestra de Fanfarra, formada por alunos do São Luís Gonzaga, criada e regida pelo padre Davi” (MEMORIAL...*O Bembém*, 21 de dez. 2012, p. 10).

Figura 50 - Banda de música/orquestra de fanfarra (1947)



Fonte: Acervo de Benjamim Santos.

Os registros apontam que a orquestra de salão se apresentou em maio de 1951, quando a escola comemorou 14 anos de fundação, regida pelo professor de Canto Orfeônico Deolindo Lopes⁷⁸ e realizou a solenidade comemorativa em alusão ao Dia do Trabalho, noticiada pelo jornal *O Norte*.

As solenidades do DIA DO TRABALHO, no GINÁSIO “S. LUIZ GONZAGA”, que comemorou o 14º anos de sua fundação, tiveram início, às 8 horas, com a exposição do retrato do Sr. Ozias de Moraes Correia, seu grande benfeitor.

Achando-se presente ao ato o homenageado com sua digníssima esposa, D. Flora S. Correia, o Inspetor Federal, Sr. Joaz R. de Sousa, Frei Heliodoro, grande amigo do INSTITUTO, os seminaristas capuchinhos, prof. e tribuno Benedito J. Correia, Sr. Tomaz Leite Neto, Presidente do Sindicato dos Comerciantes, Prof. José Nelson C. Pires, as professoras do primários, comissões dos ginásios e dos grupos escolares, um grande número de pessoas amigas, o *Orfeão do Ginásio “S. Luiz”*, sob a batuta do maestro Deolindo Lopes, cantou o *Hino do Instituto*.

⁷⁸ Consta no Livro de Registros de Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga que Deolindo Lopes nasceu em Parnaíba em 30 de setembro de 1892, filho de Maria da Graça de S. Santiago. Consta na carteira reservista: Isenção do serviço militar, foi admitido em 1º de março de 1951 e data de saída, 30 de dezembro de 1952.

A seguir, o prof. Joaquim Custódio, Diretor do Estabelecimento, anunciou que o retrato do Sr. Ozias Correia, envolvido com a flamula do Educandário, estava sendo descoberto pelo representante do Sr. Bispo Diocesano, o Pe. José Carvalho, o que foi recebido com estrepitosa salva de palmas.

Ouviu-se logo após, num magnífico discurso, o concludente Pedro de Magalhães Costa, que disse da significação do que ora se realizava. O orador ressaltou a grandiosa ideia da fundação dessa casa de educação sob os fundamentos dos *sãos princípios cristãos*. Disse também da mútua cooperação intelectual, dos professores e material dos homens de recurso, condição *sine qua* para realização dos grandes empreendimentos.

Em seguida, Sr. Ozias Correia com palavras que brotavam do coração, num feliz improviso, agradeceu tão significativa quanto merecida homenagem.

O orfeão encerrou a solenidade, com o hino nacional [..]. (NORTE, maio de 1951, p. 1 – grifos nossos).

Na ocasião, a escola estava sendo dirigida pelo professor Joaquim Custódio que, conforme a publicidade, mantinha os princípios cristãos, alicerce da fundação da instituição e aproveitou para homenagear Ozias Correia, o fundador da escola. A festa contou com a presença de autoridades leigas, como o Inspetor Federal, o Presidente do Sindicato dos Comerciários de Parnaíba, dentre outros, e religiosas, como Frei Heliodoro, Padre José Carvalho, seminaristas capuchinhos etc. A presença dessas autoridades fortalecia os elementos cívicos e católicos presentes na cultura escolar da instituição que aliou práticas cívicas e católicas, desde sua fundação, com a comemoração de festas católicas como a Páscoa, por exemplo.

Com o intuito de proporcionar aos alunos oportunidade para cumprirem o dever da comunhão pascal, a Diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga promove para hoje, dia santo de guarda, uma páscoa coletiva, que se realizará na capela do mesmo Educandário.

É um acontecimento de profunda significação, que visa a orientar os moços para os deveres sérios da vida.

Depois do café, que em seguida à missa será servido a todos os comungantes, no refeitório do São Luiz Gonzaga, os alunos disputarão entre si partidas de voleibol e de basquetebol.

Também dois times femininos do Centro Estudantal Parnaibano farão uma demonstração de voleibol.

Para estas festividades a Diretoria do Estabelecimento convida a família parnaibana e o povo em geral.

Gratos ao convite que nos foi dirigido, far-nos-emos representar. (SUPLEMENTO, Parnaíba, abril de 1946).

A comemoração da Páscoa também era um momento de sociabilidade, promovendo o encontro entre alunos de diversas instituições de ensino secundário, com seus times masculinos e femininos, disputando partidas de voleibol, basquetebol, embora, conforme a notícia, as mulheres não participassem das disputas, mas apenas faziam uma demonstração de voleibol.

O Centro Estudantil Parnaibano, mencionado na programação, era uma associação dos estudantes de Parnaíba, fundada em 11 de agosto de 1945. Conforme seu Estatuto, publicado no *Diário Oficial*, em 17 de junho de 1946, tinha como finalidade “congregar todos os estudantes, independente de ideologias políticas e religiosas, com o fim de trabalhar pelo soerguimento sócio-econômico-cultural de sua classe” (CENTRO ... *Diário Oficial*, Teresina, 1946, p. 6). O Centro era composto por Departamento de identificação, Departamento de Assistência, Departamento Rádio Teatral e o Departamento de Esporte que tinha com “objetivo de estimular os esportes e promover as partes de futebol, voleibol e basquetebol e demais diversões esportivas inter-colegiais” (CENTRO ... *Diário Oficial*, 1946, p. 7).

A associação estudantil parnaibana congregava estudantes das instituições educativas da cidade e recebia apoio das instituições. Era apresentada pelos membros da diretoria como uma associação que apresentava, como pauta, a luta por conquistas e melhorias para a classe estudantil, como: desconto nas casas de diversão, passagem de transporte, e pela criação de uma “casa dos estudantes” em Parnaíba.

As finalidades da associação estudantil foram divulgadas por Inocêncio Feliz, aluno do 1º ano ginásial do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, na revista *Raios de Luz*, do Grêmio Literário Savina Petrilli, das alunas do Ginásio Nossa Senhora das Graças.

Não é sem causa que os homens se organizam em sociedade. Assim é que temos aqui em Parnaíba inúmeras associações de classe, cujo fim é cuidar dos interesses dos seus associados dando-lhes direitos que outrora não tinham.

Assim surgiu o CENTRO ESTUDANTAL PARNAIBANO, associação de estudantes que visa entre outras cousas unir todos os estudantes em um poderoso bloco, dar-lhes garantias, invectivá-los ao amor às letras, à prática de esportes e em futuro muito próximo dar ao estudante pobre todo o conforto que necessita: A CASA DO ESTUDANTE POBRE, a exemplo do que tem feito outros congêneres por todo esse país.

O C.E.P está em entendimento com as casas de diversões, empresas de transportes e etc. para conseguir o abatimento de 50% sendo que a Empresa Moreira já se manifestou a respeito, favoravelmente.

Pretendo por esta explicação por alguns estudantes ao par das vantagens que os mesmos gozarão, fazendo-se centristas, pois alguns que, ignorando as finalidades do Centro, não se interessam pelo mesmo.

Por esta e outras causas pode-se concluir que, sem uma intensa propaganda no seio da classe, o C.E.P não irá adiantar.

Unamo-nos, pois estudantes, em um poderoso bloco e assim poderemos gritar bem alto:

VENCEMOS! (FELIX, 1950, p. 59).

A associação estudantil promovia eleições para escolha de sua diretoria que, para o biênio de 1959 a 1960, foi composta pelos seguintes estudantes:

Quadro 11 - Diretoria do Centro Estudantil Parnaibano (1959-1960)

Presidente	Genuíno Francisco de Sales
Vice-presidente	Antônio de Pádua da C. Lima
Secretário Geral	Francisco Carneiro da C. Mapurunga
1º Secretário	Cairo Antônio Cardoso
2º Secretário	João Zózimo Filho
Tesoureiro Geral	Benjamim Bacelar
1º Tesoureiro	Antônio Ferreira
2º Tesoureiro	José Higino R. dos Santos
Orador Oficial	Maria da Conceição Serra
2º Orador	José de Jesus C. Braga

Fonte: Revista Renascimento, 12 de out. 1959, p. 2.

A nova diretoria tinha como presidente Genuíno Francisco de Sales, ex-aluno do Ginásio São Luiz Gonzaga. O centrista, como os membros do Centro se autointitulavam, Antônio de Pádua Lima, que exerceu o cargo de presidente do Centro entre 1957 a 1958, em um texto intitulado “Missão Cumprida”, apresentou um relatório de suas ações à frente da Diretoria no biênio 1957-1958:

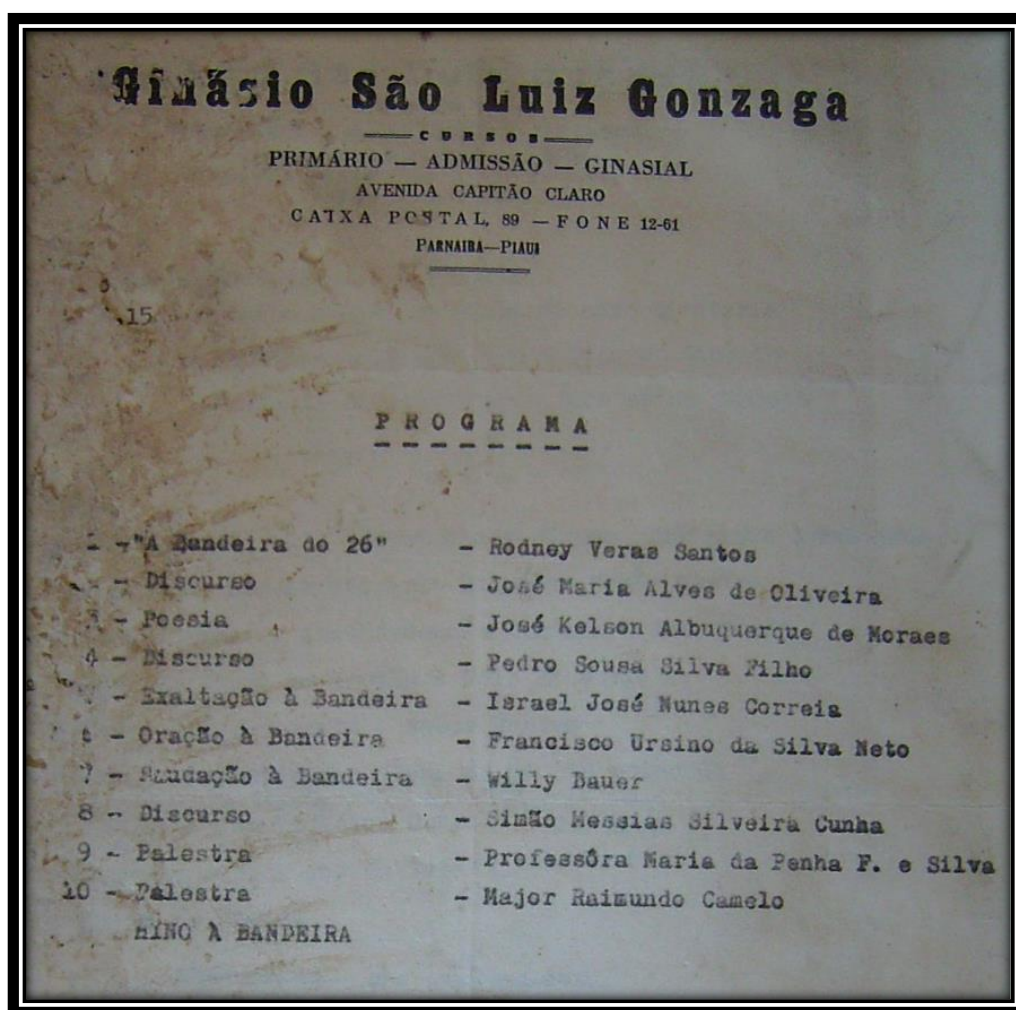
No dia 11 de agosto próximo passado, entreguei o Centro como desejava: A uma diretoria de jovens dignos e idealistas. Uma sede com materiais dignos e em perfeito estado. Um restaurado quadro de associados. Fiz conhecer, por intermédio de correspondência a carteira do CEP, em algumas cidades e capitais do Brasil. Fiz-me representante dos estudantes parnaibanos em Teresina, levando ao conhecimento de sua Exmo. o Governador do Estado a situação do Centro Estudantil Parnaibano. Entrei em contato com estudantes da capital, de Floriano, de Fortaleza e Sobral, promovendo assim um intercâmbio de estudantes tão útil a classe. Solicitei ao Revdmo. Pe. Joaquim Antunes de Almeida que resolvesse a situação do CEP junto aos poderes competentes do país, na capital Federal, cujo resultado nos deixou em feliz expectativa. Levantei o esporte através de programas, comemorações festivas foram levadas à sociedade parnaibana por diversas vezes [...]. (LIMA, 1959, p. 5).

Para efetivar seu projeto educativo e ganhar visibilidade e reconhecimento junto à sociedade parnaibana, o Ginásio São Luiz Gonzaga entrou no terreno das “tradições inventadas” (HOBSBAWM, 2015), institucionalizando os desfiles cívicos como uma das marcas presentes na cultura escolar da instituição. A participação da instituição nos desfiles escolares realizados na cidade.

A participação nas festas cívicas era uma oportunidade de dar visibilidade ao projeto educativo desenvolvido pela instituição, como a participação na Semana da Pátria, comemorada em todo o país. Além das festas cívicas, os alunos vivenciaram festas específicas, como o aniversário da escola, festejado dia de São Luiz Gonzaga, padroeiro da escola; dia de Tiradentes, padroeiro do Grêmio e o dia da Bandeira, dentre outras.

O Dia da Bandeira, data cívica celebrada no calendário escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga tinha uma programação especial. Em 19 de novembro de 1969, contou com a participação de alunos e a direção do Ginásio. Tradicionalmente, iniciada com o Hino Nacional, seguia com discursos, exaltação, oração a Bandeira, seguido por uma palestra realizada pela professora de História do Brasil, Maria da Penha Fonte e Silva. Após a palestra da professora, foi a vez do Major Raimundo Camelo palestrar para os alunos que ouvia com atenção e disciplina. A programação foi encerrada com o Hino à Bandeira.

Figura 51 - Comemoração Dia da Bandeira (1969)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Samara Silva (2018), ao se posicionar sobre a função das cerimônias nos colégios católicos, assinala que “os ritos escolares têm significados múltiplos e díspares. Cumprindo determinado momento da ritualista escolar e obter êxito tornam públicas à sociedade as expectativas em torno do sujeito escolar [...]” (SILVA, 2018, p. 125). Os ritos católicos, como a celebração de missas, primeira eucaristia, realizados na escola, faziam parte das práticas católicas vivenciadas pelos alunos na cultura escolar, promovendo a aproximação dos alunos com a religião. Isso se evidencia na figura 52, na qual aparece um aluno trajando o uniforme escolar, estilo militar de uso obrigatório para assistir às aulas, participando como acólito na celebração da missa de formatura, rezada pelo bispo Dom Felipe Conduru Pacheco, em 1950.

Figura 52 - Missa de Formatura (1950)



Fonte: Acervo privado de Benjamim Santos.

Na cultura escolar cívico católica do curso ginásial no Ginásio São Luiz Gonzaga, independente da condição de interno, semi-interno ou externo, os alunos tinham a obrigação de participar dos ritos católicos desenvolvidos na escola. Os ritos escolares, como a festa de formatura, cerimônias cívicas e outras festas escolares, eram realizadas na capela localizada no interior do edifício escolar, conjugada com o auditório.

Uma coisa que era muito forte na época, principalmente no São Luiz Gonzaga, era o grêmio do Colégio. Lá era Grêmio Cívico Literário Tiradentes. Então, todas as datas cívicas eram comemoradas. O civismo era muito presente tanto quanto a religiosidade. No São Luiz Gonzaga ainda hoje tem no segundo andar um auditório onde tinham peças de teatro, musicais tinha muito incentivo à participação, à interação entre os alunos. Quando ia acontecer essas festas, tinham aquelas maiores chamadas festas de galas, aí você usava a farda de gala, tinha o uniforme de gala e tinha o uniforme comum que era usado no dia a dia. Havia um incentivo para a participação do maior número possível de alunos apresentando alguma coisa, podia ser a biografia de alguém. Composto ao palco, tinha a capela no São Luiz Gonzaga, onde as missas eram rezadas lá mesmo. Então essas solenidades de galas a que me referi eram iniciadas com uma missa, depois era só virar as cadeiras e era a solenidade cívica. (Renato de Castro Santos Junior, 2019)

Sobre os espaços que compõem a materialidade do edifício escolar, Agustín Escolano (2001) advoga que, além de elemento cultural e pedagógico, a disposição dos espaços escolares tem programa educador com função ideológica. Nas palavras do autor,

O edifício-escola, como se sabe, serviu de estrutura material para colocar o escudo pátrio, a bandeira nacional, as imagens e pensamentos de homens ilustres, os símbolos da religião, algumas máximas morais e higiênicas, o campanário e o relógio... Isso expressa toda uma instrumentalização da escola a serviço dos ideais nacionais, religiosos e sociomorais. (ESCOLANO, 2001, p. 40).

Na capela se realizavam cerimônias, como missas de formatura, a primeira eucaristia, guardava símbolos sagrados da religião cristã, presença constante entre os alunos juntamente com símbolos cívicos como a bandeira e os hinos, incluindo o hino da própria escola.

As festas de formatura, “uma prática ritualizada que expressa cultura escolar institucionalizada” (WERLE, 2005, p. 3). Eram momentos solenes que entrelaçavam práticas cívicas e religiosas, contavam com a participação da família, da comunidade escola e representantes da elite comercial, política e jurídica da cidade.

Para Werle (2005), a celebração da formatura no ensino secundário era um ritual marcado por seus múltiplos significados, com importância para o funcionamento da instituição, tendo em vista que se constituía como “referência por comprovar atos pedagógicos de sucesso processados em seu interior”, e para os alunos, por ser “é o momento final de um processo de formação, significando uma graduação, um avanço reconhecido publicamente na escala de escolaridade, que diferencia os que a obtiveram das demais pessoas [...]” (WERLE, 2005, p. 3).

As celebrações das formaturas realizadas pelo Ginásio São Luiz Gonzaga eram marcadas pela presença da elite política, jurídica e comercial da cidade, que, a convite da escola

e dos alunos, participavam dos ritos escolares que, conforme o programa publicado no jornal *Norte* (1946), entrelaçava práticas cívicas e religiosas.

Concludentes de 1946

Mais uma turma de alunos vem concluir os seus estudos, nesse Ginásio, e como em todos os anos festivamente fará a entrega dos certificados aos concludentes.

Este ano, vem despertando nos meios sociais, grande interesse por todos os parnaibanos, esta festividade, para que foi organizado o seguinte programa.

I – Missa e comunhão dos concludentes e das respectivas madrinhas, na capela do Estabelecimento, às 7 horas.

II – Café aos concludentes e madrinhas, logo em seguida a missa.

III - Entrega dos certificados, com discursos do Paraninfo e Orador da turma às 19 horas.

IV – Te Deum - em ação de graças pela conclusão do curso, logo após a entrega dos certificados. (CONCLUDENTES ... *O Norte*, 07 de dez. 1946, p. 1).

Conforme o programa da festa de formatura de 1946, a missa foi celebrada pelo bispo Dom Felipe Conduru Pacheco, com a participação das famílias, dos concludentes e suas madrinhas e seguida por um café oferecido pela instituição.

Realizara-se no Ginásio S. Luiz Gonzaga, domingo último, as solenidades de conclusão do curso ginásial da 5ª turma de moços, que esse modelar educandário há preparado para a Vida.

Às sete horas, iniciou-se a execução do programa com a celebração da missa, pelo Revmo. Pe. Antônio Sampaio. Achavam-se presentes, além dos licenciados com as respectivas madrinhas, o corpo docente e grande número de pessoas gradadas de nossa distinta sociedade.

À hora da comunhão, acercaram-se da mesa eucarística os concludentes, acompanhados de suas madrinhas, e comungaram numa atitude de agradecimento a Deus, pela vitória que acabaram de obter.

Terminado o ato religioso, serviram-se, no refeitório daquele Estabelecimento de ensino, aos licenciados, madrinhas e convidados, chocolate e finíssimos bolinhos.

À noite, no salão nobre do Educandário, realizou-se a sessão solene de entrega dos certificados, cuja mesa dos trabalhos foi presidida pelo Dr. Salmon Nogueira Lustosa, digno e culto juiz de Direito da 1ª Vara foi abrilhantada com a presença dos Srs. Joaz Rabelo de Souza, honrado Inspetor Federal, Ozias de Moraes Correia, Diretor-Presidente da Sociedade Mantenedora do Estabelecimento, Celso Augusto Moura Nunes, do alto comércio local, Drs. Ormeu do Rego Monteiro, médico do Educandário e José Bonifácio, contador do Banco do Brasil, além do patrono e paraninfo da turma e alguns professores da casa.

Iniciada a sessão com o hino nacional, e feita a entrega dos certificados, foi dada a palavra ao orador oficial, João Paulo dos Reis Veloso, que proferiu eloquentemente, uma belíssima oração, sobre o duplo conceito do *patriotismo e fé*. E, não há dúvida, o talentoso jovem uma das expressões lidimas da inteligência moça parnaibana.

Logo após, fez-se ouvir, o paraninfo professor Tomaz Catunda, que demonstrou mais uma vez as suas notáveis qualidades oratórias, percorrendo

com muita felicidade sobre um dos mais palpitantes temas da atualidade – a Educação no sentido mais lato do termo. Sob prolongada salva de palmas, concluiu ele fazendo um apelo aos moços para que cultivemos sempre o espírito do amor, de justiça e da fé.

A seguir, o Dr. Salmon encerrou a sessão, convidando os presentes para assistirem o Te-Deum, chave de ouro da festa, no qual oficiou o Rvmo. Pe. Vicente Silva, virtuoso lazarista, filho do nosso amigo Raimundo V. H. Silva. À Diretoria do Ginásio São Luiz Gonzaga pelo brilhantismo das solenidades, e a turma de ginasianos, vitória obtida, os nossos melhores cumprimentos. (MISSA GRAULATÓRIA ... *O Norte*, 10 de dez. 1946, p. 4).

Nas festas de formaturas, os concludentes homenageavam seus professores como patronos e paraninfos da turma. A turma de 1946 convidou professor Tomaz Catunda para ser o paraninfo. Durante as celebrações, os homenageados declamavam seus discursos encorajadores, parabenizando a escola, os concludentes e seus familiares.

Os formandos escolhiam um aluno para ser o orador. João Paulo dos Reis Veloso foi orador da sua turma em 1946, a quinta turma que concluiu o curso ginasial no Ginásio São Luiz Gonzaga. Em seu discurso, fez o seguinte relato:

[...] E se nos sentimos gratos por nos ter iniciado no caminho do Saber, muito mais agradecido se mostrara nosso coração por nos haverem ensinado a linguagem cristã do perdão, já que, sem isso, como disse alhures Gustavo Barroso, haveríamos perdido a batalha da vida antes mesmo de havê-la começado, porque não teríamos nada, porque nos faltaria tudo, porque nos faltava o coração. Adeus, pois, velho Instituto, Mansão da Esperança, adeus mestres queridos, adeus anos fugazes de anseios mal definidos [...]. (DISCURSO ... *O Norte*, 07 de dez. 1946, p. 3).

Os convites (figura 53) eram preparados e distribuídos para as famílias, contendo os nomes dos alunos com suas respectivas madrinhas de um lado e, do outro, os nomes do paraninfo, patrono, orador e a programação da festa:

Figura 53 - Convite de formatura (01/12/1950)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

O convite de formatura da turma de 1950 apresentou os “Concludentes do Ano Santo”, expressando e reafirmando o viés religioso da instituição. A turma escolheu como paraninfo o

professor José Nelson de Carvalho Pires; patrono, o professor José Rodrigues e Silva; como Orador, o aluno José Batista de Oliveira Silva. Na programação, a realização de uma missa às 19 h, na Capela do Ginásio São Luiz Gonzaga, e cerimônia de entrega dos certificados no Cine Teatro Éden, localizado na Praça da Graça.

Essas celebrações movimentavam a vida dos alunos com seus familiares e a cidade. No mês de dezembro, o comércio local se preparava com seus produtos para receber a clientela à procura por novidades em tecidos, calçados, joias para serem usados nas solenidades de formatura que era tradição no Ginásio São Luiz Gonzaga e nas demais instituições escolares de ensino secundário da cidade. Os momentos eram registrados pelos fotógrafos, que inicialmente registravam individualmente cada aluno para a confecção do quadro de formatura, depois registravam momentos como a entrega dos certificados.

Na edição do jornal *O Bembém*, de 21 de dezembro de 2012, Benjamim Santos, egresso do curso ginásial, homenageou a escola, com a publicação de um memorial intitulado “Instituto São Luís Gonzaga – nascimento, apogeu e glória”. O memorial, composto por fotografias acompanhadas de legendas explicativas sobre os eventos registrados (figura 54), apresentou “a mesa posta para o “chocolate quente” após a missa da Colação de Grau da turma de 1950. Da esquerda para a direita: Joaz Souza (Inspetor de Ensino), Ozias Correia (um dos fundadores do Instituto), Dom Felipe, professor Custódio (diretor) e o popular professor de latim, o Baiano”. (INSTITUTO ... *O Bembém*, 21 de dez. 2012, p. 10).

Figura 54 - Festa de formatura no Ginásio São Luiz Gonzaga (1950)



Fonte: Acervo privado de Benjamim Santos.

Rosa Fátima de Souza (2008) avalia que os desfiles cívicos, as festas escolares e as formaturas se constituíam como momentos especiais da vida escolar. Em suas palavras,

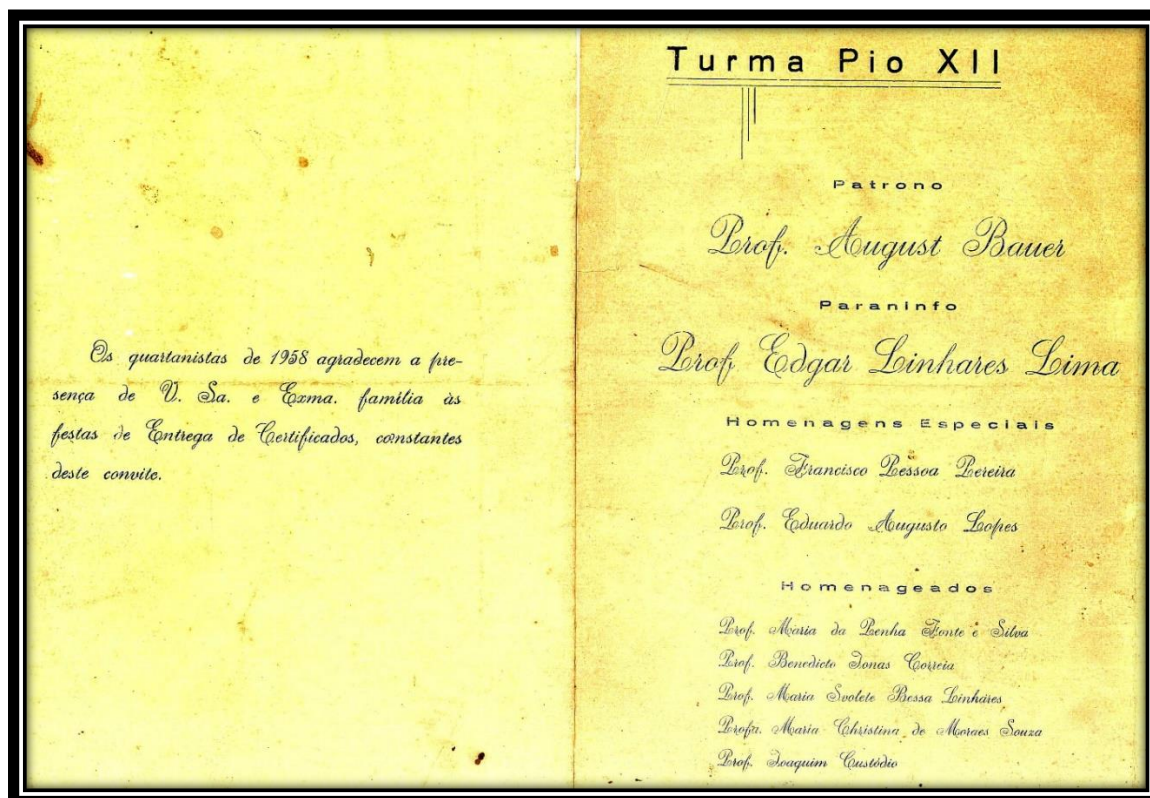
Celebrados com pompa e solenidade, reforçavam sentimentos socialmente compartilhados. A escola secundária dava-se a perceber como centro de cultura e de civilização e seus alunos eram dignos representantes dessa posição elevada. As solenidades de formatura realizadas no salão nobre da instituição, contavam com a presença das famílias e de autoridades políticas e administrativas, representando o poder público. No cerimonial, constavam discursos exaltados, programação literária e a entrega de prêmios e diplomas. (SOUZA, 2008, p.127).

Ritos escolares, como as festas de formaturas reverberam na memória de egressos, como conta Lilian Castro (2019), ao se recordar da formatura no Ginásio São Luiz Gonzaga, emocionavam. A narradora ainda guarda o convite da festa como recordação daquele dia. Ao mencionar a formatura, ela diz: “minha festa de formatura foi um espetáculo!! Aconteceu no Cassino 24 de Janeiro, uma festa linda”.

A formatura da turma de Castro (2019), realizada em dezembro de 1958, escolheu o papa Pio XII para homenagear. A turma teve como patrono o professor August Bauer e, como paraninfo, o professor Edgar Linhares Lima, Diretor da escola. Receberam homenagem

especial, os professores Francisco Pessoa Pereira e Eduardo Augusto Lopes. Também foram homenageados os professores Maria da Penha Fortes Silva, Benedito Jonas Correia, Maria Ivolette Bressa Linhares, Maria Christina de Moraes Souza e Joaquim Custodio.

Figura 55 - Convite Formatura (1951)



Fonte: Acervo privado de Lilian Castro.

Mavignier (2019) também guarda as recordações dos ritos escolares vivenciados na cultura escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga. Sobre a festa de formatura, faz o seguinte relato:

Minha turma teve festa de formatura. [...] A festa de formatura era um grande evento realizado pelo Colégio. Era um mês de atividades. A família participava de tudo. A festa acontecia aqui na escola, com missa e tudo mais. Era uma colação de grau. Tinha uma roupa apropriada, uma madrinha, convites, bolos. Era um verdadeiro evento com toda a polpa de uma Colação de Grau. Era uma tradição do Colégio. Aqui, pelo fato de ser um Colégio católico, tinha todo um lado religioso. O aluno tinha que se comungar, confessar e depois tinha a missa com a participação dos alunos, professores e da família. A moldura com nossas fotografias e dos professores era feita com a contribuição dos pais para que a festa acontecesse. [...] O momento da formatura era um momento esperado, mas de muita tristeza, pois sabíamos que íamos deixar o Colégio. (Diderot dos Santos Mavignier, 2019).

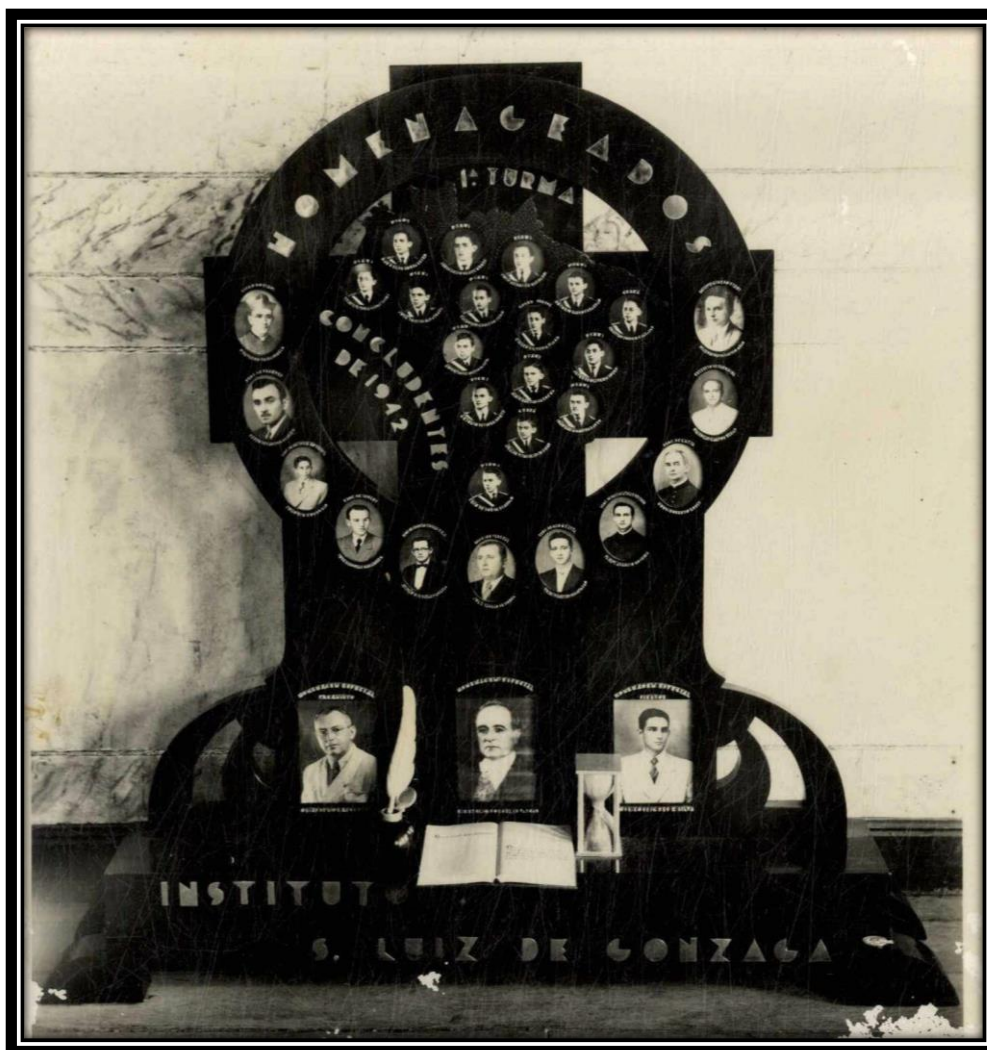
As festas de formatura tinham a participação dos alunos, dos professores, das famílias e dos representantes da sociedade. Eram festas privadas, das quais só participava quem fosse convidado. Eram momentos mais íntimos da escola.

Além da festa de formatura que tradicionalmente acontecia ao mês de dezembro, fazia parte do ritual o preparo do quadro de formatura, contendo os nomes e fotografia dos concludentes, realçando os professores homenageados com o nome da turma, patrono e paraninfo. Esse costume teve início no Ginásio São Luiz Gonzaga em 1942, com a conclusão da primeira turma do curso ginasial que, por causa da mudança na legislação educacional, não recebeu a titulação de bacharelado em ciências e letras, conforme o planejado pela instituição no ato de sua fundação, mas o certificado de conclusão do primeiro ciclo de ensino secundário, ou seja, o curso ginasial.

A escultura da primeira turma do curso ginasial era de madeira, no formato de uma cruz, com o mapa do Brasil no centro, preenchido com os nomes dos concludentes, rodeado pelas imagens dos professores; do bispo da Diocese do Piauí, Dom Severino Vieira de Melo; do Inspetor Federal Joaz Rabelo de Sousa; do Prefeito de Parnaíba, Mirócles Campos Veras e do Governador do Piauí, dr. Leônidas de Castro Melo. Receberam homenagem especial, Ozias de Moraes Correia, o paraninfo da turma; José Rodrigues e Silva, o diretor da instituição e Getúlio Dorneles Vargas, o presidente do Brasil.

O formato de cruz com o mapa de Brasil no centro da escultura exprime o entrelaçamento entre práticas cívicas e católicas presentes na cultura escolar do curso ginasial e exposto no projeto pedagógico-religioso da instituição de formar intelectualmente a juventude masculina. Quando a instituição formou sua primeira turma, em dezembro de 1942, manteve o nome de Instituto São Luiz de Gonzaga na escultura de formatura. Somente a partir de 1943, com a formatura da segunda turma, foi adotado o nome de Ginásio nas demais esculturas de formatura, conforme figura 56:

Figura 56 - Escultura de Formatura da 1ª turma do curso ginasial (1942)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Cícero Silveira Viana, aluno da primeira de turma de concludentes que, ao final do curso, foi enviado por seus pais para fazer o curso superior em Belo Horizonte, deixou registradas suas “reminiscências” sobre a cerimônia de formatura no artigo publicado na revista *Argos* (1943).

Um salão festivamente engalanado. Muitas pessoas. Homens. Mulheres. Moços e Moças. Meninos. Trajes de festa.
Um palco: 16 cadeiras, com outras tantas meninas.
Bonita? Feia!? Que importa!? Lá estavam 16 madrinhas, bem vestidas, apresentando um aspecto agradável. Por trás de cada uma está um rapaz: farda de gala, busto erguido, traz muita satisfação e esperança estampadas no rosto. Mais a frente, uma mesa e várias cadeiras.
Pessoas nelas sentadas: padres e leigos.
A sessão começa:
Distribuição dos diplomas.
Avançam os moços com as madrinhas ao lado.
Entregam-se os papeis. Apertos de mãos, abraços, beijos.

Palmas da assistência: beijos de aplausos, aplausos de beijos.

Finda a entrega.

Com a palavra o diretor.

Emocionado, contente, fala. Acabam-se ressentimentos: é a alegria do dever cumprido. Às suas últimas palavras, estrugem palmas. Vibram os acordes de uma música executada pela “Orquestra”.

Os jovens perscrutam, ávidos, a assistência: procuram pais e irmãos, amigos e conhecidos, talvez alguma menina.

Olhos encontram-se chispas de fogo espiritual.

Ouve-se um orador. Sucede-lhe, após vivas palmas que lhe coroam o discurso, a “Orquestra”. Outro orador, novos aplausos, nova música: “Sobre as ondas”. Sobre as ondas da imaginação transportam-se alguns – novos colégios, novos colegas, novos mestres, tudo novo.

A valsa concorre para devaneios.

Quem é aquela, no meio da assistência?!

Pais contentes, mães contentes, irmãos contentes, todos contentes. O contentamento é geral, mas transluz especialmente no olhar dos concludentes. Jamais lhes sairá da memória a lembrança daquele dia – alvoreada de ingênuas ilusões que nascem, crepúsculo melancólico de outras que morrem – ilusões alimentadas na esperança daquele dia que tão rápido chegou, e mais rápido passou e morreu.

Com outro discurso encerra-se a sessão.

Te Derum Graças e louvores ao Deus Onipotente, que aos 16 proporcionou aquele dia, abençoando-os na colheita dos primeiros louros.

Tudo passa.

Aquele dia passou, a noite passou, os discursos; os acordes das músicas passaram: as ilusões de muitos; passaram as congratulações.

Tudo passou?

Não! Nem tudo passou.

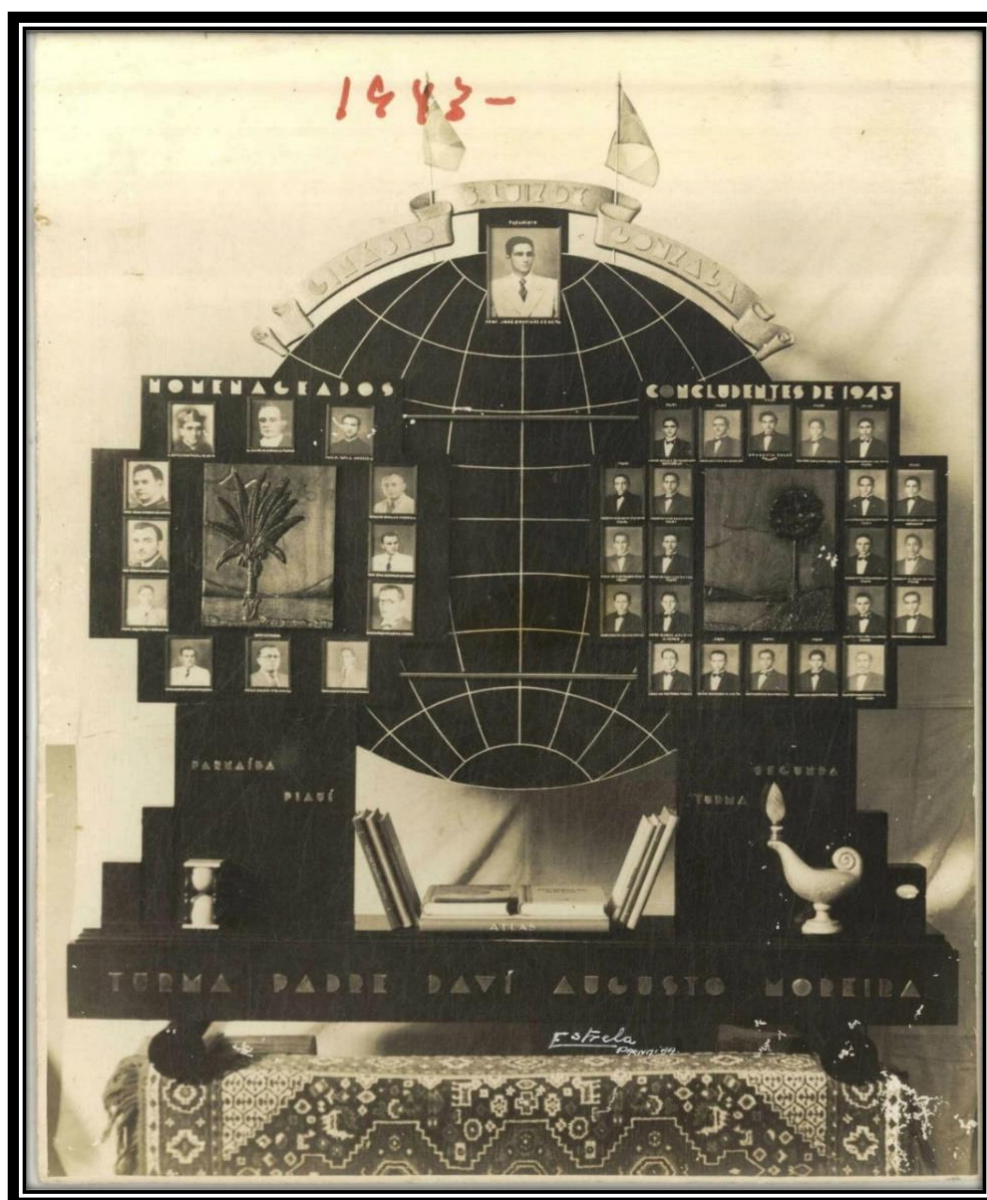
Ficou a recordação inefável dos 4 anos ginasiais, a satisfação, o quadro daquele dia, e com ele o desejo de que as horas se houvessem escoado mais lentamente, para melhor se poder saborear-lhes o gosto.

Aterrissa o avião. Ainda estonteado pelo voo. Pergunto-me: Onde os velhos amigos? Onde os velhos professores? Onde o colégio? Onde o lar querido, a cidade bondosa? Onde? Pessoas estranhas cercam-me. Retorno aos poucos do torpor, e considero onde ficou tudo.

A saudade traz-me à memória dos 4 anos vividos no “Instituto”. (VIANA, 1943, p. 61-62).

A segunda turma de concludentes, seguindo a tradição presente na cultura escolar cívico-católica, realizou uma festa de formatura, com convites e homenagens a professores, autoridades locais e ao superintendente da escola, homenageado como o nome da turma, sendo escolhido, como paraninfo, o diretor de disciplina, José Rodrigues e Silva.

Figura 57 - Escultura de formatura (1943)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar Ginásio São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

A escultura da segunda turma (figura 57) também alinhou civismo e catolicismo. No entanto, foram realizadas alterações, como o formato de duas cruzes. Ficaram no lado direito os concludentes e, no esquerdo, os homenageados. O mapa do Brasil foi substituído pelo globo terrestre e, no topo, duas bandeiras do Brasil. Abaixo, o nome do Ginásio, seguido da fotografia de José Rodrigues e Silva, paraninfo da turma. Além da realização de ritos, como a missa, a entrega dos certificados, os discursos realizados pelos homenageados, a produção da escultura, a segunda turma publicou a revista *Argos*, como parte das comemorações da formatura.

Na condição de paraninfo da turma, José Rodrigues teve seu discurso intitulado “À Parnaíba e aos concludentes” publicado nas primeiras páginas da revista. O paraninfo iniciou o discurso agradecendo à turma pela homenagem e continuou:

Pela segunda, abrem-se as portas do Ginásio São Luiz Gonzaga, dando passagem a mais uma turma de concludentes do curso ginásial – 21 esperanças em flor, energias acumuladas que olham o futuro com otimismo e fé, acariciando ideais magníficos que se prendem a sonhos de glórias; 21 jovens que levam – já não digo a educação mais perfeita nem os ensinamentos mais completos, porém o que tínhamos de melhor para lhes dar [...]. (SILVA, 1943, p. 5-6).

Como parte das comemorações da formatura da segunda turma do curso ginásial, além da produção de uma revista, os concludentes produziram uma canção, cuja letra homenageou o padre Davi Augusto Moreira.

Canção dos Concludentes de 1943
Letra de Humberto Teles
Música de A. Lussí

Somos nós o futuro do Brasil
Esperança de glória e grandeza;
Confiantes em nosso valor,
Da vitória já temos certeza.

Como audazes soldados dos livros
Desejamos a paz com ardor;
Mas, se formos um dia pra guerra,
Saberemos lutar com fervor.

Estrilho
Eia todos, em busca de glória!
Mais além o futuro sorri;
Por bandeira, pra vida levamos
Nome augusto – o de Pe. Davi.

Somos fortes e nada tememos.
Para frente havemos de ir,
Pois trazemos gravada em nossa alma
A certeza de um belo porvir.

Como impávidos jovens que somos,
Quer na paz, quer no pranto ou na dor,
O propósito firme fizemos
De mostrar o nosso valor. (ARGOS, 1943, p. 79).

A reverência ao patriotismo, desejo de glória, a analogia feita entre o soldados dos livros e o soldado do exército, a exaltação ao nacionalismo expresso pelo amor e a defesa da pátria, o desejo de paz expresso em virtude da segunda guerra e a promessa de levar consigo o

nome do padre que escolheram como referência para a vida expressam valores, normas, condutas e práticas presentes na cultura escolar, vivenciada pelos alunos no curso ginásial, na década de 1940, tendo em vista que, de acordo com Julia (2001), a cultura escolar varia segundo época e finalidades.

Além de ser uma referência para os alunos, o padre Davi Augusto, juntamente com os professores José Rodrigues e Silva e José Rebouças, produziram o Hino do Ginásio São Luiz Gonzaga, um dos principais símbolos da cultura escolar cívico católica do curso ginásial.

O Hino do Ginásio São Luiz Gonzaga
Música do Pe. Davi A. Moreira
Letra dos profs. J. Rodrigues e J. Rebouças

Mocidade que luta e que sonha,
Altaneira e sedenta de luz,
Entre as brumas espessas, risonhas,
Rumo à estrada que à glória conduz

É de nós que o Brasil tudo espera,
Só de nós que depende o porvir,
E que possa afinal esta era
A nação brasileira expandir!

Estrilho – Mocidade, não temamos!
Para frente, para a glória!
Nossos nomes escrevamos!
Numa página da História!

Nesta quadra formosa da vida,
Deve o jovem os livros amar,
Contra o erro, em batalha renhida,
Para firme e valente lutar.

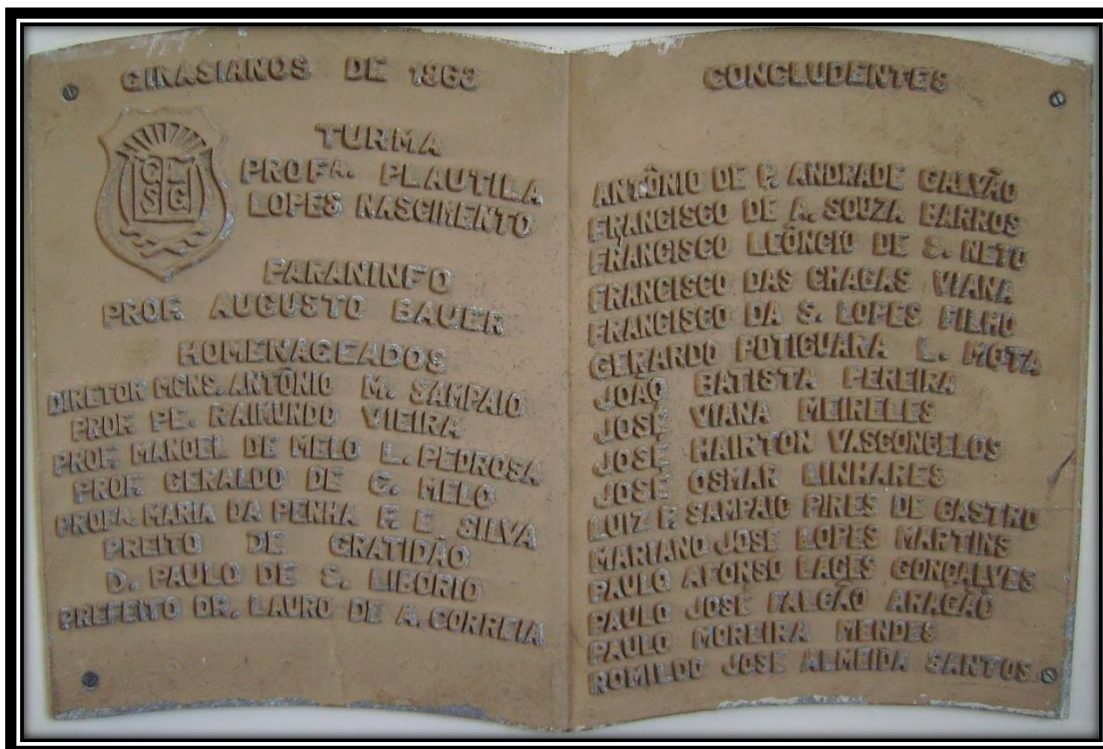
Sob o céu de beleza constante,
De risonha estrela bordado,
Cresça o povo num solo gigante,
Para Deus, para a Pátria voltado.

E o Instituto, mansão da Esperança,
Templo augusto em que brota o Saber,
Fique sempre na nossa lembrança,
De saudade eterno a viver! (ARGOS, 1943, p. 73).

O Hino do Ginásio São Luiz Gonzaga, um dos principais símbolos da escola, imprimia nos jovens entusiasmo, coragem para seguir a estrada rumo à glória e a expressão dos papéis atribuídos a juventude. A variação das práticas e tradições presentes na cultura escolar vivenciada pelos alunos do curso ginásial está presente em pequenas mudanças nas práticas e condutas da instituição. Na década de 1960, por exemplo, a escultura e o quadro de formatura

deram lugar à placa de formatura, como a produzida pelos ginasianos de 1963, homenageando a professora Plautila Lopes Nascimento, com o nome da turma, seguida por outros homenageados.

Figura 58 - Placa de formatura dos ginasianos (1963)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

A placa de formatura de 1963 (figura 58) não manteve símbolos católicos e cívicos, como a cruz, a bandeira do Brasil, sendo composta por um único símbolo, que foi o emblema da escola. No entanto, seguindo a tradição, o nome do bispo diocesano foi mantido entre os homenageados de 1963. No mesmo período, as turmas de concludentes também produziram flâmulas (figura 59) como parte das comemorações, como fez a turma de 1967, homenageando o padre Raimundo José Vieira, falecido em dezembro de 1966, num desastre automobilístico, quando estava indo para um curso de diretores, na cidade de Teresina.

Figura 59 – Flâmula do concludentes de 1967



Fonte: Arquivo privado de Paulo Fontenele.

A participação nos ritos cívicos realizadas na cidade, especialmente a Semana da Pátria, momento de sociabilidade da cidade, uma vez que o programa se estendia por toda a semana, organizada por representantes da Prefeitura Municipal, com a participação das autoridades locais e das instituições escolares de ensino primário e secundário, também foi um dos elementos da cultura escolar cívico-católica do Ginásio São Luiz Gonzaga.

Desde sua fundação em 1937, o Ginásio São Luiz Gonzaga incorporou as comemorações cívicas, uma “tradição inventada” (HOBBSAWM, 2015) ao seu calendário escolar. No Brasil, as comemorações cívicas se constituíram gradativamente como atividade pedagógica, a partir do início da organização do sistema estatal de ensino público que remonta ao final do século XIX (CÂNDIDO, 2019).

Entre as décadas de 1940 a 1960, a participação nas comemorações cívicas realizadas na cidade, como a Semana da Pátria, foi institucionalizada no calendário escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga como uma prática cotidiana vivenciada na escola, sendo rememorada não só pelos alunos que vivenciaram, mas pelos que acompanharam a realização dessa tradição de sua cultura escolar.

Ao se posicionar sobre a realização das comemorações cívicas, Salâmia Melo (2009) os define como elementos responsáveis pela construção da memória cívica no Piauí, pois além do significado político, os desfiles cívicos, tinham uma função pedagógica:

Os desfiles funcionavam como pedagogia porque ensinavam a história pátria [...]. As ruas eram palco para exibição do que a escola havia preparado ao longo dos anos, grande teatro aberto onde a cidade se envolvia, os estudantes, os professores, os militares, as autoridades eram os principais da festa [...] As comemorações iam além dos desfiles estudantis e militares, somando-se aí várias outras atividades, como os hinos que eram cantados, as exibições de educação física, as várias bandeiras, as disputas entre as escolas, a demonstração do aparato militar representando a força do Estado. Os discursos das autoridades era sempre o coroamento das festividades. Era o momento, além do desfile, que dava maior conotação política ao evento e, acima de tudo, com sua significação pedagógica. (MELO, 2009, p. 77-78).

Na realização das celebrações cívicas, as ruas de Parnaíba se transformavam numa grande passarela onde os alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga desfilavam com um uniforme escolar de gala. Nos anos 1940, o uniforme de gala era composto por calça e camisa de mangas compridas na cor branco e um quepe preto na cabeça, em estilo militar, preparado especialmente para aquele momento. “Os colégios católicos aproveitavam o contexto para mostrar, durante os desfiles, a eficiência do seu modelo pedagógico, pautado na ordem, na disciplina e no culto à autoridade” (BOSCHILIA, 2002, p. 115). O desfile acontecia no horário da manhã e, logo ao amanhecer o dia, os alunos seguiam devidamente fardados em direção ao Ginásio, onde formavam os pelotões e saíam em marcha pelas principais ruas e avenidas do centro da cidade.

A figura 60 apresenta os alunos do então Instituto São Luiz Gonzaga, no ano de 1938, na frente da primeira sede, trajando o uniforme de gala, todos em posição de sentido, provavelmente ouvindo o hino nacional, antes de iniciar o tradicional desfile de Sete de Setembro, festa cívica que tradicionalmente era realizada na cidade com a presença de todas as instituições escolares e autoridades locais.

Figura 60 - Desfile Sete de Setembro (1938)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

A festa cívica de sete de setembro se constituía num dos principais momentos do calendário cívico da cidade e contava com a participação de um grande público, formado pelos parnaibanos que se aglomeravam nas principais ruas e avenidas da cidade, para ver a apresentação das escolas. Sobre a participação dos alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga, o editor da revista *Histórica* avaliou que “disciplina, apuro e elegância de seus alunos chamavam atenção de quem assistisse ao desfile” (INSTITUTO ... *Histórica*, 2008, p. 5).

A participação das instituições escolares como estratégia para dar visibilidade à escola, especialmente nas festas públicas, “[...] gerava uma mobilização dos escolares por espaços importantes da cidade, destacando as escolas de maior prestígio no aparato educacional, que circulavam pelas praças e ruas, principais [...] promovendo uma transformação da dinâmica escolar e desses espaços” (LOPES, 2007, p. 12).

Em Parnaíba, a realização das comemorações cívicas contava com a participação das instituições escolares, dos clubes desportivos, as corporações militares, associações de classe e intelectuais da cidade. O seu programa era composto pela abertura marcada para o dia 1º de setembro, com apresentação musical, acompanhada do discurso do prefeito municipal; campeonatos desportivos, comemoração do dia da juventude com o desfile cívico, cuja concentração se dava na Praça da Graça; Dia da Raça e a finalização acontecia no dia 7 de setembro, quando a programação era a mais extensa, pois acontecia durante todo o dia, iniciava

com a missa campal na Praça da Graça, seguida por hasteamento da bandeira ao som do hino nacional, desfile realizado cívico, realização de campeonato de futebol, encerrado com um baile realizado no Cassino 24 de janeiro, conforme a programação da Semana da Pátria, realizada em 1940, cujo convite e a programação foi noticiado pelo jornal *O Norte*:

A Prefeitura Municipal de Parnaíba, desejando dar maior realce as festividades cívicas com que este ano a SEMANA DA PÁTRIA convida todos os parnaibanos para as solenidades constante do programa que se segue, solicitando a valiosa cooperação dos estabelecimentos de ensino, clubes desportivos, corporações militares e associações de classe e intelectuais.

As paradas serão realizadas no Campo Desportivo da Casa Inglesa, gentilmente cedido pela firma James Frederick Clark & Cia. Ltda.

E a seguir, a orientação do programa:

Dia 1 de Setembro

Às 18 h, hora cívica, Litero-musical a cargo do Ginásio Parnaibano. A sessão será aberta pelo senhor Dr. Prefeito Municipal.

Dia 2 de Setembro

Às 18 horas, hora cívica, a cargo do Instituto São Luiz de Gonzaga constando de cantos orfeônicos e discursos.

Dia 3 de Setembro

Às 16 horas programa desportivos com corrida, jogos populares, etc. sendo disputados os seguintes prêmios: Presidente Getúlio Vargas, Interventor Leonidas Melo, Ministro Francisco Campos, Ministro Gustavo Capanema, Cidade de Teresina, Cidade de Parnaíba, Sete de Setembro, Juventude Parnaibana.

Às 18 horas, hora cívica-literária pelas professoras de ensino primário desta cidade.

Dia 4 de setembro

DIA DA JUVENTUDE BRASILEIRA. Às 9 horas da manhã, parada da juventude escolar na qual tomarão parte todos os estabelecimentos secundários. Concentração na Praça da Graça.

Às 16 horas, jogos desportivos pelos alunos dos estabelecimentos primários.

Às 18 horas, hora cívica-literária pelos professores e alunos da Escola de Comércio da União Caixeiral.

Dia 5 de Setembro

DIA DA RAÇA, às 16 horas, ginástica musicada, bola militar e ginástica decorativa, pelos alunos dos estabelecimentos secundários e Tiro de Guerra.

Às 18 horas, hora cívica a cargo do Colégio de Nossa Senhora das Graças, constando de cantos orfeônicos e discursos.

Dia 6 de Setembro

Às 18 horas, hora cívica pelos intelectuais José Euclides de Miranda, Alarico J. da Cunha, Antonio Narciso O. Castro, Nicanor Barreto José Lins Leitão e R. Fonseca mendes.

Dia 7 de Setembro

Dia da Pátria, às 7 horas, missa campal na Praça da Graça, celebrada por Monsenhor Roberto Lopes Ribeiro que falará sobre a pátria.

Às 8 horas, hasteamento da Bandeira Nacional pelo sr. Dr. Prefeito Municipal, no local do altar da pátria, ao som do Hino Nacional cantado por todos os alunos, colégios desta cidade, seguindo-se a esta cerimônia o desfile militar-colegial.

Guarda de honra ao altar da pátria pelo T. G 147 e alunos dos estabelecimentos de ensino.

Às 16 horas, a posição do retrato do Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, no Sindicato dos Marinheiros, do Exmo Sr. Ministro do Trabalho e do Capitão de Corveta Nelso Martins Desouzart, no Sindicato dos Mestres, Práticos e Arraes.

À mesma hora partida inter-estadual de foot-bal entre o Flamengo e o Guarani da cidade de Sobral.

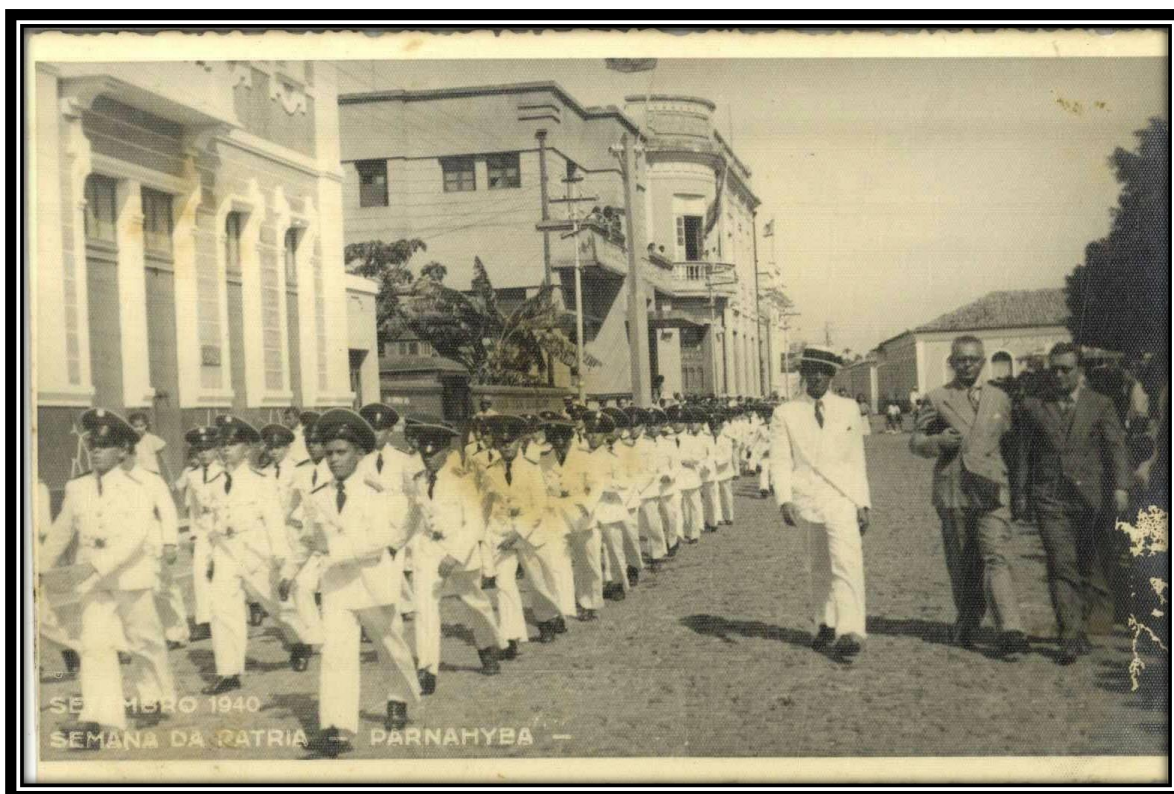
Às 18 horas, arreamento da Bandeira com o mesmo programa para o hasteamento. Em seguida, hora cívica literária pelos intelectuais, professores José de Souza Brandão, Elias de Carvalho Magalhães e Benedito Jonas de Moraes Correia.

Às 21 horas, sessão cívica no Cassino 24 de janeiro, seguida de baile comemorativo do dia.

(SEMANA DA PÁTRIA ... *O Norte*, 2 de set. 1940, p. 2).

Na programação da Semana da Pátria de 1940, o Ginásio São Luiz Gonzaga participou efetivamente como instituição responsável pela realização da hora cívica, do dia 02 de setembro, com apresentação dos cantos orfeônicos e discursos proferidos pelos alunos do Grêmio Cívico Literário Tiradentes e se fez presente nos desfiles cívicos, realizados no Dia da Juventude, Dia da Pátria. Nessas solenidades (figura 61), os alunos trajam seu uniforme de gala, acompanhados pelos professores que vestiam terno e gravata, mostrando a seriedade e a importância dada ao momento, mantendo o controle disciplinar dos alunos, acompanhando-os durante o desfile, para corrigir hábitos e atitudes inadequadas, que pudessem vir a ser manifestadas durante o momento em que a escola se apresentava para a cidade.

Figura 61 - Semana da Pátria (1940)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

A participação nas comemorações cívicas da cidade dava visibilidade externa para a escola e sua cultura escolar. Samara Silva (2018) avalia os rituais realizados nos colégios católicos como parte das estratégias eficientes de difusão da cultura escolar e, consequentemente, dos valores propostos por estas instituições” (SILVA, 2018, p. 131). Como parte da tradição cultural escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, o ritual das comemorações cívicas foi constante na escola. O dia 07 de setembro era uma data esperada por todos. Os alunos preparavam o uniforme escolar e, na escola, eram realizados ensaios com a banda de tambores e clarins para o dia do desfile.

O “Sete de Setembro era o dia do Colégio se expor da melhor forma possível” (MAVIGNIER, 2019). Logo ao amanhecer do dia, alunos e professores se dirigiam para a escola. A organização dos alunos, a posição dos pelotões acontecia na quadra da escola, que de lá saíam juntos, em marcha firme, no mesmo ritmo para a rua, onde eram esperados por seus pais, familiares e amigos que também se dirigiam cedo, trajando as melhores roupas, pois o dia 7 de setembro também era um dia de sociabilidades para a cidade, cuja população se concentrava na Praça da Graça, onde ficava o palanque montado para que as autoridades pudessem assistir ao desfile cívico.

O cronista Carlos Araken (1989) deixou registradas as emoções vivenciadas nas comemorações cívicas, chamadas, na época, de “parada escolar de 7 de setembro”, realizadas na década de 1940:

Com nossa ida para o curso ginásial, já nos dividíamos entre o Ginásio Parnaibano de Dr. Meire e Samuel Santos, onde estudei e o novo e revolucionário instituto São Luiz Gonzaga, sob a batuta do brilhante prof. José Rodrigues. A rivalidade entre esses dois estabelecimentos era algo palpável. De um lado o Ginásio, do outro, o Instituto colégio masculino, com um bom internato masculino, que recebia todos os rapazes de boa família das cidades vizinhas.

Nos dias de parada, a vibração era uma só. Todos participavam: alunos, professores e bedéis. Com que disposição e orgulho acordávamos de madrugada e nos encaminhávamos para o casarão da Rua Grande. Com o coração batendo forte, ao compasso dos tambores, desfilávamos pelas ruas até a Praça da Graça, onde era a concentração. Eu como sempre na “rabada”, devido minha baixa estatura. Era como se fôssemos soldados que marchava para um front imaginário, em defesa de nossa pátria. [...]

O Instituto era mais bem cuidado: farda linda “garance”, marinho, branco e dourado, só para desfiles. (ARAKEN, 1989, p. 13-14).

A memória de Araken (1989) é composta por acontecimentos, personagens e lugares, como advoga Pollak (1992). O Ginásio Parnaibano e o Ginásio São Luiz Gonzaga, conhecido como “Instituto”, aparecem como as duas opções para os jovens parnaibanos cursarem o ensino

secundário. O Ginásio Parnaibano foi a única escola de ensino secundário da cidade, até a implantação do curso ginásial no Ginásio São Luiz Gonzaga, em 1939. Araken (1989), ao apresentar as escolas, realça o Internato e caracteriza seu público como sendo formado por “rapazes de boa família das cidades vizinhas”, destacando a rivalidade entre as escolas.

São lembrados elementos da cultura escolar, como o uniforme escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, presente as recordações dos alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga, e de outras instituições da cidade, como mencionado por Araken (1989), assim como os espaços que a escola percorria até chegar à Praça da Graça, local de concentração das comemorações cívicas realizadas na cidade até a década de 1960, quando foi construído o Centro Cívico Prefeito Lauro Correia.

Na organização dos pelotões, as escolas adotavam uma hierarquia definida a partir da estatura dos alunos. Araken (1989) diz que sempre ficava na “rabada”, ou seja, nos últimos pelotões, local destinado aos alunos de menor estatura. Essa prática também era adotada no Ginásio São Luiz Gonzaga. O mesmo critério era adotado na escolha dos alunos que iriam compor a banda de tambores, conforme a figura 62, que registrou o momento da atuação da banda do Ginásio São Luiz Gonzaga, em sua partida para a Praça da Graça.

Figura 62 - Sete de Setembro (1947)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Os alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga se orgulhavam da banda escolar, formada por tambores e clarins, por ter na concepção deles o melhor toque do que as demais e sendo, portanto, uma das partes mais fotografadas da escola durante os desfiles, realizados ao longo do período investigado.

Por toda a década de 1940, os alunos trajavam seu uniforme de gala durante as aparições públicas da escola, como a participação nas comemorações cívicas, em especial a semana da pátria, momentos em que a escola se apresentava toda limpa e asseada, conduzidos pelos professores e pelo diretor.

As mudanças na administração da escola, com professor Joaquim Custódio à frente da direção do Ginásio também promoveram mudanças na forma de a escola se apresentar nas comemorações públicas. Na década de 1950, os alunos passaram a se apresentar nos desfiles de Sete de Setembro, trajando o uniforme verde. Esse critério, mantido nas décadas seguintes, desagradava alunos de estatura menor, que alimentavam o desejo de pertencer à banda da escola, a qual tinha lugar privilegiado na organização dos pelotões e, até hoje, nas lembranças de egressos.

Para os entrevistados, a tradição de participar da festa cívica do Sete de Setembro se constitui como uma marca da cultura escolar da instituição. Castro (2019) demonstra entusiasmo ao rememorar os desfiles de Sete de Setembro. Segundo ela, existia uma disputa entre as escolas, mas, diferente das informações trazidas por Araken (1989), para Castro (2019) a disputa existia entre os colégios confessionais católicos, o Ginásio Nossa Senhora das Graças, colégio feminino, e o Ginásio São Luiz Gonzaga, que entre 1957 a 1962, ofertou o curso ginásial feminino.

No Sete de Setembro, disputavam Colégio das Irmãs e Ginásio São Luiz Gonzaga. O Colégio das Irmãs com aquela roupa branca, o Ginásio São Luiz Gonzaga era tudo de verde. Nós tínhamos um esquadrão que tocava corneta, inclusive eu tocava corneta. Quando diziam ‘o São Luiz Gonzaga está chegando’, aquilo era de arrepiar. O desfile tinha os personagens da História. Os heróis da pátria montados à cavalo. Quando vinha o São Luiz Gonzaga, com aquela banda maravilhosa, o povo corria para ver a gente passar. O Ginásio São Luiz Gonzaga foi um marco na história de Parnaíba. (Lilian Maria de Almeida Castro, 2019).

Elementos como a banda de tambores e cornetas, as alegorias, a cor da farda aparecem como centrais na narrativa de Castro (2019). Todos os entrevistados, ao se recordarem das comemorações cívicas da cidade, mencionam a participação do Ginásio São Luiz Gonzaga na tradicional parada escolar, realizada na cidade durante as comemorações da Semana da Pátria.

Santos Junior (2019), ao ser questionado sobre as comemorações realizadas pela escola, respondeu prontamente:

As festas cívicas, todas as datas eram comemoradas. Existia uma disputa no desfile de sete de setembro. Não existia desfile no dia da Parnaíba, o desfile era o sete de setembro. Então, os ensaios do São Luiz Gonzaga, a banda de música, a banda marcial do São Luiz Gonzaga era completa, não tinha uma que se igualasse a banda do São Luiz Gonzaga. Era conhecida. Quem estudou no São Luiz Gonzaga naquela época lembra disso! Era a banda do São Luiz Gonzaga!! A banda era uma coisa fabulosa. (Renato de Castro Santos Junior 2019).

A disputa existente entre as escolas de ensino secundário também aparece como elemento central na narrativa de Santos Junior (2019), com realce para a “banda marcial”, orgulho dos alunos. Para Mavignier (2019), a escola, com suas atividades, “na época exercia um fascínio sobre nós. Tudo o que acontecia no São Luiz Gonzaga era tido como grandioso. Eu cito como exemplo o Sete de Setembro. Quando se dizia: ‘lá vem o São Luiz Gonzaga’!! Todos corriam pra ver, pois era um desfile muito bonito” (MAVIGNIER, 2019).

Durante a participação da escola nas comemorações cívicas da cidade, momento de exposição da escola para a sociedade, a postura e a disciplina eram bastante cobradas dos alunos, começando pela aparência do uniforme escolar. Castello Branco (2019), ao se recordar dos desfiles de Sete de Setembro, relata que:

Outra atividade que era obrigatória na escola era o desfile do Sete de Setembro. Todos os alunos tinham que participar. Isso tinha uma grande exigência! Primeiro a roupa limpa, sapato engraxado. O professor fazia a triagem e, se encontrasse alguém com a roupa suja, você ficava fora, não participava. Existia essa disciplina, era uma coisa de muita exigência, principalmente quando assumiu a Direção do Colégio o padre Vieira, com o Monsenhor Sampaio, até que era mais brando, mas o padre Vieira, não! O padre Vieira era muito rígido nessas coisas, com ele não tinha brincadeira, não! (José Hamilton Furtado Castello Branco, 2019).

Na década de 1960, após a implantação da ditadura civil-militar, as exaltações ao patriotismo e o apelo ao nacionalismo, típico dos governos ditatoriais, tornaram-se elementos presentes na cultura escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, expressos e vivenciados de forma mais intensa pelos alunos durante a realização das festas cívicas, como as comemorações da Semana da Pátria, culminando com o desfile do Sete de Setembro, momento em que *slogans* propagadas pelos governos militares, como: “pelo Brasil Grande”, “Desenvolvimento depende de todos nós”, “Ninguém segura mais este país”, “integração nacional” eram apresentados em faixas carregadas pelos pelotões da escola. Em Parnaíba, o patriotismo e a exaltação ao nacionalismo não foram uma exclusividade do desfile cívico do Ginásio São Luiz Gonzaga.

Outras instituições escolares de ensino secundário também exibiam suas faixas com frases de efeito advindas da propaganda efetuada pela ditadura civil-militar.

Figura 63 - Organização Sete de Setembro (1967)

Ginásio São Luiz Gonzaga

— C U R S O S —

PRIMÁRIO — ADMISSÃO — GINASIAL

AVENIDA CAPITÃO CLARO

CATXA POSTAL, 89 — FONE 12-61

PARNAÍBA—PIAUÍ

GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA

- 1 - Aproxima-se do palanque oficial o Ginásio São Luiz Gonzaga, fundado a 1^a de maio de 1937 e mantido pela Diocese de Parnaíba. Funciona, atualmente, com o curso Ginasial e Primário masculino, no turno da manhã, com uma matrícula de 297 alunos, sob a direção do Pe. João de Aragão Coutinho, e com o curso Primário noturno para domésticas, gratuitamente, com uma matrícula de 150 alunas, sob a orientação das Irmãs Missionárias.
- 2 - Sob a direção do Prof. Everardo Rodrigues Bem, das Professoras Teresa Maria Ribeiro dos Santos, Maria Elisabeth de Melo e Silva, Rita de Cássia Teles, Maria Janete Esmeraldo, Maria da Graça Monteiro e Maria Cecília Vieira, desfila com garbo o Ginásio São Luiz Gonzaga, formando nove pelotões. Os alunos trajam calças verdes com listas cinza e camisa cinza, de mangas compridas, tendo no bolso o distintivo do Ginásio.
- 3 - Abrindo o desfile vem um aluno do 5^o ano Primário conduzindo o Emblema do Ginásio.
- 4 - Após o Emblema, vê-se o Pavilhão Nacional conduzido por um aluno da 4^a. série ginasial, ladeado por cinco guarda-bandeiras.
- 5 - Uma faixa com o dístico PELO BRASIL GRANDE precede o pelotão que guarda a Bandeira do Piauí.
- 6 - Desfila o 1^o 2^o pelotão.
- 7 - O 2^o 3^o pelotão ostenta a Bandeira da Parnaíba.
- 8 - A Bandeira do Ginásio São Luiz Gonzaga é conduzida sob a guarda do 4^o pelotão.
- 9 - Desfila a Banda de tambores e clarins, com 15 componentes.
- 10 - Uma faixa com o letrreiro OS HERÓIS DO PASSADO SÃO ETERNOS precede o carro alegórico dos xx grandes Vultos da Independência José Bonifácio e D. Pedro I.
- 11 - Desfila o 5^o pelotão.
- 12 - HÁ UM DESAFIO AOS BRASILEIROS - letrreiro em faixa que precede o 6^o pelotão
- 13 - O 7^o pelotão é encabeçado pelo dístico: O DESENVOLVIMENTO DEPENDE DO ESFORÇO DE TODOS.
- 14 - Uma faixa com as palavras NINGUÉM SEGURA MAIS ESTE PAÍS antecede o 8^o pelotão.
- 15 - O letrreiro INTEGRAÇÃO NACIONAL precede o último pelotão ostentando as flâmulas dos Estados.

Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Os organizadores da Semana da Pátria solicitavam das instituições de ensino uma pequena biografia, mostrando como estavam organizados os pelotões da escola, para ser lida no momento em que a escola passava em frente do palanque, localizado no Centro Cívico Prefeito Dr. Lauro Correia, composto pelas autoridades locais. Atendendo a essa solicitação,

em 1969 a direção do Ginásio São Luiz Gonzaga iniciou a apresentação, fazendo um breve relato sobre a fundação da escola, enfatizando a predominância do público masculino em seus cursos, ginásial e primário. A escola mantinha um curso primário noturno, de forma gratuita, dedicado às domésticas sob a direção das Irmãs Missionárias.

A escola foi composta de nove pelotões, o uniforme escolar usado nos desfiles, no final da década de 1960, foi calça verde com listras cinza e camisa cinza de mangas compridas, tendo no bolso o distintivo, ou seja, não era mais a calça de brim branco e a camisa na mesma cor, usado como uniforme de gala na década de 1940. Essa mudança na cor do uniforme escolar reflete mudanças presentes na cultura escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga (figura 64):

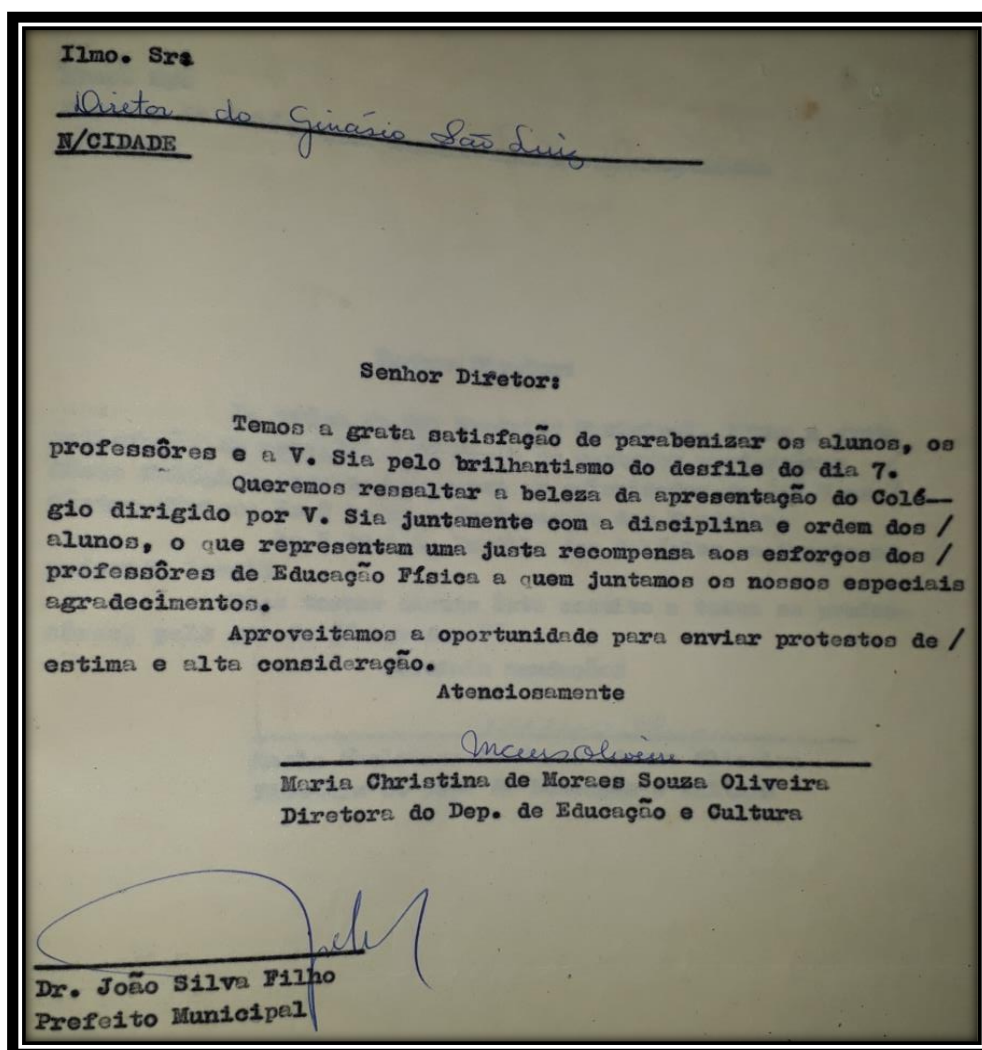
Figura 64 - Desfile Sete de Setembro (década de 1960)



Fonte: Acervo de Antônio Freitas de Araújo.

O desfile era aberto por um aluno que carregava o emblema do Ginásio. Uma das coisas que se manteve durante todo o período estudado foi o símbolo da escola, aquela marca que a distinguia das demais, acompanhado pelos demais pelotões, guarda bandeiras, as faixas e os carros alegóricos que, a partir da década de 1960, passaram a se fazer presente nos desfiles de Sete de Setembro do Ginásio São Luiz Gonzaga.

Figura 65 - Correspondência



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

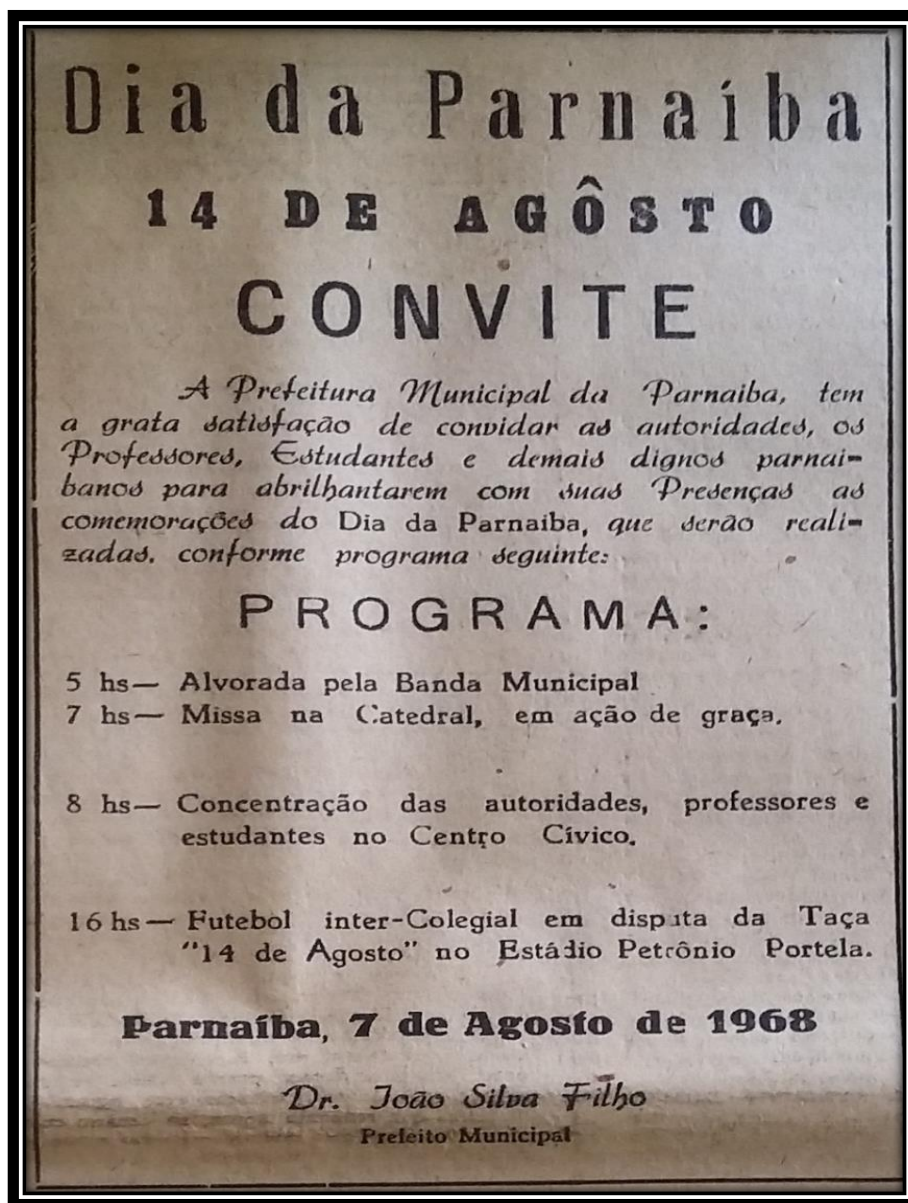
Para os entrevistados, os rituais vivenciados na tradicional “parada do 7 de setembro” são uma das marcas da identidade social da instituição. Para Michel Pollak (1992, p. 204) “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com os outros”.

Além das comemorações cívicas de Sete de Setembro, o Ginásio São Luiz Gonzaga também participava das outras comemorações realizadas na cidade, como o Dia da Parnaíba. Essa data comemorativa entrou para o calendário das comemorações cívicas da cidade por iniciativa do então prefeito Lauro Correia.

No Dia da Parnaíba, comemorado em 14 de agosto, a cidade amanhecia em festa cívica que envolvia todas as instituições escolares da cidade, as quais, logo ao amanhecer,

posicionavam seus alunos e marchavam para o Centro Cívico Prefeito Dr. Lauro Correia. Na programação apresentada em agosto de 1968, constava um dia de atividades que se iniciavam pela manhã e eram encerradas com a disputa da Taça 14 de Agosto, no estádio Petrônio Portela.

Figura 66 - Convite Dia da Parnaíba (1968)



Fonte: O Norte do Piauí, Parnaíba, p. 3, 9 de agosto de 1968.

Na década de 1970, as comemorações do Dia da Parnaíba se tornaram mais pomposas e a programação mais extensa. A festa de 1971, realizada pelo prefeito Carlos Furtado de Carvalho, homenageou o então governador do estado, Alberto Tavares Silva que, juntamente com sua comitiva, prestigiou os festejos da cidade.

As comemorações cívicas iniciavam às 5 horas da manhã, na Praça da Graça, com uma alvorada pela Banda de Música e uma salva de tiros, e seguiam por todo o dia, finalizando com

os desfiles alegóricos das datas históricas da cidade, com a participação do Batalhão Major Osmar, do Tiro de Guerra, e as instituições escolares da cidade. A organização deu temas para que cada instituição de ensino secundário realizasse o desfile explorando aquele tema. O Ginásio São Luiz Gonzaga ficou responsável por apresentar, em seu desfile, o tema “Parnaíba e seus folclores”. As comemorações cívicas do Dia da Parnaíba eram momentos de socialização entre os estudantes das diferentes instituições escolares e também de acirramento da disputa existentes entre os alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga e Colégio Estadual Lima Rebelo para ver quem realizava o melhor desfile, quem se apresentava melhor, quem tinha a melhor banda, dentre outras coisas.

4.3 As atividades esportivas

Como parte do projeto educativo, a escola manteve, além das atividades complementares presentes em sua organização pedagógica, associada à educação física, práticas esportivas, como futebol, voleibol, basquetebol, dentre outras, e participando ativamente dos jogos colegiais, realizando tardes esportivas na quadra da escola.

Durante as décadas de 1940 a 1950, a instituição manteve atividades esportivas dentro as desenvolvidas durante a Ginástica, saber escolar que, a partir da publicação de Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1961), passou a compor a prática educativa de educação física. A partir do final da década de 1960, com a criação de competições municipais, como os Jogos Colegiais, envolvendo todas as instituições de ensino secundário da cidade, as atividades esportivas ganharam mais preeminência, especialmente entre os alunos do curso ginásial.

Sobre a realização de jogos escolares nas décadas de 1960 a 1970, Fiscarelli e Sousa (2007) avaliam que, nessas décadas,

[...] se configura no Brasil o binômio “esporte e desenvolvimento”, isto é, a valorização do esporte como prática cultural atendendo a finalidades políticas implementada pela educação física, dentro e fora das escolas, com o intuito de conformar a juventude aos ideais nacionalistas e as expectativas de construção do “Brasil Grande” mediante o desenvolvimento econômico. (FISCARELLI; SOUZA, 2007, p.104).

Baseada no princípio “*mens sana in corpore sano*”, desde sua fundação, o Ginásio São Luiz Gonzaga investiu na formação intelectual aliada à “instrução física dos alunos, mantendo, para isso, professor competente” (ESTATUTOS, Diário Oficial, 1º de fev. 1939, p. 11) que, na época, era chamada de ginástica. Quando a escola passou a funcionar na residência alugada na Esplanada da Estação, os alunos praticavam ginástica numa quadra ao lado da

escola, sob a orientação do Sargento Juvenal do Nascimento, que também era professor do Ginásio Parnaibano e Escola Normal, figura 67:

Figura 67 - Aula de Ginástica (década de 1940)



Fonte: Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

No ato da fundação, a escola instituiu uniformes escolares para uso na sala de aula, nas festas cívicas-escolares e para as “aulas de instrução física, cada aluno possuirá dois calções, duas camisas de meia e um par de sapato de lona (pé de anjo), tudo de acordo com os modelos do estabelecimento” (ESTATUTOS ... *Diário Oficial*, 1º de fev. 1939, p.11), conforme eles foram fotografados praticando ginástica na década de 1940.

Como o edifício do Ginásio São Luiz Gonzaga foi construído no terreno do estádio de futebol do Parnahyba Sport Club, os alunos ganharam um espaço maior para as atividades esportivas realizadas na disciplina de educação física, cujos professores se responsabilizavam também por coordenar a realização dos desfiles cívicos. A participação dos alunos nos torneios esportivos realizados nas comemorações cívicas da cidade ainda reverbera nas memórias escolares dos egressos.

Ao longo dos anos, vários professores se revezaram na atuação da educação física no Ginásio São Luiz Gonzaga. De acordo com a *Folha de Chamada*, da 2ª série ginásial de outubro de 1940, no então Instituto São Luiz Gonzaga, Pedro de Castro era professor de música, francês

e educação física. Com o afastamento do professor Pedro de Castro da escola, foi contratado o sargento Raimundo Paula Lima⁷⁹, como instrutor de educação física. A partir de 1946, já funcionando em sede própria foi admitido como professor de Educação Física e outros saberes escolares, o professor José Nelson de Carvalho Pires, que fez parte do corpo docente até 1961, conforme a seguinte correspondência:

Ilmo. Sr. Diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga
 José Nelson de Carvalho Pires, abaixo assinado, professor da Cadeira de Educação Física deste Estabelecimento, desde o ano de 1946, venho requerer a V. Sia., de acordo com a Lei do Trabalho vigente, um ano de licença sem vencimento, a partir de 1º de março de 1960 a 28 de fevereiro de 1961, para tratar de interesse particular.
 N. termos
 P. deferimento.
 Parnaíba, 20 de março de 1960.
 José Nelson de Carvalho Pires. (GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA. CORRESPONDÊNCIA, 1960)

O pedido de licença sem vencimento apresentado pelo professor José Nelson gerou um problema com o qual a escola precisou conviver por alguns anos, que foi a falta de professor com formação e habilitação para assumir a prática educativa de educação física. Diante dessa necessidade, a prática da educação física chegou a ser assumida por Iran Cardoso Fontenele, egresso do curso ginásial que era prefeito de disciplina do internato, o qual, por ter desenvoltura nas atividades esportivas, assumiu a prática educativa de educação física com os alunos do curso ginásial. No entanto, na década de 1960, o professor Iran Cardoso sofreu um grave acidente e faleceu, ficando a escola mais uma vez sem professor de educação física.

Ao relatar suas lembranças sobre a prática esportiva no Ginásio São Luiz Gonzaga, Castello Branco (2019), aluno semi-interno e externo no curso ginásial, narra sobre a substituição dos professores, em virtude do falecimento do professor Iran:

No Colégio, a educação física era assim: nos dias que tinha educação física, você levava a roupa para fazer a educação física. Acontecia entre duas ou três vezes na semana. Meu primeiro professor de Educação Física foi o Iran. Ele morava no prédio onde tinha funcionado o internato. Quando o internato ainda estava funcionando, o Iran tinha dupla função: cuidava do internato e era professor de Educação Física. No prédio do internato, na parte de cima, ficavam os dormitórios. Na parte de baixo, tinham umas mesas nos quais se faziam as refeições, mas os internos usavam para estudar. Quando o internato fechou, ele continuou morando no prédio. Ele era um excelente professor e nos incentivava muito a prática do esporte, mas ele morreu em um acidente aqui em Luís Correia. Foi tomar banho em uma lagoa daquelas em Luís

⁷⁹ De acordo com o Livro de Registros de Professores o Sargento Raimundo Paula Lima, nasceu em 13 de maio de 1904, em Maranguape- Ceará, filho de Manuel Pereira Lima e Francisca de Paula Lima. Admitido em 05 de abril de 1944, na função de Instrutor, função que exerceu até 30 de junho de 1945.

Correia, e a água não era muito transparente. Ele pensava que era profunda e pulou, bateu com a cabeça, quebrou a coluna e faleceu. A morte dele foi dramática. Ele era um cara novo. Quando morreu, ele podia ter uns trinta anos. Ele foi substituído pelo professor Pedrosa. O professor Pedrosa tinha um problema na perna. Ele mancava. Mas foi uma substituição forçada pelas circunstâncias. Na Educação Física, o que a gente mais fazia era jogar bola mesmo, agora tinha a parte dos exercícios e depois tinha a pelada, o jogo. Lá, tinha um time muito bom! (José Hamilton Furtado Castello Branco, 2019).

Ao mencionar o problema na perna do professor de prática educativa de educação física, ele atenua a situação e explica que a substituição foi forçada pelas circunstâncias, ou seja, a necessidade surgida a partir do falecimento do professor Iran Fontenele.

A dificuldade enfrentada pela escola foi explicitada pelo padre Raimundo José Vieira, em 22 de março de 1966, ou seja, no início do ano letivo, ao enviar uma correspondência ao professor João Antônio Leitão, Inspetor Federal de Educação Física, em Teresina, relatando o problema:

Na absoluta impossibilidade de obter professor de Educação Física, pois o único professor que há diplomado na cidade não dispõe de tempo para atender as necessidades deste Ginásio, venho apresentar a V. Sia. O nome do professor Manoel de Melo Lopes Pedrosa, que já no ano passado, deu para os alunos deste Educandário, as Práticas Educativas de Educação Física. Aproveito a oportunidade para apresentar-me a V. Sia com protestos e elevada estima e consideração.
Subcrevendo-me atenciosamente,
Padre Raimundo José Vieira,
Diretor,
Ginásio São Luiz Gonzaga. (CORRESPONDÊNCIA, 22 de mar.1966).

Dessa forma, Manoel de Melo Lopes Pedrosa⁸⁰, secretário escolar e professor de geografia e trabalho manual, com registro nº 24-838, assumiu a prática educativa de Educação Física, até ser substituído pelo professor Everardo Rodrigues Bem que, ao ingressar no corpo docente do curso ginásial, assim como seus antecessores, era responsável pela prática esportiva entre os alunos.

Durante educação física ou ginástica, eram realizadas atividades esportivas como cabo de guerra, corrida, futebol, basquete, voleibol, dentre outras. Os egressos guardam recordações das atividades esportivas praticadas no curso ginásial, bem como os jogos e torneios disputados.

⁸⁰ De acordo com o livro de Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar do Ginásio São Luiz Gonzaga, Manoel de Melo Lopes Pedrosa, nasceu em 19 de outubro de 1923, em Luiz Correia-PI, filho de Cícero Lopes Pedrosa e Armida de Melo Pedrosa. Foi admitido em 1º de janeiro de 1942, para trabalhar na parte administrativa da escola, com horário normal de trabalho: das 7 às 17 horas, com intervalo de 11 às 13 horas para refeição e descanso.

Figura 68 - Turma de Futebol de Salão (23/08/1963)



Fonte: Acervo privado de Thamyres Aragão.

Além dos jogos realizados na escola e na Semana da Pátria, realizada no mês de setembro, a partir de 1968, o Departamento de Educação e Cultura do Município começou a organizar os Jogos Colegiais realizados no mês de outubro. Conforme ofício recebido pelo diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, em maio de 1970, os III Jogos Colegiais naquele ano foram compostos pelas seguintes modalidades esportivas, conforme figura 69:

Figura 69 - Ofício (1970)

Ilmo. Sr.
 De. João de Aragão Coutinho
 Diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga
 R/Cidade

Senhor Diretor:

Vimos por intermédio desta, comunicar a V.Sia que este ano, como nos anos anteriores, o Departamento de Educação da Prefeitura Municipal fará realizar os III Jogos Colegiais apresentando as seguintes modalidades:

- Natação para maiores e menores de 15 (Masculino e Feminino)
- Corrida de bicicleta - maiores e menores de 15 (Masc. e Feminino)
- Corrida de revezamento - para menores de 15 (Masculino e Feminino)
- Corrida de obstáculos - para maiores de 15 (Masculino)
- Corrida de velocidade - para menores de 15 (Masculino e Feminino)
- Corrida de resistência - para maiores de 15 (Masculino) (Feminino)
- Lançamento de peso - para maiores de 15 (Masculino)
- Salto em distância - para maiores de 15 (Masculino)
- Tenis de mesa - qualquer idade (Masculino e Feminino)
- Volibol - (Masculino e Feminino)
- Futebol de salão - (Masculino)
- Futebol association - (Masculino)
- Basquetebol - (Masculino) e Salto em altura p/maiores de 15 (Masc.)

Contando com a colaboração de V. Sia e dos Professores de Educação Física no sentido de instruírem da melhor forma possível os alunos para as diferentes competições, aproveitamos a oportunidade para enviar nossos protestos de estima e alta consideração.

Paraná, 19 de maio de 1970.

Maria Christina de Moraes Souza Oliveira
 Diretora do Dep. de Educação e Cultura

Visto:
 Dr. João Silva Filho
 Prefeito Municipal

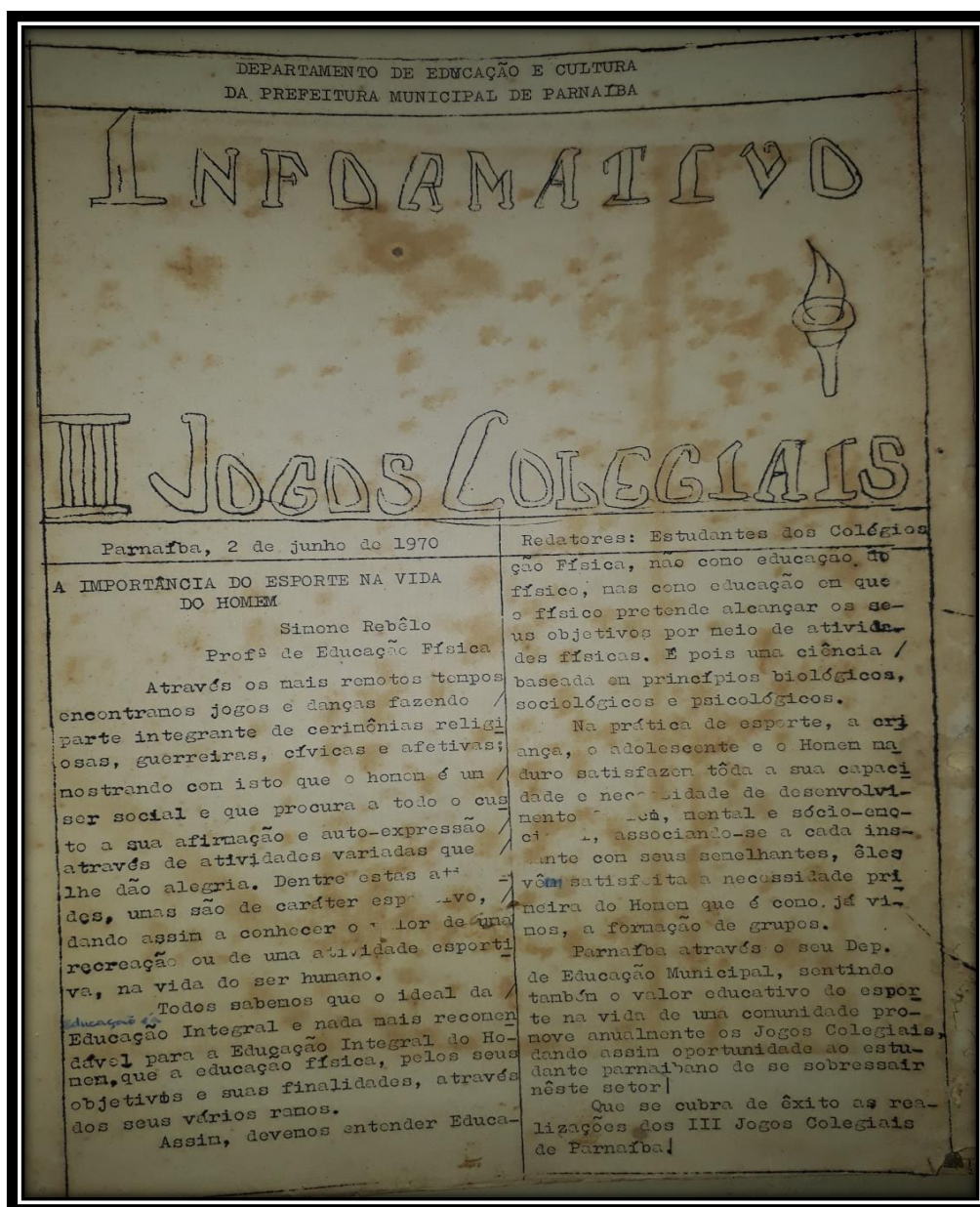
Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

O convite recebido pelo diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, datado de 19 de maio de 1970, assinado pela diretora e pelo prefeito, informava as modalidades esportivas dos Jogos Colegiais e finalizava com o pedido de colaboração do diretor e do professor de Educação Física, um dos principais responsáveis pela seleção dos atletas na escola.

Meses antes da realização dos Jogos Colegiais, em 02 de junho de 1970, o Departamento de Educação e Cultura divulgou um informativo sobre a realização do III Jogos Colegiais, com um texto assinado pela professora Simone Rebelo, intitulado “A importância do

esporte na vida do homem”, apontando a importância da educação física na formação da educação integral, enaltecendo a realização do evento pelo Departamento de Educação e Cultura, conforme figura 70:

Figura 70 - Informativo dos III Jogos Colegiais (02/06/1970)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Simone Rebêlo inicia o texto justificando a importância da educação física na educação integral do homem. Para tanto, a realização dos jogos colegiais, compostos pelas modalidades esportivas já apresentadas, era parte importante e integrante da educação. Por isso, era importante a participação de todas as instituições escolares da cidade. A abertura dos jogos era marcada pelo tradicional desfile dos atletas, seguido de discursos das autoridades

municipais, alunos, professores das instituições escolares e os familiares dos alunos. Os Jogos Colegiais mobilizavam toda a escola e uma parcela da sociedade que acompanhava as competições. No Ginásio São Luiz Gonzaga, durante a semana de realização dos jogos, os alunos do curso ginasial eram dispensados das aulas para assistir e torcer pelos atletas. As disputas eram acirradas entre as instituições de ensino que disputavam os melhores resultados. Ser campeão nos Jogos Colegiais era motivo de orgulho e distinção entre as instituições escolares.

A participação dos alunos do Ginásio São Luiz Gonzaga acontecia nas modalidades masculinas. A inscrição dos atletas era feita mediante a apresentação da caderneta escola e uma declaração assinada pelo diretor da escola, informando que o aluno era matriculado e frequentava a instituição. No Ginásio São Luiz Gonzaga essa responsabilidade era assumida pelo professor Everardo Rodrigues Bem.

Dependendo da modalidade, as competições aconteciam em lugares diferentes da cidade. Por exemplo, o futebol de campo, as corridas, saltos e levantamento de peso eram realizadas no Estádio Petrônio Portela; tênis de mesa, futebol de salão, handebol, voleibol e natação eram realizados no Iguara Club, localizado na Beira Rio; o ciclismo era realizado nas avenidas Álvaro Mendes e Chagas Rodrigues. Os espaços destinados às competições se concentravam no Centro da cidade, em locais próximos das instituições de ensino secundário.

O órgão municipal responsável pela organização dos Jogos Colegiais, Departamento de Ensino e Cultura Municipal, no final da década de 1960, era dirigido pela professora Maria Christina de Moraes Sousa Oliveira que, juntamente com a comissão técnica, formavam o regulamento dos Jogos Colegiais. Em 1970, a comissão técnica foi composta por Francisco Florindo Pires de Castro, Carlos Antônio Espírito Santo, Adilson Farias de Castro e Prentice Medeiros de Albuquerque. Após a conclusão, o regulamento era distribuído para as instituições escolares de ensino secundário junto com o convite.

Além da premiação para os vencedores das modalidades esportivas, a terceira parte do regulamento previa uma premiação especial dada as instituições e aos atletas, mediante o comportamento disciplinar durante a participação nos Jogos Colegiais. Os critérios não foram expostos; no entanto, a escolha se dava mediante uma avaliação realizada pela Comissão Técnica.

Nos III Jogos Colegiais, realizados em 1970, a instituição escolar considerada mais disciplinada foi Ginásio Clóvis Salgado. A esse respeito, vejamos: “considerando o comportamento exemplar de todas as modalidades que participaram, esta comissão deliberou, também, por unanimidade de votos escolher como atletas mais disciplinados os jovens Roberto

Fontenele da Cunha, aluno do Colégio Comercial União Caixeiral e Haroldo Sales, aluno do Colégio N. S. de Lourdes”. (REGULAMENTO, 1970, p.6).

Era grande a disputa das instituições escolares em torno dos Jogos Colegiais. A preparação dos atletas se dava durante as aulas de educação física com a formação de times, conforme as modalidades que compunham os Jogos Escolares. O Ginásio São Luiz Gonzaga era uma das poucas instituições educativas de ensino secundário que possuía uma quadra esportiva na década de 1960, permitindo que os alunos treinassem futebol, handebol, e outras modalidades praticados em espaços fechados, como a quadra. A direção da escola, na época ocupada pelo padre João de Aragão Coutinho, apoiava e incentivava a participação da escola nas atividades esportivas, especialmente nos Jogos Colegiais, por ser uma competição envolvendo as instituições de ensino secundário. A vitória nos Jogos dava visibilidade aos atletas, mas especialmente à escola que, em meio às outras instituições de ensino secundário, buscava preservar a imagem, construída ao longo das décadas de 1940 e 1950, de uma instituição que oferecia uma educação religiosa na formação intelectual de seus alunos, preparando-os para obter os melhores resultados dentro e fora da instituição.

Ao receber o convite para participar do III Jogos Colegiais, em outubro de 1970, padre João Coutinho, diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga enviou um ofício para a Diretora do Departamento de Educação e Cultura, assinado por ele e pelo professor de Educação Física, demonstrando insatisfação com o regimento adotado na formação das equipes, sem levar em consideração a diferença de idade entre os alunos que frequentavam Ginásio e os Colégios. Os atletas do Ginásio São Luiz Gonzaga tinham idade entre quatorze a dezesseis anos enquanto os atletas dos Colégios podiam chegar até dezenove anos. Vejamos a justificativa dada pelo diretor do Ginásio no ofício (figura 71):

Figura 71 - Ofício (1970)

Ginásio São Luiz Gonzaga
 — curso —
 PRIMÁRIO — ADMISSÃO — GINASIAL
 AVENIDA CAPITÃO CLARO
 CAIXA POSTAL, 89 — FONE 12-61
 PARNAIBA—PIAUÍ

Parnaíba, 15 de setembro de 1970

À Exma. Sra.
 Da. Maria Christina de Moraes Souza Oliveira
 Diretora do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal
 N/CIDADE

Sra. Diretora

Considerando que o Ginásio São Luiz Gonzaga não conta com atletas de compleição e porte que possam enfrentar, com algum vislumbre de êxito, atletas de outros Estabelecimentos de Ensino, indistintamente, inteiramos V. Exa. de que o Ginásio São Luiz Gonzaga não participará dos III Jogos Colegiais de Parnaíba, que serão realizados de 10 a 18 de outubro próximo, sob os auspícios do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal.

Declaramos, outrossim, que, na proximidade dos II Jogos Colegiais em 1969, fizemos apêlo aos organizadores do certame para que os torneios de futebol "association", futebol de salão, vôlei masculino e basquetebol se fizessem em duas chaves, a saber, entre estudantes do curso ginásial e estudantes do curso colegial, distintamente, com uma finalíssima para classificação do 1º e 2º lugar entre os vencedores das duas chaves.

Sirvo-me do ensejo para reiterar a V. Exa. protestos de elevada estima e especial apreço.

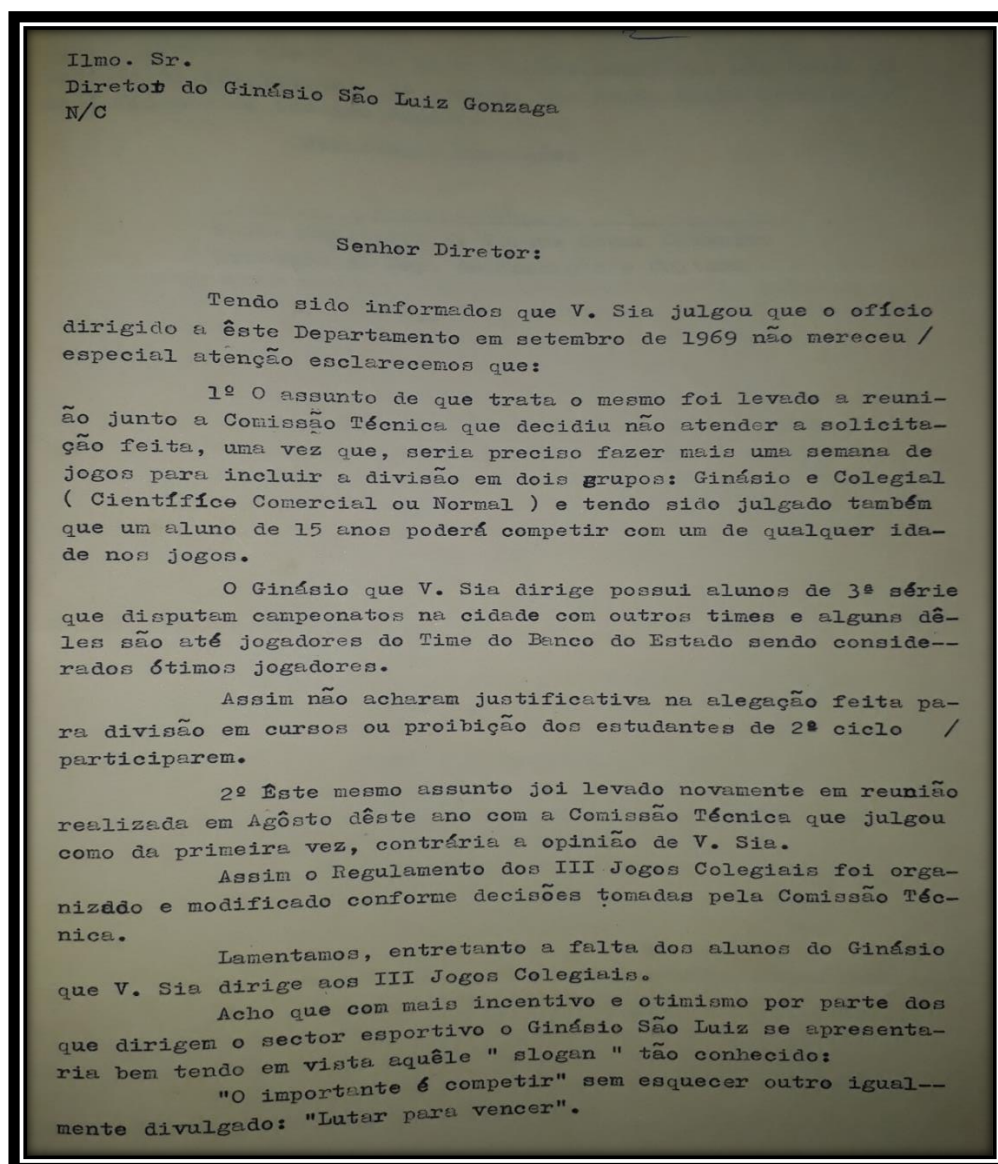
Pe. João de Aragão Coutinho
 Pe. João de Aragão Coutinho
 Diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga

Everardo Rodrigues Ben
 Everardo Rodrigues Ben - Prof. Ed. Física

Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Ao tomar conhecimento do teor do ofício enviado pelo diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga, a diretora do Departamento de Educação e Cultura respondeu ao Ginásio São Luiz Gonzaga com a seguinte explicação (figura 72):

Figura 72 - Ofício (1970)

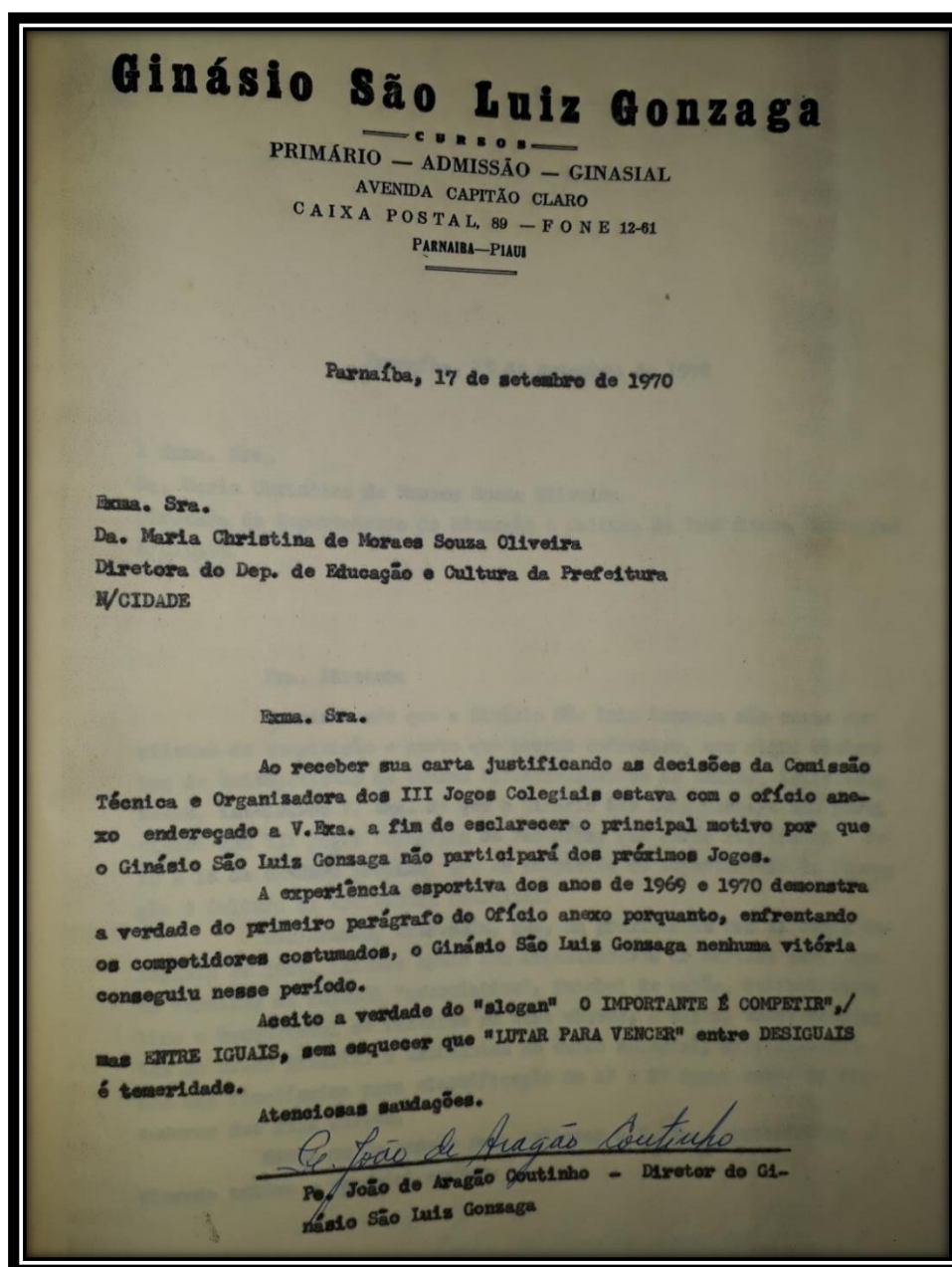


Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

A resposta da diretora do Departamento de Educação e Cultura esclareceu ao diretor, por meio dos motivos expostos no Ofício, que não faria mudanças no regulamento da competição e concluiu lamentando a ausência dos atletas do Ginásio São Luiz Gonzaga no III Jogos Colegiais.

O diretor respondeu o ofício recebido da diretora do Departamento de Educação e Cultura com outro ofício, com a seguinte explicação:

Figura 73 - Ofício (1970)

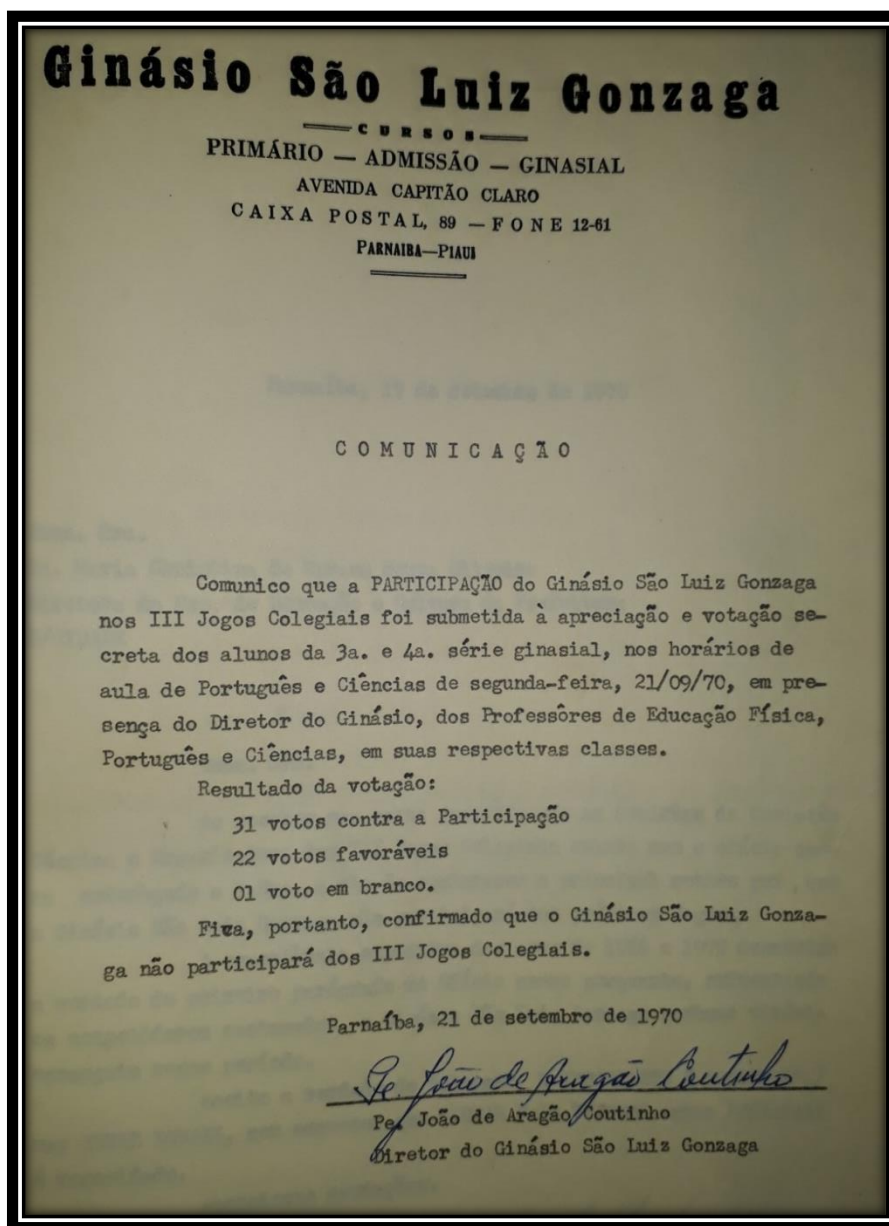


Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Mediante a posição assumida pelo Departamento de Educação e Cultura em manter as normas estabelecidas no regimento dos III Jogos Colegiais, o diretor resolveu fazer uma consulta aos alunos sobre a participação dos Ginásio São Luiz Gonzaga na competição. Os alunos consultados pertenciam a 3ª e 4ª séries, anos finais do curso ginásial.

O resultado da consulta (figura 74) foi enviado por meio de ofício ao Departamento de Educação e Cultura, informando o resultado e a posição da escola em relação aos Jogos Colegiais daquele ano.

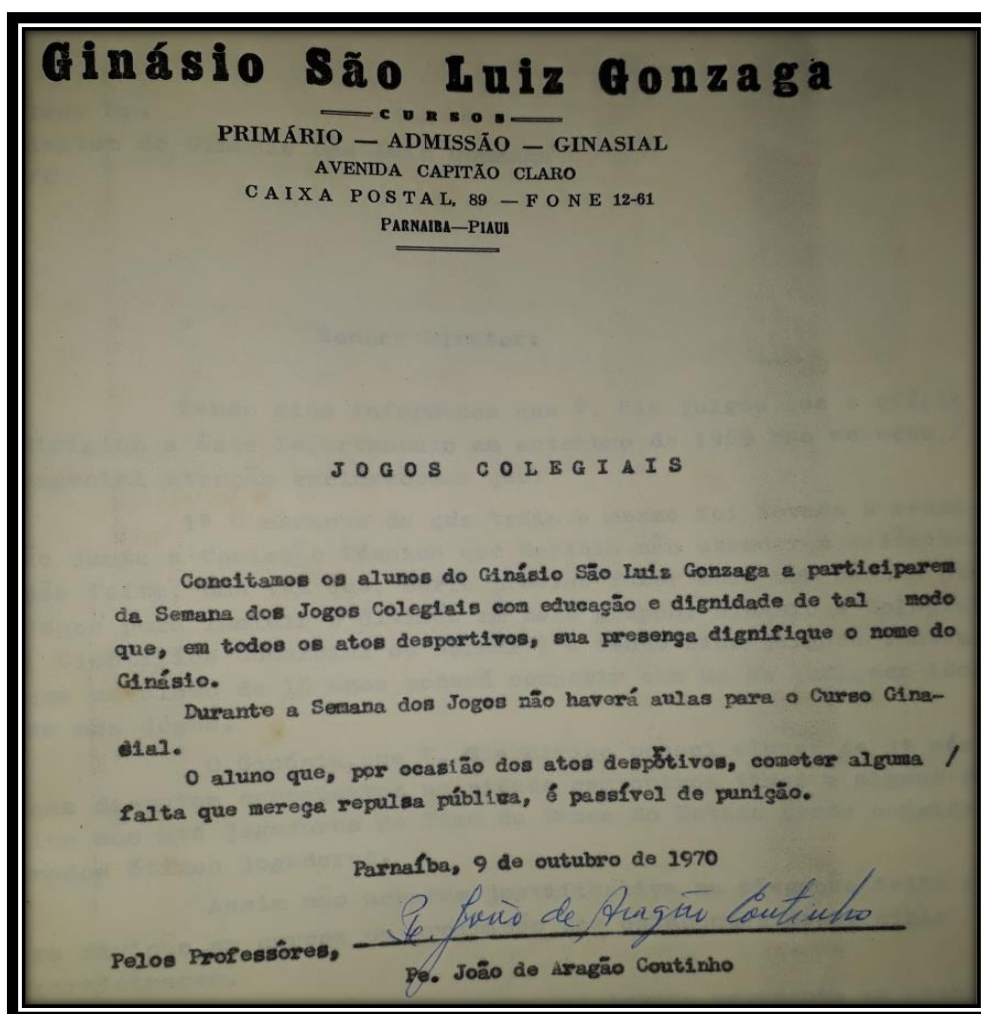
Figura 74 - Comunicado (1970)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Após as trocas de ofícios entre o diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga e a diretora do Departamento de Educação e Cultura, realizadas no mês de setembro de 1970, discutindo as normas e regras que compunham o regulamento dos Jogos Colegiais. O diretor do Ginásio São Luiz Gonzaga decidiu que a Instituição participaria da competição. Essa decisão pode ser conferida mediante o comunicado feito aos alunos da instituição, em outubro de 1970, informando a liberação dos alunos do curso ginásial para participar dos Jogos Colegiais (figura 75):

Figura 75 - Jogos Colegiais (1970)



Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

Mavignier (2019) guarda recordações sobre a participação da escola nos Jogos Colegiais. Segundo suas lembranças:

Na época, existia uma guerra bem lúdica entre os colégios. Nosso principal rival era o Colégio Estadual. Dentro dessa guerra, o São Luiz Gonzaga era aliado do Colégio das Irmãs. E o Estadual era aliado da Escola Normal. Em tudo essas duplas se confrontavam. Tinham os jogos escolares, que era uma verdadeira guerra, que na minha época a maioria das vezes eram realizados no Igara Clube. Nós tínhamos um time de futebol muito bom, treinávamos na nossa quadra que era imensa e aqui mesmo no Colégio eram realizados jogos. Na época, existia um sentimento de ciúmes por parte dos alunos que não queriam ninguém de outros colégios na nossa quadra. Nós tínhamos tanto apego pelo Colégio que a gente tinha ciúmes dele. Aqui era nosso colégio!!! Isso refletia principalmente nos jogos escolares uma verdadeira guerra entre os colégios, São Luiz Gonzaga com Lima Rebelo. Mas era uma guerra gostosa. Não existia agressão entre os alunos, queríamos era vencer e ser campeão. Foi uma época que eu tenho certeza que quem viveu aqui sente

muita saudade. Principalmente na época do padre Vieira e do Monsenhor Antônio Sampaio [...]. (Diderot dos Santos Mavignier, 2019).

O Ginásio São Luiz Gonzaga organizava tardes esportivas e convidava as outras instituições escolares para participar. As tardes esportivas eram realizadas aos sábados na quadra da escola com a presença do professor de Educação Física da escola e das escolas convidadas. Era um momento de socialização entre os jovens amantes do futebol.

Figura 76 - Convite Tarde esportiva (05/09/1970)

Ginásio São Luiz Gonzaga

— cursos —
 PRIMÁRIO — ADMISSÃO — GINASIAL
 AVENIDA CAPITÃO CLARO
 CAIXA POSTAL, 89 — FONE 12-61
 PARNAÍRA—PIAUÍ

CONVITE

TARDE ESPORTIVA

SÁBADO - 05/09/70 - ÀS 14,30 h

QUADRA DO SÃO LUIZ GONZAGA

FUTEBOL DE POEIRA

COLÉGIO ESTADUAL LIMA REBELO	<i>Helvécio de O. Lima</i>
COLÉGIO COMERCIAL UNIÃO CAIXEIRAL	<i>quarto</i>
COLÉGIO N. SENHORA DE LOUDES	<i>M. Vaz</i>
ESCOLA COMERCIAL DE PARNAÍBA	<i>Carvalho</i>
GINÁSIO CLOVES SALGADO	<i>P. J. de A. Coutinho</i>
GINÁSIO SÃO LUIZ GONZAGA	

JUIZ : CECÍLIO ou ANÍBAL

Fonte: Arquivo da Unidade Escolar São Luiz Gonzaga – Colégio Diocesano.

As tardes esportivas do Ginásio São Luiz Gonzaga eram momentos de lazer que reuniam alunos das várias instituições de ensino secundário. Uma observação importante é que, dentre as instituições de ensino secundário convidadas para a tarde esportiva realizada em 05 de setembro de 1970, não consta o Ginásio Nossa Senhora das Graças, tendo em vista que, no início dos anos de 1970, do século XX, a escola era feminina. Outra observação é que, embora o Ginásio São Luiz Gonzaga mantivesse de forma gratuita um curso primário para as domésticas, no turno da noite, este não consta dentre os cursos divulgados pelos instituições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa historiográfica, realizada com os pressupostos teóricos e metodológicos da Nova História Cultural analisou fontes hemerográficas, documentais e orais, indicou que, no período compreendido entre 1939 a 1971, a cultura escolar do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga entrelaçou práticas, regras, normas, ritos, símbolos, tradições e saberes cívicos e católicos que se constituiu numa cultura escolar cívico católica.

Na realização da pesquisa, ressaltamos a importância do uso do arquivo escolar, tendo em vista a relevância de suas informações sobre as mudanças e permanências na cultura, história e memória da instituição, possibilitando conhecer aspectos de sua organização e funcionamento. O uso das entrevistas orais, por sua vez, possibilitou aos egressos, funcionários e professores construir suas narrativas sobre a cultura escolar que não está presente nos documentos oficiais e escolares analisados. Ao construir suas memórias escolares, os entrevistados selecionaram experiências, compartilhadas por meio de seus relatos sobre a rigidez disciplinar, as aflições, medos e angústias sofridos no sistema educacional composto por uma liturgia escolar que perpassou o período investigado.

Nas entrevistas, os egressos construíram a representação de uma escola modelo para a cidade, enalteceram aspectos presentes no cotidiano escolar como a ordem, a moral e a disciplina. Ritos escolares como os diversos tipos de exames, provas e outras cobranças a que eram submetidos foram avaliados como positivos e importantes na formação escolar recebida no curso ginásial. O papel dos professores, cujas práticas deixaram marcas em suas memórias escolares, festas cívicas, os torneios escolares também fazem parte das memórias dos entrevistados e foram descritos com riqueza de detalhes durante as entrevistas.

Ressaltamos a importância do entrecruzamento de fontes na metodologia adotada na pesquisa em História da Educação, que tem como objeto de estudo a cultura escolar de uma instituição confessional católica masculina. Esse procedimento amplia o entendimento sobre o objeto investigado, possibilitando ao pesquisador uma análise profunda e criteriosa da temática em estudo.

A realização da pesquisa contemplou a questão e os objetivos propostos e oportunizou refletir sobre os elementos presentes na cultura escolar do ensino secundário brasileiro durante o século XX, especialmente do curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga. Dessa forma, o estudo se fez necessário e relevante, pois contribui para ampliar o conhecimento sobre a história das instituições confessionais católicas que atuaram no estado do Piauí, durante do século XX,

fruto de ações individuais, como Ozias de Moares Correia, que fundou o Ginásio São Luiz Gonzaga, na cidade de Parnaíba, para ofertar educação católica ao pública masculino.

A análise das fontes hemerográficas, constituídas por jornais, revistas e almanaques locais aponta a forma como a sociedade parnaibana recebeu a escola, o apoio dado pelos grupos católicos, comerciantes locais, intelectuais e membros da imprensa mostra como a sociedade parnaibana pensava o papel da Igreja Católica na formação escolar e educativa da juventude.

A pesquisa no arquivo escolar aponta que, ao longo do período investigado, a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga passou por ressignificações, mudanças e permanências que envolveram aspectos administrativas, como a mudança de diretores, implantação e extinção do curso ginásial feminino, mudanças na legislação educacional com implicações e exclusão de saberes escolares, normas e regras que se caracterizaram de forma distinta os períodos analisados. No entanto, práticas como rituais presentes nos exames escolares, exaltação respeito a símbolos nacionais, tradições como festas e comemorações, rigor e disciplina foram sedimentadas ao longo do período investigado.

As práticas adotadas apontam que o projeto educativo do Ginásio São Luiz Gonzaga tinha como objetivo formar intelectualmente a juventude, preparando-a para um futuro de glórias, como as vitórias obtidas pelos lendários heróis das narrativas gregas. Para isso, eram preparados por meio da participação em associações estudantis, como o Grêmio Cívico Literário Tiradentes, associação escolar que desenvolveu papel importante na formação intelectual, moral e cívica dos alunos, por meio do desenvolvimento de atividades, como a organização de datas comemorativas, a participação nas festas cívicas realizadas na cidade e a organização e publicação de periódicos como revistas e jornais.

O Grêmio Cívico Literário Tiradentes era responsável pelas atividades cívicas realizadas na escola, como o Dia da Bandeira, o Dia de Tiradentes, entre outras datas que faziam parte do calendário escolar. Os alunos eram incentivados a participar, apresentando biografias de escritores brasileiros e fazendo discursos com temas de suas escolas. Eram momentos que preparavam os alunos para falar em público, apresentar e defender suas ideias, contribuindo para a formação de futuras lideranças políticas para atuar na sociedade.

Os textos publicados na revista *Argos* demonstram, à época, que questões relacionadas aos problemas nacionais eram conhecidas dos alunos. Em seus escritos, eles discorriam sobre meio ambiente, economia e educação, por exemplo. Ao incentivar a participação dos alunos nessas atividades e no estudo de temas dessa natureza, o Grêmio contribuiu para a formação moral, cívica, política e intelectual dos alunos.

A realização de festas cívicas e religiosas foi outra marca da cultura escolar do curso ginásial. Tradicionalmente eram realizadas festas de formatura, momentos de celebração da vitória daqueles que conseguiam atravessar os quatros anos do curso ginásial. As festas de formatura entrelaçavam ritos escolares e ritos religiosos, como a celebração da missa e a presença do bispo ou seu representante.

A escola participava das comemorações cívicas como o dia Sete de Setembro, momento de exposição pública que deveria ser feito com todo cuidado, disciplina e requinte elegância dos alunos que se apresentavam devidamente fardados perante a sociedade e as demais instituições de ensino secundário. Dos alunos, era cobrada uma rígida disciplina dentro e fora da instituição, especialmente nos momentos de exposições, como a presença de autoridades políticas, militares e religiosas. O cuidado com o uniforme escolar fazia parte das cobranças da escola, assim como adotar uma postura séria e disciplinada durante a apresentação dos desfiles cívicos.

Como o Ginásio São Luiz Gonzaga está localizado em uma cidade considerada pioneira na prática futebolística no Piauí, essa modalidade esportiva, juntamente com outras, foi uma prática constante na escola. Eram organizadas competições esportivas internas com a participação demais instituições escolares da cidade. A escola participava das competições organizadas em função das comemorações cívicas, como o dia Sete de Setembro, dia da Parnaíba e os Jogos Colegiais.

A investigação sobre a cultura escolar no curso ginásial do Ginásio São Luiz Gonzaga deu visibilidade à ação individual na fundação de uma escola católica masculina, localizada na cidade de Parnaíba, e aos sujeitos que fizeram parte dessa história, entre tantos outros que vivenciaram a cultura escolar de instituições católicas masculinas no Piauí. Construímos uma narrativa que não se apresenta como única sobre a fundação, organização e funcionamento do Ginásio São Luiz Gonzaga atual Colégio Diocesano de Parnaíba-PI, uma vez que, durante a realização da pesquisa, deparamo-nos com questões como as relações estabelecidas entre homens e mulheres, no período em que a escola manteve em funcionamento o curso ginásial feminino.

A pesquisa constatou a existência de escolas confessionais católicas fundadas na primeira metade do século XX, pela ação de padres e congregações de norte a sul do estado do Piauí, como Picos, Campo Maior, Piripiri, São Raimundo Nonato, Bom Jesus, Floriano, que suscitam temáticas que ajudam a compreender *o lugar* das instituições confessionais na História da Educação no Piauí. São apontamentos de pesquisa que exigem um trabalho a ser realizado, visto que está investigação respondeu a uma questão e objetivos previamente definidos.

REFERÊNCIAS

AGRADECIMENTO. **O Sino**, Parnaíba, ano XXXI, n. 2.367, p. 1, 30 de dez. 1960.

AINDA SOBRE O GINÁSIO Municipal. **Correio do Povo**, Parnaíba, ano 1, n. 02, p. 1, 4 de agosto de 1956.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 155-202.

ALMEIDA, Jane Soares de. A co-educação dos sexos: apontamentos para uma interpretação histórica. In: **Revista História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 11, n. 22, p. 61-86, maio/ago. 2007.

ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada** – Colégio Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ARAÚJO, Romildo de Castro. **A Constituição do Corpo Docente do Ensino Secundário no Piauí (1942-1982)**. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2012.

ARAGÃO, Maria Iracema. [81 anos]. **Entrevistada** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2019.

ARAÚJO, Antônio Freitas de. [83 anos]. **Entrevistado** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2019.

ARGOS uma expressiva vitória da mocidade parnaibana. **Raios de Luz**, Parnaíba, ano X, n. 10, p. 47, 1948.

ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada**. Parnaíba: 1989.

A SENHORA. **O sino**, Parnaíba, ano XIV, n. 506, p. 2, 05 de set, 1943.

ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada** – Colégio Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BARROS, Fernanda. **O tempo do Lyceu em Goiás: formação humanista e intelectual**. 210f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação. Goiânia, 2012.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro: 1989, p. 29-42.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

BITTENCOURT, José. Passado, presente e futuro. **Argos**, n.2, p. 109-112. Parnaíba: Gráfica Americana, 1947.

BOSCHILIA, Roseli T. **Modelando Condutas: A Educação Católica em Colégio Masculino** (Curitiba 1925-1965). 238 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BORGES, João Carlos de Freitas. **A construção d'A civilização do couro: Renato Castelo Branco e o Piauí em tempos de Estado Novo**. 178f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

BRANDÃO, Francisco de Assiz G. A. Reflexões. In: **Argos**. Parnaíba: Gráfica Americana, 1943, p. 27-28.

BRASIL, Assis. **Tetralogia piauiense**. Teresina: FUNDAPI, 2008.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. [91 anos] **Entrevistado** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Teresina-PI, 2018.

BRASIL. **Decreto-lei nº. 4.244 de 9 de abril de 1942**. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Rio de Janeiro, 1942.

BRASIL. **O ensino secundário no Brasil: relação dos estabelecimentos de ensino secundário em funcionamento no país em maio de 1946**.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Relação dos estabelecimentos de ensino secundário em funcionamento no Piauí até dezembro de 1957. Rio de Janeiro. 1958. (Datilografado).

BRITO, João Alves de. [91 anos]. **Entrevistada** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2018.

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. **Coisas Velhas: um percurso investigativo sobre cultura escolar (1928-1958)**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CÂNDIDA, R. M. (2019). Festejar aqui e lá: a escrita comparada das festas escolares no Brasil e em Portugal (1890-1920). **Revista Brasileira de História da Educação**, 19.

CARON, Jean-Claude. Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc. XVIII – fim do séc. XIX). **História dos Jovens**. (org.). LEVI, Giovane; SCHMIT, Jean-Claude. Tradução: Paulo Neves, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 137-194.

CARVALHO JR, Dagoberto Ferreira de. **História episcopal do Piauí**. 2 ed. Recife: Editorial Thormes, 2011.

CARVALHO, Jeferson Luís Marinho de. **Almanack da Parnahyba**: leituras da educação em suas páginas (1942-1982). 225f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2016.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da república brasileira. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CASTELLO BRANCO. José Hamilton Furtado. [71 anos]. **Entrevistado** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2019.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres Plurais**: a condição feminina na primeira república. 3ª e.d. Teresina: Edufpi, 2013.

CASTELO BRANCO, Renato. **Tomei um Ita no Norte (Memórias)**. São Paulo: Planimpress Gráfica e Editora Ltda, 1981.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 2002.

CATÓLICOS. **O Sino**, Parnaíba. ano XIV, n. 502, p. 2, 08 de agosto de 1943.

CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito**: religião civil e comemoracionismo. Fortaleza: Edições NUDOC, 2005.

CASTRO, Liliam Maria de Almeida. [80 anos]. **Entrevistada** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2019.

CASTRO NETO, Gervásio Pires de. [70 anos]. **Entrevistado** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2018.

CELLARD, André. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. Colégio Dom Joaquim: a Igreja Católica e a educação escolar em Parnaíba na primeira década do século XX. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho; CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. (org.) **História, Catolicismo e Educação**. Teresina: EDUFPI, 2019.

CENTRO católico de Parnahyba. **Almanach da Parnahyba**, Parnaíba, ano VI, p. 22, 1929.

CENTRO estudantil parnaibano. Estatutos. **Diário Oficial**, Teresina, ano XVI, n. 102, p. 06-07, 17 de jun. de 1946.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Ates do fazer. Petrópolis: RJ: Vozes, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CHORNOBAI, Gisele Quadros Ladeira. Respirando a fragrância da piedade cristã: considerações sobre o espaço escolar católico: a Escola Normal de Sant`Ana (1947-1960). In: BENCOSTA, M. L. A. (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005, p.192-219.

COLÉGIO São Luiz Gonzaga S.A. **Diário Oficial**, Teresina, ano X, n, 46, p. 14, 26 de abril de 1945.

CORREIA, Jonas Benedito, LIMA, Benedito Santos. (org.). **O livro do centenário de Parnaíba**. Parnaíba: Gráfica Americana, 1945.

CONCLUDENTES de 1946. **Jornal O Norte**, Parnaíba, p. 1, 07 de dez. 1946.

COSTA, Eliezer Raimundo de Sousa. **Os grêmios escolares e os jornais estudantis: práticas educativas na Era Vargas (1930-1945)**. 249f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

COUTINHO. Uni-vos. **Poder Jovem**, Parnaíba, p. 1, 1969.

DALLABRIDA, Norberto. Das escolas paroquiais às PUCs: república, recatolicização e escolarização. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena câmara. (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil – Vol. III: século XX**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 77-86.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na primeira república**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DALLABRIDA, Norberto (2009). A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, 32(2). Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009. Disponível e <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/5520/4015>> Acesso em: 15/04/2021.

DE SOUSA NETO, M. (1). EM NOME DA FÉ; EM NOME DOS BENS: a criação da Diocese do Piauí (1822-1903). **Revista Brasileira De História Das Religiões**, 4(10). <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v4i10.30389> . Acesso em: 20/07/2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

D´ARUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso. **Tempos modernos**: João Paulo dos Reis Veloso, memórias do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

DISCURSO pronunciado pelo jovem João Paulo dos Reis Veloso, orador da 5ª turma de concludentes do Ginásio São Luiz Gonzaga. **Jornal O Norte**, Parnaíba, ano 17, n. 2.995, p. 3, 07 de dez. 1946.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ENSINO Secundário. **Diário Oficial do Piauí**, Teresina, ano III, n. 191, p. 4, sexta-feira, 25 de agosto de 1933.

ESTATUTOS do Instituto São Luiz de Gonzaga. **Diário Oficial**, Teresina, ano XI, n. 27, p. 11, 1º de fev. 1939.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Tradução de Heloísa Helena Pimenta Rocha. Campinas, SP: Alínea, 2017.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTA, Marcos Levy Albino. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 193-211.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de análise. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive. (org.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 77- 98.

FELIZ, Inocêncio. O C.E.P – sua Finalidade. **Raios de Luz**, ano XII, n. 12, p. 59, Parnaíba, 1950.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira; SOUSA, Rosa Fatima de. Símbolos da excelência escolar: história e memória da escola pública inscrita em troféus. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 14, p. 95-115, maio/ago. 2007.

FONSECA, Nemésio da Rocha. Guerra do saber. **Argos**, n. 2, p. 121, Parnaíba: Gráfica Americana, 1947.

FONSECA, Thais Nívia Lima de. A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela imprensa: a virtualização dos mitos (1930-1960). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 439-462, 2002.

FONSECA, Thais Nívia Lima de; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FONTE, Maria da Penha. O ensino religioso sua influência na formação do caráter. **Argos**, n. 2, Parnaíba: Gráfica Americana, 1947, p. 11-12.

FONTENELE, Edimar Pereira. [85anos]. **Entrevistado** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Belém-PA, 2019.

GILIOLI, Renato de Sousa Porto. Canto esquecido. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 52, p. 38-40, jan. 2010.

GINÁSIO São Luiz Gonzaga. **Revista Piauiense dos Municípios**, Teresina, ano 1, n. 2, p. 18, julho a dezembro de 1953.

GINÁSIO São Luiz Gonzaga. **Almanaque da Parnaíba**, ano XXI, p. 47. Parnaíba: Gráfica Americana, 1944.

GINÁSIO São Luiz Gonzaga. **Almanaque da Parnaíba**, ano XXI, p. 445. Parnaíba: Oficinas do Almanaque da Parnaíba, 1945.

GINÁSIO São Luiz Gonzaga. **Diário da Tarde**, Parnaíba, ano II, n. 500, p. 1, 17 de dez. de 1949.

GINÁSIO São Luiz Gonzaga. **O Sino**, Parnaíba, ano XXVIII, n. 1217, p. 4, 10 de nov. de 1957.

GINÁSIO São Luiz Gonzaga. **O Sino**, Parnaíba, ano XXX, n. 1959, p. 2, 29 de nov. de 1959.

GINÁSIO S. Luiz Gonzaga. **Aljava**, Parnaíba, ano XIII, n. 20, p. 04, 05 de dez. de 1949.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução: Rosa Freire d'Águilar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GOVERNO Diocesano – Instruções. **O Sino**, Parnaíba, ano XVI, n. 606, p. 1, 02 de set. 1945.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. A invenção das tradições. In: TERENCE, Ranger (org.). **A invenção das tradições**. Tradução: Celine Cardim Cavalcante. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HORTA, José Silvério Baía. **O Hino, O sermão e a ordem do dia**; regime autoritário e educação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

INSTITUTO São Luiz de Gonzaga. **Histórica**, Parnaíba, ano I, nº 2, p. 4-5, out. 2008.

INSTITUTO São Luiz de Gonzaga. **Almanaque da Parnaíba**, Parnaíba, ano XV, p. 75, 1938.

INSTITUTO São Luiz de Gonzaga. **Almanaque da Parnaíba**, Parnaíba, ano XVI, p. 178, 1939.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

LE GOFF, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços?** Tradução Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LIMA, Antônio de Pádua. Missão Cumprida. **Renascimento**, Parnaíba, ano XIII, n. 14, p. 5, 15 de outubro, 1959.

LEMOIS JÚNIO, Wilson. O Canto Orfeônico na escola republicana brasileira e suas influencias europeias (1890-1930). In: **Cadernos de História da Educação**, v.19, n.3, p.1069-1079, set./dez., 2020.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Luz, progresso e expansão intelectual: a elite comercial exportadora de Parnaíba e o lugar da educação no desenvolvimento do Piauí. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Áurea Paz (org.). **História: cultura, sociedade, cidade**. Recife: Bagaço, 2005, p. 61-78.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. A escrita autobiográfica: os documentos pessoais e a história da educação. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (org.). **História e historiografia**. Recife: Bagaço, 2006, p.11-30.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Escola e Cidade: as festividades escolares no Piauí. In: IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. (org.). **Educação, práticas socioeducativas e formação de professores**. Teresina: EDUFPI. 2007.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. O jornal e a revista escolar: seu lugar nos projetos educativos das escolas e sua importância para a escrita da história das instituições escolares. In: LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (org.). **História de instituições escolares**: sujeitos, práticas educacionais e cultura material. Teresina: EDUFPI, 2016, p. 95-106.

MACHADO, Yeda de Moraes Souza. **Joaz e Jeanete**: uma história de vida e de amor numa retrospectiva de família. Parnaíba: Sieart, 2010.

MACHADO, Maria do Socorro Brito. **Histórias ouvidas e vividas**. Niterói, RJ: Muiraquitã, 2000.

MAGALHÃES, Justino. A instituição educativa na modernização do local: Perspectiva histórico-pedagógica. **Rivista di storia dell' educazione**, 1/2018, pp. 41-55.

MAGALHÃES, Justino. **Da Cadeira ao Banco**: Escola e Modernização (Séculos XVII-XX). Lisboa. **Universidade** de Lisboa/Instituto de Educação, 2010.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco, 2004.

MAIA, Maria Helena Correia. **Ozias de Moraes Correia, um exemplo de vida**. Edição da autora. [s.d].

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MAVIGNIER, Diderot dos Santos. [65 anos]. **Entrevistado** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2019.

MELO, Salâmia Maria Barbosa. **A construção da memória cívica**: as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí (1930-1945). 224 f. (Doutorado em Educação Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

MISSA Graulatória e sessão solene de entrega dos certificados. **O Norte**. Parnaíba, ano 17, n. 2.996, p. 410, terça-feira, 10 de dez. 1946.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga do. **Polifonias políticas, identitárias e pedagógicas: Villa-Lobos no Instituto de Educação do Rio de Janeiro na era Vargas**. 291f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

MOREIRA, Aldenora Mendes. **Ontem e Hoje: personalidades atuantes da História de Parnaíba**. Parnaíba: Sieart, 2011.

MORGADO, D. P., & SIMILI, I. G. (2015). Os uniformes no universo teen do colégio Marista: uma história de distinção social e gênero. *Revista Angelus Novus*, (8), 231-152. <https://doi.org/10.11606/ran.v0i8.107907> Acesso em: 02/10/2020.

MUNICIPIO de Parnahyba. **Nortista**, Parnahyba, ano 1, n. 6, p. 04, 09 de fevereiro de 1901.

NASCIMENTO, Maria do Rosário Pessoa. Solenidade de Posse da Academia Parnaibana de Letras. **Almanaque da Parnaíba**, n. 69, p. 215-226, 60ª edição. Parnaíba: Gráfica e Editora Sieart, 2013.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A revolução de 1930 no Piauí (1928-1934)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

O ALICENCE do futuro. Parnaíba, **Aljava**, ano XII, n. 22, p. 7, 25 de jan. de 1950.

O DIA DO TRABALHO NO “Ginásio S. Luiz Gonzaga”. **O Norte**, Parnaíba, p. 1, maio de 1950.

OLIVEIRA, Maria Christina de Moraes Souza. Joaz Rabelo de Souza. **Almanaque da Parnaíba**, n. 69, 60ª edição. Parnaíba: Gráfica e Editora Sieart, 2013, p. 85-90.

OLIVEIRA, Maria Christina de Moraes Souza. Ginásio São Luiz Gonzaga – o antigo Instituto São Luiz Gonzaga. 1937 a 2007. 70 anos. **Norte do Piauí**, Parnaíba, p. 08, 30 de jun. 2007.

OLIVEIRA, Maria Christina de Moraes Souza. [85 anos]. **Entrevistada** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2019.

OLIVEIRA, Maria Christina de Moares Souza. **História de Christina**. Parnaíba: Sieart, 2020.

OLIVEIRA FILHO, Valdinar da Silva. **O ensino comercial e a formação de guarda-livros: de porta-vozes da riqueza do Piauí a guardadores da memória de Parnaíba (1900-1960)**. 120f. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2004.

O PERIGO do álcool. **O Sino**, Parnaíba, ano XVI, n. 609, p. 3, 23 de set. 1945.

PANDOLFI, D. C. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, L. A. N. (org.) **O Tempo do Nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 15. (Coleção O Brasil República, V. 2).

PARNAÍBA. **Revista Piauiense dos Municípios**. Teresina, ano 1, nº 2, jul./dez. de 1953.

PEREIRA, Luciana de Lima. **A Igreja Católica em “tempo mundanos”**: a luta pela construção de uma neocristandade em Teresina (1948-1960). 242 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo. Livros Didáticos de Admissão ao Ginásio produzidos no Rio Grande do Sul: acesso ao ensino secundário. In: CASTRO, Cesar Augusto (org.). **Ensino Secundário no Brasil**: perspectivas históricas. São Luís: EDUFMA, 2019, p. 521-548.

PIRES, José Nelson. Ginásio São Luiz Gonzaga: sua vida e sua obra. **Argos**, n. 2, p. 21-23. Parnaíba: Gráfica Americana, 1947.

PIRES, José Nelson de Carvalho. Discurso. **Argos**. p. 33-34, Parnaíba: Gráfica Americana, 1943.

PIRES, José Nelson de Carvalho. **Parnaíba que eu vi**. Parnaíba: Sieart, 2005.

PIRES, José Nelson de Carvalho. **Por que Parnaíba Cidade Universitária?** Parnaíba: Sieart, 2009.

PIRES, Noé Fortes de Souza. [80 anos]. **Entrevistado** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2018.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social, **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, Rio de Janeiro, 1992.

PONTE, Maria Célia Vasconcelos. [79 anos]. **Entrevistada** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2019.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p. 7-24, 1997.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **As diversões civilizadas em Teresina**: 1880-1930. Teresina: FUNDAPE, 2008.

REBELO, Goethe Pires Lima. **Tempos que não voltam mais**: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS, [198-].

REIS Veloso, João Paulo dos. Entrevista. **Bembém**, Parnaíba, ano 4, nº 47, p. 6, nov. 2011

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão. **Dos sertões aos mares**: história do comércio e dos comerciantes da cidade de Parnaíba, Piauí. Teresina: EDUFPI, 2013.

RELATÓRIO. **Diário Oficial**. Teresina, ano III, n. 191, p. 1, agosto, 1933.

RIBEIRO, Ivanir; SOUZA, Luani de Liz. Corpos escolares, leituras de imagens: o uniforme escolar na Escola Técnica Federal de Santa Catarina – 1964 a 1985. In: SILVA, Vera Lucia

Gaspar da; PATRY, Marília Gabriela. (org.). **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material** (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis, Insular, 2012, p. 203-222).

RODRIGUES, Maria do Socorro Meireles. **Do Ensino Normal ao Pedagógico: história e memória das instituições escolares de formação de professores em Parnaíba (1927-1982)**. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Com a palavra, os alunos: associativismo discente no grêmio literário Clodomir Silva**. 2015. 337 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.

SANTOS, Aída Medeiros. **A diocese do Crato e a importância do Colégio Diocesano para sua manutenção (1914-1960)**. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2011.

SANTOS JUNIOR, Renato. **ZPEs (Zonas de Processamento de Exportação) de Shannon a Parnahyba**. Parnaíba: Sieart, 2013.

SANTOS JUNIOR, Renato de Castro. [71 anos]. **Entrevistado** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2019.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas a distância. In: **Anos 90**, v. 27, Porto Alegre, 2020.

SANTOS, Benjamim. Fecha a porta, menino, que lá vem os leprosos! **O Bembém**, Parnaíba, ano 7, n. 81, p. 10, set. 2014.

SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. **A educação das meninas em Pelotas: a cultura escolar produzida no Internato Confessional Católico do Colégio São José (1910- 1967)**. 208f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

SANTOS, Sólida Genuína dos. **Joaquim Custódio e um ensaio sobre a Educação em Parnaíba**. Parnaíba: EdiGraphique, 2004.

SCHWARTZ, Cleonara Maria; VIDAL, Diana Gonçalves. (org.). **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória, ES: EDUFES, 2010.

SILVA, C. B. da. Narrativas digitais sobre os exames de admissão ao ginásio: ego-documentos e cultura escrita na história do tempo presente. **Revista Tempo e Argumento**, 7(15), 05 - 41. <https://doi.org/10.5965/2175180307152015005>. Acesso em: 12/10/2020.

SILVA, Josenias dos Santos. **Parnaíba e o avesso da belle époque: cotidiano e pobreza (1930-1950)**. 121 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2012.

SILVA, José Rodrigues e. À Parnaíba e aos concludentes. **Argos**, p. 5-6, Parnaíba: Gráfica

Americana, 1943.

SILVA, Maria da Penha Fonte. **Parnaíba, minha terra:** crônicas. Parnaíba, 1987.

SILVA, Samara Mendes Araújo. **À luz dos valores religiosos:** escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses. (1906 - 1971). 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

SILVA, Samara Mendes Araújo. **Educar crianças e jovens à luz da fé e cultura:** as instituições escolares confessionais católicas na sociedade piauienses (1906-1973) 358f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.

SILVA, Samara Mendes Araújo. Ritos, rituais e rotina: educação feminina nos colégios confessionais católicos no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v.2. n. 3, p. 117-136, jul./ago., 2018.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 131-138.

SOUSA, Cleto S. N. de. **O Rádio com sotaque piauiense:** História e Memória da Rádio Educadora de Parnaíba no início do século XX. 2009. 152f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2009.

SOUSA, Cleto S. N. de. **Almanack da Parnahyba:** desejo de modernidade sob o véu da barbárie em Parnaíba – Piauí (1924- 1941). 201 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia, 2018.

SOUSA, Débia Suênia da Silva. **Colégio Nossa Senhora de Lourdes:** culturas escolares em Cajazeiras – PB. 196f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SOUSA, Higo Carlos Meneses de. **Um Ginásio para mocidade picoense:** cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971). 395 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação. Teresina, 2019.

SOUSA, José Claudio Santos de. [74 anos]. **Entrevistado** por Maria Dalva Fontenele Cerqueira. Parnaíba-PI, 2020.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balance inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-168).

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX:** (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcos Vinicius da. (org.) **Ideário e Imagens da Educação Escolar**. Campinas, SP: Autores Associados; Araraquara, SP. 2000.

SOUSA, Rosa Fátima de. A Investigação Histórica sobre o Ensino Secundário no Brasil. In: CASTRO, Augusto César. (org.). **Ensino Secundário no Brasil: perspectivas históricas**. São Luís: EDUFMA, 2019, p. 27-58.

SILVA, Katiene Nogueira da. O que a escola faz ao instituir o uso dos uniformes? In: CATANI, Denice Barbara; GATTI JUNIOR, Décio. (org.). **O que a escola faz?: elementos para a compreensão da vida escolar**. Uberlândia; EDUFU, 2019, p.197 a 228.

STEPHANIFES. Menelaos. **Jasão e os argonautas**. Tradução Marylene Pinto Michael. São Paulo: Odysseus, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. **Por dentro da História: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930-1950)**. 239f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP. Assis - SP, 2015.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Trad. De Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

VELASQUEZ, Cinara Dalla Costa. **Memórias da escola Nossa Senhora de Lourdes, RS: narrativas da experiência educativa em uma instituição confessional católica (1960-1970)**. 218f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2016.

VIANA, Cícero Silveira. Reminiscência. In: **Argos**, Gráfica Americana. Parnaíba, 1943, p. 61-62.

VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleomara Maria. Sobre cultura escolar e história da educação: questões em debate. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleomara Maria. (org.). **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória, ES. EDUFES, 2010, p. 13-35.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas e cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.0, p. 63-82, set./dez.1995.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Sistemas educativos, culturas escolares e reformas**. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo. Lda, 2007.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VIÑAO FRAGO, A. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTA, M. L. A. (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 15-47.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Humor e irreverência nos impressos estudantis de Escolas Normais Rurais (RS, 1943-1983). **Revista História da Educação**, v.17, nº 40, maio-agosto de 2013, p. 291-317.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Ancorando Quadros de Formatura na História Institucional**. In: Reunião Anual da ANPED, Anais. Caxambu – MG, ANPED, 2005.